
DESIGN PARA ETIQUETAS DO VESTUÁRIO

Compreensão e usabilidade da simbologia têxtil por
profissionais brasileiros autônomos de lavagem e passadoria

Maria Aurileide Ferreira Alves

Doutoramento em Design

Orientadores: Doutor Gonçalo André Moço Falcão (FAUL) | Doutor Hans da Nóbrega Waechter (UFPE)

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de doutora

2022

DESIGN PARA ETIQUETAS DO VESTUÁRIO

Compreensão e usabilidade da simbologia têxtil por
profissionais brasileiros autônomos de lavagem e passadoria

Maria Aurileide Ferreira Alves

Orientadores: **Doutor Gonçalo André Moço Falcão**
Professor Auxiliar
Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

Doutor Hans da Nóbrega Waechter
Professor Associado
Universidade Federal de Pernambuco

Presidente: **Doutora Inês da Silva Araújo Simões**
Professora Auxiliar com Agregação
Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

Vogais: **Doutora Kátia Medeiros de Araújo**
Professora Associada
Universidade Federal de Pernambuco

Doutora Claudia Teixeira Marinho
Professora Adjunta
Universidade Federal do Ceará

Doutor João Aranda Brandão
Professor Auxiliar
Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

Doutora Regina Aparecida Delfino
Professora Adjunta
Escola Superior de Tecnologia do Instituto Politécnico de Tomar

Doutoramento em Design

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de doutora

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Alves, Maria Aurileide Ferreira.

Design Para Etiquetas do Vestuário: Compreensão e usabilidade da simbologia têxtil por profissionais brasileiros autônomos de lavagem e passadoria / Maria Aurileide Ferreira Alves. - Recife, 2022.

314 : il., tab.

Orientador(a): Gonçalo André Moço Falcão

Cooorientador(a): Hans da Nóbrega Waechter

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Design, 2022.

Inclui referências, apêndices.

1. Design de Informação. 2. Etiquetas de Cuidados Têxteis. 3. Símbolos têxteis. 4. Design de Instruções. 5. Material Educativo Impresso.. I. Falcão, Gonçalo André Moço. (Orientação). II. Waechter, Hans da Nóbrega. (Coorientação). III. Título.

700 CDD (22.ed.)

Esta tese foi escrita conforme a Língua Portuguesa vigente no Brasil.

Dedicatória

Para meu amor, companheiro e amigo José Vital.

Para Nina, filha amada que me inspira, transforma e motiva.

Para Iago, filho amado que enche nossa alma de música e alegria.

Para Rita, minha amada mãe.

Para minhas irmãs Aurilene e Marcilene, companheiras e cúmplices nesta vida.

Agradecimentos

Demorei mais de quatro anos para concluir este trabalho. Isto só foi possível graças à ajuda de muitas pessoas. Foram anos intensos e cheios de momentos difíceis que exigiram perseverança e resiliência. Sou grata a muitos e muitas que me ajudaram de um jeito ou de outro a continuar e concluir.

À Universidade de Lisboa e a todos os professores da Faculdade de Arquitetura, meu muito obrigada pelos ensinamentos.

À Universidade Federal de Pernambuco, gratidão pela compreensão e apoio, em especial a Marcelo e Flávia, da Secretaria da Pós-Graduação.

Ao CIAUD, pelo apoio para participação em eventos.

A meus orientadores, Gonçalo Falcão e Hans Waechter, pela paciência, pelas críticas construtivas e por terem me encorajado nas horas difíceis, apontado o caminho, quando, várias vezes quis dele me desviar. Em especial, ao Gonçalo Falcão, que me deu o privilégio de ser sua orientanda. Foi uma grande honra, compartilhar quase cinco anos com esta criatura sensível, de espírito sofisticado, tão raro e acadêmico tão crítico. Que jornada, companheiro! Obrigada! Sentirei falta das trocas musicais.

Ao Moreira da Silva, pela inspiração. Acho que todos nós que o conhecemos queremos ser um pouco como ele. Leve e intenso ao mesmo tempo, com suas palavras de incentivo, ofereceu-me estímulo para trabalhar minha própria autoeficácia. Que professor!

Aos membros da coordenação da pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, acho que agora posso parar com os tickets. Obrigada pela paciência com esta brasileira ansiosa.

A todas as mulheres, lavadeiras, passadeiras, diaristas e empregadas domésticas que participaram desta investigação, meu muito obrigado.

Aos professores que já tive na vida. Certamente o que sou hoje, tem um pouco de cada um de vocês.

Minha família, base emocional e razão para meu empenho em transformar sonhos em realidade. Tudo que faço é para vocês. José Vital pela presença constante, por acreditar e investir tempo e energia nos meus “planos infalíveis”. Sem ele, não teria chegado até aqui. Aos meus filhos, Nina e Iago por me mostrarem como a praia estava próxima.

À minha mãe, por ter me mantido na escola mesmo nas adversidades da nossa precária vida.

As minhas irmãs queridas, Aurilene e Marcilene, pelo apoio incondicional.

Ao Vitor Domício, colega de labuta, com quem compartilho a paixão pelo design e a crença no valor da educação superior gratuita e de qualidade para nosso país. Obrigada pela leitura do manuscrito, pelos valiosos comentários e sugestões de metodologia científica. Sem sua ajuda este trabalho seria mais demorado. Gratidão.

À Adelina Barros, pela contribuição técnica quanto às normas e leis e pela ajuda com os contatos da ABNT e GINETEX.

A todos os peritos que aceitaram participar, doando tempo e conhecimento indispensáveis para esta investigação.

À Juliana Lotiff, musa do design de informação cearense, que sem querer me transformou em pesquisadora apaixonada por efemeridades.

À Lorena Torres, pela cumplicidade no doutorado, pela leitura e valiosas contribuições no trabalho ainda por acabar.

A Regys Lima, Michael Guimarães e Gustavo Ramos, mestres jedi que me ajudaram a definir os rumos desta investigação durante as reuniões do conselho. Especial agradecimento a Regys Lima, pela diagramação e contribuição editorial.

Ao Eric Barata por aceitar o desafio de transformar em desenhos as lavadeiras e passareiras que descrevi nos textos.

À Elita Colares, pelas lindas ilustrações e perfeccionismo de sempre.

À Soraya, por sua valiosa ajuda como auxiliar de pesquisa.

A minhas alunas e meus alunos da graduação em Design pelas discussões e práticas sobre simbologia. O jogo sempre vira.

Ao IDT, por permitir a realização das entrevistas na sede da entidade.

A Jorge Frascara pelo encorajamento. Após nossas conversas, sempre saía cheia de vontade e certeza de que o design gráfico poderia ajudar a mudar a vida das pessoas.

Ao Luiz Fernando, que transformou minhas tabelas em dados estatísticos com sentido e por ter feito as vezes de orientador em várias situações. Você é um grande professor.

À Lara, psicóloga que me declarou “rainha da esquiva”, mas também me ajudou a manter o foco e encontrar o rumo. Ela foi quem mais conversou comigo sobre este trabalho.

Sozinha não faço muito e como vários me ajudaram, agradeço a todos e todas que porventura possa ter esquecido de citar.

Ao Luiz Inácio Lula da Silva, que teimou.

RESUMO

Este trabalho trata de investigação dentro da área do design da informação e da ergonomia informacional, e tem como objeto de estudo as etiquetas têxteis de composição e a simbologia têxtil de cuidados sob o ponto de vista dos trabalhadores por conta própria, na lavagem e passadoria de roupas, no contexto brasileiro. O problema identificado gira em torno da falta de compreensão por parte dos usuários dos símbolos de uso e conservação de produtos do vestuário culminando no manuseio incorreto e acarretando-lhes consequências que podem levar ao descarte da peça, prejuízos financeiros e até problemas de saúde. O objetivo desta tese é avaliar as implicações de um material educativo acerca da compreensão e utilização das etiquetas do vestuário adulto no conhecimento, na atitude e na prática dos profissionais autônomos de lavagem e passadoria. A metodologia exploratória, bibliográfica, e experimental é seguida de uma análise qualitativa e quantitativa do processo de leitura das etiquetas têxteis. Os instrumentos utilizados foram questionários estruturados para coleta de respostas, escala Likert de 4 pontos; questionários semiestruturados para coleta de opiniões e comentários. Tais instrumentos foram elaborados com base no *Suitability Assessment of Materials - SAM*. Um Inquérito CAP – Conhecimento, Atitude e Prática foi adaptado para atender as necessidades da investigação e aplicado em dois momentos da coleta de dados. Um material educativo impresso foi desenvolvido e avaliado previamente por um grupo de 25 peritos, e obteve um IVC-T/Ave de 0,95. As recomendações dos peritos foram aplicadas em uma nova versão do material. A seguir, elaborou-se um experimento com dois grupos: Grupo de Controle - GC (23 participantes) e Grupo de Intervenção - GI (27 participantes). O GC recebeu material educativo oficial, criado pelo INMETRO, e o GI recebeu o material criado por esta investigação. Os dois grupos participaram de três fases para o estudo. Na fase 1 houve coleta de dados para estabelecer a linha de base do perfil sociodemográfico das respondentes e para o Inquérito CAP. A fase 2 foi a entrega da revista e orientações para estudo e uso e a fase 3 aplicou questionário para avaliar a mudança ocorrida após a intervenção, acerca do conhecimento, da atitude e da prática das lavadeiras e passadeiras. O resultado do teste experimental aponta para uma eficácia do material educativo impresso para melhorar o conhecimento adequado das participantes de 26,1% para o grupo que recebeu a Revista A (GC) e 59,3% para o grupo que recebeu a Revista B (GI). Não houve mudança quanto à atitude para o Grupo de Controle, mas para o Grupo de Intervenção houve uma melhora de 3,7%. Já para a prática, observou-se uma melhora de 17,4% apenas para os participantes do GC, contra uma leve piora de 3,7% para o GI.

PALAVRAS-CHAVE

Design de Informação. Etiquetas de Cuidados Têxteis. Símbolos têxteis. Design de Instruções. Material Educativo Impresso.

ABSTRACT

This work deals with research in the area of information design and informational ergonomics, and has as its object of study the composition of textile labels and the textile symbology of care from the perspective of self-employed workers, in washing and ironing clothes, in the Brazilian context. The identified problem revolves around the users' lack of understanding about the symbols of use and conservation of clothing products, culminating in incorrect handling and causing consequences that can lead to clothing disposal, financial losses and even health problems. The aim of this thesis is to assess the implications of educational materials on the understanding and use of adult clothing labels on the knowledge, attitude and practice of self-employed washing and ironing professionals. The exploratory, bibliographical and experimental methodology is followed by a qualitative and quantitative analysis of the textile label reading process. The instruments used were structured questionnaires that collected responses to a 4-point Likert scale, as well as semi-structured questionnaires that collected opinions and comments. These instruments were developed based on the Material Suitability Assessment - SAM. A CAP Survey - Knowledge, Attitude and Practice was adapted to meet the needs of the investigation and was applied in two moments of data collection. The printed teaching material was previously developed and evaluated by a group of 25 experts and obtained an IVC-T / Ave of 0.95. Expert recommendations were applied in a new version of the material. Then, an experiment was carried out with two groups: Control Group-CG (23 participants) and Intervention Group-IG (27 participants). The CG received the official magazine from the Brazilian government, and the IG received the magazine created by this investigation. Both groups participated in three phases of the study. In phase 1, data were collected to establish the baseline for the sociodemographic profile of respondents and for the KAP Survey - Knowledge, Attitude and Practice. Phase 2 was the delivery of the magazine and guidelines for study and use, and phase 3 applied a questionnaire to assess the change that occurred after the intervention, with regard to knowledge, attitudes and practice of washers and blacksmiths. The results of the experimental test point to the effectiveness of printed educational material in improving the participants' adequate knowledge of 26.1% for the group that received Magazine A (CG) and 59.3% for the group that received Magazine B (IG). There was no change in attitude for the Control Group, but for the Intervention Group, there was an improvement of 3.7%. As for practice, an improvement of 17.4% was observed only for the CG participants, against a slight worsening of 3.7% for the IG.

KEYWORDS

Information Design. Textile care labels. Textile symbols. Instruction project. Printed Educational Material.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	iv
PALAVRAS-CHAVE	iv
ABSTRACT	v
KEYWORDS	v
ÍNDICE DE FIGURAS	x
ÍNDICE DE QUADROS	xiii
ÍNDICE DE TABELAS	xiv
ÍNDICE DE ACRÔNIMOS E ABREVIATURAS	xvi
PARTE 1 CONTEXTO DO ESTUDO	
CAPÍTULO 1. FUNDAMENTAÇÃO E PLANO DE INVESTIGAÇÃO	1
1.1 NOTA INTRODUTÓRIA.....	1
1.2 FUNDAMENTAÇÃO.....	1
1.3 QUESTÕES DE PARTIDA	3
1.4 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS.....	3
1.5 QUESTÃO DA INVESTIGAÇÃO.....	4
1.6 METODOLOGIA	4
1.7 HIPÓTESE DA INVESTIGAÇÃO.....	12
1.8 DESENHO DA INVESTIGAÇÃO.....	13
1.9 ESTRUTURA DO DOCUMENTO.....	14
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	15
CAPÍTULO 2. ESTADO DA ARTE	17
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	20
PARTE 2 ANÁLISE TEÓRICA	
CAPÍTULO 3. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	23
3.1 NOTA INTRODUTÓRIA.....	23

3.2 TRABALHO AUTÔNOMO NO BRASIL	23
3.3 PROFISSIONAIS AUTÔNOMOS DE LAVAGEM E PASSADORIA: O CASO DO IDT FORTALEZA	24
3.4 TRABALHADORES ADULTOS COM BAIXO GRAU DE INSTRUÇÃO	32
3.5 CONCEITUANDO O DESIGN DE INFORMAÇÃO	35
3.6 MATERIAIS EDUCATIVOS	53
3.7 QUESTÃO DE LER, ENTENDER E APLICAR O CONHECIMENTO	57
3.8 A QUESTÃO DA SIMBOLOGIA TÊXTIL: SURGIMENTO, REGULAMENTAÇÃO E USO	63
3.9 SISTEMAS DE SIMBOLOGIA TÊXTIL DE CUIDADOS E MANUTENÇÃO	72
3.10 A REGULAMENTAÇÃO DAS ETIQUETAS TÉCNICAS DAS ROUPAS.....	77
3.11 CORTAR ANTES DE USAR: A RELAÇÃO DO UTILIZADOR COM A ETIQUETA	79
3.12 QUESTÕES DE SUSTENTABILIDADE	79
3.13 O ENTENDIMENTO DOS SÍMBOLOS TÊXTEIS	80
3.14 A UTILIZAÇÃO DA ETIQUETA	80
3.15 O INQUÉRITO CAP	80
SÍNTESE CONCLUSIVA.....	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83

PARTE 3 DIMENSÃO OPERATIVA.....

CAPÍTULO 4. ESTUDOS PRELIMINARES	103
4.1 NOTA INTRODUTÓRIA.....	103
4.2 ESTUDO PRELIMINAR 1: UTILIZAÇÃO DA ETIQUETA DE CUIDADOS EM LAVANDERIAS DOMÉSTICAS DE FORTALEZA.....	103
4.3 ESTUDO PRELIMINAR 2: PERCEPÇÃO DO USUÁRIO ACERCA DO PAPEL DA ETIQUETA TÊXTIL NA PRESERVAÇÃO DAS CORES DO VESTUÁRIO	104
4.4 ESTUDO PRELIMINAR 3: USO DA ETIQUETA DE CUIDADOS E COMPREENSÃO DA SIMBOLOGIA TÊXTIL POR PROFISSIONAIS AUTÔNOMOS DE LAVAGEM E PASSADORIA	106
SÍNTESE CONCLUSIVA.....	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	111
CAPÍTULO 5 ANÁLISE DE CASOS DE ESTUDO	112
5.1 NOTA INTRODUTÓRIA.....	112
5.2 ESTUDO DE CASO DO LIVRETO GINETEX.....	112
5.3 ESTUDO DE CASO DO LIVRETO INMETRO.....	119

SÍNTESE CONCLUSIVA.....	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	124
PARTE 4 APLICAÇÃO DO CONHECIMENTO	
CAPÍTULO 6. MÉTODOS.....	127
6.1 NOTA INTRODUTÓRIA.....	127
6.2 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	127
6.3 LOCAL DO ESTUDO.....	128
6.4 POPULAÇÃO E AMOSTRA DO ESTUDO	130
6.5 INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS.....	136
6.6 PROCEDIMENTOS PARA A RECOLHA DE DADOS	140
6.7 FASES PARA ELABORAÇÃO DO MATERIAL EDUCATIVO IMPRESSO	146
6.8 ANÁLISE DOS DADOS.....	155
6.9 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	155
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	157
CAPÍTULO 7. RESULTADOS.....	161
7.1 NOTA INTRODUTÓRIA.....	161
7.2 CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM MATERIAL EDUCATIVO PARA A SIMBOLOGIA TÊXTIL DA ETIQUETA DE CUIDADOS DAS ROUPAS	161
7.3 SÍNTESE COMPARATIVA DA INTERVENÇÃO COM OS MATERIAIS IMPRESSOS.....	184
7.4 EFEITOS DA INTERVENÇÃO EDUCATIVA SOBRE A SIMBOLOGIA TÊXTIL DA ETIQUETA DE CUIDADOS DAS ROUPAS	187
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	202
CAPÍTULO 8. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	203
8.1 NOTA INTRODUTÓRIA.....	203
8.2 VALIDAÇÃO DO CONTEÚDO E DA APARÊNCIA DO MATERIAL EDUCATIVOS	204
8.3 EFEITOS DA INTERVENÇÃO SOBRE O CONHECIMENTO, ATITUDE E PRÁTICA	218
SÍNTESE CONCLUSIVA.....	219
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	220

PARTE 5 CONCLUSÃO	
RESULTADOS ALCANÇADOS.....	223
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	227
LIMITAÇÕES DO ESTUDO	229
FUTURAS INVESTIGAÇÕES	230
BIBLIOGRAFIA	232
GLOSSÁRIO DE TERMOS.....	249
APÊNDICES.....	249

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Desenho da metodologia com 3 fases e 8 etapas. 2019.....	6
Figura 2: Instalações do IDT	8
Figura 3: Cartões para o teste de compreensão.....	9
Figura 4: Pontos chave para a investigação.....	13
Figura 5: Estrutura da organização da tese	14
Figura 6: Áreas de atendimento ao trabalhador na nova sede do CTA.....	24
Figura 7: Lavagem de roupas no século XIX, no Brasil.....	30
Figura 8: Caboclas lavadeiras na cidade do Rio de Janeiro.....	30
Figura 9: Lavagem de roupa às margens de rios e cachoeiras	30
Figura 10: Anúncio antigo da lavanderia Technique, início do Século XIX	31
Figura 11: Lavadora Consul, fabricada no Brasil nos anos 1980	31
Figura 12: Modelo teórico de linguagem visual gráfica proposto por Twyman (1982)	40
Figura 13: Características da Linguagem Gráfica Verbal.....	40
Figura 14: Página do livro <i>Il Fior di Battaglia</i> , italiano, cerca de 1410.....	44
Figura 15: Manual do século XVII destinado a soldados da Guerra Civil Inglesa	45
Figura 16: Capa do manual de uso da máquina de costura Singer K12.....	46
Figura 17: Esquema instrucional de Leonardo Da Vinci	46
Figura 18: Esquema instrucional de uso de ar condicionado.....	46
Figura 19: Exemplos de balões de fala retirados de HQs da Turma da Mônica.	50
Figura 20: Página dupla do manual de instruções do rifle M16A1, criado por Will Eisner	51
Figura 21: Página de um dos cadernos de anotações astronômicas de Galileo	55
Figura 22: Etiqueta de marca Cortelle	65
Figura 23: Etiqueta da marca Cantão.....	65
Figura 24: Exemplo de tag da marca Hering.....	65
Figura 25: Exemplo de etiqueta comercial	66
Figura 26: Etiqueta técnica da marca Damyller.....	67
Figura 27: Modelo de etiqueta de composição conforme regulamento CONMETRO (2008).	67
Figura 28: Etiqueta bordada de alta definição.....	68
Figura 29: Etiqueta bordada de alta definição.....	68
Figura 30: Etiqueta bordada de baixa definição, em tafetá	68
Figura 31: Etiqueta bordada de baixa definição e pouca quantidade de pontos	68
Figura 32: Etiqueta bordada de cetim	69
Figura 33: Etiqueta bordada de cetim	69
Figura 34: Etiquetas bordadas em alta definição.....	69
Figura 35: Etiquetas estampadas de cetim macio.	70
Figura 36: Simbologia têxtil básica.	73

Figura 37: Etiqueta japonesa usada no período de transição de simbologia.....	73
Figura 38: Sistema de Simbologia Têxtil Internacional, composto por 43 pictogramas.....	75
Figura 39: Exemplo de etiqueta têxtil de composição.....	78
Figura 40: Uma das lavadeiras cadastradas no IDT, durante entrevista.....	109
Figura 41: Capa do livreto Ginetex sobre símbolos de cuidados têxteis.....	113
Figura 42: Contracapa e capa justapostas, uma das possíveis inspirações para a criação das cores utilizadas na paleta do livreto.....	113
Figura 43: Páginas 4 e 5 do livreto Ginetex sobre os princípios básicos.....	114
Figura 44: Páginas 6, 7, 8 e 9 para o símbolo de lavagem e seus derivados.....	115
Figura 45: Páginas para secagem, alvejamento e passadoria do livreto Ginetex.....	115
Figura 46: Páginas 16 a 19 do livreto GINETEX.....	116
Figura 47: Encarte central do livreto GINETEX, com os símbolos e descrição.....	117
Figura 48: Resultado do teste de acessibilidade de contraste de cor.....	118
Figura 49: Elementos visuais usados no livreto INMETRO.....	119
Figura 50: Capa e páginas internas da Revista do Inmetro.....	120
Figura 51: Ilustração da página 8 com detalhe das fibras de uma etiqueta de composição....	121
Figura 52: Ilustrações das páginas 9 e 10 que exibem tabelas de fibras e detalhes sobre acessórios de produtos têxteis.....	121
Figura 53: Contracapa e capa do livreto INMETRO.....	122
Figura 54: Desenho do estudo conforme a Fase 2, Etapa 6.....	128
Figura 55: Anúncio para recrutamento de participantes.....	133
Figura 56: Anúncio e métricas da peça de divulgação.....	134
Figura 57: Divisão dos grupos de controle (GC) e intervenção (GC).....	135
Figura 58: Livretos utilizados no experimento.....	139
Figura 59: Desenho do fluxo de construção e validação do MEI (2019).....	139
Figura 60: Fluxo da validação de conteúdo e aparência pelos peritos e usuários.....	140
Figura 61: Detalhamento da Fase 2, Etapa 6, Passo 1.....	141
Figura 62: Detalhamento da Fase 2, Etapa 6, Passo 2.....	141
Figura 63: Detalhamento da Fase 3, Etapa 6, Passo 3.....	142
Figura 64: Algumas das participantes do Passo 3.....	143
Figura 65: Outras participantes do Passo 3.....	144
Figura 66: Mais algumas das mulheres participantes do Passo 3.....	145
Figura 67: O processo criativo do design da mensagem e da informação.....	146
Figura 68: Estrutura das partes do material didático impresso.....	147
Figura 69: Primeiro rascunho das ilustrações para o livreto.....	150
Figura 70: Página finalizada após escolha da fonte e definição das cores.....	151
Figura 71: Apresentação das 3 primeiras páginas do protótipo do MEI.....	152
Figura 72: Capa, páginas 3 e 9 da material para teste piloto.....	162
Figura 73: Capturas de tela do teste piloto realizado pelo WhatsApp.....	163
Figura 74: Página que retrata patro foi rejeitada no teste piloto.....	164

Figura 75: Páginas modificadas após o teste piloto.....	167
Figura 76: Novas personagens inseridas na versão final, por sugestão dos peritos	205
Figura 77: Três versões da página de apresentação da Revista B	207
Figura 78: Exemplo de cenários modificados com sugestões dos peritos.....	208
Figura 79: Página antes e depois da avaliação dos peritos	209
Figura 80: Capas da Revista B	210
Figura 81: Exemplos de utilização do símbolo na frase para reforçar a memorização.....	211
Figura 82: Página da Revista A e da Revista B	215
Figura 83: Recorte de página da Revista B apresentando trechos com textos em caixa alta ..	216
Figura 84: Exemplo de espaço reservado para escrita do nome da lavadeira na Revista B.....	217
Figura 85: Cartaz destacável, preso à página 25 da revista B.....	217
Figura 86: Comparação dos resultados para a variável conhecimento	224
Figura 87: Comparação dos resultados para a variável atitude.....	225
Figura 88: Comparação dos resultados para a variável prática.....	226

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Variáveis gráficas do modelo de Paul Mijksenaar (1997).	41
Quadro 2: Síntese dos princípios do design de informação, conforme organização de Pettersson (2002)	52
Quadro 3: Diferenças entre leitores habilidosos e leitores inexperientes e como lidar com os problemas decorrentes disto.....	59
Quadro 4: Síntese dos princípios da Andragogia.....	61
Quadro 5: Tipos de acabamentos para etiquetas bordadas.	71
Quadro 6: Definição das dimensões conhecimento, atitude e prática associadas ao comportamento humano.	81
Quadro 7: Quadro comparativo das principais características gráficas dos livretos Ginex e Inmetro.	123
Quadro 8: Definição das variáveis independentes e dependentes.	132
Quadro 9: Descrição das variáveis CAP conforme o objeto de estudo e critérios para avaliar o que é adequado e inadequado.....	137
Quadro 10: Critérios para avaliação do conhecimento acerca das etiquetas e da simbologia têxtil como adequado ou inadequado.....	137
Quadro 11: Critérios para avaliação da atitude acerca das etiquetas e da simbologia têxtil como adequada ou inadequada.	138
Quadro 12: Critérios para avaliação da prática acerca das etiquetas e da simbologia têxtil como adequada ou inadequada.	138
Quadro 13: Recomendações para elaboração de material educativo impresso para adultos com pouca experiência de leitura.	148
Quadro 14: Resultado do Índice Flesch Brasileiro para a leitura de textos conforme o grau de escolaridade.....	149
Quadro 15: Síntese dos comentários mais relevantes, realizados pelos sujeitos do teste piloto, para o projeto de design do MEI (2020).....	165
Quadro 16: Apresentação das páginas da Revista B, na versão 2.0, analisada pelos peritos, com as recomendações mais relevantes, os comentários da pesquisadora e a versão final da mesma página, após redesign (2020).	175

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Taxa de alfabetização da população de 15 anos ou mais (%)	33
Tabela 2: Síntese do perfil socioeconômico das lavadeiras e passadeiras cadastradas no SINE/IDT/CTA (2019).....	108
Tabela 3: Total de acertos do teste de compreensão da simbologia têxtil básica	109
Tabela 4: Rendimento médio real dos ocupados, assalariados e trabalhadores autônomos, no trabalho principal, na Região Metropolitana de Fortaleza (2012-2016).....	130
Tabela 5: Número estimado de pessoas ocupadas no Ceará, conforme o tipo de atividade (2019-2020).....	131
Tabela 6: Perfil dos peritos	168
Tabela 7: Tempo em anos que os peritos disseram atuar na área (2020).....	169
Tabela 8: Avaliação da concordância dos peritos acerca da adequação da Revista B	170
Tabela 9: Percentual de concordância dos juízes (I-CVI) para clareza e relevância do conteúdo e aparência das páginas da Revista B.....	171
Tabela 10: Percentual de concordância da organização do material	172
Tabela 11: Percentual de concordância do grau de dificuldade de leitura.....	172
Tabela 12: Percentual de concordância do layout e tipografia	173
Tabela 13: Percentual de concordância acerca das ilustrações.....	174
Tabela 14: Percentual de concordância sobre o estímulo para aprendizagem	174
Tabela 15: Percentual de concordância sobre apropriação cultural	174
Tabela 16: Resumo da distribuição socioeconômica das entrevistadas segundo os grupos de controle - GC (Revista A) e intervenção - GI (Revista B).	185
Tabela 17: Resumo da distribuição do conhecimento, atitude e prática das entrevistadas conforme dados dos grupos de controle - GC (Revista A) e de intervenção - GI (Revista B), no Passo 1, antes da intervenção.....	186
Tabela 18: Resumo da distribuição do conhecimento, atitude e prática das entrevistadas conforme os grupos de controle GC (Revista A) e intervenção GI (Revista B), após o Passo 3.	187
Tabela 19: Distribuição de frequência da preferência cromática por idade.....	188
Tabela 20: Distribuição de frequência da preferência cromática por tempo de experiência	188
Tabela 21: Distribuição de frequência da preferência de layout por faixa etária.....	189
Tabela 22: Distribuição de frequência da preferência de layout por escolaridade.....	189
Tabela 23: Distribuição de frequência da preferência de layout por tempo de experiência	190
Tabela 24: Distribuição de frequência da preferência imagética por faixa etária.....	191
Tabela 25: Distribuição de frequência da preferência imagética por escolaridade.....	191
Tabela 26: Distribuição de frequência da preferência imagética por tempo de experiência	192
Tabela 27: Distribuição de frequência da preferência de estilo narrativo por faixa etária.....	192

Tabela 28: Distribuição de frequência da preferência de estilo narrativo por escolaridade.....	192
Tabela 29: Distribuição de frequência da preferência de estilo narrativo por tempo de experiência.....	193
Tabela 30: Distribuição de frequência da preferência tipográfica de leitura fácil por faixa etária.....	193
Tabela 31: Distribuição de frequência da preferência tipográfica de leitura fácil por tempo de experiência.....	194
Tabela 32: Distribuição de frequência da preferência tipográfica sobre as letras por faixa etária.....	194
Tabela 33: Distribuição de frequência da preferência tipográfica sobre as letras por escolaridade.....	195
Tabela 34: Distribuição de frequência da preferência tipográfica sobre as letras tempo de experiência.....	195
Tabela 35: Distribuição de frequência da preferência tipográfica sobre o texto por faixa etária.....	196
Tabela 36: Distribuição de frequência da preferência tipográfica sobre o texto por escolaridade.....	196
Tabela 37: Distribuição de frequência da preferência tipográfica sobre o texto por tempo de experiência.....	197
Tabela 38: Distribuição de satisfação com o material por faixa etária	197
Tabela 39: Distribuição de frequência de satisfação com o material por escolaridade.....	198
Tabela 40: Distribuição de frequência de satisfação com o material por tempo de experiência.....	198
Tabela 41: Distribuição de frequência do uso do espaço para escrever o nome por faixa etária.....	199
Tabela 42: Distribuição de frequência do uso do espaço para escrever o nome por escolaridade.....	199
Tabela 43: Distribuição de frequência do uso do espaço para escrever o nome por tempo de experiência.....	200
Tabela 44: Distribuição de frequência do uso do cartaz por faixa etária.....	200
Tabela 45: Distribuição de frequência do uso do cartaz por escolaridade.....	201
Tabela 46: Distribuição de frequência do uso do cartaz por tempo de experiência.....	201

ÍNDICE DE ACRÔNIMOS E ABREVIATURAS

ABIT - Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confeção

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

CAP - Conhecimento, Atitude e Prática

CIDI - Congresso Internacional de Design da Informação

CNI - Confederação Nacional da Indústria

CONGIC - Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação

CONMETRO - Conselho Nacional de Metrologia, Normatização e Qualidade Industrial

CTA - Centro do Trabalhador Autônomo

DATAPREV - Empresa de Tecnologia e Informações da Previdência

DECON - Programa Estadual de Proteção e Defesa do Consumidor

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócioeconômicos

FNEM - Fórum Nacional de Entidades Metropolitanas

GINETEX - International Association for Textile Care Labelling

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDT - Instituto do Desenvolvimento do Trabalho

IIID - International Institute for Information Design

INAF - Indicador de Alfabetismo Funcional

INMETRO - Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia

IPECE - Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará

IPEM - Instituto de Pesos e Medidas

ISO - International Organization for Standardization

JUCEC - Junta Comercial do Ceará

MEC - Ministério da Educação do Brasil

MERCOSUL - Mercado Comum do Sul

NBR - Norma Brasileira

OMS - Organização Mundial de Saúde

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

POF - Pesquisa do Orçamento Familiar

RMF - Região Metropolitana de Fortaleza

SAM – *Suitability Assesment of Materials*

SBDI - Sociedade Brasileira de Design da Informação

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SEDET - Secretaria do Desenvolvimento Econômico e Trabalho

SINDILAV – Sindicato Intermunicipal das Lavanderias do Estado de São Paulo

SINE – Sistema Nacional de Emprego

PARTE 1
CONTEXTO DO ESTUDO



CAPÍTULO 1. FUNDAMENTAÇÃO E PLANO DE INVESTIGAÇÃO

DESIGN PARA ETIQUETAS DO VESTUÁRIO: Compreensão e usabilidade da simbologia têxtil por profissionais brasileiros autônomos de lavagem e passadoria.

Para contextualizar o problema investigado, a seguir se apresenta sua descrição, bem como as questões de partida para sua formulação.

1.1 NOTA INTRODUTÓRIA

O tema desta investigação foi identificado em 2016, durante levantamento bibliográfico para avaliar a sua relevância. Assim, foi possível identificar que, apesar de existir vários artigos publicados em eventos acadêmicos, no Brasil, não foram encontrados muitos relatos de trabalhos conduzidos por designers, mas por linguistas, administradores e engenheiros. Portanto, ficou clara a falta de material mais direcionado para o design de informação que abordasse as etiquetas têxteis.

Em 2018, porém, ao participar do Congresso Brasileiro de Pesquisa em Design, em Joinville, Santa Catarina, Brasil, encontrei duas investigadoras, Turcatto e Schneider, a utilizar estes artefatos como objeto de estudo. Ainda assim, seus trabalhos seguiam em direções diferentes. Uma delas estava a traçar uma taxonomia das etiquetas (Turcatto; Silveira, 2019) e a outra, cuja dissertação já havia sido concluída, elaborara várias propostas de melhorias no design de produto das etiquetas visando o conforto do utilizador (Schneider, 2016).

Logo, levando em conta que, quando esta tese estava sendo escrita possa se dizer que haja um tímido aumento de interesse no assunto, considera-se relevante investir tempo e esforço na busca de contribuições para tal lacuna no conhecimento. Apresenta-se a seguir, a investigação conduzida desde 2017.

1.2 FUNDAMENTAÇÃO

O Brasil é um país de rica diversidade cultural e social, mas com injusta distribuição de renda que resulta num grau elevado de desigualdade quando comparado com outros países no mundo e mesmo na América Latina (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE, 2014)(DATA..., [2014], IBGE, 2014). Entre as Grandes Regiões brasileiras, a desigualdade é historicamente superior no Nordeste e Centro-Oeste. Em 2013, as pessoas com os 10% menores rendimentos concentravam apenas 1,2% da renda total e o mais rico concentrou durante todo o período analisado (2004, 2008, 2013) mais de 40% da totalidade da renda per capita (IBGE, 2018).

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD, de 2013, a Região Nordeste com 27,7% é segunda maior em população brasileira, ficando atrás apenas da Região Sudeste (42,0%). Ao observar a distribuição populacional nesta região de acordo com a cor ou raça, nota-se que a população se declarou como branca (16,4%), preta ou parda (37,7%). Enquanto no Brasil, em 2013, a maioria das pessoas declarou-se preta ou parda (52,9%), nas Regiões Sudeste (45,0%) e Sul (22,9%) esse grupo apresentou menor participação na população, sendo o maior índice encontrado na Região Nordeste (IBGE, 2018).

A PNAD Contínua, realizada mensalmente, avalia a presença de alguns bens permanentes nos domicílios brasileiros de modo a obter informações que possibilitem determinar como os moradores se comunicam, se deslocam e realizam tarefas domésticas básicas. Portanto, observar qual o percentual de lares brasileiros que contam com a máquina de lavar dentre os eletrodomésticos de uso diário, se constitui um importante fator para justificar a relevância das instruções de cuidado e manutenção das roupas. Entre os anos de 2016 e 2017, “a proporção da população residindo em domicílios com máquina de lavar roupa passou de 63,7% em 2016 para 64,3% (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua: Divulgação Especial Mulheres no Mercado de Trabalho, 2018). No Ceará, este percentual era de 33%, em 2019 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2020a).

A Pesquisa do Orçamento Familiar - POF, é realizada pelo IBGE com o objetivo de traçar um perfil da qualidade de vida dos brasileiros. Dentre os itens investigados estão a coleta de dados acerca dos hábitos de consumo das famílias. O último levantamento feito pela POF foi divulgado em 2019 com dados coletados em 1900 municípios brasileiros, dentre eles, Fortaleza (IBGE, 2019).

A pesquisa indicou que, no Brasil as famílias estão concentradas em sua maioria em zonas urbanas, com rendimento médio em torno de R\$ 1.667,90 (aproximadamente 270 Euros) e que o gasto com vestuário é maior do que o gasto com lazer, higiene e cuidados pessoais. Numa lista de onze prioridades, este é o sétimo item valorizado pelo brasileiro. Esta posição, aliás, se mantém desde a POF divulgada em 2009 (IBGE, 2020).

No ano de 2020, o Brasil possuía uma população estimada em 211.755.692 (IBGE, 2020) compondo o cenário demográfico, social e econômico apresentado. Levando-se em conta que, à época em questão, a investigadora residia na Região Nordeste, no Estado do Ceará, considerado o oitavo do país em densidade populacional (aproximadamente 8,5 milhões de habitantes), na quinta maior cidade do Brasil, Fortaleza (com aproximadamente 2,5 milhões de habitantes), por questão de conveniência, optou-se por executar a investigação nesta cidade. O resultado pode servir de base para a replicação do estudo em outras regiões do país, em caso de necessidade.

No ano de 2017, após análise da problemática e de seus sujeitos, optou-se por estudar os profissionais envolvidos na lavagem e passadoria de uma instituição social, sem fins lucrativos, que cadastra, treina e facilita a inclusão de lavadeiras e passadeiras no mercado de trabalho informal, na cidade de Fortaleza.

No Brasil, existe um mercado informal de trabalhadores que ficam à margem das políticas públicas e que representam uma significativa parcela da força de trabalho. Este trabalhador autônomo ou por conta-própria, embora contribua para a movimentação financeira e para a manutenção de uma economia marginalizada e importante para muitas famílias, pertence ao grupo de trabalhadores para os quais não há políticas públicas que sirvam para os beneficiar (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE, 2017).

Em Fortaleza, capital do Estado do Ceará, este segmento representa um quarto da força de trabalho metropolitana e a maioria dos trabalhadores não detêm mecanismos de proteção de seguridade social, em muitos casos, trabalhando tanto quanto, mas ganhando menos que um assalariado. O setor mais

formalizado do mercado de trabalho tende a preferir pessoas com menos idade e mais tempo e estudo talvez gerando reflexos na pobreza, exclusão social e precarização das relações de trabalho (Mesquita, 2017).

Alguns estudos mostram que o consumidor brasileiro ignora ou descarta as etiquetas técnicas ou de composição, afixadas nas roupas (Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT; Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE, 2012). Observa-se que a importância deste artefato não é percebida por quem compra e usa os produtos. Supõe-se que a ignorância ou incompreensão podem gerar danos nas peças e, conseqüentemente, o desperdício de enormes quantidades de vestuário, causando problemas para quem consome, mas também para o planeta.

Assim sendo, o problema desta investigação parte do pressuposto de que as etiquetas de composição têxteis são um elemento fundamental para a manutenção e cuidado das roupas. Portanto, a falta de conhecimento ou incompreensão destas pelos profissionais de lavagem e passadoria pode ocasionar danos e até o desperdício das peças. Esta investigação pretende oferecer alternativa eficaz para melhorar o entendimento, a atitude e a prática do profissional autônomo acerca das etiquetas técnicas de roupa.

1.3 QUESTÕES DE PARTIDA

Perante este cenário, colocam-se as seguintes questões:

- Será que o profissional autônomo de lavagem e passadoria é capaz de compreender a importância da simbologia têxtil para uso e conservação das roupas, como pretendido pelo fabricante?
- Conscientes que os símbolos presentes na etiqueta não são totalmente reconhecidos pelos utilizadores das roupas, será que os profissionais autônomos de lavagem e passadoria são capazes de reconhecê-los e atribuir-lhes significado?
- As etiquetas são obrigatórias e há regulamentação nacional e internacional para garantir a coerência das informações. Os sujeitos envolvidos na sua confecção devem estar a par do comportamento do consumidor e dos profissionais de lavagem e passadoria. Como o design instrucional pode contribuir para que as informações ali presentes sejam adequadas para transmitir eficientemente a mensagem visual e verbal aos utilizadores?

Tais indagações são balizadoras da questão de investigação, da hipótese, do objetivo geral e dos objetivos específicos que serão detalhados a seguir.

1.4 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

O objetivo geral desta investigação é avaliar as implicações de um material educativo acerca da compreensão e utilização das etiquetas do vestuário adulto no conhecimento, na atitude e na prática dos profissionais autônomos de lavagem e passadoria.

São os seguintes os objetivos específicos da tese:

- Compreender como ocorre a execução das tarefas envolvendo lavagem e passadoria pelos profissionais autônomos;
- Entender como estes profissionais lidam com as etiquetas têxteis de composição e com a simbologia de cuidados das roupas;
- Construir material educativo sobre os símbolos têxteis de cuidados e sua utilização no contexto do trabalhador doméstico;
- Oferecer meio para empoderar trabalhadores autônomos a partir da utilização de ferramentas de aprendizagem;
- Promover e estimular o desenvolvimento de instrumentos de promoção de inclusão social de trabalhadores por conta-própria.

1.5 QUESTÃO DA INVESTIGAÇÃO

Para contemplar de modo mais específico a definição da amostragem do universo, bem como a relação deste com as implicações de comportamento e aprendizagem que o estudo procura identificar, a tese propõe a seguinte questão de investigação:

Como contribuir para uma melhor compreensão e utilização da simbologia têxtil para os profissionais autônomos de lavagem e passadoria?

1.6 METODOLOGIA

Neste capítulo apresenta-se a metodologia da investigação com ênfase na estratégia, no método, na abordagem e nos instrumentos para a recolha de dados, a seleção da amostra, o processo e o tipo de análise que se pretende realizar bem como apresenta suas limitações.

A investigação faz uso de bases de conhecimento já existentes sobre as etiquetas têxteis e sobre o relacionamento dos utilizadores com elas para entender a natureza do problema. Suas causas e consequências envolvendo os sujeitos afetados por estas relações (fabricantes, utilizadores), para propor uma intervenção/solução de design que possa ser considerada uma solução para o problema, avaliando se tal medida será efetiva ou não (Patton, 2015). Logo, pode ser classificada como uma metodologia mista, pois faz uso de métodos qualitativos e quantitativos.

É descritiva e experimental pois utiliza um método controlado para testar o efeito de uma intervenção educativa em um grupo com relação a outro. Busca identificar um fenômeno e resolver os problemas decorrentes dele por meio da criação de uma solução de design para profissionais autônomos de lavagem e passadoria, de Fortaleza-Ceará.

A investigação foi construída com os seguintes métodos:

- 1) revisão bibliográfica;
- 2) inquérito e entrevista com utilizadores e profissionais do ramo;
- 3) análise das entrevistas e seleção de problemas;
- 4) elaboração de solução de design para os problemas identificados;

- 5) avaliação da solução por especialistas e utilizadores;
- 6) teste da solução com utilizadores por meio de entrevistas, teste de compreensão e inquérito CAP;
- 7) avaliação dos resultados.

A metodologia elaborada e utilizada neste trabalho foi composta de três fases, oito etapas e três passos, conforme se vê na **Erro! Fonte de referência não encontrada..** No capítulo 5, elas serão apresentadas em pormenores.

A investigação está centrada em dois pontos: o primeiro deles na avaliação do conhecimento, por parte dos profissionais autônomos de lavagem e passadoria, sobre a importância da etiqueta técnica para a execução do tratamento das roupas e na compreensão dos símbolos têxteis nela utilizados. E o segundo na proposição de solução educativa capaz de melhorar o conhecimento, a atitude e a prática destes profissionais acerca desta simbologia.

Desde a fase inicial e do estado da arte verificou-se que a questão não se centrava apenas na aprendizagem, mas também nas próprias etiquetas que são vistas pelo utilizador como um transtorno e como elemento desnecessário. É um problema mais complexo e amplo do que o inicialmente previsto, mas que pode ser considerado dentro do âmbito de uma investigação desta natureza. Não se pretende encontrar soluções globais miraculosas e definitivas, mas contribuir para o melhor conhecimento e desempenho deste artefato, bem como propor alternativa que possa acrescentar-lhe valor e utilidade.

Logo, esta tese não busca propor uma solução definitiva e global para a questão apresentada. Contudo, é evidente que as análises aqui feitas podem ajudar não só neste estudo como outros na mesma direção. Apesar de ser um elemento tão presente no nosso quotidiano e com um impacto significativo econômico e social, as etiquetas da roupa parecem ser, do ponto de vista científico, um território pouco explorado por designers, pelo design de informação, sendo quase sempre visto como uma questão que diz respeito apenas à indústria e à legislação. É por isso que a aplicação de testes de compreensão, que coloquem o utilizador no centro desta questão, para se avaliar, sob a ótica da ergonomia informacional, qual o grau de entendimento das informações dispostas nas etiquetas, por alguns dos profissionais envolvidos é relevante.

1.6.1 Definição do universo da investigação

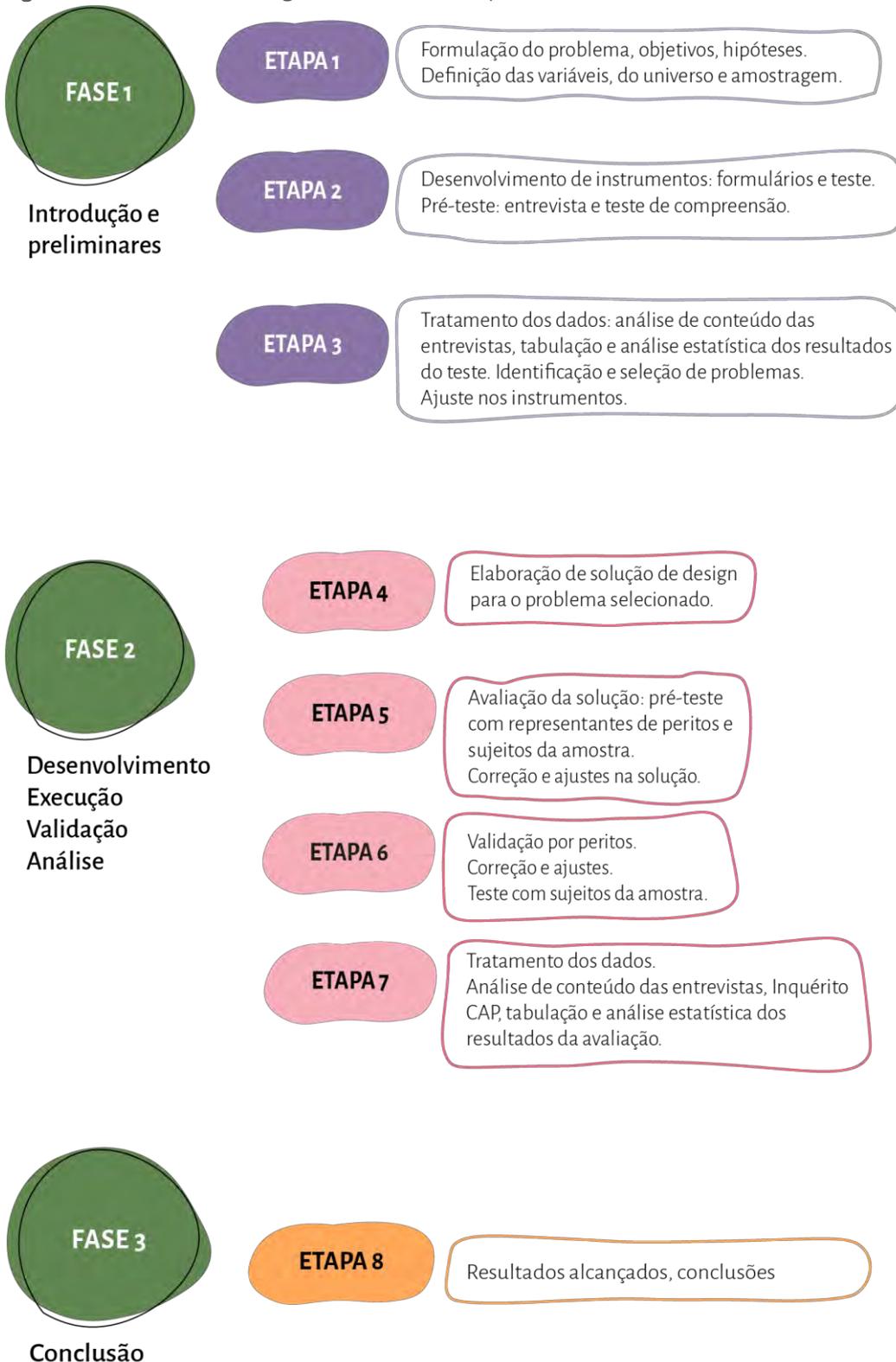
Para identificar o universo da investigação, em 2018, fez-se um teste preliminar no Centro Universitário Unifanor Wyden – Campus Dunas, uma universidade privada da rede de ensino da cidade de Fortaleza, Ceará, Brasil. A decisão foi por questão de praticidade e conveniência da investigadora, que à época trabalhava no local. Após receber autorização da reitoria, obteve-se apoio do departamento de matrículas que forneceu os dados iniciais para traçar perfis dos alunos.

Com a ajuda do estatístico Luiz Fernando Viana, foram analisados alguns cenários descritivos de acordo com recortes feitos a partir de base de dados dos alunos matriculados no Campus Dunas, a saber: i) curso; ii) turno; iii) sexo; e iv) idade. Total de alunos de 3.321, distribuídos em 35 cursos, dois turnos e faixa etária de 17 (o mais novo) a 62 anos (o mais velho).

Seguindo a norma ISO (2014), que orienta a realização de teste de compreensibilidade, o ideal é que se faça um teste com 50 utilizadores

representativos do universo. Assim sendo, aplicou-se o teste piloto de compreensão da simbologia têxtil com 52 estudantes do centro universitário já citado. O resultado serviu para redesenhar teste preliminar, que seria conduzido em maior escala, cujos detalhes podem ser conferidos no Capítulo 4.

Figura 1: Desenho da metodologia com 3 fases e 8 etapas. 2019.



Nota: Elaborado pela autora (2017 – 2020)

No ano de 2018 foram realizados ainda os inquéritos e entrevistas com os utilizadores domésticos, a catalogação dos estabelecimentos profissionais de lavagem e passadoria e um levantamento dos perfis profissionais deste setor. Em conversa telefônica com o Sindicato das Lavanderias de Fortaleza – Sindilace, identificou-se que, neste ano, a cidade contava com cerca de 200 empresas privadas, fornecedoras de serviços profissionais para lavagem doméstica (lavanderias). Alcançar todas estas empresas exigiria uma logística e um orçamento que a investigação não possuía.

Logo, foi necessário fazer um redesenho da investigação e traçar alterações no cronograma de trabalhos. Voltou-se ao ponto de partida para analisar a lavagem e a passadoria das roupas e os profissionais e consumidores que a executavam.

Passou-se a olhar para os atores: domésticas, donas de casa, profissionais de lavanderias e profissionais autônomos. Assim, considerando a importância do reconhecimento do trabalho autônomo e a necessidade de levantamento de dados que possam reforçar a importância de estudos que coloquem a situação do trabalho informal em evidência, optou-se por investigar a simbologia têxtil no âmbito da atividade da lavadeira e passadeira que trabalha por conta própria. Estas lavadeiras autônomas oferecem sua força de trabalho sem vínculos empregatícios, sem direitos, sem garantias, à margem das políticas públicas de amparo ao trabalhador.

Buscando uma forma de contato com estas pessoas, foram encontrados alguns serviços oferecidos por aplicativos de diaristas (Diaríssima App) e outras empresas com fins lucrativos (Marido de Aluguel) que atuam na cidade de Fortaleza. A função comercial destes negócios não foi de encontro ao ideal social desejado pela investigadora. Durante este processo, foi identificado o Instituto de Desenvolvimento do Trabalho - IDT, uma instituição mantida pelo Governo do Estado do Ceará, sem fins lucrativos, mas com a missão de capacitar e inserir trabalhadores no mercado local, que, além de tudo ainda possuía um departamento para cuidar do trabalho informal, o Centro do Trabalhador Autônomo – CTA. Decidiu-se que este seria o parceiro ideal para a investigação.

Em 2019, iniciou-se a coleta de dados na unidade Papicu do IDT, na cidade de Fortaleza, que atende profissionais autônomos. Vale ressaltar que desde o início dos anos 1980, o IDT criou uma experiência pioneira no país, ao inaugurar o Centro do Trabalhador Autônomo, com o objetivo de dar atenção especial ao segmento de trabalhadores por conta-própria. Conforme Mesquita (2017), esta foi uma ação pública para intermediar profissionais autônomos, replicada posteriormente em outros estados da Federação.

Em junho de 2019, quando fizemos contato com a instituição, fomos informados que ela estava passando por uma mudança física de sede, iniciada em dezembro de 2018. O local que antes era no centro da cidade (**Erro! Fonte de referência não encontrada.** – a), agora estava sendo transferido para outro bairro, por conta da construção de novas instalações. Na Rua Valdetário Mota, 970, no bairro do Papicu, um prédio novo e espaçoso começou a operar no início de 2019, de modo precário (**Erro! Fonte de referência não encontrada.** – b e **Erro! Fonte de referência não encontrada.** – c). As pessoas que estavam acostumadas a frequentar o CTA no centro da cidade, segundo a diretoria, pareciam ainda não terem se dado conta do novo endereço. Isto impactou diretamente no número de cadastros renovados. Na data de minha primeira visita, no final de junho, existia um registro total de 274 profissionais. Destas, 51 eram apenas lavadeiras e

passadeiras e o restante, serviços gerais. A instituição solicitou uma contrapartida social, para que pudesse liberar acesso aos frequentadores do local. No dia 7 de julho de 2019, ofertei uma palestra gratuita para as profissionais, intitulada: Sou Autônoma: como fidelizar minha clientela? (**Erro! Fonte de referência não encontrada.** – d).

Em agosto de 2019 a gerência da instituição autorizou o contato direto com as lavadeiras e passadeiras. Os critérios de seleção foram: possuir cadastrado ativo no CTA, ser lavadeira e passadeira, aceitar participar da investigação. Naquela época, a instituição possuía o total de 274 profissionais cadastrados, mas apenas 51 estavam válidos e ativos.

A maioria destes foi descartada por ser de serviços gerais. 2 pessoas não aceitaram o convite para participar, ficando o total de 49 cadastros para serem entrevistados. Nos últimos dias de dezembro de 2019, mais quatro pessoas foram cadastradas no sistema da instituição, procuraram nossa equipe e pediram para participar das entrevistas, totalizando 53 participantes.

Figura 2: Instalações do IDT



Nota: (a) Antiga sede do IDT/CTA, no centro de Fortaleza; (b) Nova sede, no bairro Papicu; (d) Detalhe da nova sede, onde lê-se, na sinalização, o nome do CTA – Centro do Trabalhador Autônomo; (d) Registro da palestra ministrada para as mulheres cadastradas. Adaptado pela autora de IDT, 2019.

Foram elaborados instrumentos para guiar a entrevista semiestruturada, questionários para coleta de dados sociodemográficos e blocos com o teste de compreensão (Brugger, 2004) conforme se vê na **Figura 3**. Cada entrevista foi gravada e transcrita individualmente. Antes de começar, o profissional era orientado a ler e, em caso de concordância, assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, fornecendo dados para contato posterior.

Figura 3: Cartões para o teste de compreensão

The figure shows two cards used for a comprehension test. The left card (Dir.) is a form for data collection, and the right card (Esq.) is for writing the meaning of a symbol.

Dir. (Left Card):

Nome:

PROFISSÃO: SEXO: M F IDADE:

CURSO: TURNO:

JÁ PARTICIPOU DE PESQUISA COMO ESSA? S N

GRAU DE ESCOLARIDADE

<input type="checkbox"/> Fundamental incompleto	<input type="checkbox"/> Superior completo
<input type="checkbox"/> Fundamental completo	<input type="checkbox"/> Especialização
<input type="checkbox"/> Médio incompleto	<input type="checkbox"/> Mestrado
<input type="checkbox"/> Médio completo	<input type="checkbox"/> Doutorado
<input type="checkbox"/> Superior incompleto	<input type="checkbox"/> Pós doutorado

INSTRUÇÕES
Escreva o significado de cada desenho nas páginas seguintes. Eles são usados para o cuidado e manutenção das roupas.

Esq. (Right Card):

Symbol:

Three horizontal lines for writing the meaning of the symbol.

Nota: (Esq.) Capa com campos para coleta de dados pessoais e instruções de preenchimento. (Dir.) Símbolo e espaço para escrever significado. Elaborado pela autora, adaptado de Brugger (2004).

Porém, em 2020, as dificuldades de comunicação se apresentaram como um fator de impedimento. Muitos dos contatos feitos pessoalmente não possuíam telefone celular, e alguns dos poucos números cadastrados foram desativados pela operadora, de modo que um encontro na sede da instituição era a única alternativa. Mas, por conta da pandemia causada pelo COVID-19, o CTA fechou as portas, os trabalhadores pararam de frequentar o local e o contato foi inviabilizado.

Para dar continuidade à investigação, uma nova estratégia foi traçada buscando encontrar outros representantes da amostra mas que tivessem as mesmas características. Assim, fez-se uso de técnicas para encontrar participantes em meios digitais, na rede social Facebook. Instrumentos foram desenhados, novas entrevistas conduzidas e o grupo participante foi o que concluiu a fase experimental do estudo.

As entrevistas feitas no CTA, consideradas importantes para o entendimento do problema, foram acrescentadas ao trabalho como um estudo preliminar que pode ser lido no Capítulo 4.

1.6.2 Considerações sobre os procedimentos metodológicos

Portanto, considerando o cenário apresentado, esta se trata de uma investigação de perspectiva mista, pois faz uso de dados obtidos por meio de métodos quantitativos e qualitativos.

É descritiva e experimental pois utiliza um método controlado para testar o efeito de uma intervenção educativa em um grupo com relação a outro. Busca identificar um fenômeno e resolver os problemas decorrentes dele por meio da

criação de uma solução de design para profissionais autônomos de lavagem e passadoria cadastrados no CTA, unidade Papicu - Fortaleza.

De natureza aplicada se caracteriza quanto aos objetivos como exploratória, de abordagem qualitativa e com procedimentos experimentais.

Quanto às técnicas de investigação usa método experimental, pois requer uma manipulação intencional e uma ação para analisar os possíveis efeitos (Gil, 2012).

No início do processo investigativo, pensava-se aplicar apenas o teste de julgamento de compreensibilidade para avaliar, sob a ótica da Ergonomia Informacional, qual o grau de entendimento das informações dispostas nas etiquetas (Zwaga, 1999), por parte dos utilizadores domésticos. Este teste é recomendado quando se está a propor novos símbolos. Entretanto, durante a preparação para o teste piloto, tomou-se como referência o quadro de métodos e técnicas avaliativas de compreensibilidade proposto por Formiga (2011), escolhendo então a aplicação do teste de compreensão por ser mais adequado ao objetivo aqui pretendido, pois ele deve ser aplicado quando os pictogramas já foram selecionados e estão em uso.

Foram realizados vários testes de compreensão (Brugger, 1994) da simbologia têxtil com diferentes sujeitos e em diferentes momentos da pesquisa:

- 2017: no início da investigação, com profissionais de lavanderias domésticas (presencial); com usuários domésticos (survey online);
- 2018: com estudantes universitários (presencial);
- 2019: com lavadeiras e passadeiras autônomas entrevistadas no CTA (presencial);
- 2020: com lavadeiras e passadeiras participantes do estudo experimental (remoto).

Os resultados destes testes serviram para fornecer informações acerca dos símbolos mais e menos conhecidos, levando em conta as instruções de uso recomendadas pela Norma ISO 3758:2012.

Também foi tarefa constante deste trabalho a procura e recolha de obras bibliográficas de referência na área da Ergonomia Informacional, especificamente de autores já reconhecidos por terem elaborado métodos e testes de compreensão para símbolos gráficos e que oferecem possibilidades de organização visual da informação (Tufte, 1999; Mijksenaar, 1999), tratam da linguagem específica para figuras (Neurath, 1936; Frutiger, 2001), da quantificação e predição dos efeitos na compreensão de mensagens de texto e símbolos gráficos (Adams e Edworthy, 1995), da criação de pictogramas (Fletcher, Crosby e Forbes, 1970), da usabilidade das instruções escritas e pictográficas (Wright, 1994), do processo de memorização de instruções visuais (Young e Wogalter, 2001) e da legibilidade e leiturabilidade no design de informação (Frascara, 2004).

Os dados coletados na Fase 1 foram usados para identificação do problema: a não utilização da etiqueta por falta de conhecimento de sua funcionalidade e a não compreensão das informações pictóricas nela contidas. O teor das entrevistas realizadas foi analisado para identificar a melhor forma de se propor uma solução para a questão. Ao final desta fase, traçou-se os passos necessários para a execução da Fase 2.

A análise do conteúdo das entrevistas realizadas no CTA, em 2019, permitiu traçar o seguinte cenário acerca das participantes:

- o grau de instrução da maioria era de cerca de 7 anos de estudo;
- a faixa etária predominante estava entre 25 e 50 anos de idade;
- dificuldades de acesso a tecnologias de comunicação (celular, computador);
- dificuldade de conectividade (a maioria dependia de acesso pela rede dos locais onde prestavam serviços);
- a maioria indicou a bíblia como sendo o livro lido diariamente.

Com estas informações, descartou-se a possibilidade de criar uma solução de tecnologia de alto custo para este público-alvo. Logo, descartou-se a criação de material multimídia ou que dependesse de alta conectividade para ser acessada. Optou-se por elaborar um instrumento de baixa tecnologia, que pudesse ser facilmente acessado e consumido, sem custos adicionais. Escolheu-se assim o Material Educativo Impresso (MEI), criado com a finalidade de apresentar instruções informativas para o trabalhador acerca do significado dos símbolos têxteis de cuidado e conservação.

Na Fase 2, os estudos do público-alvo levaram a investigação para o uma busca pelo entendimento de meios para ensinar novas informações para o trabalhador adulto. Sendo a Andragogia a ciência que estuda a educação de adultos, foi necessário utilizar algumas de suas recomendações para a elaboração do MEI, bem como alguns princípios do Design de Informação (Pettersson, 2012), diretrizes de design editorial criadas pelo Ministério da Educação do Brasil para a elaboração do livro didático para jovens e adultos (Brasil, 2019).

Assim, optou-se por executar um material educativo impresso para transmitir informações de uso por meio de símbolos gráficos. Também decidiu-se utilizar o material educativo disponibilizado pelo Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia - INMETRO¹, no seu site oficial, para informar aos consumidores e fabricantes acerca da importância da etiqueta de cuidados e da simbologia têxtil (Instituto Nacional de Metrologia, 2011, 2015).

Após a elaboração da primeira versão utilizando as diretrizes de design da informação, o instrumento foi avaliado previamente por representantes não participantes da amostra, para identificar possíveis questões críticas que tenham passado despercebidas. Após os ajustes, o material foi avaliado por peritos, utilizando uma adaptação do questionário SAM – *Suitability Assessment of Materials* (Doak, Doak & Root, 1996).

Após esta etapa, novas modificações foram realizadas no material que foi submetido, por fim, a um teste com os participantes da Fase 3, distribuídos em dois grupos distintos (Grupo de Controle - GC e Grupo de Intervenção - GI).

Uma versão de cada material (o da investigação e o do INMETRO) foi impresso e entregue para o GC e GI, com base na observação não participativa e utilizando um Inquérito CAP - Conhecimento, Atitude e Prática (Brasil, 2012).

Por fim, ocorreu a Fase 3, que consta da análise dos dados, retirada das conclusões e escrita do relatório final.

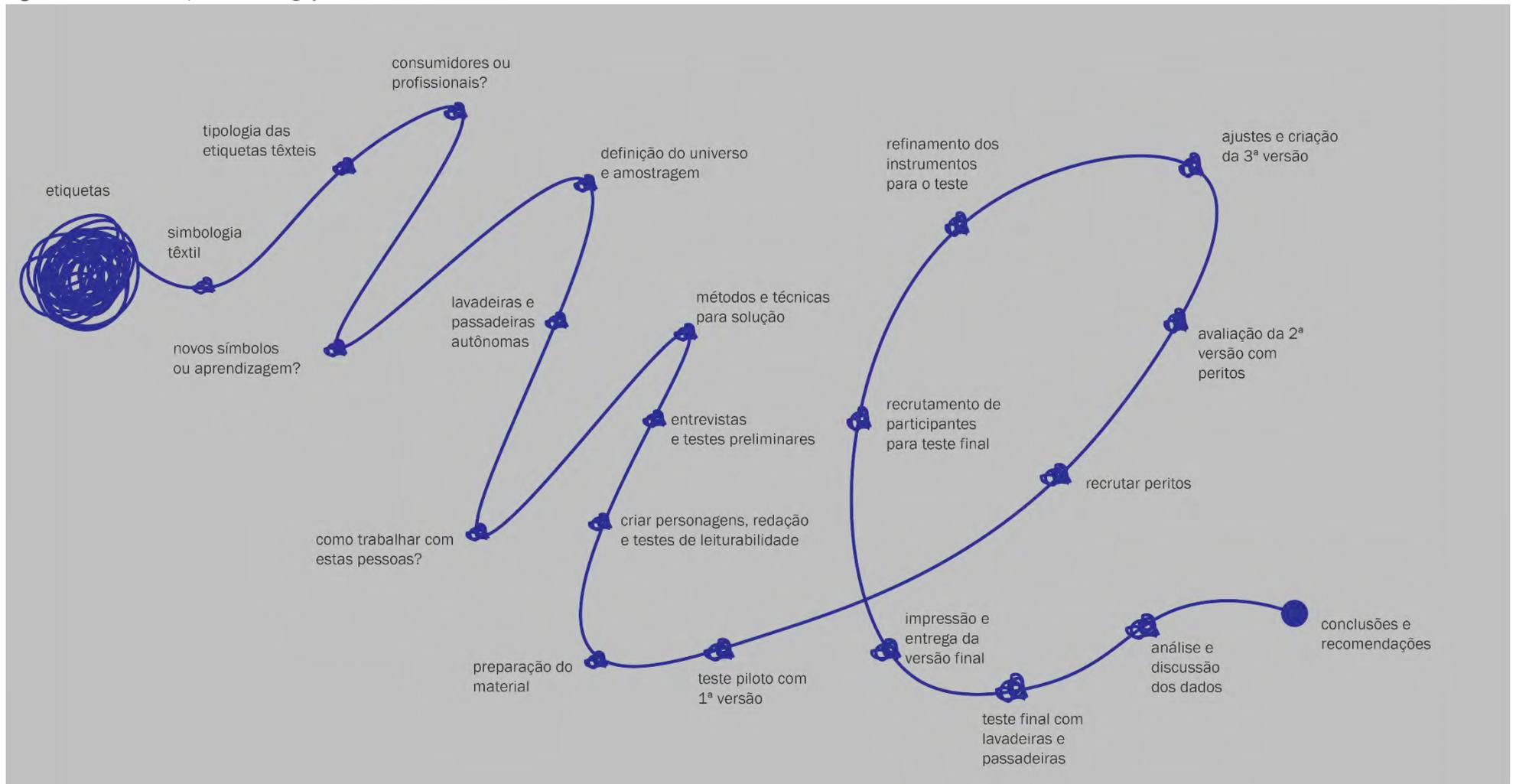
¹ O Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia - INMETRO é uma autarquia federal brasileira, no formato de uma agência executiva, vinculada à Secretaria Especial de Produtividade, Emprego e Competitividade, do Ministério da Economia.

1.7 HIPÓTESE DA INVESTIGAÇÃO

O design instrucional pode contribuir para o entendimento das informações de cuidado e manutenção da roupa, por meio de instrumentos educativos que permitam ao profissional autônomo de lavagem e passadoria um melhor reconhecimento dos símbolos gráficos presentes nas etiquetas do vestuário, no contexto brasileiro.

1.8 DESENHO DA INVESTIGAÇÃO

Figura 4: Pontos chave para a investigação



Nota: Elaborado pela autora (2020)

1.9 ESTRUTURA DO DOCUMENTO

Esta tese está organizada em dois volumes. O volume I, está constituído de cinco partes, detalhadas conforme a figura a seguir. Cada parte possui vários capítulos que podem apresentar nota introdutória, síntese conclusiva e referências bibliográficas.

Figura 5: Estrutura da organização da tese



Nota: Elaborado pela autora (2021).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andressa, S. (2019). Elementos Visuais e Simbólicos das Etiquetas Têxteis : A Interação do Usuário. *Blucher Design Proceedings*, 5127–5138. https://doi.org/10.5151/ped2018-7.1_ACO_15
- Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT, & Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE. (2012). Normalização: Caminho da qualidade na confecção. In *ABNT/SEBRAE* (p. 66). Associação Brasileira de Normas Técnicas. <http://portalmpc.abnt.org.br/bibliotecadearquivos/>
- Avgerinou, M. D., Griffin, R. E., Giesen, J., Search, P., Spinillo, C. G., Chandler, S. B., & Terzic, M. (2008). *Visual Literacy Beyond Frontiers Information, Culture and Diversity: Selected Readings of the International Visual Literacy Association - IVLA* (R. E. Griffin & C. G. Spinillo, Eds.). The International Visual Literacy Association.
- Black, A., Luna, P., Lund, O., & Walker, S. (2017). Information Design - Research and practice. In A. Black, P. Luna, O. Lund, & S. Walker (Eds.), *Centre for Information Design Research, University of Reading* (Vol. 1, Issue 1). Routledge - Taylor & Francis Group. <https://doi.org/10.1080/20557132.2017.1385262>
- Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE. (2017). *Pesquisa de emprego e desemprego: mulheres e mercado de trabalho na região metropolitana de Fortaleza - 2016*. 2015(158 mil), 1–15.
- Doak, C. C., Doak, L. G., & Root, J. H. (1996). Teaching Patients with Low Literacy Skills. In *American Journal of Nursing* (2ª, Issue 2ª). J.B. Lippincott Company. <https://doi.org/10.1097/00000446-199612000-00022>
- Formiga, E. de L. (2012). *Avaliação e comparação de métodos para testar compreensibilidade de ilustrações de folhetos de instruções*. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Frutiger, A. (2007). *Sinais e Símbolos: Desenho, projeto e significado* (Issue 2ª). Martins Fontes.
- Goldsmith, E. (1980). *Comprehensibility of illustration – an analytical model*. 3, 204–213. <https://doi.org/10.1075/idj.l.3.08gol>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE. (2014). *Síntese de indicadores sociais : uma análise das condições de vida da população brasileira : 2014* (Issue 34). IBGE. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv91983.pdf>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE. (2018). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Divulgação Especial Mulheres no Mercado de Trabalho*. 15.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE. (2019). *Características adicionais do mercado de trabalho: 2018*. 30. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101694>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE. (2020). *Pesquisa de orçamentos familiares : 2017-2018 : perfil das despesas no Brasil : indicadores selecionados*. In *Ibge* (Vol. 46). <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101761.pdf>

- Instituto Nacional de Metrologia Qualidade e Tecnologia - INMETRO. (2011, August 12). *Têxtil*. Cartilhas. <https://www.gov.br/inmetro/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cartilhas/textil.pdf/view>
- Instituto Nacional de Metrologia Qualidade e Tecnologia - INMETRO. (2015). *Cartilha para orientar consumidores sobre a etiqueta têxtil já está disponível*. Imprensa INMETRO. <https://www.gov.br/inmetro/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/cartilha-para-orientar-consumidores-sobre-a-etiqueta-textil-ja-esta-disponivel>
- Kaplún, G. (2003). Material educativo: a experiência de aprendizado. *Comunicação & Educação*, 0(27), 46. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i27p46-60>
- Mavrou, K., Charalampous, E., & Michaelides, M. (2013). Graphic symbols for all: Using symbols in developing the ability of questioning in young children. *Journal of Assistive Technologies*. <https://doi.org/10.1108/17549451311313192>
- Melo, P. A. de S. (2018). *Validação do Inquérito Conhecimentos, Atitudes e Prática (CAP) Sobre a Humanização na Assistência ao Parto e Nascimento* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.
- Mijksenaar, P. (1997). Visual Function: An introduction to information design. In *Encyclopedia of Computational Neuroscience*. 010 Publishers. https://doi.org/10.1007/978-1-4614-6675-8_100639
- Neurath, O. (n.d.). ISOTYPE P. 84-87. In *ISOTYPE* (pp. 85–86).
- Organização Mundial da Saúde - OMS. (2016). *Inquéritos sobre Conhecimentos, Atitudes e Práticas Doença do Vírus Zika e Potenciais Complicações Pacote de recursos*. 30.
- Pettersson, R. (2011). *Searching for Evidence of Early Information Design*. https://www.researchgate.net/publication/281811273_Searching_for_evidence_of_early_information_design
- Pettersson, R. (2018). *Information Design 9–Basic ID-concepts*. IILD Public Library.
- Schneider, J. (2016). *Elaboração de requisitos para o aperfeiçoamento do projeto de etiquetas técnicas de manutenção e conservação têxtil: um estudo fundamentado na ergonomia e usabilidade* [Dissertação de Mestrado]. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.
- Tufte, E. R. (1999). *Envisioning Information* (7th ed.). Graphics Press.
- White, J. v. (1983). *Mastering Graphics: Design and production made easy*. R. R. Bowker Company.
- Wileman, R. E. (1993). *Visual Communicating* (1st ed., Vol. 1, Issue 1). Educational Technology Publications Inc.
- Wright, P. (1981). Informed design for forms. *Information Design Journal*, 2(3), 151–178. <https://doi.org/10.1075/idj.2.3-4.01wri>
- Zimmerman, M. L., & Perkin, G. W. (1982). Instructing through pictures: Print materials for people who do not read. *Information Design Journal*, 3(2), 119–134. <https://doi.org/10.1075/idj.3.2.05zim>
- Zwaga, H. J. G., Boersema, T., & Hoonhout, H. C. M. (2004). *Visual Information for Everyday Use: Design and research perspectives* (H. J. G. Zwaga, T. Boersema, & H. C. M. Hoonhout, Eds.). Taylor & Francis.

CAPÍTULO 2. ESTADO DA ARTE

Como é de se esperar numa investigação, o estado da arte possui uma base referencial, mas está constantemente sendo construído. Leituras, filmes, participação em eventos e até mesmo o contato do investigador com o objeto de pesquisa e com os sujeitos entrevistados oferecem novas perspectivas que podem culminar em mais informação a ser acrescentada ou retirada. É um capítulo vivo da tese, sempre em evolução. Entretanto, precisamos escolher o momento crucial de parar de alimentá-lo e, enfim, escrevê-lo.

Realizou-se a pesquisa bibliográfica sobre simbologia têxtil, design de informação, ergonomia informacional, aprendizagem de adultos, trabalho autônomo no Brasil, teoria da autoeficácia, o inquérito CAP (Conhecimento, Atitude e Prática) e materiais instrucionais.

Para contextualizar a investigação no cenário acadêmico e mercadológico fez-se um levantamento de várias abordagens dos temas para situar o principal objeto de estudo nas áreas do conhecimento e identificar a lacuna a ser preenchida.

O desenvolvimento tecnológico, desde os primórdios da Revolução Industrial, deve muito à indústria têxtil. Durante os séculos XIX e XX, as técnicas e materiais utilizados no vestuário evoluíram e trouxeram mais diversidade e mais complexidade para o dia a dia do usuário.

Até meados dos anos 1950, a lavagem exigia dois simples programas nas máquinas de lavar: 95°C para lavar a roupa com água quente, 60°C para as roupas com algum tingimento e era, na quase maioria dos casos preocupação apenas da dona de casa.

E quanto a passar a ferro? E alvejantes? E o encolhimento, manchas, rasgos, descoloração? Estas preocupações não faziam parte dos cuidados da maioria das roupas usadas pela população. Mas no decorrer desta mesma década citada, novas fibras sintéticas, novos processos de tingimento, novos produtos químicos adicionados ao processo de fabricação têxtil, tecido ou não tecido fizeram surgir a necessidade de um consenso acerca dos cuidados e manutenção com os produtos do vestuário.

Para o entendimento das relações de trabalho dos sujeitos desta investigação, que operam por conta própria, considerou-se necessário procurar compreender as forças sociais e econômicas que atuam no trabalho informal ou autônomo no Brasil e em especial na cidade de Fortaleza. Para isto, a investigação traçou um breve panorama do cenário, com a intenção de contextualizar o leitor e justificar o caso.

O trabalhador adulto, seja ele autônomo ou não, no Brasil, possui graus de alfabetização que são medidos por diferentes instituições públicas e privadas. Embora sejam diferentes, estas possuem objetivos que se complementam: avaliar quão alfabetizado o brasileiro sai da escola e como esta formação será útil para sua vida.

Um determinado índice vai medir o alfabetismo funcional dos brasileiros em atividade e outro os graus de instrução, relativizando-os com as questões de gênero e condição social que vão impactar no seu desempenho no mundo do trabalho. Estes apontamentos serão brevemente abordados para que o leitor possa compreender como isto vai afetar os sujeitos desta investigação.

A área do design à qual pertencem os artefatos efêmeros, como os manuais de instrução e as etiquetas têxteis, é estudada pelo design de informação. Para apresentar o panorama desta área, buscou-se apresentar algumas definições, conceitos, processos e princípios ligados à temática aqui estudada. Deu-se maior ênfase no design instrucional e na categoria de artefatos informacionais utilizados para transmitir informações, com particular atenção para os materiais educativos. Logo, ao estudar técnicas de apresentação da

informação instrucional, descobriu-se o potencial já bastante explorado das histórias em quadrinhos – HQs ou bandas desenhadas, como se diz em Portugal. Fez-se necessário introduzir brevemente o tema e seus principais usos na educação, abordando algumas das particularidades deste gênero textual e visual (Meneguelli & Setubal, 2015; Setubal & Rebouças, 2000).

Apresenta-se um breve levantamento dos tipos de materiais educativos, com ênfase no impresso. São compilados alguns apontamentos históricos na tentativa de enfatizar sua importância para o design e para a educação.

Com o objetivo de estudar e catalogar os diferentes tipos de etiquetas têxteis mais comuns no Brasil, faz-se um levantamento de suas variações, conforme apresentadas pelos fabricantes. Dá-se uma atenção maior ao tipo de etiqueta técnica ou de composição, na qual devem estar os pictogramas de cuidado e manutenção das roupas.

De modo detalhado, introduz-se o sistema de cuidados e manutenção criado pela Ginetex na década de 1950, comparando-o com outros em vigor. Os cinco símbolos básicos são detalhados e descritos com suas respectivas variações. Há, neste ponto, um breve levantamento das normas e legislações brasileiras que estavam em vigor à época.

Para avaliar a compreensão que o usuário possui da simbologia têxtil, o capítulo traz um breve levantamento de testes a serem aplicadas.

À medida que as entrevistas com as lavadeiras e passadeiras eram realizadas, gravadas e transcritas, ficou evidente o grau de instrução dos sujeitos, exigindo um levantamento teórico que permitisse entender como estas pessoas aprendem, bem como acerca dos métodos e técnicas de ensino mais adequados para elas.

Ao investigar o universo do ensino de adultos, rapidamente constatou-se a vasta experiência de outras áreas do conhecimento neste setor, como a educação, a psicologia e a saúde. A educação fornece os métodos testados, aprovados e recomendados pelo Ministério da Educação do Brasil, para a educação de jovens e adultos (Bottino & Correab, 2013; Costa et al. (1999); Ribeiro, 2014). A psicologia apresenta técnicas para avaliar a percepção e o entendimento dos adultos pouco letrados (Bottino & Correab, 2013; Schwartz, 2018). E a saúde, por ter necessidade de informar os pacientes acerca de cuidados e de instruções específicas para prevenir doenças e orientar aqueles em tratamento, dentre outras necessidades, desenvolve vastos estudos na área da aprendizagem de adultos com baixo grau de literacia (Doak; Doak; Root, 1996a) catalogando métodos e técnicas para desenvolver, testar e utilizar materiais educativos com eficácia. Alguns destes estudos foram utilizados em conjunto com outros da área do design da informação (Avgerinou et al., 2008; Black et al., 2017; Goldsmith, 1980; Pettersson, 2011, 2018a; White, 1983; Wileman, 1993; Zimmerman; Perkin, 1982) para compor o Estado da Arte e os procedimentos metodológicos desta investigação.

Pessoas que acreditam que possuem a capacidade de executar determinadas tarefas, porque podem aprender novas informações, são mais propensas a mudar de atitudes, segundo os autores da teoria da autoeficácia, Bandura e Adams (1977). Por conta do público-alvo desta investigação pertencer a um grupo social que geralmente possui pouco tempo de escolaridade, acreditou-se que trabalhar a auto estima para promover a autoeficácia, de forma sutil, em vários pontos do material educativo poderia trazer benefícios para a aquisição de novos conhecimentos e mudança de atitude acerca das etiquetas têxteis e símbolos de cuidados das roupas.

Os inquéritos acerca do conhecimento, atitude e prática, conhecidos popularmente como CAP, são bastante utilizados para identificar características de uma determinada

população acerca de um determinado problema ou tema (S. L. dos Santos et al., 2011). Isto significa medir o que a população sabe (informações comumente conhecidas); pensa (fatores que influenciam o comportamento da maioria das pessoas) e atua (razões para suas atitudes, como e por que as pessoas praticam certos comportamentos).

No Brasil, estes questionários são frequentes em estudos conduzidos pelo Ministério da Educação (MEC - Ministério da Educação do Brasil, 2002), Ministério da Saúde (Brasil, 2011), pela Organização Mundial de Saúde (2016), por hospitais e instituições de pesquisa em saúde e educação.

Pressupõe-se que esta será uma das poucas vezes que este inquérito será utilizado em uma pesquisa cujo tema envolve o design como eixo principal do trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Avgerinou, M. D., Griffin, R. E., Giesen, J., Search, P., Spinillo, C. G., Chandler, S. B., & Terzic, M. (2008). *Visual Literacy Beyond Frontiers Information, Culture and Diversity: Selected Readings of the International Visual Literacy Association - IVLA* (R. E. Griffin & C. G. Spinillo, Eds.). The International Visual Literacy Association.
- Bandura, A., & Adams, N. E. (1977). Analysis of Self-Efficacy Theory of Behavioral Change'. In *Cognitive Therapy and Research* (Vol. 1, Issue 4).
- Black, A., Luna, P., Lund, O., & Walker, S. (2017). Information Design - Research and practice. In A. Black, P. Luna, O. Lund, & S. Walker (Eds.), *Centre for Information Design Research, University of Reading* (Vol. 1, Issue 1). Routledge - Taylor & Francis Group. <https://doi.org/10.1080/20557132.2017.1385262>
- Bottino, A. G., & Correab, J. (2013). A compreensão leitora de jovens e adultos tardiamente escolarizados. *Psicologia: Reflexao e Critica*, 26(2), 405–413. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000200021>
- Brasil. (2011). Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Brasileira. In *Série G. Estatística e Informação em Saúde*.
- Brasil. (2002) Ministério da Educação. *Manual do Aplicador do estudo CAP*.
- Costa Oliveira, C., Paulo, J. C. & Antunes, M. C. (1999). *Educação de Adultos & Intervenção Comunitária . Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho*.
- Doak, C. C., Doak, L. G., & Root, J. H. (1996). Teaching Patients with Low Literacy Skills. In *American Journal of Nursing* (2ª, Issue 2ª). J.B. Lippincott Company. <https://doi.org/10.1097/00000446-199612000-00022>
- Goldsmith, E. (1980). *Comprehensibility of illustration – an analytical model*. 3, 204–213. <https://doi.org/10.1075/idj.l.3.08gol>
- Meneguelli, F., & Setubal, R. (2015). *Quadrinhos e educação : uma relação complexa Comics and education : a complex relationship Flávia Meneguelli Ribeiro Setubal Moema Lúcia Martins Rebouças*. 1(2000), 301–334.
- Organização Mundial da Saúde - OMS. (2016). *Inquéritos sobre Conhecimentos, Atitudes e Práticas Doença do Vírus Zika e Potenciais Complicações Pacote de recursos*. 30.
- Pettersson, R. (2011). *Searching for Evidence of Early Information Design*. https://www.researchgate.net/publication/281811273_Searching_for_evidence_of_early_information_design
- Pettersson, R. (2018). *Information Design 9–Basic ID-concepts*. IIID Public Library.
- Ribeiro, J. B. (2014). *As Estratégias de Aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos* [Universidade do Vale do Sapucaí]. <http://www.univas.edu.br/me/docs/dissertacoes2/163.pdf>
- Santos, S. L. dos, Cabral, A. C. dos S. P., & Augusto, L. G. da S. (2011). Conhecimento, atitude e prática sobre dengue, seu vetor e ações de controle em uma comunidade urbana do Nordeste. *Ciência & Saúde Coletiva*, 1319–1330.

- Schwartz, S. (2018). Alfabetização de Jovens e Adultos: Teoria e prática. In *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade* (Vol. 4).
<https://doi.org/10.23899/relacult.v4i0.787>
- Setubal, F. M. R., & Rebouças, M. L. M. (2000). Quadrinhos e educação: uma relação complexa. In *Encyclopedia of volcanoes*. (p. 662).
- White, J. V. (1983). *Mastering graphics: Design and Production Made Easy*. R. R. Bowker Company.
- Wileman, R. E. (1993). *Visual Communicating* (1st ed., Vol. 1, Issue 1). Educational Technology Publications Inc.
- Zimmerman, M. L., & Perkin, G. W. (1982). Instructing through pictures: Print materials for people who do not read. *Information Design Journal*, 3(2), 119–134.
<https://doi.org/10.1075/idj.3.2.05zim>

PARTE 2
ANÁLISE TEÓRICA



CAPÍTULO 3. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

3.1 NOTA INTRODUTÓRIA

O problema abordado nesta investigação tem sido tratado por alguns acadêmicos do ponto de vista do consumo ou mesmo da ergonomia. A simbologia têxtil é regulamentada por órgãos internacionais e seu uso está sujeito à lei de patentes. A atuação neste setor requer altos investimentos e conhecimento técnico para garantir segurança ao consumidor e qualidade na entrega do serviço. Entretanto, no Brasil ainda são escassos os estudos para avaliar o entendimento das informações pictóricas que o fabricante deve obrigatoriamente afixar aos produtos do vestuário. Para contextualizar estas questões, a seguir, faz-se uma breve explanação da problemática e das áreas do conhecimento que se considerou relevantes.

3.2 TRABALHO AUTÔNOMO NO BRASIL

Em julho de 2021², a população brasileira estava estimada em mais de 213 milhões de habitantes. Nesta terra, o trabalho autônomo ou por conta-própria, é aquele no qual a pessoa explora seu próprio negócio ou ofício, sendo livre para organizar sua atividade em termos de remuneração e jornada (DIEESE, 2017).

Os serviços que estes trabalhadores prestam para o público em geral, estão livres das gerências e burocracias das empresas, como nos regimes assalariados. De modo geral, além de ganhar menos que um trabalhador regularmente contratado, o informal, por não ter obrigações contratuais, pode ganhar menos e não tem direito a mecanismos de proteção social e trabalhista, mesmo com jornada igual ou superior.

Levando-se em conta que no Brasil, segundo dados oficiais divulgados pelo IBGE, em 2019, havia quase 24 milhões de pessoas vivendo na informalidade (Renaux, 2019). Ou seja, uma em cada quatro pessoas ocupadas, trabalha sem contrato de trabalho regulamentado, sem obrigações, sem direitos. Esta questão pode se tornar crítica em uma situação de pandemia, como a de 2020 (Cabral, 2021), já que, sem trabalho, sem contribuições para a previdência, não há como amparar estes auto-ocupados (Mesquita, 2017).

No Estado do Ceará, conforme dados divulgados pelo governo relativos ao primeiro trimestre de 2020, havia quase 1,7 milhões de trabalhadores formais e quase 2 milhões de informais (Secretaria do Desenvolvimento Econômico e Trabalho - SEDET; Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará - IPECE; Junta Comercial do Ceará - JUCEC, 2020). Isto quer dizer que mais da metade da força de trabalho cearense está atuando sem carteira assinada e, portanto, desprotegida em caso de doença, acidente de trabalho ou velhice. Sem falar nas questões fiscais que acarretam prejuízos aos cofres públicos, que não são da alçada desta investigação.

² Dia 23 de julho de 2021, às 17:02:23, conforme dados atualizados a partir do site oficial do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2021).

Destes informais, 48% são de trabalhadores autônomos dos quais 11,8% são domésticos. Até o ano de 2015, o Ministério do Trabalho e Previdência Social do Brasil (2015), considerava, nesta categoria os maiores de 18 anos que prestam serviços remunerados à pessoa ou à família, no âmbito residencial, incluindo-se aqui, o trabalho de quem cozinha, faz faxina, lava e passa roupas, dentre outras atividades.

3.3 PROFISSIONAIS AUTÔNOMOS DE LAVAGEM E PASSADORIA: O CASO DO IDT FORTALEZA

O Instituto do Desenvolvimento do Trabalho – IDT, desde a década de 1980 desenvolveu um programa para dar atendimento ao trabalhador por conta própria. Com o apoio dos governos estadual e federal, montou e implementou o Centro do Trabalhador Autônomo – CTA. Uma unidade social que cadastra vagas e profissionais que trabalham para si, fazendo uma conexão entre os dois, sem fins lucrativos, visando apenas a inserção do trabalhador no mercado (Instituto de Desenvolvimento do Trabalho - IDT, 2017).

Figura 6: Áreas de atendimento ao trabalhador na nova sede do CTA



Nota: A imagem oficial, retrata o movimento em julho de 2019. Embora o espaço fosse muito frequentado, poucas pessoas eram da área de interesse dessa pesquisa (<http://www.idt.org.br>, 2019).

A instituição já teve um departamento de treinamento, com instrutores que ministravam oficinas para os novos cadastrados, antes que eles pudessem receber alguma carta. Carta, aliás, é como chamam por lá as vagas. Todos os profissionais selecionados para atender uma demanda, recebem um

impresso com um pedido que deve ser apresentado ao cliente solicitante. É a tal carta.

As lavadeiras e passadeiras autônomas, assim como as diaristas e profissionais de serviços gerais estão neste grupo numeroso de pessoas que oferecem a sua força de trabalho por conta própria e que são intermediadas pelo IDT.

Em junho de 2019, quando a instituição foi contatada, existia um cadastro de 274 registros. Destas, 51 eram apenas lavadeiras e passadeiras e o restante eram serviços gerais.

As vagas de trabalho são divulgadas no site oficial do instituto e recebe boa cobertura da mídia local. Até o início de 2020, antes da pandemia, o trabalhador que quisesse se candidatar, precisava ir presencialmente até a sede (IDT, 2020). Desde meados de setembro do mesmo ano, a instituição oferece meios alternativos para trabalhador e empregador interagirem com o balcão de vagas, remotamente, por meio do aplicativo SINE FÁCIL e por e-mail (IDT, 2021).

Segundo o IDT, ainda que para serviços gerais e faxina haja alguns homens cadastrados, para a função de lavar e passar, todos os registros são de mulheres. Apesar desta total ausência masculina não ser tão coerente com a situação reportada pelo último censo demográfico (IBGE, 2010) que apontou a presença, ainda que tímida de homens trabalhando neste setor, tanto na cidade quanto no campo, mas não chega a ser uma grande surpresa.

A diferença do rendimento do trabalho entre homens e mulheres passa por diferentes aspectos estruturais do mercado de trabalho. Dentre eles, pode-se apontar a idade, cor ou raça, horas trabalhadas, nível de instrução e tipo de ocupação exercida pela pessoa. Além dessas questões, outros elementos importantes possibilitam a compreensão daquela diferença. Por exemplo, o tempo de trabalho na ocupação exercida influencia a evolução profissional ou planejamento de carreira, com consequentes efeitos sobre a remuneração do trabalhador.

Associado a esse último aspecto, ressaltam-se as possíveis interrupções e/ou rotatividade no mercado de trabalho que muitas vezes acarretam reinserção em novos trabalhos com rendimentos mais baixos, fator que pode ser mais relevante no caso das mulheres. Os arranjos familiares também contribuem para o tipo de inserção no mercado de trabalho, principalmente para as mulheres com filhos menores, que muitas vezes direcionam parte importante do seu tempo para o cuidado de pessoas e lidas domésticas (IBGE, 2020).

Em 2019, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Divulgação Especial Mulheres no Mercado de trabalho, referente ao ano anterior, apontou que a população ocupada de 25 a 49 anos totalizava 56,4 milhões de pessoas no Brasil. Deste total, 54,7% eram homens e 45,3%, mulheres.

Fica evidente a predominância da participação masculina ocupada desde o ano de 2012, sendo que o valor médio da hora trabalhada era de R\$ 13,0 para mulheres e de R\$14,2 para os homens, apontando tendência de que o

valor do rendimento da mulher era equivalente a 91,5% daquele recebido pelos homens.

Quando analisada a razão do rendimento de mulheres e homens pelo valor do rendimento médio total, a proporção diminuía, sendo de 79,5% em 2018: valores de R\$ 2.579 (homem) e R\$ 2.050 (mulher). Ao se comparar as jornadas de trabalho, percebe-se que na semana as mulheres trabalham menos horas (37,9 horas) no mercado do que eles (42,7 horas).

O rendimento também é afetado pela cor ou raça na população ocupada total, pela desagregação simultânea do rendimento médio, por cor/raça e sexo, mostrando que as mulheres, sejam elas brancas, pretas ou pardas, têm rendimento inferior ao dos homens da mesma cor.

Porém, o mesmo estudo aponta que a proporção de rendimento médio da mulher branca ocupada em comparação ao de homem branco ocupado (76,2%) era menor que essa razão entre mulher e homem de cor preta ou parda (80,1%) em 2018. O relatório conclui que “a menor desigualdade entre rendimentos de pretos e pardos³ pode estar relacionada ao fato dessa população ter maior participação em ocupações de rendimentos mais baixos”, quase sempre baseados pelo salário-mínimo. Vale destacar que esta situação ocorreu em todos os anos nos quais a pesquisa foi realizada, de 2012 a 2018.

Quanto ao nível de instrução da população ocupada de 25 a 49 anos, em 2018 constatou-se um aumento, com crescimento da proporção de pessoas com pelo menos o Ensino médio completo e nível superior. Em 2012, 13,1% dos homens ocupados tinham o Ensino superior, passando para 18,4% em 2018. Entre as mulheres essa estimativa foi de 16,5% (2012) para 22,8% (2018). Em 2018, o rendimento médio mais baixo, segundo o nível de instrução, era o da mulher do grupo sem instrução e fundamental incompleto (R\$ 880), enquanto o mais elevado era recebido por homens de nível superior completo (R\$ 5.928).

Com exceção de 2012, a razão do rendimento entre mulheres e homens sem instrução e fundamental incompleto alcançava o percentual mais elevado entre todos os níveis de instrução, atingindo 68,6% em 2016. Já de 2012 a 2014 a razão apresentava crescimento com o nível de instrução; nos anos de 2017 e 2018, a tendência se invertia com as mulheres de nível superior completo obtendo os menores percentuais: (62,7% em 2017) e (64,3% em 2018) (IBGE, 2019b).

Os ganhos também são afetados conforme varia o grau de instrução. Em 2018, o rendimento médio da população ocupada de 25 a 49 anos de idade era de R\$ 2.260. Os médios especialistas tinham o maior rendimento (R\$14.929) e os Trabalhadores dos serviços domésticos em geral (R\$ 855) o menor. Em todos os casos, o percentual do rendimento médio recebido pelas mulheres era inferior ao dos homens, mesmo que houvesse baixa ou elevada participação feminina no contingente de ocupados ou que tivesse rendimentos baixos ou elevados.

³ No Brasil, o manual do IBGE define o significado atribuído ao termo como pessoas com uma mistura de cores de pele, seja essa miscigenação mulata (descendentes de brancos e negros), cabocla (descendentes de brancos e ameríndios), cafuza (descendentes de negros e indígenas) ou mestiça. Ao contrário do que pode ocorrer em outros países de língua portuguesa, não possui tom pejorativo.

A participação das mulheres no mercado apareceu mais entre os professores do ensino fundamental (84,0%), trabalhadores de centrais de atendimento (72,2%), trabalhadores dos serviços domésticos em geral – dentre os quais lavadeiras e passadeiras (95,0%) e dos trabalhadores de limpeza de interior de edifícios, 12 escritórios, hotéis e outros estabelecimentos (74,9%) (IBGE, 2019).

No Ceará, embora a taxa de formalização entre homens e mulheres seja bastante próxima, elas recebem em média menos que os homens em todas as formas de trabalho, seja formal ou informal⁴. No entanto, a relação de desigualdade de rendimentos entre homens e mulheres é maior nos trabalhos informais. Em 2013, o rendimento médio das mulheres em trabalhos informais era equivalente a 65% do rendimento médio dos homens nesses trabalhos. Nos trabalhos formais essa relação era de 75%. (IBGE, 2014)

No ano de 2016, informações da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) revelaram que a participação dos trabalhadores domésticos no total de ocupados da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF)⁵ manteve-se relativamente estável, passando de 6,6% para 6,8%, entre os anos de 2015 e 2016. Entre estes trabalhadores estão aqueles que prestam serviços domésticos para terceiros, como faxineiras, lavadeiras, passadeiras e serviços gerais. Esses trabalhadores informais, não possuem carteira assinada e nem direitos trabalhistas.

A participação feminina no trabalho autônomo é bem mais representativa na região metropolitana de Fortaleza (44,4%) do que o observado no conjunto das regiões brasileiras. Mais da metade desta força de trabalho não apenas compõe o orçamento doméstico como exerce o papel de chefe de família. Apesar dessa realidade, os dados apresentados mostraram que um em cada três trabalhadores não chegou sequer a concluir o ensino fundamental, realidade esta que ainda era mais enfática na região metropolitana de Fortaleza, na qual a proporção de autônomos com esse perfil escolar atingia 38,3% dos trabalhadores por conta-própria da região, em 2016 (Mesquita, 2017).

Ao analisar os rendimentos, este citado estudo constatou que os trabalhadores autônomos detinham um padrão de rendimento inferior ao registrado entre os assalariados. Ainda em termos de remuneração, verificou-se que, em 2016, o rendimento médio dos trabalhadores autônomos variou entre R\$ 1.004, em Fortaleza. (Mesquita, 2017)

A histórica precariedade das relações de trabalho nos serviços domésticos, associada à maior expansão da oferta de trabalho mais regulamentado nos diferentes segmentos de atividade econômica, especialmente até o ano de 2014, parece que vinha contribuindo para a redução do contingente desses profissionais nos diferentes mercados de trabalho locais. Este movimento

⁴ Trabalho formal é aquele registrado em carteira. Informal é o mesmo que por conta-própria ou autônomo.

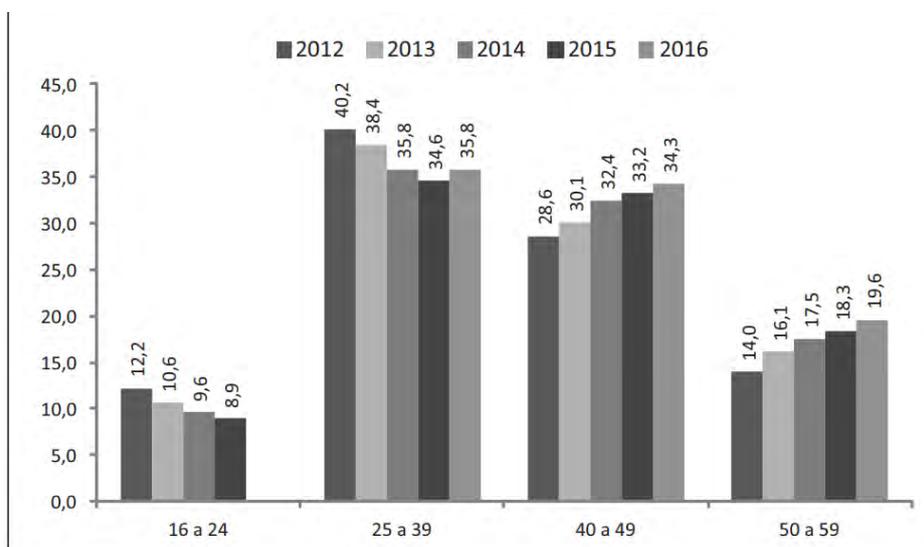
⁵ Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) é formada por 19 municípios cearenses: Aquiraz, Cascavel, Caucaia, Chorozinho, Eusébio, Fortaleza, Guaiuba, Horizonte, Itaitinga, Maracanaú, Maranguape, Pacajus, Pacatuba, Paracuru, Paraipaba, Pindoretama, São Gonçalo do Amarante, São Luís do Curu e Trairi. (FNEM, 2018)

sinalizou uma estabilidade em alguns desses mercados com o agravamento da crise econômica e do desemprego, no período de 2015 a 2016.

Neste mesmo ano de 2014, havia 109 mil pessoas engajadas nos serviços domésticos na RMF, sendo que as mulheres representavam o maior contingente, 92,1% dessa força de trabalho (IDT; DIEESE, 2017), algo em torno de 100 mil trabalhadoras, duas mil a menos em relação ao ano de 2015 (IDT/DIEESE, 2017, p. 3).

Em tal contexto, o perfil das trabalhadoras domésticas da RMF revelou que quanto aos atributos pessoais a presença de mulheres em faixas de idade mais elevadas neste segmento profissional é cada vez mais relevante, uma vez que metade das trabalhadoras domésticas entrevistadas no ano de 2016 informou ter entre 40 e 59 anos (53,9%). Por outro lado, a participação das mais jovens nos serviços domésticos vem progressivamente diminuindo ao longo do tempo (Gráfico 1).

Gráfico 1: Distribuição das trabalhadoras domésticas, segundo faixas de idade relacionadas na RMF (2012 - 2016).

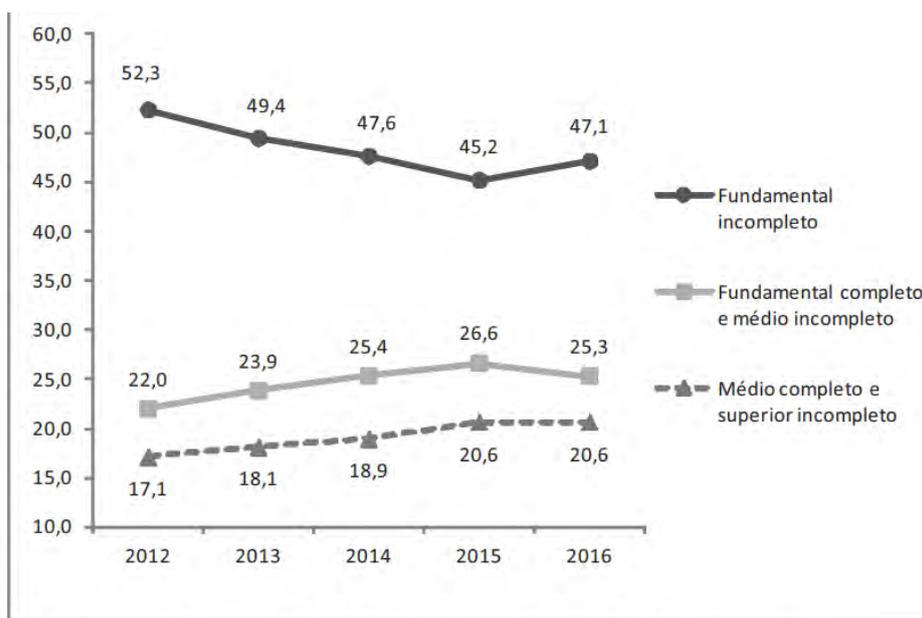


Fonte: Convênio IDT/Sine-CE, STDS, Fundação SEADE/DIEESE e MT/FAT.

Nota: Em 2016, a amostra não comportou a desagregação para a faixa entre 16 e 24 anos.

Se, por um lado, manteve-se a tendência de envelhecimento da categoria, do outro, elevou-se a presença de trabalhadoras com ensino fundamental incompleto entre as domésticas da região (de 45,2% para 47,1%), entre 2015 - 2016, contrastando com a trajetória de anos anteriores em que esta representação paulatinamente perdia espaço para níveis de escolarização mais elevados (Gráfico 2).

Gráfico 2: Distribuição das trabalhadoras domésticas, segundo o nível de instrução na RMF (2012-2016).



Fonte: Convênio IDT/Sine-CE, STDS, Fundação SEADE/DIEESE e MT/FAT.

Nota: A amostra não comportou desagregação para os demais níveis de escolarização.

O perfil majoritário dessa força de trabalho ainda é constituído por mulheres em faixas de idade mais elevadas e com menor escolarização. Ainda é importante mencionar que a proporção de domésticas na condição de chefes de domicílio aumentou consideravelmente, de 32,9%, em 2015, para 37,2%, em 2016. Aliás, este é um percentual bem mais expressivo do que o registrado no conjunto de mulheres economicamente ativas (ocupadas e desempregadas) da região (22,7%), no ano em análise. Assim, nota-se a importância desse ofício para milhares de mulheres que cada vez mais chefiam suas famílias. (IDT/DIEESE, 2017)

3.3.1 Lavadeiras e mucamas

Por quase todo o período do Brasil Colônia (1530 a 1822), lavar e passar as roupas da família era um trabalho feito por escravas (Matos, 2019). Entretanto, a partir de meados do século XIX, dentre outros fatores sociais e políticos, pode-se destacar a ascensão do capitalismo. As mulheres mais abastadas da classe burguesa se tornam consumidoras de produtos, principalmente itens de vestuário. O uso da vestimenta desempenha um importante papel na vida desta sociedade para indicar pertencimento a uma determinada classe média de elite e ao mesmo tempo apontar a distinção social (Cardoso, 2000, p. 57; Freyre, 2012). Este fenômeno vai dar início a várias transformações sociais.

As cidades, os ateliês de confecção produziam as roupas elegantes para a alta sociedade. Para dar conta de manter as vestimentas sempre limpas, passadas, engomadas, cozidas e prontas para trocar e sair (Monteleone, 2019), destaca-se o trabalho de alguns serviços.

Modistas, vendedoras, chapeleiras dentre outras habilidosas mulheres que se especializaram em vestir, vão oferecer os itens de luxo para as elites. Costureiras, lavadeiras e mucamas⁶, geralmente escravas, vão cuidar das roupas e dos panos da casa para livrar as donas-de-casa de tais preocupações (Matos, 2019). Se a família fosse rica, conta Monteleone (2019) que possuía uma negra lavadeira e uma mucama. A lavadeira era responsável por todos os panos da casa, mas a mucama cuidava apenas de passar as peças delicadas e caras de sua senhora (DEBRET, 1940, p. 274 apud Monteleone, 2019).

Figura 7: Lavagem de roupas no século XIX, no Brasil



Nota. A gravura mostra que o trabalho era executado principalmente por mulheres pobres ou escravas conforme retratado em gravura de Laurent Deroy, [18-], *Blanchisseuses à Rio Janeiro: prise de la Rade*. Acervo da Biblioteca Nacional - RJ.

Fonte:

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acer vo_digital/div_iconografia/icon586107/icon586107.html

Figura 8: Caboclas lavadeiras na cidade do Rio de Janeiro



Nota: A obra de Debret, retrata um instante no dia a dia daquelas que cuidavam das roupas alheias.

Fonte: Júlio Bandeira; Pedro Correa do Lago, 2008, p. 133 apud Monteleone, 2019

Figura 9: Lavagem de roupa às margens de rios e cachoeiras



Nota: Ainda é comum no interior do Ceará, Brasil encontrar principalmente mulheres executando esta atividade.

Fonte:

<https://youtu.be/WfzHxXKVXo>, 2020

O ofício era repassado de geração para geração e elas começavam na lida desde pequenas. Era um trabalho árduo e que precisava de muita disposição e conhecimento de técnicas, segredos e estratégias para lavar, alvejar, engomar, passar em uma época em que, até o sabão elas tinham que saber fazer (Matos, 2019, p. 179).

Como eram escravas, o trabalho realizado não era remunerado. Mesmo depois da abolição, com a mão de obra imigrante, quando por obrigação os patrões passam a ter que remunerar, os valores eram ínfimos, lavar e passar não era considerado trabalho.

Algumas mulheres se contentavam em “trocar por comida e dormida”, completa Monteleone (2019). Entretanto, embora não pagassem aluguel e tivessem alimento garantido, também estavam à disposição da família da casa em qualquer dia e horário. Este, aliás, é assunto complexo até os dias de hoje (OIT - Organização Internacional do Trabalho, n.d.).

⁶ No Brasil e na África portuguesa, mucama era o nome dado às jovens escravas, geralmente negras, que ajudavam nas tarefas domésticas e acompanhavam a sua ama.

A tecnologia possibilitou a inserção de novos produtos no lar, com a falsa promessa de dar à dona de casa mais tempo para as tarefas realmente importantes (Forty, 2007). Um objeto para lavar roupas, a lavadora, que já havia sido inventada em meados do século XIX, passa por transformações nas projetuais, sempre com a promessa de aliviar o trabalho das mulheres, entregar roupas mais brancas e sem manchas, macias e no menor tempo possível. De madeira, alumínio, à manivela, elétrica, remota, a máquina de lavar ao longo dos séculos vem sendo projetada buscando incorporar inovações e possibilidades disponíveis no seu tempo.

Além de lavar e passar, havia ainda o trabalho da engomadeira, que, para as roupas de linho da senhora, para os colarinhos e punhos do senhor e para as toalhas finas importadas da Ilha da Madeira, era preciso passar goma antes do ferro (Pereira, 1992).

Aos poucos, quem passava também deveria engomar. Com as mudanças sociais e tecnológicas na indústria têxtil e do vestuário que foram introduzindo os tecidos sintéticos, engomar passou a ser desnecessário.

A lavadeira foi figura muito constante nos últimos dois séculos, mas tem desaparecido em alguns países desenvolvidos, como Portugal (Vortexmag, 2021). No Brasil, por razões que giram em torno dos problemas de um país em desenvolvimento (economia, educação, saúde etc.), é um trabalho que ainda tem contingente significativo de profissionais atuando, mas que também parecem estar com os dias contados (Daltro, 2019).

As franquias de redes de lavanderias automatizadas e profissionais, já uma realidade há vários anos nos países da Europa, Japão e Estados Unidos, estão espalhadas pelas grandes cidades provocando uma mudança no comportamento das pessoas da zona urbana.

No Brasil, porém, este sistema ainda é tímido, com certa vantagem de implantação apenas nas regiões Sul e Sudeste. Em 2018, estudo realizado por sindicato do setor, revelou que apenas 4% da população brasileira faz uso periódico de lavanderias profissionais (SINDILAV, 2019).

A alternativa é lavar em casa. Mas, mesmo com o barateamento da máquina de lavar, considerado

Figura 10: Anúncio antigo da lavadora Technique, início do Século XIX



Nota: Esta tecnologia foi uma das primeiras apresentadas ao público brasileiro. No Rio de Janeiro, por volta de 1929.

Fonte: Reis Júnior (2021)

Figura 11: Lavadora Consul, fabricada no Brasil nos anos 1980



Nota: Várias fábricas de eletrodomésticos do mercado brasileiro, se especializaram em fabricar máquinas de lavar roupas, além da montagem de outros produtos projetados no exterior, como ferros de passar.

Fonte: Reis Júnior (2021)

pelos famílias brasileiras como eletrodoméstico essencial, este item ainda é objeto de desejo em muitos lares (Neder; Pennafort; Amorim, 2015). Por outro lado, mesmo as donas de casa que possuem uma máquina, por trabalharem fora, não dispõem de tempo para utilizá-la como deveriam. Sobra trabalho para a diarista, lavadeira e passadeira.

Novos produtos para lavar, secar e passar a vestimenta são introduzidos no mercado, todos os anos. Aquelas lavadeiras que aprenderam com a mãe ou com a avó, hoje, já precisam ter experiência de uso do equipamento. O trabalho de lavar roupas, outrora feito pela escrava ou pela mulher pobre e de classes menos favorecidas, foi gradualmente sendo substituído pela máquina de lavar (Neder et al., 2015).

A historiadora Maria Izilda Matos (2019) chama a atenção para o fato de que as atividades domiciliares, incluindo-se as de lavar e passar, majoritariamente exercidas por mulheres, “quase não aparecem em estatísticas oficiais, fontes sindicais e patronais”. Há quase nada de documentos e estudos sobre o tema e quando aparecem, foram produzidos por homens, com seus pontos de vista universais masculinos.

Esta ausência de registros literários pode ser entendida como um reflexo de uma cultura patriarcal que ultrapassa o âmbito familiar e social, para reverberar com força nas relações de trabalho.

E nem vamos entrar aqui nas questões controversas da bi-polarização do trabalho, no qual um dos grupos de trabalhadores usa os serviços do outro para ascender na escala profissional e ter uma carreira (Hirata, 2001). Acredita-se que a relação entre o trabalho doméstico e a afetividade parece ser o centro dessa situação. Entretanto, mesmo sendo o trabalho doméstico e o trabalho informal temas bem comuns em estudos acadêmicos, requer maior atenção e priorização de setores capazes de impactar as relações trabalhistas, com a elaboração de leis e políticas públicas capazes de encontrar soluções para a precariedade das condições de trabalho destas pessoas.

3.4 TRABALHADORES ADULTOS COM BAIXO GRAU DE INSTRUÇÃO

Os indicadores do analfabetismo no Brasil apontam para números considerados ainda altos pela UNESCO. Os dados mais recentes, publicados em 2019, referentes a dados coletados em 2018 pelo IBGE, sugerem um tímido avanço no processo de erradicação do analfabetismo, quando se comparam os últimos três anos. A tabela 1.1, mostra os percentuais das taxas de alfabetização do Brasil, do Ceará e da cidade de Fortaleza, onde este estudo foi realizado.

O indicador é calculado com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), que pergunta aos entrevistados maiores de 15 anos se sabem ler e escrever. A taxa de alfabetização, portanto, considera alfabetizadas as pessoas que disseram saber ler e escrever. (OPNE, 2020).

O analfabetismo aparece de forma mais concentrada na população acima de 60 anos de idade, com forte presença nas áreas rurais do semiárido

nordestino. De acordo com o PNAD (2014), o Nordeste era a região brasileira com o maior número de analfabetos, com 16,6% de sua população se declarando sem saber ler ou escrever. Apesar disto, é também a região na qual este índice mais se reduziu nos últimos 5 anos, de acordo com os índices do PNAD (2019).

Tabela 1: Taxa de alfabetização da população de 15 anos ou mais (%)

Localidade	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Brasil > Total	91,4	91,7	92,1	92,3	92,8	93	93,2	93,4
Ceará > Total	82,9	83,5	83,8	83,8	84,8	85,8	86,7	86,4
Fortaleza > Total	91	92,1	91,7	92,3	92,2	92,9	93,8	93,2

Fonte: IBGE/Censo Demográfico e Pnad (2019). Elaboração: IPEA. (OPNE, 2020).

3.4.1 Grau de instrução e anos de estudo

A média de anos de estudo é maior nas mulheres, que apresentam uma média de 9,1 anos de estudo, contra 8,6 dos homens, na PNAD 2016. Já de acordo com a PNAD 2019 a situação se manteve, mas com aumento de 9,0 para os homens e de apenas 9,5 para as mulheres. Ainda há diferenças dentre as mulheres brancas (10,6 anos), pretas ou pardas (8,6 anos).

A mesma pesquisa apontou que no Ceará, o número médio de anos de estudo das pessoas de 25 anos ou mais de idade apresentou um leve crescimento no ano de 2018 com relação a 2017 (7,8 em 2017 e 8,1 em 2018), bem abaixo da média nacional (9,1 em 2017 e 9,3 em 2018). (IBGE, 2020)

Segundo o Ministério da Educação do Brasil, completar a educação básica significa concluir o ensino médio ou frequentar ou ter frequentado o ensino superior ou a pós-graduação.

Em 2018, no Brasil, 47,4% das pessoas de 25 anos ou mais haviam completado, pelo menos, a educação básica obrigatória. Ou seja, 52,6% não chegaram a concluir o ensino médio, o equivalente a 70,3 milhões de pessoas (IBGGE, 2018).

3.4.2 Indicador de Analfabetismo Funcional - INAF

O INAF, Indicador de Analfabetismo Funcional é uma pesquisa idealizada em parceria entre o Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa e realizada com o apoio do IBOPE Inteligência⁷ com o objetivo de mensurar o nível de alfabetismo da população brasileira entre 15 e 64 anos, avaliando suas habilidades e práticas de leitura, de escrita e de matemática aplicadas ao cotidiano.

Considera-se analfabeta funcional a pessoa que, mesmo sabendo ler e escrever algo simples, não tem as competências necessárias para satisfazer as demandas do seu dia a dia e viabilizar o seu desenvolvimento pessoal e profissional (INAF-Indicador de Alfabetismo Funcional, 2019).

⁷ IBOPE, Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, a IBOPE Inteligência é uma das maiores empresas privadas de pesquisa de mercado da América Latina.

Em 2018, 29% dos brasileiros maiores de 15 anos eram considerados analfabetos funcionais (OPNE, 2020).

3.4.3 Índice de Riqueza e Pobreza – GINI

Os índices de desigualdade de renda do Brasil, medidos em 2014, podem ser medidos pelo indicador Gini, que aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e os mais ricos. Numericamente, ele varia de zero a um e o valor zero representa a situação de total igualdade, ou seja, todos têm a mesma renda. O valor um está no extremo oposto, isto é, uma só pessoa detém toda a riqueza.

O indicador apresentado é elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), e apresenta valores para o Brasil a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e para os estados e municípios a partir dos dados coletados no Censo Demográfico, também realizado pelo IBGE (Observatório do Plano Nacional de Educação - OPNE, 2020).

Em 2014, o Índice de Gini brasileiro era de 0,518 apresentando queda desde 1998, quando ainda contava com 0,6 pontos.

3.4.4 A questão do gênero na alfabetização

A diferença escolar entre os gêneros no Brasil existe e reflete o que acontece em outros segmentos da sociedade. Neste contexto, de acordo com o INAF (2018), dentre a população brasileira com nenhuma escolaridade, 57% são homens e 43% são mulheres e quando se analisa quem concluiu o nível superior, há uma inversão. 41% são homens e 59% são mulheres, indicando que há uma ocupação feminina dos espaços da escolarização de modo positivo. (TVUNITAU, 2018; INAF, 2018)

Ainda segundo este mesmo levantamento de 2018, 28% das mulheres brasileiras foram consideradas analfabetas funcionais, e mesmo assim 47% do total de mulheres brasileiras disseram estar trabalhando. Dentre as mulheres analfabetas, 36% são donas de casa e dentre as mulheres no nível de alfabetização proficiente, o número cai para 9%. A pesquisa identificou uma correlação entre a escolaridade da mãe e a escolarização dos filhos. Quanto mais a mãe estudou, mais ela se preocupa em também garantir mais anos de escola para seus filhos, embora haja poucas exceções.

Apesar deste cenário que aponta uma maior qualificação feminina em relação a masculina, a proporção de mulheres trabalhando em situações formais, ainda é de minoria.

O 30% dos adultos brasileiros que estão no mercado de trabalho são analfabetos funcionais, conforme o INAF 2018. Isto significa que muitas pessoas, nesta data, eram incapazes de interpretar uma regra, uma instrução necessária para a execução de uma determinada tarefa ou função.

Trabalhadores pouco qualificados têm mais dificuldade de mudar de segmento, mesmo que o mercado ofereça mais oportunidades. Com o

aumento da escolaridade há um aumento da consciência cidadã e do senso crítico. No setor de trabalho doméstico, o número de analfabetos funcionais era de 49% em 2018. (Alfabetismo Brasil | O Mundo do Trabalho, 2018)

3.5 CONCEITUANDO O DESIGN DE INFORMAÇÃO

Para o propósito desta tese, aceita-se a definição de informação oferecida por como sendo o resultado do processamento, manipulação e organização de dados de tal modo que possa adicionar conhecimento para a pessoa que a recebe (Simlinger, 2007). Também se entende que, para criar produtos informacionais de alta qualidade é necessário que a informação a ser projetada faça parte de uma cadeia coesa. Conforme adaptação de Wang e Strong (1996), são atributos de alta qualidade: acessível, apropriado, atrativo, confiável, completo, conciso, sem erros, interpretável, objetivo, relevante, oportuno, seguro, compreensível, valioso.

Se a Era Industrial favoreceu a ascensão do design, a Era da Informação oferece as condições ideais para o design da informação Jacobson (2010, p. 16). A literatura informa que algumas das primeiras definições de design de informação começaram a surgir na década de 1960 (Pettersson, 2018c), embora para Twyman (2003), seja mais sensato afirmar que a prática do design de informação propriamente dita tenha começado há milhares de anos. Para tanto, ele apresenta exemplos de artefatos encontrados no Iraque com caracteres cuneiformes gravados na argila, que datam de 3000 a.C..

Logo, vários autores apresentam definições para o design de informação. Dentre eles, Horn (1999) diz que é a arte e ciência de preparar a informação certa, na hora certa, para a pessoa certa do modo mais eficiente e efetivo possível.

Simlinger (2007) e Pettersson (2010), concordam que o design da informação é a definição, planejamento e formatação do conteúdo de uma mensagem e do ambiente em que ela é apresentada, com a intenção de satisfazer as necessidades informacionais do público-alvo.

Para o IIID – International Institute for Information Design (n.d.; 2014) embora enraizado no design gráfico, o design da informação tem muito em comum com a experiência do usuário, linguagem simples e pesquisa de design.

A esta definição, a SBDI – Sociedade Brasileira de Design da Informação (n.d.) acrescenta que se trata de uma área do design gráfico “que objetiva equacionar aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos que envolvem os sistemas de informação” por meio da “contextualização, planejamento, produção e interface gráfica da informação” sempre considerando o receptor.

O que rege o design da informação são preceitos universais e desprovidos de particularidades linguísticas ou culturais, pois a meta principal de uma comunicação orientada pela mensagem deve ser a transparência do processo. O design está sempre em vias de contribuir com a sociedade ao buscar soluções para os problemas diários dos usuários (Formiga, 2011).

Buscar métodos para avaliar a compreensão das pessoas utilizadoras acerca de questões reais do dia a dia como a locomoção espacial, o uso de um produto ou as advertências de um serviço permitem ao designer a ampliação do escopo e reforça o projeto centrado no humano. Assim sendo, a parte do design da informação que estuda as questões de compreensibilidade das informações levando em consideração símbolos nacionais e internacionais é a ergonomia informacional.

Os princípios do design de informação se originaram nas bases do design gráfico e editorial de tal modo que seu principal objetivo é organizar e apresentar dados, transformando-os em informação com sentido e valor. Não é uma nova vertente para substituir o design gráfico e outras disciplinas visuais, mas que busca oferecer uma estrutura necessária para que elas expressem suas capacidades (Shedroff, 1999).

A resposta e a percepção dos usuários aos símbolos estão condicionadas a questões fisiológicas e psicológicas, conhecidas como fatores ergonômicos (Iida, 2005, p. 297). Sem que o usuário domine o respectivo repertório ou sem que a mensagem seja absolutamente clara tal que a relação com o objeto, ação ou ideia seja feita automática e imediatamente, sem deixar dúvidas, não há garantias da compreensão correta da mensagem transmitida. A mensagem sintática da escrita pictórica é necessária tanto para os designers quanto para os usuários e consumidores de produtos (Formiga, 2012).

Portanto, considerando que o design existe para servir o usuário, e que, neste processo existem vários atores e forças em ação, convém aqui apresentar a definição de Lobach (2001), que de modo simplificado define o design como uma atividade. Para ele, é um processo de comunicação, que enfatiza as relações existentes entre o empresário (fabricante), o projetista (*designer*), o objeto de *design* (produto), o comprador (usuário) e os recursos financeiros.

Entre a etapa de projeção e a execução do objeto é que ocorre o processo de *design* que conecta o produto ao usuário. Já para Burdek (2005) esta etapa pode ser definida como a função indicativa do produto com informações e instruções que precisam ser repassadas ao consumidor de forma clara e detalhada a fim de prevenir acidentes, rejeição da marca ou mesmo a retirada do produto do mercado.

Tanto Lobach (2000) quanto Burdek (2006) referem-se ao design como sendo uma atividade a serviço do usuário e, portanto, deve ser executada com a finalidade de atender suas necessidades com segurança e clareza.

Twyman (2003) introduz novo elemento na discussão, ao mencionar documentos que surgiram após a invenção dos processos de impressão, feitos para durar, comparados com aqueles efêmeros que, ao contrário, são projetados para uma existência curta. Às vezes de um único dia.

Estes efêmeros, como ele os chama, escritos à mão ou impressos feitos de papel ou outros suportes que permitam a impressão, são presença constante na vida diária das cidades, e ainda assim passam quase despercebidos (Twyman, 2003). São de vários tipos e tamanhos, tabelas variadas, alertas de segurança, planilhas, formulários, avisos e

comunicados públicos, decretos, normas e leis, instruções, manuais, plantas de edifícios, rótulos de alimentos, bulas de remédios e outros. Fazem parte da burocracia demandada pelo impacto da indústria, comércio, turismo e pelo crescimento econômico e educacional do final do século XIX.

Para Tufte (1990, p. 10) os princípios do design analítico da informação são universais e não estão vinculados a quaisquer características únicas de idioma ou cultura em particular. Este pensamento é questionável. Pettersson (2018, p. 81) acredita que o designer de informação, precisa considerar o meio, a representação, o contexto, aquele que transmite e aquele que recebe a mensagem. Cada receptor colocará as informações disponíveis em um contexto pessoal mais amplo, expandido. É um processo repleto de subjetividade no qual aspectos culturais e linguísticos podem ser fatores de influência na compreensão final da mensagem.

Embora discordantes, o pensamento dos dois autores é congruente ao afirmar que o objetivo do design da mensagem orientado para a comunicação deve ser sempre a clareza de comunicação. Portanto, o designer ou aquele que envia a mensagem, além de ser capaz de combinar texto e elementos visuais deve considerar fatores diversos de seu público como demográficos, culturais, econômicos, histórico, político, religioso e sociais dando-lhes a mesma importância que irá dispensar aos dados utilizados.

3.5.1 Alguns princípios

No campo do design, embora seja muito arriscada e até ingênua a ideia de se criar regras rígidas, para facilitar o trabalho do designer de informação, Sanders et. all (1986) apresentaram algumas estratégias, dentre as quais:

Modele o comportamento do usuário. Resuma sua compreensão do usuário em um modelo conceitual de comportamento dele. A natureza do modelo pode variar de acordo com a mídia na qual o sistema de informação será representado. O modelo do usuário para um sistema de informação estático será mais simples do que o modelo do usuário para um sistema de informação interativo.

Use metáforas. As pessoas podem aprender novas informações mais rapidamente quando elas são explicadas em termos de algo com que já estão familiarizados. Use uma metáfora central no processo de design para fornecer ao usuário uma estrutura familiar na qual incorporar novos conhecimentos.

Distribua a informação no espaço. Divida todo o sistema de informação em unidades de informação gerenciáveis e significativas. Trabalhe com um ponto de vista global para descobrir ordens superiores de blocos. Trabalhe a partir dos detalhes para descobrir a relação de aninhamento de blocos dentro de blocos.

Ofereça um contexto. Cerque o sistema de informações fragmentado com as informações contextuais necessárias para trazer novos usuários a velocidade no uso do sistema. As informações contextuais costumam ser expressas de maneira mais eficiente no modo visual.

Crie camadas no espaço e no tempo. Se o número de blocos no sistema de informações exceder cinco, coloque os blocos em camadas para evitar a sobrecarga de informações por parte do usuário. Na mídia estática, os pedaços podem ser dispostos em camadas do geral para o específico nas dimensões espaciais. Na mídia dinâmica e interativa, os blocos podem ser dispostos em camadas do geral ao específico na dimensão temporal.

Ofereça o controle ao usuário. Coloque o usuário no controle ou dê a ele a sensação de estar no controle da situação. Para se sentir no controle, o usuário precisa saber onde está agora, onde esteve, para onde pode ir de onde está e como pode chegar lá.

Simplifique o processo de aprendizagem. Para simplificar o processo de aprendizagem, reduza o número de caminhos que o usuário é direcionado a usar. Exponha caminhos alternativos posteriormente no processo de aprendizagem.

Ofereça *feedback*. Espere e aceite os erros do usuário. Eles são inevitáveis. Trate a situação como uma oportunidade de aprendizado em vez de punição.

Apresente consistência. Aplique consistentemente os princípios de apresentação de informações. Mais tarde, Pettersson (2018e) também enumerou cinco princípios para o design da informação e desenvolveu diretrizes para a criação de uma composição efetiva e com configuração eficiente da informação. A ideia do autor era, assim como Sanders et. all. (1986) oferecer recomendações para auxiliar o designer no trato da informação de modo que ela seja adequada para quem é destinada. São eles:

Princípios básicos: a meta maior é a clareza da comunicação e como área do conhecimento, os quatro elementos essenciais são: multidisciplinaridade, multidimensionalidade, casamento entre teoria e prática e ausência de regras rígidas;

Princípios funcionais: inclui as diretrizes para orientar o designer a lidar com a informação eficientemente. Portanto, ele deve primeiro definir o problema para em seguida oferecer estrutura, clareza, simplicidade, ênfase e unidade;

Princípios administrativos: inclui mais quatro itens essenciais a serem relacionados à informação: acesso, custos, ética e garantia de qualidade;

Princípios estéticos: a configuração da informação esteticamente agradável pode ser mais eficiente e efetiva. Para tanto, deve-se considerar a harmonia e a proporção estética dentro de uma forma gráfica;

Princípios cognitivos: inclui quatro princípios do design e estão relacionados à atenção, recepção, memorização, aprendizado e mudança de atitude daquele que recebe a mensagem.

O design da informação, considera o meio com uma mensagem como sendo uma representação. Este meio é chamado comumente de material informativo, composição informativa ou apenas material e serve para nomear uma vasta gama de artefatos dentre os quais panfletos, relatórios, cartazes, manuais e livretos.

Estas representações estão classificadas de acordo com a apresentação da informação ao usuário e, para Pettersson (2018, p. 397) em uma composição destas representações, elas podem ocorrer de três formas:

- 1) leitura de mensagens impressas compostas por palavras e imagens em representações visuais (livros, tela do computador);
- 2) audição de mensagens faladas em meio audiovisual (apresentações orais com slides, programas de TV etc);
- 3) leitura e audição de palavras em uma combinação léxico-visual e audiovisual (apresentações multimídia, sistemas multimídia interativos etc).

Esta tese utiliza a composição representada por meio de mensagens impressas (palavras e imagens).

3.5.2 A linguagem gráfica e a visual

De acordo com Twyman (1996) o elemento gráfico pode ser posicionado dentro do campo da linguagem, considerando-se o modo como a mensagem é recebida ao invés de como é transmitida. Para tanto, esta precisa ser subdividida em dois canais: auditivo e visual. O que interessa a esta pesquisa é, portanto, o segundo canal, que pode ser subdividido em não-gráfico e gráfico.

O gráfico é organizado por Twyman em três subgrupos que podem ser feitos manualmente (escrita) ou mecanicamente (impressão, videotexto):

- 1) verbal; 2) pictórico; 3) esquemático que contém as imagens gráficas que não são nem verbais e nem pictóricas.

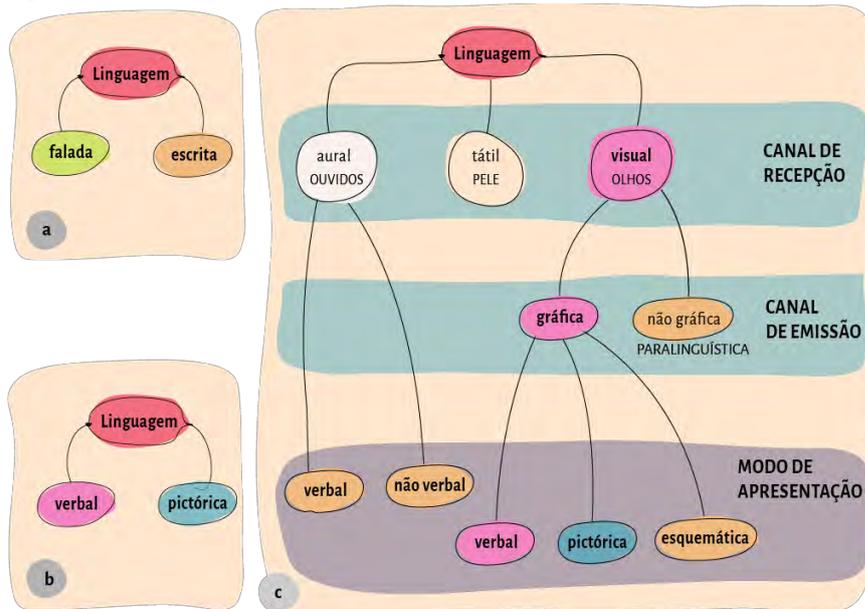
A **Figura 12** apresenta uma adaptação do modelo de Linguagem Gráfica Verbal sugerido por Twyman (1982).

Para o autor, é possível dividir as características da linguagem gráfica verbal em duas partes contendo aspectos que ele chama de intrínsecos e extrínsecos. Os que tratam de elementos definidores da forma única, que lhe atribui particularidades de um conjunto de estilo definido, são os intrínsecos; já os extrínsecos significam as relações entre o elemento e o suporte, sua configuração e organização dentro de um determinado layout, para influenciar a hierarquia da informação apresentada.

Para fins didáticos, Freitas et. all (2014) utiliza o modelo de Twyman (1982) e apresenta a LG - Linguagem Gráfica organizada assim:

- LGV - Linguagem Gráfica Verbal/Numérica (letras e números);
- LGP/LGV - Linguagem Gráfica Pictórica e Verbal/Numérica (letras e números em conjunto com imagens);
- LGP - Linguagem Gráfica Pictórica (imagens);
- LGE - Linguagem Gráfica Esquemática (letras, números, imagens e outras formas gráficas).

Figura 12: Modelo teórico de linguagem visual gráfica proposto por Twyman (1982)



Nota: O modelo foi adaptado pela autora.

Figura 13: Características da Linguagem Gráfica Verbal



Nota: O modelo também foi criado por Twyman (1982) e adaptado pela autora.

Para Dondis (1997), é necessário que o espectador ou usuário seja visualmente alfabetizado para compreender, articular e até produzir com eficácia os componentes que formam qualquer tipo de representação visual. E para Horn (1998), a linguagem gráfica é essencial para expressar determinados fenômenos que são difíceis ou impossíveis por meio da fala ou escrita. Para a eficiência desta comunicação, ele defende que a linguagem visual “requer uma unidade alcançada através da integração de

palavras, imagens e formas” (Horn, 1998). Ambos os autores clamam por uma gramática visual a ser utilizada no processo comunicativo.

A necessidade da existência de uma sintaxe para a linguagem gráfica e visual, também é considerada por vários pesquisadores do design da informação, culminando com a proposta de vários modelos para a análise da configuração dos elementos em diversas composições, geralmente impressas. A comunidade acadêmica conhece e tem explorado com bastante interesse as abordagens de Twyman (1982), Dondis (1997) e Mijksenaar (1997a), que será a seguir apresentada.

3.5.3 Variáveis de apresentação gráfica

Tomando como base as definições gráficas criadas pelo cartógrafo francês Jacques Bertin (1967), o designer holandês Paul Mijksenaar propôs, em 1997, um novo conjunto que ficou conhecido como variáveis de apresentação gráfica (**Quadro 1**). É um sistema flexível o bastante para permitir acréscimo de novos elementos gráfico-sintáticos, desde que seja possível enquadrá-los em uma das três categorias.

Este é composto por três variáveis: 1) diferenciadoras, que classificam os elementos ou unidades sintáticas pela categoria ou tipo (cor, ilustração, largura de coluna e tipo); 2) hierárquicas implicam na importância que os elementos possuem na composição em relação uns com os outros (espaço entrelinhas, posição no layout, posição sequencial) e 3) de suporte, que identificam o uso de ênfase gráfica na composição (área de cor e sombra, linhas e box).

Quadro 1: Variáveis gráficas do modelo de Paul Mijksenaar (1997).

Variáveis	Elementos gráficos
Diferenciadoras Classifica pela categoria	Cores Ilustrações Número ou largura de coluna Tipos (fontes)
Hierárquicas Classifica pela importância hierárquica	Posição do elemento no layout Posição sequencial do elemento Tamanho e peso do tipo Alinhamento
De suporte Acentua, enfatiza, organiza as relações entre ou outros dois tipos (diferenciadoras e hierárquicas)	Box Sombreamento e áreas de cores Linhas Atributos de texto (itálico, negrito)

Fonte: Mijksenaar (1997), adaptado pela autora.

Pode-se começar por dividir as variáveis em duas categorias: hierárquicas que indicam uma diferença de importância, e diferenciadoras que indicam uma diferença no tipo de elemento.

Variáveis hierárquicas podem ser expressas por meio de tamanho e intensidade, e as variáveis diferenciadoras por meio de cor e forma. Além

disso, há elementos visuais de suporte tais como áreas de cor, linhas e caixas, cujo papel é o de acentuar e organizar. Aqui também é possível expressar as diferenças de importância e tipo.

Esta repartição dos dispositivos visuais torna possível analisar previamente os vários elementos envolvidos em um manual de instruções ou de um painel de controle, ou mesmo um folheto ou revista atribuindo-lhes as variáveis adequadas.

3.5.4 Elementos do design de informação para materiais educativos

Dentre a categoria de artefatos informacionais efêmeros citados por Twyman, está um que interessa bastante a esta tese: o manual de instruções. A esta lista, sugere-se acrescentar ainda as etiquetas. Os dois foram pensados para oferecer a informação certa (instruções), para a pessoa certa (usuário), pelo indeterminado tempo de vida do produto, caracterizando assim sua natureza efêmera.

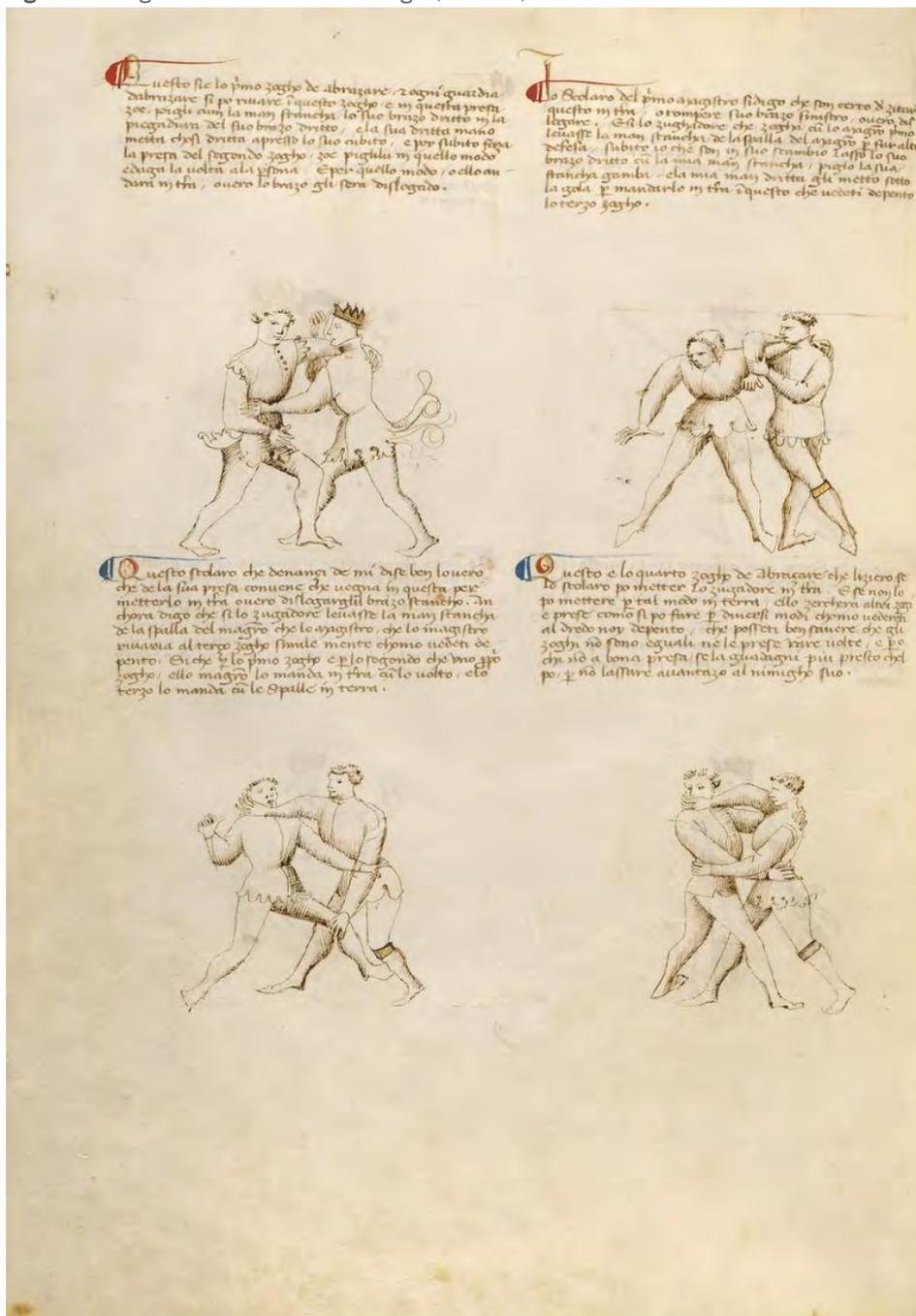
Oferecer instruções às pessoas não é exatamente uma invenção recente. Na Idade Média, por exemplo, Mijksenaar (1997b) cita os diagramas e desenhos realistas utilizados para ensinamento e formação. Por meio de palavras e imagens, um então famoso esgrimista do século XV Fiore Furlan dei Liberi da Premariacco, ensinava técnicas de luta corpo a corpo, combate individual a pé com espada, punhal e machado além de combate montado (

Figura 14).

No século XVI, durante a Guerra Civil Inglesa, um outro folheto (**Figura 15**) destinado aos combatentes utilizava desenhos organizados em sequência de quadros. Passo a passo, com ilustrações e pouco texto instrucional, ensinava a forma correta de segurar e manobrar o mosquete para evitar acidentes fatais.

A Revolução Industrial, ao inserir novas e complicadas máquinas nos lares das famílias burguesas, fez surgir, por exemplo, a necessidade dos manuais de uso. Foi assim com a máquina de costura Singer K12 (**Figura 16**), que apareceu no mercado britânico no ano de 1865 e permaneceu em produção por quase 40 anos, até a virada do século XX.

No início do século XIX as instruções eram as mais realistas possíveis. Assim como fizera Leonardo da Vinci, havia sempre uma boa imagem representando o produto e um número que apresentava cada parte e fornecia a descrição para cada detalhe (**Figura 17**). O mesmo método continua sendo aplicado ainda hoje (**Figura 18**).

Figura 14: Página do livro *Il Fior di Battaglia*, italiano, cerca de 1410.

Nota: O livro é repleto de ilustrações detalhando os movimentos chave com textos de apoio. Nesta página vê-se o passo a passo de um combate desarmado. Fonte: [https://wiktenauer.com/wiki/Fior_di_Battaglia_\(MS_Ludwig_XV_13\)#/media/File:MS_Ludwig_XV_13_08r.jpg](https://wiktenauer.com/wiki/Fior_di_Battaglia_(MS_Ludwig_XV_13)#/media/File:MS_Ludwig_XV_13_08r.jpg); acesso em 12-mai-2021.

Figura 15: Manual do século XVII destinado a soldados da Guerra Civil Inglesa



Nota: Nesta página, o autor mostra o passo a passo para manusear o mosquete e evitar acidentes fatais (1597).

Fonte: Mansell Collection, scanned from A History of Warfare by John Keegan.

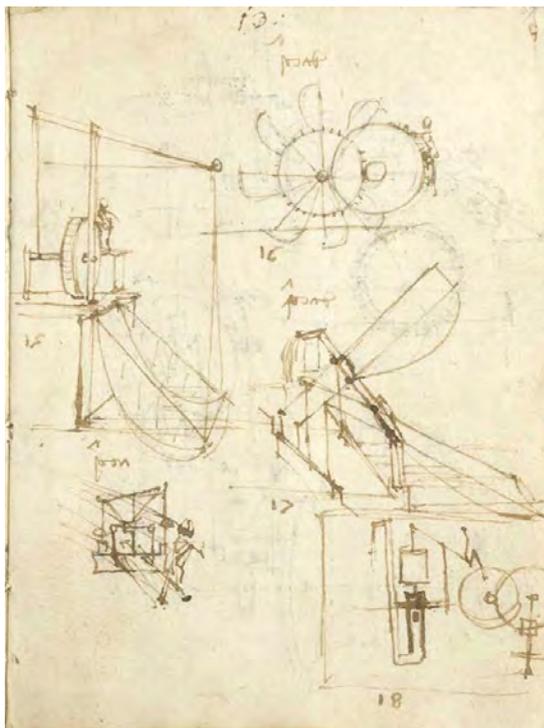
Figura 16: Capa do manual de uso da máquina de costura Singer K12



Nota: Máquina lançada em 1967, no Reino Unido.

Fonte: Singer (2020)

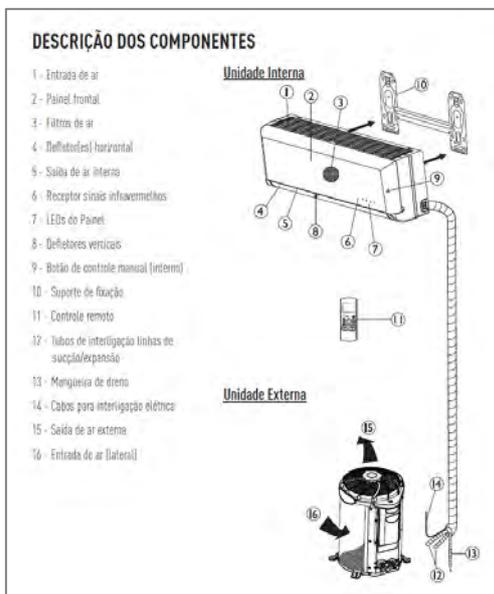
Figura 17: Esquema instrucional de Leonardo Da Vinci



Nota: Os desenhos de dispositivos encontrados no caderno Codex Forster II (página 10 verso), Leonardo da Vinci, meados do Século XVI, Itália. Os números estão associados a instruções para fabricação, montagem e uso.

Fonte: <https://www.thisiscolossal.com/wp-content/uploads/2018/09/daVinciSpread1.jpg>.

Figura 18: Esquema instrucional de uso de ar condicionado



Nota: No detalhe deste manual de instruções de instalação de ar condicionado, utilizando sistema criado por Da Vinci.

Fonte: Acervo da autora, 2017

Depois do século XV, a linguagem visual pouco evoluiu no trato da informação de tal modo que os manuais impressos de hoje e sua versão digital, nem sempre são capazes de comunicar as instruções de forma eficiente, por vários motivos, sendo a cultura um dos mais evidentes (Mijksenaar & Westendorp, 1999). Ela vai interferir na interpretação e compreensão das instruções.

Uma abordagem acerca de como designers podem, por meio da visualização, auxiliar as pessoas a compreender a mensagem que desejam transmitir, é utilizando alguns princípios ao criar representações e gráficos.

3.5.4.1 O projeto gráfico

O planejamento gráfico ou o projeto gráfico de uma publicação é a etapa do processo editorial que prevê uma repetição de procedimentos, pressupõe variação, ritmo e registra as possibilidades de forma documentada. A recorrência dos mesmos formatos gráficos colabora para a construção de uma identidade editorial, mas também pode incorrer numa certa monotonia. É necessário que ele informe sobre o contexto, mas, ao mesmo tempo, surpreenda com uma nova experiência estética (Hermes, 2008).

Um projeto gráfico ou visual faz parte das atividades de planejamento da linguagem visual. Consiste basicamente na organização e no planejamento da publicação nos seus mínimos detalhes. É um processo de produção impressa ou digital que pode ser periódica ou em série (revistas, jornais etc.) ou de edição única (site, folder, livro etc.).

Trata-se da criação de diferentes formatos e volumes com alguns contendo extensas áreas de texto e imagens, necessitando de planejamento e criação de um sistema capaz de manipular as diferentes variáveis que podem se expandir para além dos aspectos básicos da composição (Samara, 2012, p. 64). É um plano que determina os aspectos técnicos e gráfico-visuais, que vão surgir a partir da composição visual do conteúdo (diagramação e layout) e do processo de produção (impresso ou digital) e acabamento final (Castro & Perassi, 2018, p. 17). Este sistema visual vai impactar na organização e consistência da publicação.

É preciso ter informações claras sobre os vários aspectos do trabalho a ser feito, como o perfil sociocultural do público bem como o orçamento disponível para que se possa criar dentro de determinados padrões. Um impresso com um bom orçamento permite encartes especiais, com tamanhos diferenciados e um maior número de páginas majestosamente diagramadas com margens abundantes. Já um pequeno valor destinado a cobrir todas as despesas de impressão e tiragem, podem comprometer o trabalho de criação, mas não a qualidade gráfica.

3.5.4.2 O formato

Uma das primeiras informações que se deve obter acerca de uma publicação é seu formato. É naturalmente através da definição do espaço físico a ser impresso que o designer vai começar a pensar a distribuição visual dos elementos da página (Ambrose & Harris, 2010; White, 1984). É o formato que vai definir as divisões espaciais ou o grid, para organizar a informação de maneira a comunicar adequadamente a mensagem a ser transmitida.

3.5.4.3 Tipo de texto: história em quadrinhos (HQ)

Dentre os tipos de texto mais conhecidos, interessam a esta tese o narrativo, o descritivo e o injutivo. O gênero narrativo gráfico, ao qual pertencem as histórias em quadrinhos (HQ⁸), no Brasil, tem sido usado em sala de aula para alfabetizar crianças e adultos (Busarello et al., 2015; Ramos et al., n.d.), no ensino superior (Meis et al., 1998a), mas também em várias campanhas educativas governamentais da área da saúde (Freitas et al., 2014).

Vários autores apresentam definições para as histórias em quadrinhos e chegam mesmo a criar sub gêneros. Eisner (Eisner, 2000a) difere quadrinhos de narrativa gráfica. Para ele, a narrativa gráfica é uma descrição genérica para qualquer narração que use imagens para transmitir ideias. Já quadrinhos são organizados conforme disposição impressa de arte e balões em sequência, particularmente como acontece nas revistas em quadrinhos. McCloud (1995) complementa que as histórias em quadrinhos são imagens pictóricas e justapostas em sequência deliberada, para transmitir informação e/ou a produzir uma resposta no espectador.

Pesquisadores que estudam os elementos da linguagem dos quadrinhos, engrossam a discussão. Por um lado, Gurben (1979, apud Pessoa, 2016, p. 35) define histórias em quadrinhos como uma estrutura narrativa formada pela sequência progressiva de pictogramas nos quais podem integrar-se elementos de escrita fonética. Por outro, Cagnin (1975, p. 25) vai dizer que a história em quadrinhos é um sistema narrativo formado por dois códigos de signos gráficos: a imagem, obtida pelo desenho; e a linguagem escrita. Franco (2001, p. 25) parece concordar com Cagnin ao afirmar que é a união entre texto, imagem e narrativa visual, formando um conjunto único e uma linguagem sofisticada com possibilidades expressivas ilimitadas que vai caracterizar a história em quadrinhos. Em se tratando de códigos narrativos, Vergueiro e Santos (2012) finalizam que elas são um sistema em constante interação; o visual e o verbal. Ambos atuam em sintonia dentro da trama criada de modo que um reforça e sustenta o outro com a função de tornar a mensagem eficiente e clara.

Para esta tese, entende-se a história em quadrinhos como um meio de comunicação de massa (Pessoa, 2016) baseado em uma narrativa gráfica que faz uso da linguagem verbal com a gráfica, no balão de fala, de modo sequencial, para estabelecer um discurso e transmitir uma mensagem de modo rápido e eficiente.

Na década de 1970, a televisão ainda não era tão popular nos lares brasileiros. Outras tecnologias que hoje são usadas para entretenimento pessoal, como o computador pessoal, internet e vídeo games ainda não existiam e as crianças e jovens de 1980 utilizaram bastante as histórias em quadrinhos para passar o tempo.

Acredita-se, no Brasil, foram as mais gerações mais influenciadas pelo gênero (Meis et al., 1998b). Enquanto na Europa os quadrinhos eram

⁸ No Brasil chama-se de HQ, História em Quadrinhos, quadrinhos ou gibis. Em países de língua inglesa, recebem a denominação de comics. Na França e Bélgica, são as bande dessinée (tiras desenhadas). Em Portugal, bandas desenhadas, e bandas deseñadas, na Espanha. Na Itália de fumetti e nos demais países sul-americanos são conhecidas por historieta. No Japão, são conhecidas por mangás.

utilizados para propagar filosofias desde a década de 1960, o Brasil vivia em regime ditatorial militar (1964-1985), cuja censura cerceava toda produção literária, os quadrinhos sofriam ainda o preconceito de serem literatura de marginais e a poeira da queima ocorrida em 1950 ainda pairava no ar (Ghirotti, 2017, p. 56). Ainda assim, as vendas nas bancas nacionais eram promissoras.

Andraus (1998a) lembra que a procura por títulos nacionais e estrangeiros de revistas infantis como a turma da Mônica, os personagens de Walt Disney; Luluzinha e Bolinha, de Marge; Gasparzinho e seus amigos: Brasinha, Luísa, da editora Harvey; Mortadelo e Salaminho do espanhol F. Ibañez etc.); infanto-juvenis como Recruta Zero, de Mort Walker, Lucky Lucke e Asterix do roteirista Goscinny; Hagar, o horrível, de Dick Browne; super-heróis das editoras Marvel e DC etc; e para os adultos, as revistas O Bicho, O Grilo, Patota, Krypta, ou então o humor de tiras como Peanuts, de Schulz, Zé do boné de Reg Smithe, Ferdinando de Al Capp, além de outros.

Embora com o sucesso de vendas, as histórias em quadrinhos ainda eram mal vistas no sistema educacional. Na década de 1990 começam a surgir registros de iniciativas que geraram algum impacto nos resultados educacionais brasileiros, principalmente no sistema público de ensino (Setubal e Rebouças, 2000). No ano de 2006, o Ministério da Educação do Brasil, reconhece e recomenda o uso de HQ, mas apenas para o ensino de Arte (Silva e Costa, 2011). Mesmo assim, a partir de 1989, já é possível encontrar exemplares de livros didáticos utilizando tirinhas como recurso adicional de aprendizagem, para adultos e crianças. Interessante observar que os assuntos abordados eram também variados: matemática, português, biologia, física, história etc.

Silva e Costa (2011) acreditam que isto só ocorreu por conta da popularidade do gênero. Aos poucos, os acadêmicos tiveram que pensar e repensar criticamente as figuras, o que dizem e como dizem e considerar que podiam sim, ser uma forma lúdica, prazerosa e comunicacional de se trabalhar, no processo ensino-aprendizagem.

Este tipo de literatura é definida como uma narrativa gráfica em forma de arte sequencial que pode ou não usar textos, em balões ou em legendas (Eisner, 2000b). Sua importância como veículo de comunicação é reconhecida, como direta e de fácil compreensão e, quando comparada, por exemplo ao livro didático que apresenta o mesmo conteúdo por vários anos se destaca por facilitar a mudança de temas a cada edição (Lisbôa, 2008).

É comum na história em quadrinhos o uso de imagens não abstratas. Este recurso é bastante atrativo para a educação, pois tende a facilitar sua compreensão imediata, por qualquer pessoa (Guimarães, 2001).

O autor também defende que este tipo de narrativa, pode ser feito apenas com desenhos, sem o suporte verbal do texto e, assim, ser compreendido em qualquer idioma, caso a referência seja culturalmente apropriada ao público alvo. Ainda há que se considerar que a interpretação das imagens não é tão simples como ele apresenta (Arnheim, 1980; Donis A. Dondis, 1997; Wileman, 1993), pois é um processo cheio de nuances culturais, psicológicas e que divergem de produtor para quem consome. Logo, mesmo

que haja uma necessidade de identidade de bases culturais entre o autor e o leitor da HQ, nela ainda é menos complexa do que no texto escrito.

São elementos comuns nos quadrinhos:

- balões de variados tipos e formas que servem de suporte para os diálogos dos personagens ou suas ideias;
- elementos básicos de narrativa como personagens, enredo, lugar, tempo e desfecho;
- sequência de imagens que criam uma cena.

Embora sejam dinâmicas e até de fácil compreensão e aceitação, ainda assim, produzir um livro apenas com quadrinhos (McCloud, 1995) é uma prática que tem prós e contras. Entre as vantagens, está o diferencial que pode ser utilizado para divulgação, já que não é tão comum. Pelo menos não era até a década de 1990 (Guimarães, 2001). Caso todos os quadros sejam utilizados para auxiliar a compreensão dos conceitos, pode ser uma vantagem, mas é algo bem difícil de se alcançar.

O mais provável é que, como aconteceu com o livro de McCloud (1995), em muitas partes, os desenhos não tragam nenhuma informação significativa, e as informações importantes ficam concentradas quase unicamente nos textos escritos nos balões. Neste caso, o conteúdo teria sido apresentado mais eficientemente se fossem usados alternadamente histórias em quadrinhos e textos escritos, completa Guimarães (2001).

3.5.4.4 Uso de HQ em materiais didáticos

Pela união natural entre imagem e texto, expressão visual e escrita, há nas HQs um potencial didático muito explorado desde seu surgimento. Serviu e como linguagem para elaborar manuais e cartilhas para diversas finalidades.

Durante a Segunda Guerra Mundial, um dos grandes nomes dos quadrinhos, Will Eisner prestou serviço ao exército americano criando diversos manuais didáticos em formato de quadrinhos para as tropas. Manuais de rifles, como do M16A1 (Eisner, 1969), publicado até os anos 1970 (**Figura 20**) e até de descarga e montagem de ogivas.

No Brasil, desde os anos 2000, campanhas governamentais de combates a doenças como a Aids, Dengue e Zica geralmente usaram o formato (Freitas et al., 2014).

Uma das principais características destes trabalhos é a objetividade da mensagem e a praticidade para criar esquemas que auxiliam o entendimento rápido e eficiente para o leitor (E. S. Franco & Franco, 2001). Utilizando uma combinação de texto dissertativo, narrativo e injuntivo, por meio da combinação de quadros, balões e recursos típicos dos quadrinhos

Figura 19: Exemplos de balões de fala retirados de HQs da Turma da Mônica.

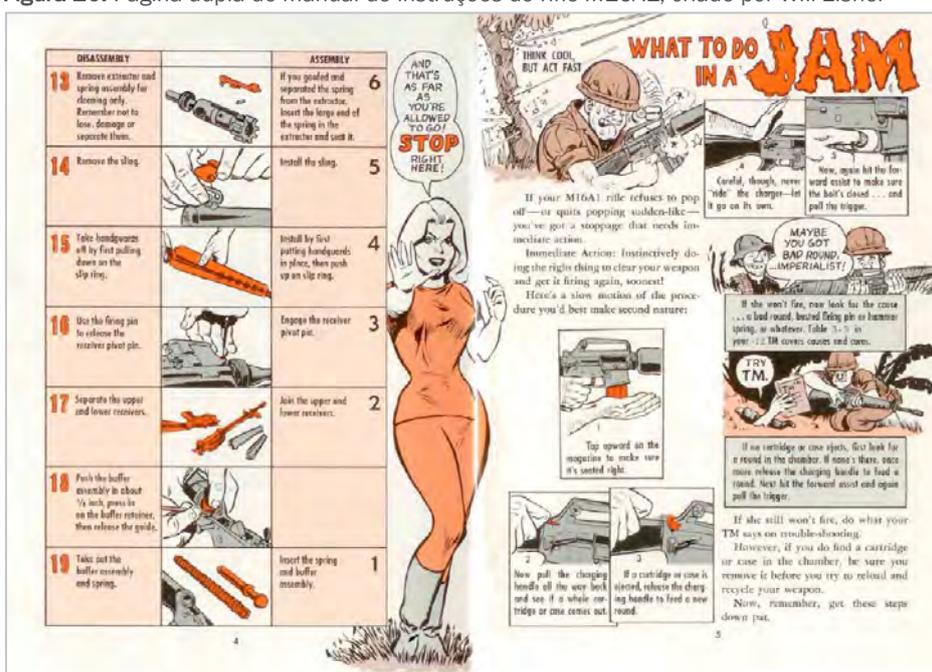


Fonte: Souza (1993).

é possível se criar um material atrativo sobre diversos temas, para diversos públicos.

Eisner (2000a, p. 144), classifica ainda as HQs em dois grupos distintos: para educar e para divertir. Segundo ele, há dois tipos de quadrinhos instrucionais: os técnicos e os atitudinais. Os técnicos possuem uma sequência lógica e o que importa é que o leitor compreenda o procedimento para que possa executá-lo como pretendido. Assim, ele considera que a exposição mais bem-sucedida de um procedimento é aquela que é mostrada da perspectiva do leitor. Então, ele recomenda que a disposição dos painéis, a posição dos balões e /s ou o texto explicativo seja organizado com cuidado no layout da página, de modo a envolver o leitor. Feito corretamente, esses elementos devem se combinar para fornecer ao leitor uma familiaridade nascida da experiência que a arte sequencial é tão boa em fornecer (Eisner, 2000b).

Figura 20: Página dupla do manual de instruções do rifle M16A1, criado por Will Eisner



Fonte: Eisner (1969)

O outro tipo de instrução, a atitudinal, deve condicionar uma atitude do leitor em relação a uma determinada tarefa. A relação ou a identificação evocada pela atuação ou dramatização em uma sequência de imagens é em si instrutiva. Para Eisner (2000, p. 145), as pessoas tendem a aprender por imitação e o leitor, neste caso, pode facilmente fornecer a ação intermediária ou de conexão a partir de sua própria experiência.

Mais uma vantagem de utilizar HQs para manuais instrucionais, para Eisner (2000) está na liberdade que a ilustração oferece, permitindo a ampla generalização dos mais variados temas, dentro da obra de arte ao criar, por exemplo, exagero. Isto, segundo ele, é uma vantagem da ilustração sobre a fotografia e pode oferecer ao leitor um ponto de atração mais claro, a ponto de influenciá-lo.

3.5.5 Teste de compreensão

As normas ISO são revisadas a cada cinco anos para revalidação e renovação. Em se tratando de símbolos gráficos, testes de compreensibilidade são aplicados aos referentes existentes e abertos a uma chamada pública. Conforme (Brugger, 2006) existem várias etapas preparatórias para elaboração de um teste desta natureza, definidos na ISO 9186 (2014). Os passos a seguir se referem a símbolos de sinalização rodoviária de uso globalizado.

Para realização de teste de compreensão de símbolo gráfico, Brugger (2006) recomenda a organização das imagens em séries que devem ser individualmente submetidas a um mínimo de 50 respondentes.

Estes devem ser representativos da população em termos de idade, sexo e grau de instrução e aquelas com algum problema grave de visão (sem correção), não devem participar.

As variantes para o mesmo referente devem ser todas impressas na mesma folha (A4) e o conjunto deve ser agrupada em um bloco, conter uma capa e na última folha solicitar informações sociodemográficas (sexo, idade, grau de instrução, profissão).

3.5.6 Princípios do design de informação para manuais de instrução

Todos os conjuntos de informações, ou materiais de informação, devem ser claros e legíveis, e também devem valer a oferecer algum valor de leitura de modo a justificar o esforço a ser despendido por seu público-alvo. O ganho deve ser percebido.

O designer de informação precisa entender que o processo de comunicação só está completo quando os destinatários pretendidos entendam as mensagens. Neste sentido, Pettersson (2002) apresenta 4 princípios do design de informação que devem ser levados em consideração pelo designer e sua equipe de projeto, desde o momento em que a encomenda ocorre até a entrega final do produto.

Quadro 2: Síntese dos princípios do design de informação, conforme organização de Pettersson (2002)

Funcionais	Administrativos	Estéticos	Cognitivos
Definir o Problema, Fornecer estrutura, clareza, simplicidade, ênfase e unidade.	Acesso à informação, custos da informação, ética da informação e segurança da qualidade.	harmonia, proporção e uma forma gráfica “transparente”.	Facilitar a atenção, a percepção, o processamento e a memória.

Fonte: Adaptado pela autora.

Estes princípios serão utilizados mais à frente na elaboração e construção da solução proposta por esta tese.

3.6 MATERIAIS EDUCATIVOS

No Brasil, os materiais educativos impressos são comumente chamados de MEIs – Materiais Educativos Impressos e muito utilizados pelos profissionais e pesquisadores de saúde como instrumentos de informação e reeducação de pacientes acerca de doenças crônicas (Organização Mundial da Saúde - OMS, 2016) ou para sensibilização em casos de grandes crises de saúde pública (C. C. Doak et al., 1996d). Também há uma certa familiaridade entre o público feminino com este tipo de impresso, por conta de inúmeras campanhas nacionais que buscaram utilizá-lo como ferramenta de promoção da imagem da mulher, no combate à exploração sexual, à violência doméstica, à discriminação no mundo do trabalho e às doenças sexualmente transmissíveis (Reberte, 2008a).

No Brasil, os recursos educacionais têm sido bastante populares, a partir da década de 1980. Conhecidos ainda como materiais educativos, foram abordados e testados nas áreas da saúde e educação (Freitas, 2019; Pimenta et al., 2000). Muito mais do que um mero suporte para armazenar informação, o material educativo é considerado um facilitador da experiência de aprendizado. Num determinado contexto pode ainda ser facilitador ou ferramenta de apoio para desenvolver experiência de aprendizado que promova mudança e enriquecimento de algum modo (Kaplún, 2003).

Sua natureza versátil e dinâmica, oferece um vasto leque de possibilidades para aqueles que desejarem utilizá-los. Desde as mais simples abordagens, impressas e baratas até as mais sofisticadas, mais tecnológicas e caras. Podem ser de diversos tipos e suportes como os web site, jogos e materiais de divulgação impressos: cartazes, cartilhas, folders, panfletos, livretos, artigos etc. Monteiro e Vargas (2006) explicam que, no caso da saúde, estes recursos são considerados educativos, por auxiliarem na mediação entre os profissionais e a população no espaço da prestação do serviço. A esta tese interessa o tipo impresso, de baixo custo, para públicos com pouca experiência de leitura.

Materiais educativos, são projetos de design instrucional que podem ser criados para oferecer cursos, instruções e suporte com a intenção de educar o leitor, com o propósito de transformá-lo acerca de seu comportamento (Pettersson, 2015, p. 41).

Conforme demonstrado por Pettersson (2015) o termo design instrucional, porém, ao que parece, foi citado pela primeira vez por Gagné e Briggs, em 1974 e de lá pra cá há várias definições em constante evolução. Uma das que interessam a esta investigação, afirma que é a área do design que sistematiza o ensino, planeja e desenvolve por meio de métodos e técnicas, atividades, materiais, eventos e produtos educacionais em situações didáticas específicas, para facilitar a aprendizagem humana (A. Filatro, 2008; A. C. Filatro & Piconez, 2008). Para que isto aconteça, é necessária uma combinação entre os princípios de aprendizagem e de instrução. Outra definição que também nos interessa, vem de Wileman (1993, p. 112). Ele afirma que o design instrucional é o processo de planejar conteúdos educativos com base nos objetivos de aprendizagem.

Dentro da perspectiva de educar, estes materiais ou recursos, são criados com o objetivo de atrair o leitor ou usuário que procura uma informação, de modo a transmitir uma mensagem de modo eficiente e rápido. São materiais não fictícios que o designer de informação deve projetar por meio de um layout simples, impactante e direto ao mesmo tempo que deve ser esteticamente agradável.

A mensagem a ser transmitida deve ser graficamente agradável, legível e valiosa para seu público. Este, aliás, um dos principais objetivos do design gráfico. Ao criar um material educativo de alta performance, o designer gráfico deve ter como principal objetivo que todos os seus leitores sejam capazes de ler o texto e identificar as imagens, sem dificuldade (Pettersson, 2015, p. 33).

A comunicação visual aplicada na criação dos materiais educativos impressos, harmoniza textos, imagens e formas para transmitir uma determinada mensagem, para um determinado público em um determinado contexto.

Leonardo da Vinci, que dispensa apresentações, foi um dos primeiros a utilizar a visualização e a palavra para o registro de suas observações sobre o mundo natural, e para detalhar suas invenções didaticamente, de modo que lendo suas anotações, qualquer um pudesse fazer a montagem e reprodução (Lima et al., 2010; Silva & Paschoarelli, 2010, p. 13). Seus cadernos são verdadeiros manuais de instruções e podem ser considerados materiais educativos.

Tufte (1999, p. 120) fala sobre Galileo, que também tinha o hábito de fazer anotações e ilustrações, costumava substituir palavras por desenhos, no meio do texto. Acredita-se que, para ganhar tempo (**Figura 21**).

O design de manuais de uso e instrução merece um estudo à parte, ao qual esta tese não pode aprofundar. Assim, dado o objeto de estudo (etiquetas têxteis de cuidados e manutenção das roupas), para o escopo desta investigação, considera-se os materiais educativos impressos do tipo livreto e cartilha.

A cartilha é considerada como um material que expõe de forma leve e dinâmica um conteúdo. Ela deve apresentar texto, imagens e/ou ilustrações coloridas. Pode conter jogos, passatempos, quadrinhos e outros recursos visuais. Sua extensão deve ser curta: 14 páginas ao máximo, incluindo elementos pós-textuais (Giordani, 2020). É comum ser chamada também de guia.

Considera-se aqui a definição de livreto, como sendo um manual com instruções e ensinamentos, uma variação da cartilha, mas com um número maior de páginas.

Nestes materiais educativos, deve-se ter especial cuidado com os elementos do design gráfico. Tipografia, ilustrações, formas, margens, tamanho da página e cores podem desencadear emoções que irão atrair ou repelir o leitor. Todos os detalhes são significativos e a transmissão rápida e eficiente da mensagem é o objetivo maior.

de que o leitor não esteja obtendo os benefícios da informação por conta de suas limitações de alfabetização que pode impactar na sua habilidade de compreender corretamente o que está escrito. Assim sendo, materiais impressos podem ser usados para complementar ou reforçar a transmissão verbal da mensagem principal (Hoffmann & Worrall, 2004; Okuhara et al., 2017).

Pensando na otimização da leitura, a comunicação escrita pode ocorrer em diferentes formatos impressos, como as revistas, livretos e cartilhas com um conteúdo resumido e objetivo destinado às pessoas que não possuem o hábito de leituras densas ou que apresentam dificuldades para ler (Szwajcer et al., 2009).

Por meio de um material impresso, bem planejado e escrito, pode-se entregar uma informação para ser facilmente compreendida por um determinado público-alvo. Uma informação de fácil entendimento melhora o conhecimento e a satisfação do leitor e pode ajudar a desenvolver suas atitudes e habilidades, facilitando sua autonomia para execução de tarefas e solução de problemas (Moreira et al., 2003)

Moreira et al. (2003) consideram ainda que o material escrito tem tripla função: de reforçar as informações e discussões orais, de servir como guia de orientações para casos de dúvidas posteriores e auxiliar nas tomadas de decisões.

Para a eficácia da comunicação com a população de trabalhadores adultos, há que se levar em conta as características da mídia impressa, as limitações do público-alvo e suas particularidades de leitura. Muitos adultos, que têm dificuldade para ler e entender um material escrito, sentem-se desencorajados para continuar a leitura, podendo-se inferir que tal dificuldade também se aplica às possíveis ações propostas no texto. (Bailey, 2019; Freitas, 2019; Sangsawang, 2015)

Para a criação de materiais impressos com fins educativos, diferentes autores defendem métodos de design gráfico iterativos, não lineares, com ênfase na informação, no planejamento e na execução que envolva o usuário e que passe sempre pela validação de especialistas na área do conteúdo (Frascara & Ruecker, 2007). Já Bailey (2019) acredita que os designers devem fazer parte de equipes multidisciplinares responsáveis pela elaboração de materiais educativos e instrucionais pois são os profissionais que focam nos princípios fundamentais do design. Profissionais de áreas paralelas ao tema principal em desenvolvimento também são bem vindas (Oliveira, 2014a). Todos os autores parecem concordar que envolver o futuro leitor para o qual o material educativo se destina é a melhor forma de garantir que a solução será eficaz (Galdino, 2014; Mont'Alvão et al., 2015; Pereira et al., 2015; REBERTE, Luciana Magnoni; HOGA, 2008; Sabino, 2016).

Estudos apontam as vantagens de publicações impressas para a educação de pessoas com baixo grau de instrução, principalmente adultos que precisam de alguma informação importante na área da saúde (Borges & Pinheiro, 2002; Sabino, 2016).

Outros estudos na área do design buscam apontar métodos e modelos para desenvolver soluções de design gráfico para comunicar mensagens. Para Smith e Ragan (2005, p. 8) o modelo do design para instruções deveria ter apenas três etapas: análise, estratégia e avaliação. Shadrin (1992, p. 29 apud Pettersson, 2018e, p. 12) apresenta o modelo de solução de problemas de design baseado em sete etapas: problematização, função do design, referências, comunicação, habilidades, tecnologias e avaliação. Roozemburg e Eekls (1995, apud Pettersson, 2018d, p. 14) apresentam um outro processo de eliminação de erros por etapas, começando na problematização, passando pela geração de alternativas preliminares até a entrega e aceitação da versão final do design.

3.7 QUESTÃO DE LER, ENTENDER E APLICAR O CONHECIMENTO

Esta tese não tem o propósito de ser um tratado sobre alfabetização de adultos, mas, por tratar de questões relacionadas à aprendizagem, alguns conceitos aqui utilizados precisam ser estabelecidos.

Analfabetismo corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases, ainda que uma parcela destes consiga ler números familiares (números de telefone, preços, etc.). Logo, pode ocorrer em diferentes níveis.

Conforme as definições do INAF⁹ (INAF-Indicador de Alfabetismo Funcional, 2019):

1. Nível rudimentar: corresponde à capacidade de localizar uma informação explícita em textos curtos e familiares (como, por exemplo, um anúncio ou pequena carta), ler e escrever números usuais e realizar operações simples, como manusear dinheiro para o pagamento de pequenas quantias ou fazer medidas de comprimento usando a fita métrica.

2. Nível básico: as pessoas classificadas neste nível podem ser consideradas funcionalmente alfabetizadas, pois já leem e compreendem textos de média extensão, localizam informações mesmo que seja necessário realizar pequenas inferências, leem números na casa dos milhões, resolvem problemas envolvendo uma sequência simples de operações e têm noção de proporcionalidade. Mostram, no entanto, limitações quando as operações requeridas envolvem maior número de elementos, etapas ou relações.

3. Nível pleno: classificadas neste nível estão as pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais: leem textos mais longos, analisando e relacionando suas partes, comparam e avaliam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e sínteses. Quanto à matemática, resolvem problemas que exigem maior planejamento e controle, envolvendo percentuais, proporções e cálculo de área, além de interpretar tabelas de dupla entrada, mapas e gráficos. (INAF, s.d.)

⁹ INAF – Indicador de Alfabetismo Funcional, é uma pesquisa idealizada no Brasil, em parceria entre o Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa, executada com o apoio da empresa IBOPE Inteligência e coordenada pela consultoria Conhecimento Social. Não é uma ação do governo brasileiro.

Analfabetismo funcional, outro conceito muito importante para este estudo, entende-se que é a ausência da capacidade de utilizar de forma prática, no cotidiano, o sistema de representação da língua adquirida (Schwartz, 2018).

Quanto ao letramento entende-se como a capacidade de interpretação de diferentes gêneros de texto. É o convívio com a linguagem escrita. Segundo Magda Soares, é uma tentativa de traduzir o termo em inglês *literacy*, que, numa tradução grosseira, significa a qualidade de quem é letrado. É a incorporação funcional das capacidades a que conduz o aprender a ler e escrever. Entretanto, saber ler e escrever não é suficiente, é necessário compreender (Carvalho, 2020).

Uma pessoa que sabe ler e escrever, é alfabetizada. Já uma pessoa letrada sabe usar a leitura e a escrita de acordo com as necessidades sociais (Albuquerque, 2007). O letramento torna o indivíduo preparado para organizar discursos, interpretar e compreender textos e a refletir sobre eles.

A maioria das pessoas com baixo grau de alfabetização e letramento apresenta dificuldades de leitura e não consegue obter informações suficientes para executar tarefas contidas em instruções (C. Doak et al., 1996). Portanto, os autores defendem que, além das palavras, ilustrações e figuras sejam utilizadas em manuais e outros materiais instrucionais para estimular e auxiliar a compreensão destes leitores menos experientes.

No Brasil, ao se falar de educação de adultos, quase sempre se fala em Paulo Freire. Sua pedagogia problematizadora e libertadora mostra que se faz necessária uma “educação como prática da liberdade, já que quanto mais se problematizam os/as educandos/as como seres no mundo, mais se sentirão desafiados/as e responderão de forma positiva” (Freire, 1987, p. 38). Esta abordagem é oposta a uma educação que ele chama de bancária, domesticadora, que apenas “deposita” os conteúdos para serem memorizados (Reis et al., 2021, p. 8).

O método de Freire transformou a visão que se tinha do adulto não alfabetizado. As técnicas que ele propôs foram elaboradas considerando suas reflexões sobre como o adulto assimila o conhecimento, partindo da sua premissa de que ninguém educa ninguém, que não se aprende sozinho, mas que aprendemos com o mundo. Em sua última obra, o educador diz que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 2002, p. 38).

Defensor do saber popular e da conscientização para a participação, Paulo Freire inspirou e ainda inspira muitos movimentos sociais que lutam em busca da equidade social.

Algumas teorias da educação de adultos (Bruner, Bradford, Coleman e Knowles as cited in C. C. Doak et al., 1996c, p. 25) explicam que, diferente das crianças, homens e mulheres são objetivos quando se trata de ler. Dentre estes teóricos vale ressaltar a influência declarada de Paulo Freire, como em Malcom Knowles, considerado o pai da Andragogia (Malcom, 1973, p. 72).

Percebe-se uma ligação entre as ideias dos dois educadores, pois ambos colocam o adulto como agente principal do seu próprio saber e na

constatação de que a principal preocupação dos adultos é resolver e gerenciar seus próprios problemas (Malcom, 1973, p. 36). Eles, os adultos, se importam com a realização pessoal e precisam de participação ativa e tendem a se interessar apenas por fatos úteis para si. Saber ler o nome do ônibus, escrever uma carta, preencher uma ficha de emprego, ir a um lugar com endereço, ler a Bíblia, são alguns exemplos de razões dadas para aprender a ler e escrever, por adultos participantes de um estudo, no Brasil, conduzido por Schwartz (2001, 2003, 2004, 2005).

Logo, os autores destas teorias citadas, recomendam que os materiais educativos para este público sejam intervenções destinadas a solucionar um problema por vez, evitando abordar outros tópicos simultaneamente. Além disso, o material deve ser criado em cima da experiência do adulto, dentro de sua realidade, de modo que ofereça possibilidades de identificação. O leitor adulto precisa acreditar que vale a pena investir seu tempo para aprender aquela informação.

Neste sentido, Knowles (Beck, 2015) defendia que o conteúdo de um material educativo deveria ser leve, mas não superficial. Para ele, o ensino deve se dar por meio de conversas, diálogos, demonstrações, discussões e exemplos.

Ao considerar este contexto, os psicólogos James Prochaska e Carlo DiClemente (1993) desenvolveram um modelo transteórico que explica seis estágios¹⁰ de mudança de comportamento pelos quais uma pessoa passa até se libertar definitivamente de seu vício ou dificuldade. Eles sugerem que as Intervenções educativas para adultos poderiam funcionar melhor quando combinadas com estes estágios de prontidão ou de mudança. Uma pessoa passa por estágios para adotar e manter um comportamento. E a melhor abordagem seria a de projetar intervenções para se adequarem a estas fases de um determinado grupo que se pretende trabalhar. Ao finalizar a análise dos estágios de mudança deve se considerar que, se muitos estágios estiverem presentes, a intervenção pode precisar de muitas mensagens diferentes.

Outro fator importante é a diferença entre os leitores. Embora a maioria das pessoas alfabetizadas consiga ler, não necessariamente todas conseguem obter a mesma informação do mesmo jeito. Num exemplo de uma simples instrução que diz: Não beba álcool com o estômago vazio. Pode causar hiperglicemia. Estas duas frases simples, com apenas uma de duas palavras incomuns, podem ter o mesmo efeito de desaceleração em leitores com pouca experiência. Segundo Doak, Doak et al (1997, p. 19) isto ocorre porque estas pessoas pouco acostumadas a ler não pensam em termos de classes de informações ou categorias e pulam as palavras que não conhecem. Ao fazer isto, podem perder o contexto e não tirar conclusões úteis.

Quadro 3: Diferenças entre leitores habilidosos e leitores inexperientes e como lidar com os problemas decorrentes disto.

¹⁰ Os cinco estágios de mudança comportamental propostos por Prochaska e DiClemente (1993) são: pré-contemplação, contemplação, planejamento ou preparação, ação, manutenção. Para evitar a recaída, deve-se buscar a estabilização do comportamento, na fase de manutenção.

Leitores habilidosos	Leitores inexperientes	Lidar com os problemas
Interpretam significados	Recebem as palavras literalmente	Explique o significado
Leem fluentemente	Leem devagar, perdem o significado	Use palavras comuns, exemplos
Procuram o significado de palavras novas	Pulam as palavras que desconhecem	Use exemplos, revise
Compreendem o conteúdo	Perdem o conteúdo	Mostre o contexto antes, use recursos visuais
Leem do começo ao fim	Cansam rapidamente	Use frases e períodos curtos, layout simples.

Fonte: Adaptado pela autora a partir de DOAK, DOAK and ROOT, 1996: 4.

Ao elaborar materiais educativos para adultos, convém considerar que as pessoas que não sabem ler, tendem na maioria das vezes, a ficar caladas, com vergonha (Grossi, 1998, as cited in Schwartz, 2012, p. 18). Além disso, o fato de uma pessoa ter passado vários anos na escola, não é exatamente uma medida para garantir um alto nível de alfabetização.

A prática da leitura independe do tempo de escolaridade e pode estar associada a vários fatores econômicos, sociais e culturais nos quais, por questão de escopo e tempo, esta tese não pretende mergulhar. A experiência de vida dos adultos, também vai interferir significativamente no seu processo de aprendizagem (Ferreiro, 2012 apud Tressler, 2014, p. 29). Conforme Ferreiro, o adulto aprende a interpretar, de forma sofisticada, o contexto no qual está a palavra escrita, e então atrelar seu uso a ele, por vezes guardando a forma gráfica para referências futuras.

Ao ler instruções, pessoas que não possuem hábito de leitura costumam aceitá-las literalmente, sem interpretá-las de acordo com novas situações. Além disso, tendem a ler (decodificar) uma palavra de cada vez, perdendo assim o sentido do contexto.

O fator idade também pode ser um forte agravante. Há indícios de que baixos níveis de leitura são mais comuns entre aqueles com mais de 65 anos e entre as populações de áreas centrais de todas as idades (Doak et al., 1996).

3.7.1 Uma síntese da teoria da andragogia

Mesmo considerando que sempre existiram técnicas para educar adultos, na Alemanha, em 1833, o professor Alexander Kepp começou a usar e popularizar o termo andragogia. Conforme a Associação Brasileira de Andragogia, trata-se de um dos muitos braços da ciência da educação. É por meio da andragogia que se estudam os métodos mais efetivos para ensinar adultos. Deste modo, ela apresenta caminhos e estratégias de

aprendizagem para aplicação imediata em qualquer situação de ensino (Afferro Labs, 2016).

Além de Kepp, vários autores, em vários países, se debruçaram sobre o tema, como os americanos Eduard C. Lindeman, John Dewey e Malcom Knowles, o canadense Allen Tough, a australiana Joan Allsop e outros.

Conforme estas teorias, os princípios da Andragogia, sintetizados e introduzidos por Knowles em 1973, estão no **Quadro 4**, relacionando-os com o ponto de vista dos adultos envolvidos no processo.

Quadro 4: Síntese dos princípios da Andragogia.

Princípio	Questionamentos do adulto
Necessidade de saber	Por que você está me ensinando isto?
O autoconceito do aprendiz	Como posso ser independente e aluno?
O papel das experiências	Minhas experiências são a base do meu aprendizado.
Prontidão para aprender	Qual problema vou resolver com isto que você quer que eu aprenda?
Orientação para aprendizagem	Estou aprendendo matérias ou ganhando ferramentas?
Motivação	E daí que isso cai na prova...

Fonte: Adaptado de (Knowles et al., 2011; Malcom, 1973)

Há uma diferença entre as teorias de aprendizagem e as teorias de ensino. Na aprendizagem estudam-se as maneiras através das quais um indivíduo aprende, enquanto as teorias de ensino vão tratar dos modos pelos quais uma determinada pessoa influencia outra para aprender.

3.7.2 Breve resumo da teoria da autoeficácia

A teoria da autoeficácia, de modo simplificado, aborda a importância da crença das pessoas de que elas podem executar a mudança de comportamento que lhes é solicitada (Doak, Doak, & Root, 1996, p. 15). Uma pessoa com baixa estima está menos propensa a tentar algo novo e promover uma mudança pelo simples fato de que não acredita ser capaz.

A teoria aborda o papel da confiança das pessoas de que podem realizar o comportamento que lhes foi atribuído. Uma pessoa com baixa autoeficácia tem menos probabilidade de tentar realizar um novo comportamento ou de mudar um comportamento existente. Usando esta teoria, a intervenção educacional deve construir a autoconfiança do leitor de que ele pode fazer o comportamento que lhe foi pedido (Doak, Doak e Root, 1996).

Na verdade, Bandura e Adams (1977) sugerem que a pré-condição mais importante para a mudança de comportamento é a autoeficácia. Ela ou a confiança em sua habilidade para desempenhar satisfatoriamente qualquer atividade, poderá resultar em um aumento nos níveis de conhecimento, atitude e prática de uma pessoa adulta. Segundo Yassuda, Lasca e Néri (2008), a autoeficácia prevê que o nível de confiança do indivíduo em sua habilidade é um forte motivador e regulador de seus comportamentos.

Deste modo, alguns fatores podem ajudar a construir a autoeficácia: a percepção inicial da pessoa de que a tarefa é possível de ser executada por ela; uma tarefa complexa deve ser quebrada em vários passos simples e menores para facilitar o entendimento e a sua execução; há uma repetição da tarefa ou do comportamento; há reconhecimento, recompensa e fortalecimento por ter executado a tarefa criando um sentimento de realização e motivação por aprender mais (Bandura & Adams, 1977).

Provavelmente a parte mais difícil desta teoria seja a percepção inicial que tornará a pessoa mais propensa a investir seu tempo em aprender algo novo. Como alternativa para contornar esta situação, (Doak, Doak, & Root, 1996, p. 15) sugerem que se analise cuidadosamente o modo como o assunto vai ser apresentado.

A crença pessoal, é um fator que os autores consideram decisivo para a aprendizagem. Ao iniciar uma determinada instrução mencionando a similaridade da tarefa a algo que a pessoa já faz, mostrando que a nova ação pode ser feita de um passo por vez, juntamente ao depoimento de outras pessoas que, como ela, já tentaram e foram bem-sucedidas, segundo Bandura, pode trazer resultados mais eficazes.

Como a autoeficácia é a “crença pessoal quanto à capacidade para realizar uma ação específica necessária a obtenção de um determinado resultado” (Bandura, 1977). Assim, uma pessoa não se envolverá em uma atividade a menos que acredite que será capaz de desenvolvê-la com sucesso.

Uma pessoa com elevadas crenças de autoeficácia faz um julgamento das suas próprias capacidades, ou seja, avalia a sua própria inteligência, conhecimentos, habilidades, acreditando que as possui ou que pode adquiri-las e que, fazendo escolhas acertadas de cursos de ação, seleção e uso de estratégias, conseguirá realizar uma determinada tarefa num grau de qualidade definida. Sendo assim, a autoeficácia atua como previsão consistente nas mudanças de comportamento, promovendo ou limitando a motivação para agir, sendo relacionada com melhores perfis de participação social.

Bandura (1977) descreve a expectativa de resultado como a estimativa da pessoa de que um determinado comportamento irá levar a certos resultados, determinando quanto esforço as pessoas vão gastar e quanto tempo vão persistir diante dos obstáculos.

Ajudar as pessoas a compreender que um novo conhecimento é importante para o seu trabalho pode aumentar sua confiança sobre a vida. A autoeficácia tem sido associada aos domínios relacionados à relação profissional, aquisição de conhecimentos e outros (Warren et al, 2012). Um novo conhecimento que motive a pessoa para o autoaprendizado, autoeficácia e autogestão de uma situação poderá melhorar resultados práticos na execução de suas tarefas profissionais, e aumentar a autoestima, gerando benefícios a curto, médio e longo prazo para sua profissão e para sua vida (Mendes, 2012).

3.8 A QUESTÃO DA SIMBOLOGIA TÊXTIL: SURGIMENTO, REGULAMENTAÇÃO E USO

As etiquetas têxteis começaram a surgir no século XIX, e o fato atribui-se a Charles Worth, considerado fundador da indústria moderna da alta costura, imprimindo o papel do estilista como criador de tendências (Mackenzie, 2010). De lá para cá, estes artefatos quase imperceptíveis para muitos tem se tornado presentes em nossa relação de consumo com o vestuário (Turcatto e Silveira, 2018).

Svendsen (2010), conta que, com a prática crescente de assinatura de coleções por grandes estilistas da época de Worth, o hábito de inserir uma etiqueta no lado interno das peças, ou obras de arte, como preferiam acreditar foi fundamental para criar a distinção entre as casas (ou marcas). Ele completa ainda, dizendo que essas etiquetas reforçavam a ideia de originalidade das criações, elevando seus nomes à admiração, estando sempre presentes em suas peças.

O desenvolvimento tecnológico no setor têxtil, ocorrido no século XX, proporciona o aparecimento e popularização acelerada do tecido sintético. Lurie (1997), relata que este era muitas vezes confundido pelo consumidor como material nobre, usado nas pelas peças luxuosas de grandes estilistas. A solução foi deslocar as etiquetas que eram presas dentro das peças para seu exterior, para dar visibilidade à identidade de quem a havia criado. Esta prática vai se popularizar na indústria da moda de modo que, rapidamente, todos os artigos do vestuário passam a ser marcados pelos nomes, monogramas ou logotipos dos fabricantes. Antes um fator que estava associado ao custo do material ou mesmo de sua dificuldade de confecção, o preço agora passa a ser uma instância simbólica de valor.

Antes usadas apenas como esta forma de distinção da marca, em meados do século XX, as etiquetas evoluíram por conta das evoluções tecnológicas que impactaram diretamente no material, na grafia, simbologia e no tipo de informação transmitida. Por volta da década de 1950, deixam de ser apenas uma assinatura do seu criador e passam a oferecer suporte para a comunicação entre o fabricante e o consumidor, portando instruções de conservação e manutenção têxtil, extremamente importantes para o cuidado adequado dos produtos (Turcatto e Silveira, 2018).

Mesmo que varie sua estrutura e materiais de fabricação, sua função de comunicar informações – seja de conservação, seja do fabricante – a respeito dos artigos têxteis, mantêm-se perene.

A grande variedade de fibras têxteis é constantemente ampliada no setor industrial e favorece o surgimento de novos tecidos com características físicas, como toque, textura e aparência semelhantes às fibras naturais (Pezzolo, 2007; Sirotti, 2000 como citado em Schneider & Santos, 2016). Nesse sentido, a origem e surgimento da etiqueta técnica afixada ao artigo têxtil residiu na necessidade de disponibilização de informações básicas de cuidados têxteis de artigos confeccionados com tecidos e fibras que não já não são mais reconhecidos por meio da inspeção visual ou tátil (Schneider & Santos, 2016).

Assim, pode-se dizer, que a etiqueta técnica ou de composição incentiva também a preservação de credibilidade do produto e o valor simbólico de marca, proporcionados por outras categorias de etiquetas, como as promocionais e institucionais (Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT & Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE, 2012; Liotino, 2017).

3.8.1 Uso das etiquetas têxteis

Para traçar um panorama que permite melhor compreensão do objeto etiqueta têxtil, acreditamos que convém organizar uma tipologia que permita identificar suas principais características e dimensões físicas. A seguir, reunimos o resultado de um extenso levantamento realizado dentre vários fabricantes de etiquetas têxteis no mercado brasileiro, durante os anos de 2017 a 2019.

3.8.1.1 Tipologia das etiquetas têxteis

As roupas e demais materiais têxteis podem apresentar vários tipos de etiquetas costuradas em alguma parte de uma única peça, do lado avesso, ou de fora, ilustradas ou apenas textuais (Andrade, 2013; Schneider, 2016). Elas têm a finalidade de disseminar, diferenciar e valorizar a marca em questão, além de trazer informações técnicas sobre a peça no que diz respeito à composição do material, instruções para a correta lavagem e tamanho.

No mercado brasileiro, existem três tipos de etiquetas: as etiquetas de marca, as etiquetas decorativas ou *tags* e as etiquetas de composição que são vendidas por várias empresas especializadas na fabricação em grandes quantidades de acordo com a demanda, principalmente em *nylon* resinado ou emborrachado, tafetá ou cetim e podem aparecer bordadas ou estampadas. As etiquetas de marca podem ser confeccionadas em vários tamanhos, mas as de composição possuem medidas mínimas normatizadas na NBR 3758:2012, podendo também ser bordadas ou estampadas sobre materiais que garantam sua resistência e durabilidade, além de diversos acabamentos, de modo que as informações estejam visíveis ao consumidor durante toda a vida útil da roupa.

3.8.1.1.1 Etiquetas de marca ou institucionais

Estas etiquetas são de caráter promocional e a função está mais ligada à estratégia comercial da marca sendo, portanto, facultativas. No Brasil, o mercado de fabricação de etiquetas de marca movimenta um mercado de empresas especializadas em bordado, estampa e design gráfico. Geralmente são fabricadas em tafetá, cetim, tafetá, *nylon* resinado ou emborrachado, poliéster ou poliamida, sendo estas duas últimas mais utilizadas por pequenos negócios, pois possuem baixa durabilidade e são pouco resistentes às lavagens. Elas indicam a marca do artigo ou do fabricante e por isto são também conhecidas como institucionais. Não obedecem a nenhuma norma específica de tamanho, cor ou local de colocação na peça (Duarte et al., 2009).

Figura 22: Etiqueta de marca Cortelle



Fonte:
<https://img.lojasrenner.com.br/item/547001824/zoom/5.jpg>, acessado em 2018.

Figura 23: Etiqueta da marca Cantão



Fonte: https://http2.mlstatic.com/camiseta-mg-curta-amarela-p-canto-nova-com-etiqueta-D_NQ_NP_263405-MLB25010875953_082016-F.jpg, 2019.

3.8.1.1.2 Etiquetas de produto, promocional, decorativa ou tag

A etiqueta de produto, promocional ou tag apresentam-se com grande variedade entre as marcas. São interfaces importantes na comunicação dos valores simbólicos da marca (Schneider, 2016; Turcato & Silveira, 2018). Em vários casos, estão presentes somente no momento da compra, sendo descartada pelo usuário após a aquisição, antes do primeiro uso.

São também conhecidas ainda por etiquetas decorativas, elaboradas em diversas cores e materiais, podendo ser personalizadas conforme as descrições e observações do cliente, contendo além de informações de troca, espaços para carimbo e código de barras no verso (Etiquetas Brasil, 2018).

Figura 24: Exemplo de tag da marca Hering



Nota: As etiquetas deste formato ainda apresentam código de barras, logotipo, tamanho e outros códigos de referência da peça.

Fonte: <http://ecotag.me/wp-content/uploads/2016/12/dudalina.jpg>, 2018

São associadas visualmente à linguagem da coleção e podem também transmitir conceitos associados à marca, como luxo, irreverência ou

simplicidade. Geralmente são coloridas e apresentam-se em tamanhos e acabamentos variados.

3.8.1.1.3 Etiquetas comerciais

Apresentam informações relativas à compra do artigo têxtil como preço, tamanho e códigos de rastreamento na loja. Essas etiquetas estão presentes somente no momento da compra, tendo a sua interação resumida à decisão pelo produto (Turcato & Silveira, 2018). Geralmente, são confeccionadas em papel grosso ou plástico. Códigos de barra, QR Code, e até mesmo *microchips* podem ser embutidos nestas etiquetas, para fornecer informações ao consumidor, mas também para auxiliar no controle de logística do fabricante ou revendedor.

Figura 25: Exemplo de etiqueta comercial



Nota: Tags da Zara com código de barras, que permite ao cliente saber sobre onde e como a roupa foi fabricada.

Fonte: <https://ogimg.infoglobo.com.br/in/12544633-f8c-674/GEOMIDIA/375/x2010090282513.jpg.pagespeed.ic.HAPU0fSmlq.jpg>, O GLOBO, 2014.

3.8.1.1.4 Etiquetas de composição

São as únicas que possuem normatização e regulamentação, são costuradas na peça e não devem ser cortadas. Utilizada em confecções de forma geral, dependendo do fabricante pode ser de silicone, cetim e nylon (resinado ou emborrachado) bordada ou estampada. Apesar de não ser recomendado, por conta da baixa resistência do material à lavagem, algumas destas etiquetas ainda são fabricadas em poliamida ou poliéster. Nela devem estar informações sobre o fabricante (nome, CNPJ), instruções de cuidados e conservação, tamanho e país de origem. O acabamento pode ser em rolo ou cortada (SBM Etiquetas, 2018). Estas etiquetas são o objeto de estudo desta investigação e serão mais detalhadas conforme as normas brasileiras, mais à frente neste capítulo.

Figura 26: Etiqueta técnica da marca Damyller



Fonte: <https://i3.wp.com/blog.damyller.com.br/wp-content/uploads/2014/08/significado-smbolos-etiqueta-roupa-damyller.jpg>, (2018)

Figura 27: Modelo de etiqueta de composição conforme regulamento CONMETRO (2008).



Fonte: Adaptado pela autora de Etiqueta Certa, (2018)

3.8.1.2 Variações e dimensões

Existem vários tipos de materiais que são utilizados para a fabricação de etiquetas e disponibilizadas aos confeccionistas no mercado brasileiro. Mesmo que se tenha identificado um certo padrão nos formatos que mais aparecem nas roupas (ver quadro 1), também podem ser vendidas em tamanhos diferentes, conforme a necessidade do cliente.

3.8.1.2.1 Etiquetas bordadas

Alguns fabricantes brasileiros oferecem cerca de três linhas de etiquetas bordadas: de alta definição, pronta entrega e tafetá normal que podem ainda ter uma variedade de acabamentos: corte a laser, corte reto, dobrada, engomada, galão, overloque ou patches (Sansil, 2018). São as mais utilizadas em jeans, calçados e confecções em geral (Etiquetas Brasil, 2018). São utilizadas tanto para etiquetas de marca como para as de composição e além da definição do bordado, podem variar na cor do fundo, cor dos fios do bordado, tamanho, cola no verso ou costura, ter as orelhas cortadas ou não (AARTGRAF, 2018).

3.8.1.2.1.1 Etiquetas bordadas de alta definição ou de tafetá

As etiquetas bordadas, podem variar de acordo com a qualidade do bordado: em alta definição ou em baixa definição de pontos. Quando em alta, apresentam maior definição e nitidez nos detalhes de seu desenho, pois são tecidas com fios mais finos, possuindo o dobro da densidade na sua trama em relação às etiquetas com bordados de baixa definição, ou de tafetá.

As etiquetas bordadas de alta definição são conhecidas também como tafetá *plus* e usadas principalmente para destacar a marca (**Figura 28** e **Figura 29**).

Figura 28: Etiqueta bordada de alta definição.



Nota: (Sansil Indústria Têxtil Ltda., 2018).

Figura 29: Etiqueta bordada de alta definição.



Nota: (AARTGRAF, 2018).

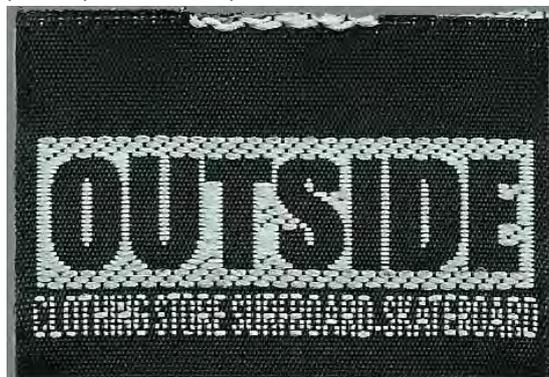
Assim como as etiquetas em tafetá, as etiquetas bordadas de alta definição podem ser fabricadas com vários tipos de acabamentos (ver quadro 1) e apresentam maior durabilidade na lavagem industrial. Um dos maiores fabricantes de produtos para a indústria têxtil brasileira, a Haco, informa possuir cerca de 100 opções de acabamento para serem aplicadas às etiquetas produzidas com fios naturais ou sintéticos, aumentando as possibilidades de criações exclusivas (HACO BRASIL, 2018).

Figura 30: Etiqueta bordada de baixa definição, em tafetá



Nota: (Sansil Indústria Têxtil Ltda., 2018)

Figura 31: Etiqueta bordada de baixa definição e pouca quantidade de pontos



Nota: (SMB Etiquetas, 2018)

As etiquetas de tafetá, também são chamadas apenas de etiquetas normais ou de baixa definição e são usadas para bordados que não precisam de tanto detalhamento, sendo por isto mais baratas e com menor tempo de produção.

Também podem ser bordadas em cetim, com brilho e tecido mais fino, geralmente utilizadas para marcas femininas ou que precisam transmitir requinte e delicadeza no acabamento.

Figura 32: Etiqueta bordada de cetim



Nota: (LAMAR, 2019)

Figura 33: Etiqueta bordada de cetim



Nota: (LAMAR, 2019).

3.8.1.2.1.2 Etiquetas bordadas de pronta entrega

São consideradas etiquetas de pronta entrega aquelas que já estão fabricadas sem encomenda, para atender o segmento do mercado institucional cujas marcas possuem pouca ou nenhuma variação, como é o caso de órgãos governamentais, do exército, de símbolos nacionais e estaduais. Geralmente são bordadas em alta definição para garantir maior durabilidade.

Figura 34: Etiquetas bordadas em alta definição



Nota: Bandeiras do Brasil, do Estado de Minas Gerais e do Estado de Pernambuco bordadas em alta definição (Sansil Industrial Têxtil Ltda., 2018).

3.8.1.2.2 Etiquetas estampadas

Podem ser confeccionadas em rolos ou cortadas, com impressão frontal ou frente e verso, podendo ser produzidas em diversos materiais como nylon resinado, cetim, poliéster, dentre outros materiais (Etiquetas Brasil, 2018).

3.8.1.2.2.1 Etiquetas estampadas de cetim

Possui brilho extra, é mais suave no contato com o corpo do que a de nylon e seu acabamento é em rolo ou cortada. Impressão em até 4 cores e altamente resistente a lavagem industrial (SBM Etiquetas, 2018).

As etiquetas de cetim são destinadas a confecções em geral, roupas, uniforme, produtos artesanais entre outras diversas áreas de atuação (Etiquetas Brasil, 2018). Podem ser confeccionadas no estilo bandeirinha, ou seja, com a marca dos dois lados.

Figura 35: Etiquetas estampadas de cetim macio.



Nota: (LAMAR, 2019).

3.8.1.2.2 Etiquetas estampadas de nylon

São as mais baratas e possuem entrega rápida. Por isto, geralmente usadas para as etiquetas de composição contendo dados da empresa e informações adicionais como a instrução de lavagem, CNPJ e fabricação.

3.8.1.2.3 Outros tipos

Alguns fabricantes (AARTGRAF, 2018; HACO BRASIL, 2018; SANSIL, 2017) classificam como sintéticas as etiquetas feitas de materiais variados como couro, PVC ou metal. Geralmente são aplicadas em jeans e aparecem com a marca estampada por meio de várias técnicas e apresentam, na maioria dos casos uma ilustração da marca e efeitos visuais para reforço do conceito da coleção.

3.8.1.2.4 Dimensões mais comuns das etiquetas

Sejam bordadas ou estampadas as etiquetas possuem alguns formatos já convencionais que auxiliam os designers de moda na hora da criação. O quadro a seguir mostra os principais tamanhos e formatos disponibilizados aos confeccionistas para o fabrico das etiquetas bordadas de roupas. Embora variem de um fornecedor para outro, são as mais comumente encontradas no mercado brasileiro.

Quadro 5: Tipos de acabamentos para etiquetas bordadas.

Tipo	Aplicação	Tamanho	Modelo
Corte reto – Modelo palito	Interna ou externa	Largura: livre Altura: 11mm	
		Largura: livre Altura: 40mm	
Cortada e dobrada nas pontas	Interna ou externa	Largura: livre Altura: 11mm	
		Largura: livre Altura: 40mm	
Cortada e dobrada ao meio – Gola	Interna	Largura: 28mm Altura: livre	
		Largura: 40mm Altura: livre	

Cortada e dobrada ao meio - Lateral tipo bandeirinha	Externa	Largura: livre Altura: 11mm	
		Largura: livre Altura: 33mm	
Cortada e dobrada ao meio - Tipo clip	Na manga ou na barra	Largura: 18mm Altura: livre	
		Largura: 40mm Altura: livre	
Cortada, dobrada e inclinada	Interna ou externa	Largura: livre Altura: 11mm	
		Largura: livre Altura: 25mm	

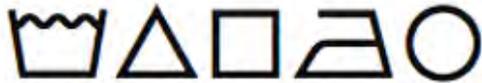
Nota: Adaptado pela autora de AARTGRAF, 2018.

3.9 SISTEMAS DE SIMBOLOGIA TÊXTEL DE CUIDADOS E MANUTENÇÃO

A simbologia têxtil usada atualmente foi desenvolvida pela GINETEX *Groupement Internationale d'Etiquetage pour l'Entretien des Textiles*, fundada em Paris no ano de 1963 por meio de um consórcio formado por Alemanha, França e Suíça, em consequência de vários simpósios internacionais em prol dos cuidados e manutenção dos artigos têxteis que ocorreram no fim dos anos 1950.

Os cinco símbolos básicos de cuidado e manutenção (**Figura 36**) tornaram-se marcas registadas em muitos países e são iguais, independentemente do idioma. Desde sua criação, em 1963, estes pictogramas continuam amplamente válidos, embora sejam constantemente debatidos por conta de avanços tecnológicos no setor industrial, bem como nas questões ecológicas.

Figura 36: Simbologia têxtil básica.



Nota: Adaptado de GINETEX (2011b)

Atualmente, existem dezenas de variações dos cinco símbolos, abrangendo uma vasta gama de produtos e situações que envolvem o cuidado e manutenção das peças do vestuário (The International Association for Textile Care Labeling - GINETEX, 2017).

Até a data que esta tese estava sendo escrita, os vários sistemas de etiquetagem encontrados eram condizentes com os principais mercados internacionais: o internacional, que é adotado na Europa e Brasil e o americano. Importante ressaltar que, este sistema internacional está presente em mais de 50 países.

Somente depois de várias negociações entre o país interessado e a GINETEX é que o sistema pode ser adotado, com o devido tempo para se fazer a transição.

Foi o que aconteceu, por exemplo no Japão, que em dezembro de 2014 decidiu participar do sistema, começou o processo de transição em 2015 e somente em 2016 é que estava plenamente concluído.

Durante este período de adaptação, é comum encontrar etiquetas com os dois sistemas, de modo a ir gradativamente preparando o fabricante e o consumidor para as mudanças.

Figura 37: Etiqueta japonesa usada no período de transição de simbologia.



Nota: A adaptação gradual para o novo sistema de cuidados e manutenção de produtos têxteis apresentava ainda a simbologia antiga, para auxiliar no processo de educação dos consumidores e também dos fabricantes. Adaptado de Cahn (2018).

3.9.1 Sistema internacional de etiquetas de cuidado e manutenção

A ISO 3758:2012¹¹ foi desenvolvida a partir de simbologia base criada pelo GINETEX e serve para fornecer instruções de cuidado e manutenção de artigos têxteis aos usuários domésticos acerca da lavagem, do alvejamento, da secagem e da passadoria, bem como para os serviços de cuidados profissionais de limpeza úmida e a seco. Embora a simbologia destinada aos usuários também possa ser utilizada pelos serviços especializados, o mesmo não ocorre com o consumidor comum, já que não opera os maquinários que fazem limpeza industrial. Entretanto, ainda que não execute tais tarefas, os símbolos podem orientar o usuário acerca da necessidade de encaminhar a peça para uma lavanderia.

Comumente chamado de Sistema Internacional, até a data em que esta tese estava sendo escrita, era composto por 43 símbolos, derivados dos cinco primeiros da GINETEX, baseados em dois objetivos: informar acerca dos cuidados com os produtos têxteis utilizando um conjunto uniforme e simples de símbolos, independente da linguagem do consumidor; alcançar e promover voluntariamente a rotulagem de cuidados em escala internacional por meio da utilização de sistema único de símbolos, evitando assim o uso concorrente de diferentes simbologias (Coats, 2014; The International Association for Textile Care Labeling - GINETEX, 2017).

Para tanto, o este sistema internacional se baseia nos seguintes princípios: a) os símbolos devem fornecer informação acerca do tipo de tratamento máximo permitido; b) os símbolos de cuidados devem ser sempre usados na íntegra e na sequência prescrita; c) etiqueta de cuidados deve ser clara, prontamente compreensível, fácil de usar e não dependente qualquer idioma em particular; d) os símbolos de cuidados não devem deixar espaço para possíveis interpretação errada pelo consumidor; e) posicionamento uniforme de rótulos e uso harmonizado dos símbolos de cuidados; f) o sistema de rotulagem de cuidados uniformes que utiliza símbolos deve ter em conta os hábitos dos consumidores sem usar dados técnicos complexos. g) os aparelhos utilizados para fins de cuidados têxteis devem garantir a melhor implementação possível do tratamento de cuidados recomendados; h) as adaptações necessárias para acompanhar os desenvolvimentos técnicos e econômicos em curso devem, na medida do possível, ser feitas sem a utilização de novos símbolos e adições no âmbito do sistema existente, argumenta a GINETEX (2011a).

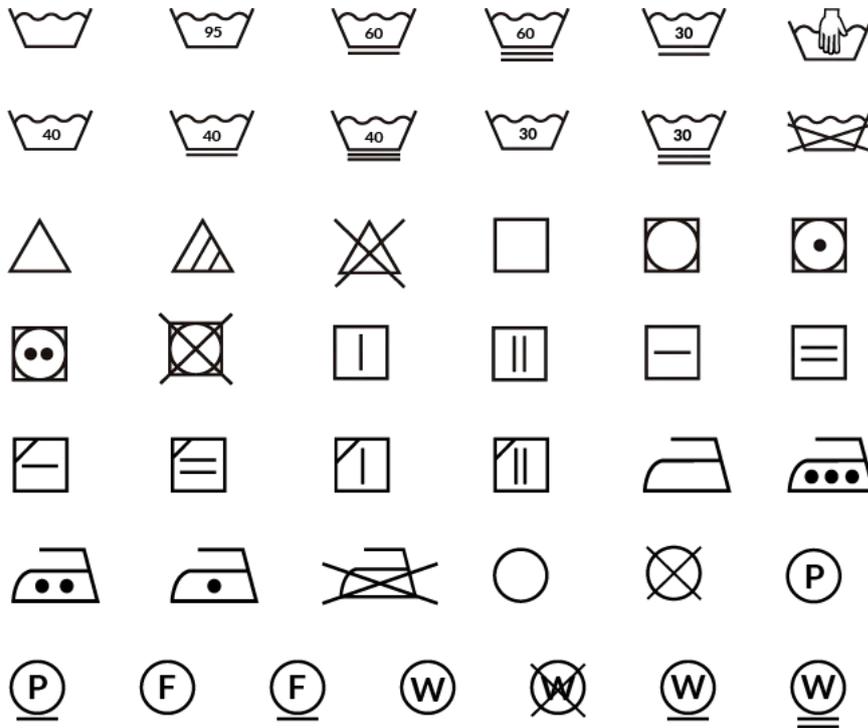
Este sistema internacional de cuidado e manutenção de artigos têxteis é padronizado pela norma ISO 3758:2012 e adotado na União Europeia e em vários países do mundo, inclusive no Brasil.

Ao consumidor está implícita a tarefa de conhecer o significado de cada um destes símbolos e memorizar sua forma para que possa distingui-la e, assim, entender como deve cuidar de sua peça de roupa. É uma carga cognitiva muito pesada que se exige do usuário. Talvez o processamento da mensagem possa ficar comprometido por conta da quantidade de informações que requerem memorização e aprendizagem. O

¹¹ A edição de 2012 cancela e substitui a de 2005, revisa informações e adiciona novos símbolos para a secagem natural; o símbolo de alvejamento foi revisado retirando o preenchimento do triângulo e um símbolo de proibição de lavagem profissional a úmido foi adicionado.

desenvolvimento de um sistema simplificado que permita a percepção, aprendizagem e memorização, talvez pudesse ser mais promissor.

Figura 38: Sistema de Simbologia Têxtil Internacional, composto por 43 pictogramas.



Nota: Adaptado de GINETEX (2016).

A partir da adesão ao *Household Goods Quality Labeling Act*, ainda em 2014, o Japão se comprometeu a iniciar no ano seguinte, a aplicação de uma série de medidas de transição para a substituição do seu sistema próprio de cuidados e manutenção têxtil, que foi usado até então, conhecido no país como JIS L 0217:1995 que foi então substituído por JIS L0001:2014.

O processo só foi concluído no final de 2016 e aumentou o número de pictogramas utilizados de 22 para 41, com a intenção de fornecer aos consumidores um sistema alinhado com o que é praticado no mercado globalizado (ANIVÉC - Associação Nacional das Indústrias de Vestuário e Confecção, 2017).

Com esta ação, o Japão passa a adotar sistema equivalente ao da norma ISO 3758:2012 que utiliza a simbologia internacional. O **Quadro 2** mostra as principais mudanças que impactaram os japoneses.

Quadro 2: Comparação do que mudou no sistema de rotulagem têxtil japonês.

Categoria	Como era	Como ficou
Lavagem		
Alvejamento		
Secagem natural		
Secagem de tambor	Inexistente	
Torção		Inexistente
Passadoria		
Lavagem a seco		
Cuidados profissionais	Inexistente	

Nota: Símbolos têxteis usados no Japão até a adesão ao sistema internacional Ginetex.
Adaptado pela autora de Bureau Veritas (2015)

Apesar dos esforços para a padronização do sistema simbólico de cuidados e manutenção de artigos têxteis, em alguns mercados significativos para a economia global, o sistema internacional ainda não foi adotado, como é o caso dos Estados Unidos que possui um próprio.

3.10 A REGULAMENTAÇÃO DAS ETIQUETAS TÉCNICAS DAS ROUPAS

No Brasil, a simbologia têxtil para o vestuário é regulamentada pela norma da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) ABNT/NBR NM ISO 3758:2013 Versão Corrigida 2:2013, intitulada Têxteis: Códigos de Cuidado Usando Símbolos (ABNT, 2013) baseada na sua versão internacional¹², pela resolução Nº 02 do CONMETRO (Conselho Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial, 2008) que aprovou o Regulamento Técnico MERCOSUL sobre Etiquetagem de Produtos Têxteis (2008).

Estes buscam garantir a padronização das etiquetas têxteis que circulam no mercado nacional e internacional do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul). Para garantir a regulamentação e fiscalização da correta aplicação das normas existe o INMETRO (Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia), que atua em parceria com os órgãos estaduais, os IPEMs (Instituto Estadual de Pesos e Medidas). Para assegurar os direitos dos consumidores acerca das especificações técnicas de produtos, existe o Código de Defesa do Consumidor.

A regulamentação das etiquetas têxteis, no mercado brasileiro, é delegada pelo INMETRO e executada pelos IPEM de cada estado, tendo como base o Regulamento Técnico Mercosul aprovado pela Resolução 02:2008 do CONMETRO. Tal documento contém diretrizes para que os fabricantes possam repassar as informações corretas aos consumidores, seguindo uma sequência e padrões obrigatórios e previamente definidos (IPEM-SP, 2010).

Com a regulamentação e fiscalização, os padrões são seguidos, mas não há um consenso. Empresas ignoram as especificações, por falta de informação ou por desentendimento das normas causando a entrada no mercado brasileiro de produtos sem instruções corretas de cuidado e conservação. Alguns chegam a apresentar novas versões dos símbolos desenvolvidos pela GINETEX ou mesmo introduzem símbolos novos, sem qualquer respaldo nos órgãos internacionais reguladores (Nunes et al., 2012).

Para o consumidor brasileiro, os produtos do vestuário são regulamentados por lei¹³ desde 1973 obrigando os confeccionistas a fornecer etiquetas informativas afixadas na peça. As dimensões das etiquetas de técnicas são especificadas na norma ABNT/NBR 3758:2013 e devem ter um mínimo de 16 mm² de área, a partir de 4 mm de altura. Neste espaço, devem estar contidas todas as informações verbais e pictóricas para o consumidor (Ferragini & Perfeito, 2010).

Segundo esta legislação, os produtos de confecção em geral, seja uma fração ou unidade, ao ser disponibilizado para venda, na loja ou na fábrica,

¹² Textiles – Care labelling code using symbols. (ISO 3758:2012, IDT)

¹³ Lei nº 5.966, de 11 de dezembro de 1973 já em vigor desde esta data e que, por resolução promulgada em 6 de maio de 2008, foi atualizada e dispõe sobre a aprovação do Regulamento Técnico Mercosul Sobre Etiquetagem de Produtos Têxteis.

no atacado ou no varejo, devem apresentar as seguintes informações obrigatórias:

- 1) Nome ou razão social ou marca registrada e identificação fiscal;
- 2) Indicação do país de origem;
- 3) Composição têxtil;
- 4) Tratamento de cuidado para conservação;
- 5) Indicação de tamanho ou dimensão.

Estas informações devem ser incorporadas na peça, em locais claramente visíveis e ser legíveis para facilitar a fiscalização dos órgãos competentes conforme informações do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e Instituto Nacional de Metrologia (2011).

O nome ou razão social ou marca registrada deve ser acompanhado da respectiva indicação fiscal (CNPJ), independente se é o fabricante, importador ou detentor da marca.

O nome do país de origem é obrigatório e deve ser escrito na língua do país de consumo. A indicação apenas do bloco econômico, como Mercosul ou da bandeira do país não é considerada suficiente, portanto, não é aceita. O texto pode variar: fabricado no Brasil, produzido na China ou feito na Inglaterra são exemplos de textos aceitos.

A composição têxtil requer a informação dos nomes corretos das fibras e filamentos utilizados na composição do tecido base, e devem ser escritas conforme a nomenclatura indicada no Regulamento Técnico fornecido pelo INMETRO. Deve-se informar o nome da fibra ou do filamento e o percentual de composição, em ordem decrescente. Para produtos mistos, a tolerância de erro é de até 3% para cada fibra ou filamento em separado. No caso de produtos puros, deve-se informar 100%. No caso de ser um produto com composição complexa e impossível de determinar, pode-se informar ao consumidor utilizando as expressões “composição não determinada” ou apenas “fibras diversas”. As fibras que tiverem seus nomes como marcas comerciais, não podem ser assim escritas. Por exemplo: *nylon*, *popelina*, *lycra*, *javanesa*, *ryon*, *lurex*, *helanca*, *couro*, *PVC*, *stretch* etc.

As informações sobre cuidados e manutenção podem ser apenas repassadas por meio dos símbolos, de texto de ambos, conforme a conveniência do fabricante. Entretanto, é obrigatória a disposição das informações conforme a norma ABNT NBR ISO-3758:2012, na seguinte ordem: 1) lavagem; 2) alvejamento; 3) secagem; 4) passadoria e 5) limpeza profissional.

Cada pictograma apresentado na etiqueta de cuidados, deve estar inscrito num quadrado invisível de 16mm² de área, portanto, com largura e altura igual a 4mm, estar igualmente destacado, ser facilmente visível e legível.

Caso o produto seja confeccionado por partes diferentes com distintas composições têxteis, deverão ser indicados os símbolos ou textos para os cuidados com a peça completa.

Figura 39: Exemplo de etiqueta têxtil de composição.



Nota: Etiqueta criada conforme a legislação brasileira (2019).

Logo, cada produto deve ser testado em laboratório para que sejam determinadas as condições adequadas para seu cuidado e manutenção, não existindo uma fórmula única que se aplique a tipos de roupas ou outros têxteis.

A legislação ainda não possui um sistema para normatizar a indicação do tamanho da peça. Portanto, no caso das roupas, ele pode ser indicado por números, por textos ou apenas por uma letra.

A Figura 39 apresenta um exemplo ideal de etiqueta de acordo com a legislação brasileira em vigor no ano de 2019, seguindo a sequência mencionada.

Além disso, por questões de saúde, tais dados são fundamentais para os consumidores que precisam fazer prevenção de reações alérgicas a determinados componentes e propriedades dos têxteis (Nunes, 2016, p. 81).

3.11 CORTAR ANTES DE USAR: A RELAÇÃO DO UTILIZADOR COM A ETIQUETA

No Brasil, Nunes, Trota & Lickesi (2012) definem as etiquetas presentes nas roupas como manuais têxteis. Em estudo realizado com 240 pessoas, de sexo masculino e feminino, idades e profissões variadas, com o objetivo de verificar o comportamento dos consumidores em relação ao uso das informações das etiquetas e dos produtos têxteis a elas relacionados. Concluíram que 25% dos entrevistados desconhece a regulamentação têxtil e sequer tem noção de que existem normas para sua apresentação nas roupas; 50% conhece parcialmente ou já ouviu falar do assunto.

Quanto ao interesse dos respondentes em conhecer as informações contidas nos manuais têxteis, em torno de 35% dos respondentes disse procurar as informações presentes nas etiquetas, entretanto, o estudo não averiguou que sejam capazes de compreendê-las. Por fim, 50% dos entrevistados disse que confere os símbolos de conservação do produto representados nas etiquetas, mas a pesquisa também não se propôs a verificar o grau de acerto na interpretação das informações, principalmente as simbólicas.

Vale ressaltar que os autores não se debruçaram sobre questões concernentes à compreensibilidade e legibilidade dos símbolos, fazendo questão de deixar bem claro que não era objetivo do trabalho avaliar a eficácia dos símbolos para os usuários, mesmo que mencionassem várias vezes no documento a necessidade e importância de tal investigação.

3.12 QUESTÕES DE SUSTENTABILIDADE

Laitala & Klepp (2013) em pesquisa qualitativa, observaram que os consumidores, mesmo quando dizem desejar fazer escolhas mais ecologicamente corretas, pouco reparam nas etiquetas das roupas, negligenciando aspectos importantes do cuidado com as peças, como por exemplo o impacto ambiental nas questões relacionadas ao descarte. Por meio de entrevistas constatou-se a existência de vários tipos de etiquetas

que podem ser associadas direta e indiretamente com a sustentabilidade; ainda pode constatar que o consumidor assume erroneamente que as fibras sintéticas são menos sustentáveis que as fibras naturais.

O estudo conclui que a seleção dos procedimentos de lavagem e manutenção da peça pelos consumidores pode interferir diretamente no impacto ambiental da roupa. Ao escolher o método correto de lavar, reduz-se o consumo de energia, por exemplo, utilizando a lavagem rápida em baixa temperatura ou evitando a secagem em máquina.

Estudo anterior (Laitala, Boks, & Klepp, 2011) constatou que a correta manutenção também pode aumentar potencialmente o tempo de vida útil da peça, preservando as cores e evitando a deformação (estiramento ou encolhimento) do tecido.

3.13 O ENTENDIMENTO DOS SÍMBOLOS TÊXTEIS

Calisir (2013) analisou a performance dos consumidores turcos acerca do entendimento dos símbolos de tratamento e manutenção presentes nas etiquetas de roupas. Questionários foram aplicados a 120 participantes de diferentes cidades, idade, sexo e grau de instrução submetidos a onze diferentes tipos de símbolos. O trabalho permitiu verificar as influências destes fatores no desempenho dos respondentes que interferiram diretamente na compreensão das informações, constatando que as mulheres possuíam melhor entendimento acerca dos símbolos relacionados à lavagem, do que os homens; ainda que dos cinco símbolos básicos, nenhum indivíduo foi capaz de identificar todos, e que o do alvejante (lixívia) foi o menos reconhecido.

3.14 A UTILIZAÇÃO DA ETIQUETA

Na Índia, Jain (2015), conduziu estudo com 1200 participantes, homens e mulheres adultos separados em dois grupos: estudantes (graduação e pós-graduação) e casais com filhos. Os dados obtidos por meio de questionários permitiram constatar que 48,17% dos participantes verificam sempre suas etiquetas e que 36,58% por vezes. Somente 30,75% verifica informações acerca da composição têxtil antes de comprar a peça, 20% dos respondentes nunca o faz e 6,5% não compreenderam o que isso significa.

De todos os participantes, 25,33% deram uma leitura breve à etiqueta em busca de dados do fabricante (nome, endereço), 19,75% leriam se tivessem tempo e 26,50% nunca leram. Menos de 47,25% do total de sujeitos disseram cuidar de suas roupas conforme as instruções presentes nas etiquetas, enquanto 11,42% disseram ser incapazes de compreendê-las e 9,08% afirmaram que nunca olharam a etiqueta antes de lavar ou passar.

3.15 O INQUÉRITO CAP

Os inquéritos sobre Conhecimento, Atitude e Prática ou apenas CAP, são utilizados para medir o que uma determinada população ou grupo diz que sabe, sente e faz acerca de determinado tema.

O CAP é bastante utilizado pelos investigadores da área da saúde, inclusive no Brasil em grandes campanhas de conscientização nacionais (Brasil,

2016). Os estudiosos acreditam que uma comunidade conhece serve para demonstrar sua compreensão acerca de um determinado tópico.

Do mesmo modo, a atitude expressa os sentimentos em relação a um assunto e mesmo as ideias pré concebidas que as pessoas podem ter. Já a prática pode ser medida pela maneira como os entrevistados demonstram seus conhecimentos e atitudes por meio do que dizem fazer (Kaliyaperumal, 2004). Neste contexto, os conceitos de conhecimento, atitude e prática são comumente estabelecidos por vários estudos que abordam dimensões do comportamento humano, conforme o Quadro 6.

Quadro 6: Definição das dimensões conhecimento, atitude e prática associadas ao comportamento humano.

Palavra	Definição	Dimensão do comportamento humano
Conhecimento	Recordar fatos específicos e demonstrar compreensão acerca de um assunto; lembrar fatos específicos ou demonstrar a habilidade para a resolução de problemas; emitir conceitos com a compreensão adquirida sobre determinado problema ou evento.	Cognitiva
Atitude	Ter e emitir opiniões, sentimentos, predisposições e crenças a realizar algo; crenças, relativamente constantes, dirigidos a um objetivo, pessoa ou situação. Está relacionado ao domínio afetivo.	Emocional
Prática	Tomada de decisão para executar a ação. É o fazer. Relaciona-se aos domínios psicomotor, afetivo e cognitivo. É a maneira como o conhecimento é demonstrado com ações.	Social

Nota: Elaborado pela autora (2018).

Os dados geralmente são coletados por meio de entrevistas ou questionários estruturados e padronizados. Isto facilita a análise tanto quantitativa quanto qualitativa, dependendo dos objetivos do estudo (WHO - World Health Organization, 2008).

Logo, a metodologia CAP pode ser usada ainda para diagnosticar um determinado grupo social, após ações educativas, por meio da verificação de mudanças adotadas nos níveis de compreensão do conhecimento, atitude e prática (Santos et al., 2011). Estes mesmos níveis podem ser usados para elaborar um processo mais eficiente de sensibilização e um programa mais adequado às reais necessidades da comunidade em estudo (Kaliyaperumal, 2004; Organização Mundial da Saúde - OMS, 2016).

SÍNTESE CONCLUSIVA

Este capítulo serviu para organizar a literatura revisada para apoiar as etapas seguintes desta investigação. Conclui-se que:

Acerca do trabalho autônomo ou por conta-própria, no Brasil, há um contingente considerável de pessoas que estão à margem da legislação trabalhista, desprovidas de cuidados decorrentes da legalização dos empregos.

No Ceará e em Fortaleza, este número chega a quase 50% da força de trabalho. Lavadeiras, passadeiras, diaristas e domésticas fazem parte deste grupo e que a maioria das profissionais deste segmento é formada por mulheres.

Ainda há um alto grau de analfabetismo funcional, no Brasil, atingindo, em 2018, cerca de 29% dos trabalhadores maiores de 15 anos. Logo, mesmo que as mulheres estejam adquirindo uma vantagem educacional sobre os homens (estudos apontam que elas estão ficando mais tempo na escola), ainda são as que ganham menos e possuem mais subempregos.

Alfabetização e letramento devem ser, portanto, ações desenvolvidas conjuntamente. O conhecimento da leitura e da escrita não deve se encerrar em si, mas ser subsídio para uma reflexão de todo o sistema de escrita e suas representações no cotidiano.

O design de informação e instrucional possui técnicas e métodos para a criação de materiais educativos instrucionais, que podem ser adequados a diferentes públicos, em diferentes situações.

Os materiais educativos podem ser de diversos tipos, mas os impressos é que são considerados nesta tese. Vários estudos já comprovaram a eficácia destes artefatos para a educação de pessoas adultas, inclusive na área da saúde.

A simbologia têxtil foi criada pela Ginetex no fim dos anos 1950, constituída por cinco pictogramas básicos aos quais outros vão sendo acrescentados ou reduzidos conforme as novas tecnologias. Que estes símbolos devem estar presentes nas etiquetas técnicas ou de composição presentes em todas as peças de roupa. No Brasil, o INMETRO é o órgão que cuida da regulamentação e fiscalização deste setor. A ABNT cuida da normatização e divulgação.

O sistema de símbolos de cuidados da Ginetex não é o único existente, embora muitos países o tenham adotado.

O entendimento dos símbolos têxteis pode ter consequências econômicas e sustentáveis para o consumidor/usuário e para os fabricantes.

Existem diversos tipos de etiquetas têxteis, mas apenas as consideradas técnicas ou de composição interessam a esta tese por apresentarem os pictogramas e as instruções de cuidado e manutenção.

Os inquéritos CAP, adotados pela OMS, podem ser utilizados para avaliar o conhecimento, a atitude e a prática de um determinado grupo social, acerca de qualquer assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AARTGRAF. (2018). *etiquetas_bordadas_-_tipos_de_acabamento_4.jpg* (800×1027).
https://www.aartgraf.com.br/media/catalog/product/e/t/etiquetas_bordadas_-_tipos_de_acabamento_4.jpg
- AEG, Not Just a Label, Electrolux, & Fashion Revolution. (2018). *The Care Label Project*.
- Affero Labs. (2016). *Andragogia: aprendizagem efetiva para o desenvolvimento de adultos* (p. 28). www.colecao.labssj.com.br
- AGÊNCIA BRASIL. (2020, April 4). *Setor têxtil tenta se reinventar para enfrentar a pandemia do coronavírus - Pequenas Empresas Grandes Negócios | Notícias*. Pequenas Empresas Grandes Negócios.
<https://revistapegn.globo.com/Noticias/noticia/2020/04/setor-textil-tenta-se-reinventar-para-enfrentar-pandemia-do-coronavirus.html>
- Albuquerque, E. B. C. de. (2007). Conceituando alfabetização e letramento. In C. F. Santos & M. Mendonça (Eds.), *Alfabetização e letramento: conceitos e relações* (pp. 11–21). Autêntica, MEC, UFPE/CEEL.
<http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/22.pdf>
- Alexandre, N. M. C., & Coluci, M. Z. O. (2011). Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. *Ciencia e Saude Coletiva*, 16(7), 3061–3068.
<https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000800006>
- Alquete, T. A., Oliveira, R. R. S., Campello, S. B., Federal, U., Resumo, U., Digitais, A., Eletr, A., Digitais, A., Instrucional, D., & Digitais, A. (n.d.). *Design da Informação e Instrucional para Educação : contribuições no desenvolvimento de Artefatos Digitais de Aprendizagem Information and Instructional Design for Education : contributions toward the development of Digital Learning Artifacts*.
- Ambrose, G., & Harris, P. (2010). *Basics Design 08: Design Thinking and the act or practice of using your mind to consider design* (Vol. 8). AVA Publishing SA.
- Andrade, A. C. O. (2013). *O PAPEL DAS ETIQUETAS/TAGS NA COMUNICAÇÃO DAS MARCAS: Um estudo sobre marcas vendidas nas lojas Renner, Riachuelo e C&A*.
- Andressa, S. (2019). Elementos Visuais e Simbólicos das Etiquetas Têxteis : A Interação do Usuário. *Blucher Design Proceedings*, 5127–5138.
https://doi.org/10.5151/ped2018-7.1_ACO_15
- ANIVEC - Associação Nacional das Indústrias de Vestuário e Confecção. (2017). *JAPÃO – NOVA NORMA PARA A ETIQUETAGEM DE*

CONSERVAÇÃO DE TÊXTEIS | ANIVEC. https://www.anivec.com/single-post/2017/01/12/JAPÃO---NOVA-NORMA-PARA-A-ETIQUETAGEM-DE-CONSERVAÇÃO-DE-TÊXTEIS?q=associados_page

- Arnheim, R. (1980). *Arte e Percepção Visual. Uma Psicologia da Visão Criadora* (1ª). Cengage.
- Associação Brasileira de Franchising - ABF. (2018). *Franquias de lavanderia para investir e aproveitar mercado de R\$ 6 bi.* 14/05/2018. <https://www.portaldofranchising.com.br/franquias/franquias-de-lavanderia/>
- Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT, & Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE. (2012). Normalização: Caminho da qualidade na confecção. In *ABNT/SEBRAE* (p. 66). Associação Brasileira de Normas Técnicas. <http://portalmpe.abnt.org.br/bibliotecadearquivos/>
- Associação Nacional das Empresas de Lavanderia - ANEL. (2018). *Tipos de Lavanderias.* <http://anel.com.br/legislacao-do-setor/>
- Avgerinou, M. D., Griffin, R. E., Giesen, J., Search, P., Spinillo, C. G., Chandler, S. B., & Terzic, M. (2008). *Visual Literacy Beyond Frontiers Information, Culture and Diversity: Selected Readings of the International Visual Literacy Association - IVLA* (R. E. Griffin & C. G. Spinillo, Eds.). The International Visual Literacy Association.
- Bailey, R. (2019). Applying design principles to instructional materials. In *Applied Human Factors in Medical Device Design*. Elsevier Inc. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-816163-0.00009-8>
- Bandura, A., & Adams, N. E. (1977). Analysis of Self-Efficacy Theory of Behavioral Change'. In *Cognitive Therapy and Research* (Vol. 1, Issue 4).
- Bardin, L. (2011). *Análise do Conteúdo*. Edições 70.
- Beck, C. (2015). *Malcolm Knowles, o pai da Andragogia*. Andragogia Brasil. <https://andragogiaabril.com.br/malcolm-knowles/>
- Bertin, J. (1967). Sémiologie graphique - Les diagrammes, les réseaux, les cartes. In *Les réimpressions des*. Les Ré-impression.
- Black, A., Luna, P., Lund, O., & Walker, S. (2017). Information Design - Research and practice. In A. Black, P. Luna, O. Lund, & S. Walker (Eds.), *Centre for Information Design Research, University of Reading* (Vol. 1, Issue 1). Routledge - Taylor & Francis Group. <https://doi.org/10.1080/20557132.2017.1385262>
- Blamires, M. (1999). Universal design for learning: Re-establishing differentiation as part of the inclusion agenda? *Support for Learning*, 14(4), 158–163. <https://doi.org/10.1111/1467-9604.00123>
- Borges, L. de O., & Pinheiro, J. Q. (2002). Estratégias de coleta de dados com trabalhadores de baixa escolaridade. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 7(spe), 53–63. <https://doi.org/10.1590/s1413-294x2002000300007>

- Bottino, A. G., & Correab, J. (2013). A compreensão leitora de jovens e adultos tardiamente escolarizados. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(2), 405–413. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000200021>
- Brasil. (2011). Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Brasileira. In *Série G. Estatística e Informação em Saúde*.
- Brasil. (2016). Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Brasileira. *Secretaria de Vigilância Em Saúde - Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis*, 118. <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2016/pesquisa-de-conhecimentos-atitudes-e-praticas-na-populacao-brasileira-pcap-2013>
- Brugger, C. (2006). Comprehensibility Judgment Test. *CJT_Report, In-Safety*, 53. https://iudre.files.wordpress.com/2015/02/cjt_report.pdf
- Burdek, B. E. (2005). *Design: History, theory and practice of product design*.
- BUREAU VERITAS INDIA. (2015). (15B-015) Japan: Adopts New Care Labeling Symbols under the Household Goods Quality Labeling Law. <https://www.bureauveritas.co.in/home/about-us/our-business/consumer-products/whats-new/bulletins/cps-bulletin-15b-015>
- Busarello, R. I., Ubricht, V. R., & Fadel, L. M. (2015). *Diretrizes da construção de histórias em quadrinhos hiperídia para aprendizagem do aluno surdo*. 2, 271–280. https://doi.org/10.5151/designpro-cidi2015-cidi_95
- Cagnin, A. L. (1975). *Os quadrinhos*. Ática.
- CAHN, L. (2018). *Dry Clean Only Meaning: When You Can Ignore the Dry Clean Only Label | Reader's Digest*. Reader's Digest. <https://www.rd.com/advice/saving-money/dry-clean-only-meaning/>
- Cardoso, -Rafael. (2000). *Um introdução à história do design*. Edgar Blucher.
- Carmela Pereira. (1992). *Manual da empregada doméstica*. Edições Loiola.
- Carvalho, K. S. de. (2020). Alfabetização e letramento: de como se aprende a como se ensina. *Revista Da ABRALIN*, 19(2), 1–5. <https://doi.org/10.25189/RABRALIN.V19I2.1664>
- Castro, L. P. S. de, & Perassi, R. (2018). *Estruturação de Projetos Gráficos: A tipografia como base do planejamento* (Issue 1ª). Appris.
- Coats. (2014). *Care Labels Bulletin Post*. WWW.coatsindustrial.com
- Costa Oliveira, C., Paulo, J. C. & Antunes, M. C. (1999). *Educação de Adultos & Intervenção Comunitária*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho. (1999).

- Daltro, E. (2019, September 17). *Lavadeiras mantêm tradição que as águas do tempo não conseguem apagar*. Agência A TARDE. <https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2092968-lavadeiras-mantem-tradicao-que-as-aguas-do-tempo-nao-conseguem-apagar>
- Darras, B. (2004). Children's drawing and information design education. A semiotic and cognitive approach of visual literacy. In C. G. Spinillo & S. G. Coutinho (Eds.), *Select Readings of the Information Design International Conference 2003* (p. 196). Sociedade Brasileira de Design da Informação.
- Devon, H. A., Block, M. E., Moyle-Wright, P., Ernst, D. M., Hayden, S. J., Lazzara, D. J., Savoy, S. M., & Kostas-Polston, E. (2007). A psychometric toolbox for testing validity and reliability. *Journal of Nursing Scholarship*, 39(2), 155–164. <https://doi.org/10.1111/j.1547-5069.2007.00161.x>
- Diário do Nordeste. (2020). *Grande Fortaleza é a 5ª do País de maior desigualdade de renda*. Negócios - Diário Do Nordeste. <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/grande-fortaleza-e-a-5-do-pais-de-maior-desigualdade-de-renda-1.3003175>
- DIEESE. (2017). *Pesquisa de emprego e desemprego: mulheres e mercado de trabalho na região metropolitana de Fortaleza - 2016*. 2015(158 mil), 1–15.
- Doak, C. C., Doak, L. G., Friedell, G. H., & Meade, C. D. (1998). Improving comprehension for cancer patients with low literacy skills: strategies for clinicians. *CA: A Cancer Journal for Clinicians*, 48(3), 151–162. <https://doi.org/10.3322/canjclin.48.3.151>
- Doak, C. C., Doak, L. G., & Root, J. H. (1996a). SAM: Suitability assessment of materials for evaluation of health-related information for adults. *Teaching Patients with Low Literacy Skills*, 1–2.
- Doak, C. C., Doak, L. G., & Root, J. H. (1996b). Suitability assessment of materials (SAM): Scoring sheet. *Teaching Patients with Low Literacy Skills*, 49–59.
- Doak, C. C., Doak, L. G., & Root, J. H. (1996c). Teaching Patients with Low Literacy Skills. In *American Journal of Nursing* (2ª, Issue 2ª). J.B. Lippincott Company. <https://doi.org/10.1097/00000446-199612000-00022>
- Doak, C. C., Doak, L. G., & Root, J. H. (1996d). Teaching Patients with Low Literacy Skills. In *American Journal of Nursing* (Issue Second). J.B. Lippincott Company. <https://doi.org/10.1097/00000446-199612000-00022>
- Doak, C., Doak, L., & Root, J. (1996). Teaching Patients with Low Literacy Skills Tips on teaching. In *Teaching Patients with Low Literacy Skills* (pp. 151–166).
- Donis A. Dondis. (1997). *Sintaxe da Linguagem Visual* (2nd ed.). Martins Fontes.

- Duarte, M., Sena, C., & Sena, M. D. C. (2009). *Etiqueta Têxtil como Contributo para a Interpretação da Cor pelos Deficientes Visuais*. 125. https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1259/1/DISSERTACAO_final2.pdf
- Eisner, W. (1969). *The M16A1 Rifle-Operation and Preventive Maintenance* (p. 16).
- Eisner, W. (2000a). *Comics and Sequential Art* (Issue 19^a). Poorhouse Press.
- Eisner, W. (2000b). *Comics and Sequential Art* (19^a, Issue 19^a). Poorhouse Press.
- Etiquetas Brasil. (2018). *Guia de Etiquetagem para Etiquetas de Confecção*. www.etiquetasbrasil.com.br www.facebook.com/etiquetasbrasil www.youtube.com/etiquetasbrasil
- Ferragini, N. L. de O., & Perfeito, A. Maria. (2010). Manuais das Etiquetas: Servem para instruir... servem para ensinar. *IX Encontro Do CELSUL*, 1–20.
- Ferreira Gomes -Governador, C., Diogo -Secretário, E., & Ataliba D Barreto - Diretor Geral, F. F. (2012). *IPECE | INFORME 43: Perfil Municipal de Fortaleza. Tema VIII: O Mapa da Extrema Pobreza 2 GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ SECRETARIO DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)*. www.ipece.ce.gov.br
- Figlie, N. B. (2014). A Entrevista Motivacional: conversas sobre mudança. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 34(87), 472–489.
- Filatro, A. (2008). Design instrucional sob uma perspectiva andragógica. *I WebCurrículo*, January 2009, 1–11. <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.32923.46881>
- Filatro, A. C., & Piconez, S. C. B. (2008). *Contribuições do Learning Design Para o Design Instrucional*. October, 1–10. <http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/511200841151PM.pdf>
- Formiga, E. de L. (2011). *Símbolos Gráficos-Métodos de avaliação de compreensão*. Edgar Blucher.
- Formiga, E. de L. (2012). *Avaliação e comparação de métodos para testar compreensibilidade de ilustrações de folhetos de instruções*.
- Forty, A. (2007). *Objetos de Desejo: design e sociedade desde 1750*. Cosac Naify.
- Franco, E. (2001). *HQtrônicas: do suporte papel a rede Internet*. <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284201>
- Franco, E. S., & Franco, E. S. (2001). *Edgar Silveira Franco*.
- Franco, M. R. P. (2009). *Avaliação do conhecimento do consumidor sobre as informações obrigatórias das etiquetas dos produtos têxteis*. <http://repositorios.inmetro.gov.br/handle/10926/1256>

- Frascara, J., & Ruecker, S. (2007). *Jorge Frascara and Stan Ruecker Medical communications and information design*. 15(1), 44–63.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido* (17^a). Paz e Terra.
- Freire, P. (2002). *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa* (25^a). Paz e Terra.
- Freitas, R. F. de. (2019). Orientações em Design para Desenvolvimento de Materiais Educativos Impressos em Saúde. *Journal of Chemical Information and Modeling*, 53(9), 1689–1699.
- Freitas, R. F. de, Waechter, H. da N., Coutinho, S. G., & Gubert, F. do A. (2020). Validação de aspectos semânticos em diretrizes para elaboração de Materiais Educativos Impressos para Promoção da Saúde: contribuição do Design da Informação. *InfoDesign - Revista Brasileira de Design Da Informação*, 152–169.
- Freitas, R. F. de, Waechter, H. D. N., & Coutinho, S. G. (2014). Prevenção às DST/Aids: design da informação para promoção da saúde. *InfoDesign - Revista Brasileira de Design Da Informação*, 11(1), 64–85. <https://doi.org/10.51358/id.v11i1.242>
- Freyre, G. (2012). *Modos de Homem e Modas de Mulher* (Issue 1^a Edição Digital). Editora Global.
- Galdino, Y. L. S. (2014). Construção E Validação De Cartilha Educativa Para O Autocuidado Com Os Pés De Pessoas Com Diabetes. *Dissertação*, 1. <https://doi.org/10.1017/CB09781107415324.004>
- Ghirotti, J. C. (2017). *Frank Miller e os quadrinhos: pelo que vale a pena morrer*.
- Gil, A. C. (2002). Como elaborar projetos de pesquisa. In *Como Elaborar Projetos de Pesquisa* (4^a). Atlas.
- GINETEX. (2016a). *TEXTILE CARE SYMBOLS*. Ginetex Switzerland. https://www.ginetex.net/userfiles/files/Textile_care_symbols_en.pdf
- GINETEX. (2016b). *THE INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR TEXTILE CARE LABELLING TEXTILE CARE SYMBOLS*. GINETEX. www.ginetex.net
- Giordani, A. T. (2020). *Editora UENP Normas Editoriais Orientações aos autores* (p. 18). Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP.
- Goldim, J. R. (2003). *Índices de Legibilidade de Flesch-Kincaid e de Facilidade de Leitura de Flesch*. Núcleo Interinstitucional de Bioética. <https://www.ufrgs.br/bioetica/ilfk.htm>
- Goldsmith, E. (1980). *Comprehensibility of illustration – an analytical model*. 3, 204–213. <https://doi.org/10.1075/idj.l.3.08gol>
- Grant, J. S., & Davis, L. L. (1997). Selection and use of content experts for instrument development. *Research in Nursing & Health*, 20(3), 269–274. [https://doi.org/10.1002/\(sici\)1098-240x\(199706\)20:3<269::aid-nur9>3.3.co;2-3](https://doi.org/10.1002/(sici)1098-240x(199706)20:3<269::aid-nur9>3.3.co;2-3)

- Gravani, M. N. (2012). Adult learning principles in designing learning activities for teacher development. *International Journal of Lifelong Education*, 31(4), 419–432.
<https://doi.org/10.1080/02601370.2012.663804>
- Guimarães, E. (2001). História em Quadrinhos como Instrumento Educacional. *XXIV Congresso Brasileiro Da Comunicação*, 7, 17.
- HACO BRASIL. (2018). *Identificação de Moda*.
<http://www.haco.com.br/pt/identificacao-moda>
- Hirata, H. (2001). Globalização e divisão sexual do trabalho. *Cadernos Pagu*, 139–156.
https://documentcloud.adobe.com/gsuiteintegration/index.html?state=%7B%22ids%22%3A%5B%220B3tOeASBKuHRU1RJYINLUEU1MXdsd1ZHR1JYMjhhZmpDUG1r%22%5D%2C%22action%22%3A%22open%22%2C%22userId%22%3A%22102045195870113561364%22%2C%22resourceKeys%22%3A%7B%220B3tOeASBKuHRU1RJYINLUEU1MXdsd1ZHR1JYMjhhZmpDUG1r%22%3A%220-CGOExdRGvs1BA_XnwgrgCw%22%7D%7D
- Hoffmann, T., & Worrall, L. (2004). Designing effective written health education materials: Considerations for health professionals. *Disability and Rehabilitation*, 26(19), 1166–1173.
<https://doi.org/10.1080/09638280410001724816>
- Horn, R. E. (1998). *Visual Language: Global communication for the 21st century*. Marco, Inc.
- HORN, R. E. (1999). Information Design: Emergence of a New Profession. In *Information Design* (pp. 15–33). MIT Press.
- IBGE. (2018). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Divulgação Especial Mulheres no Mercado de Trabalho*. 15.
- IBGE. (2019). *Características adicionais do mercado de trabalho: 2018*. 30.
<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101694>
- IBGE. (2020). Pesquisa de orçamentos familiares : 2017-2018 : perfil das despesas no Brasil : indicadores selecionados. In *Ibge* (Vol. 46).
<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101761.pdf>
- IDT - Instituto de Desenvolvimento do Trabalho. (2020, March 17). *IDT/SINE atenderá somente agendamentos até o dia 31 de março*.
http://www.idt.org.br/noticia/idt_sine-atendera-somente-agendamentos-ate-o-dia-31-de-marco_n_1562
- IDT- Instituto de Desenvolvimento do Trabalho. (2021, July 23). *O IDT SINE dispõe hoje de 1235 oportunidades de emprego nas suas Unidades de Atendimento*. <http://www.idt.org.br/vagas-disponiveis>
- IDT/DIEESE. (2017). Relações ilegais e informais de trabalho ainda predominam nos serviços domésticos da rmf. *PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego*, 1–12.
- Iida, I. (2005). *Ergonomia: Projeto e Produção* (Issue 2ª). Edgar Blucher.

- IIID - Instituto Internacional de Design da Informação. (n.d.). *ID definition*. Retrieved July 28, 2021, from <https://www.iiid.net/>
- IIID, I. I. for I. D. (2014). *Transforming Information: IIID VisionPlus Conference*.
- INAF-Indicador de Alfabetismo Funcional. (2019, December 10). *Alfabetismo no Brasil*. INAF. <https://alfabetismofuncional.org.br/alfabetismo-no-brasil/>
- INMETRO. (2002). *Você sabe para que serve a etiqueta*.
- INMETRO. (2010). *Inmetro comemora 15 anos do Programa de Análise de Produtos*. 16/12/2010. <https://www.gov.br/inmetro/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/inmetro-comemora-15-anos-do-programa-de-analise-de-produtos-1>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2010). *IBGE-2010-Lavadeiras em Fortaleza.pdf*.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2017). *Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação*. <https://ww2.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2020, March 17). *Censo 2020 adiado para 2021 | IBGE*. <https://www.ibge.gov.br/novo-portal-destaques/27161-censo-2020-adiado-para-2021.html>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2021, July 23). *IBGE | Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação*. IBGE - População. https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html?utm_source=portal&utm_medium=popclock
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE. (2014). *Síntese de indicadores sociais : uma análise das condições de vida da população brasileira : 2014* (Issue 34). IBGE. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv91983.pdf>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE. (2019). *PNAD Contínua*.
- (Instituto de Desenvolvimento do Trabalho – IDT). (2017, August). *Sobre o IDT*. <http://www.idt.org.br/institucional/sobre-o-idt>
- Instituto Nacional de Metrologia, Q. e T.-I. (2011, August 12). *Têxtil*. Cartilhas. <https://www.gov.br/inmetro/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cartilhas/textil.pdf/view>
- Instituto Nacional de Metrologia, Q. e T.-I. (2015). *Cartilha para orientar consumidores sobre a etiqueta têxtil já está disponível*. Imprensa INMETRO. <https://www.gov.br/inmetro/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/cartilha-para-orientar-consumidores-sobre-a-etiqueta-textil-ja-esta-disponivel>
- International Organization for Standardization - ISO. (2014). *Testing according to ISO 9186-1:2014 – Criteria of acceptability adopted by ISO/TC 145/SC 1 for testing of public information symbols*.

- 1(Graphical symbols – Test methods – Part 1: Method for testing), 9186.
- IPEM-SP. (2010). *Cartilha IPEM-SP Explica: Produtos têxteis* (p. 14). <http://www.ipem.sp.gov.br/images/pdf/publicacoes/textil.pdf>
- James, G. (2020, June). *Research Recruiting: How to Use Marketing Strategies to Find Participants*. User Interviews. <https://www.userinterviews.com/blog/research-recruiting-on-facebook-and-other-strategies>
- Jones, C. A., Mawani, S., King, K. M., Allu, S. O., Smith, M., Mohan, S., & Campbell, N. R. C. (2011). Tackling health literacy: Adaptation of public hypertension educational materials for an Indo-Asian population in Canada. *BMC Public Health*, 11. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-11-24>
- Kaliyaperumal, K. (2004). *Guideline for Conducting a Knowledge, Attitude and Practice (KAP) Study*. IV(01).
- Kaplún, G. (2003). Material educativo: a experiência de aprendizado. *Comunicação & Educação*, 0(27), 46. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i27p46-60>
- Karlsson, M. (2013, November). *Nosso maior consumo de roupas é uma ameaça ao meio ambiente*. Aftonbladet | Schibsted. <https://www.aftonbladet.se/debatt/a/MgdaoB/var-okade-kladkonsumtion-ar-ett-hot-mot-miljon>
- Knowles, M. S., Holton III, E. F., & Swanson, R. A. (2011). *Aprendizagem de resultados: Uma abordagem prática para aumentar a efetividade da educação corporativa*. Elsevier.
- Kosinski, M., Matz, S. C., Gosling, S. D., Popov, V., & Stillwell, D. (2015). Facebook as a research tool for the social sciences: Opportunities, challenges, ethical considerations, and practical guidelines. *American Psychologist*, 70(6), 543–556. <https://doi.org/10.1037/a0039210>
- Leite, A. (2015). *Inmetro lança cartilha para orientar consumidores sobre a etiqueta têxtil*.
- Levin, J., Fox, J. A., & Forde, D. R. (2012). *Estatística para Ciências Humanas* (11ª). Person Education do Brasil.
- Levine, D. M., Stephan, D. F., Krehbiel, T. C., & Berenson, M. L. (2008). *Estatística: teoria e aplicações*. LTC.
- Lima, N., & Ponomarenko, G. (2019). *Calculadora de Leiturabilidade - Planilhas Google*. https://docs.google.com/spreadsheets/d/1fviXM3_cxcJx4IVfC-ze88NAKbtTPE7dNcurnXfpK54/edit?pli=1#gid=0
- Liotino, K. (2017). O que deve ser etiquetado e informações obrigatórias. In *Guia de Etiquetagem Têxtil* (1ª, p. 13). Etiqueta Certa.

- Lisbôa, L. L. (2008). *História em quadrinhos como local de aprendizagem: saberes ambientais e a formação de sujeitos* [Mestrado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- LIVRE, C. (2017). *Negócio social vira espécie de Uber no setor de lavanderias*. 18/05/2017.
<https://ascoismaiscriativasdomundo.catracalivre.com.br/economia-criativa/negocio-social-vira-especie-de-uber-no-setor-de-lavanderias/>
- Lobach, B. (2001). *Design industrial: Bases para a configuração dos produtos industriais* (Issue 1ª). Edgar Blucher.
- Lynn, M. R. (1986). Determination and quantification of content validity. In *Nursing Research* (Vol. 35, Issue 6, pp. 382–386).
<http://ijoh.tums.ac.ir/index.php/ijoh/article/view/26>
- Malcom, K. (1973). The Adult Learner: A Neglected Species. *American Society for Training and Development*, 1, 207.
<http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED084368.pdf>
- Marcos José Alves de Lima, Lauar, A. C., Lima, V. F. T. de, Silva, J. C. P. da, & Paschoarelli, L. C. (2010). OS ESTUDOS DE LEONARDO DA VINCI E SUA AÇÃO PRECURSORA NA ERGONOMIA. In *A evolução histórica da ergonomia no mundo e seus pioneiros*.
- Maria Clara Serpa. (2020, October 7). *Pandemia mudou nossa maneira de consumir moda. Veja as tendências* | CLAUDIA. Revista Claudia.
<https://claudia.abril.com.br/moda/pandemia-moda-consumo-tendencias/>
- Marinho, L. A. B., Gurgel, M. S. C., Cecatti, J. G., & Osis, M. J. D. (2003). Conhecimento, atitude e prática do auto-exame das mamas em centros de saúde/Knowledge, attitude and practice of breast self-examination in health centers. *Revista de Saúde Pública*, 37(5), 576–582. <https://doi.org/10.1590/s0034-89102003000500005>
- Matos, M. I. S. de. (2019). *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. eManuscrito.
<https://play.google.com/store/books/details?id=GJKpDwAAQBAJ>
- McCloud, S. (1995). *Desvendando os quadrinhos - a arte invisível*. Makron Books.
- MEC - Ministério da Educação do Brasil. (2002). *Manual do Aplicador do estudo CAP*. Ministério da Educação do Brasil.
- Meis, L. de, Formato, R., Meis, L. de, & Meis, D. (1998a). *As histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário - Gazy Andraus 5.4.4*. 18–19.
- Meis, L. de, Formato, R., Meis, L. de, & Meis, D. (1998b). *As histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário - Gazy Andraus 5.4.4*. 18–19.
- Melo, P. A. de S. (2018). *Validação do Inquérito Conhecimentos, Atitudes e Prática (CAP) Sobre a Humanização na Assistência ao Parto e Nascimento*. Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

- Meneguelli, F., & Setubal, R. (2015). *Quadrinhos e educação : uma relação complexa Comics and education : a complex relationship Flávia Meneguelli Ribeiro Setubal Moema Lúcia Martins Rebouças*. 1(2000), 301–334.
- MESQUITA, E. (2008). Informalidade no mercado de trabalho de Fortaleza: dimensão e características. *Fortaleza: Instituto de Desenvolvimento Do Trabalho*.
<http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:INFORMALIDADE+NO+MERCADO+DE+TRABALHO+DE+FORTALEZA:+DIMENSÃO+E+CARACTERÍSTICAS#1>
- Mesquita, E. (2017). *TRABALHO AUTÔNOMO E POLÍTICAS PÚBLICAS EM REGIÕES METROPOLITANAS 2º EDIÇÃO*.
http://www.sineidt.org.br/PortalIDT/arquivos/publicacao/Trabalho_Autonomo_2017.pdf
- Mijksenaar, P. (1997a). Visual Function: An introduction to information design. In *Encyclopedia of Computational Neuroscience*. 010 Publishers. https://doi.org/10.1007/978-1-4614-6675-8_100639
- Mijksenaar, P. (1997b). *Visual function: an introduction to information design* (Morita, Ed.). 010 Publishers.
- Mijksenaar, P., & Westendorp, P. (1999). *Open Here. The art of Instructional Design* (1ª edição). Thames & Hudson.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, I. E. C. E., & CONSELHO NACIONAL DE METROLOGIA, N. E. Q. I. C. (2008). *REGULAMENTO TÉCNICO MERCOSUL ETIQUETAGEM DE PRODUTOS TÊXTEIS*.
<http://www.inmetro.gov.br/legislacao/resc/pdf/RESC000213.pdf>
- Ministério do Desenvolvimento, I. e C. E., & Instituto Nacional de Metrologia, Q. e T.-I. (2011). Procedimento de Fiscalização e Coleta de Amostras de Produtos Têxteis para a Avaliação da Fidedignidade das Informações. In *INMETRO* (Issue Portaria nº 166, de 8 de abril de 2011).
- Ministério do Trabalho e Previdência Social do Brasil. (2015). Trabalhadores Domésticos: direitos e deveres. In *eSocial* (Vol. 1, Issue 6).
<https://www.gov.br/esocial/pt-br/documentacao-tecnica/manuais/cartilha-trabalhadores-domesticos-direitos-e-deveres>
- Mont’Alvão, C., Pereira, A., & Cassel, D. (2015). Uma Contribuição Da Ergonomia Inforamcional Analysis of Health Educational Booklets : a Contribution of Informational Ergonomics. 15º *ERGODESIGN - Congresso Internacioal de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano-Tecnologia: Produto, Informações, Ambientes Construídos e Transporte-USIHC - Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano-Computador*, 12.
- Monteiro, S., & Vargas, E. (2006). Educação, comunicação e tecnologia educacional: interfaces com o campo da saúde. In *Educação, comunicação e tecnologia educacional: interfaces com o campo da saúde*. <https://doi.org/10.7476/9788575415337>

- Monteleone, J. de M. (2019). Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: O trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). *Revista Estudos Feministas*, 27(1). <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n148913>
- Moreira, M. de F., Nóbrega, M. M. L. da, & Silva, M. I. T. da. (2003). Comunicação escrita: contribuição para a elaboração de material educativo em saúde TT - Written communication: contribution for the elaboration of educational material in health. *Rev Bras Enferm*, 56(2), 184-188. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt&pid=S0034-71672003000200015
- Nascimento, L. A. do. (2011). *O Design do livro didático de alfabetização: tipografia e legibilidade*.
- Neder, V., Penafort, R., Amorim, D., & Jornal O Estado de São Paulo - Estadão. (2015). *Máquina de lavar é objeto de desejo das famílias brasileiras, diz IBGE*. Economia - Estadão. <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,maquina-de-lavar-e-objeto-de-desejo-das-familias-brasileiras--diz-ibge,1795734>
- Nogueira Filho, R. (2015). *OMO e Hering Kids criam parceria e comunicam Contos de Etiqueta*. Grandes Nomes Da Propaganda. <https://grandesnombresdapropaganda.com.br/anunciantes/omo-e-hering-kids-criam-parceria-e-comunicam-contos-de-etiqueta/>
- Nunes, E. L. S., Trotta, T. de, & Licheski, L. C. (2012). Simbologia Têxtil: aplicação e compreensibilidade. *Revista Ação Ergonômica*, 9(1), 111-116.
- Nunes, T. B. de O. (2016). *AValiação de Componentes Informacionais de Etiquetas de Roupas: o caso de etiquetas de roupas infantis de 0 a 7 anos em São Luís - MA*.
- Observatório do Plano Nacional de Educação - OPNE. (2020). *OPNE - Indicadores - Meta - Alfabetização e alfabetismo funcional de jovens e adultos - Taxa de analfabetismo funcional*. <https://www.observatoriodopne.org.br/indicadores/metas/9-alfabetizacao-educacao-jovens-adultos/indicadores/taxa-de-analfabetismo-funcional/>
- OIT - Organização Internacional do Trabalho. (n.d.). *Trabalho Doméstico (OIT Brasília)*. Retrieved July 25, 2021, from <https://www.ilo.org/brasil/temas/trabalho-domestico/lang-pt/index.htm>
- Okuhara, T., Ishikawa, H., Okada, M., Kato, M., & Kiuchi, T. (2017). Designing persuasive health materials using processing fluency: A literature review. *BMC Research Notes*, 10(1), 1-10. <https://doi.org/10.1186/s13104-017-2524-x>
- Oliveira, S. C. de, Lopes, M. V. de O., & Fernandes, A. F. C. (2014). Construção e validação de cartilha educativa para alimentação saudável durante a gravidez. *Revista Latino-Americana de*

- Enfermagem*, 22(4):611-4, 611-620.
<https://doi.org/10.1590/0104-1169.3313.2459>
- Oliveira, S. C. (2014a). *Efeito de Uma Intervenção Educativa na Gravidez Para Alimentação Saudável Com os Alimentos Regionais* [Thesis]. Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem.
- Oliveira, S. C. (2014b). *Efeito De Uma Intervenção Educativa Na Gravidez Para Alimentação Saudável Com Os Alimentos Regionais*. Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem.
- Organização Mundial da Saúde - OMS. (2016). *Inquéritos sobre Conhecimentos, Atitudes e Práticas Doença do Vírus Zika e Potenciais Complicações Pacote de recursos*. 30.
- Parthenon, E. (2020, September 29). *Consumo e Pandemia: As mudanças de hábitos e padrões de comportamento provocados pelo coronavírus* | VEJA. Revista Veja. <https://veja.abril.com.br/insights-list/insight-3/>
- Patterson, M. B. (2019). Adults with Low Skills and Learning Disabilities. *The Wiley Handbook of Adult Literacy*, 337-360.
<https://doi.org/10.1002/9781119261407.ch16>
- Pedro Renaux. (2019, September 27). *Desemprego cai para 11,8% com informalidade atingindo maior nível da série histórica* | Agência de Notícias | IBGE. Agência IBGE Notícias.
<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25534-desemprego-cai-para-11-8-com-informalidade-atingindo-maior-nivel-da-serie-historica>
- Pereira, A., Cassel, D., & Mont'Alvão, C. (2015). *Saúde e diabetes: uma contribuição do design da informação*. 2, 1484-1488.
https://doi.org/10.5151/designpro-cidi2015-congic_44
- Pessoa, A. R. (2016). *A Linguagem das Histórias em Quadrinhos: Definições, elementos, gêneros*.
- Pettersson, R. (2010). Pettersson-Rune-Information Design - Principles and Guidelines.pdf. *Journal of Visual Literacy*, 29(2), 167-182.
- Pettersson, R. (2011). *Searching for Evidence of Early Information Design*.
https://www.researchgate.net/publication/281811273_Searching_for_evidence_of_early_information_design
- Pettersson, R. (2015). *Information Design 1-Message Design*. IIID Public Library.
- Pettersson, R. (2018a). *Information Design 3-Text Design*.
http://mime1.marc.gatech.edu/tim/mm_tools/TDG.html
- Pettersson, R. (2018b). *Information Design 6-Cognition*. IIID.
- Pettersson, R. (2018c). *Information Design 9-Basic ID-concepts*. IIID Public Library.

- Pettersson, R. (2018d). Information Design–Graphic Design. In *Institute for Infology* (Vol. 5). Institute for Infology.
- Pettersson, R. (2018e). *Information Design–It Depends* (Vol. 8, Issue 6ª). IIID Public Library.
- Pimenta, D. N., Leandro, A. M. S., & Schall, V. T. (2000). *EXPERIÊNCIAS DE DESENVOLVIMENTO E 1 AVALIAÇÃO DE MATERIAIS EDUCATIVOS SOBRE SAÚDE: ABORDAGENS SÓCIO- HISTÓRICAS E CONTRIBUIÇÕES DA ANTROPOLOGIA VISUAL* (pp. 7–7).
- Polit, D. F., & Beck, C. T. (2006). The Content Validity Index: Are You Sure You Know What’s Being Reported? Critique and Recommendations. *Research in Nursing & Health*, 29, 489–497.
<https://doi.org/10.1002/nur>
- Prochaska, J. O., Diclemente, C. C., & Norcross, J. C. (1993). In search of how people change: Applications to addictive behaviors. *Journal of Addictions Nursing*, 5(1), 2–16.
<https://doi.org/10.3109/10884609309149692>
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. de. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. Feevale.
- Ramos, L. B., Mestranda, S., Pela, E. E., & Pr, U. /. (n.d.). *I Jornada De Didática-O Ensino Como Foco I Fórum De Professores De Didática Do Estado Do Paraná O Valor Pedagógico Das Histórias Em Quadrinhos No Percurso Do Docente De Língua Portuguesa*.
- Reberte, L. M. (2008a). Celebrando a vida: construção de uma cartilha para promoção da saúde da gestante. In *Tese de Doutorado*.
- Reberte, L. M. (2008b). Celebrando a Vida: construção de uma cartilha para promoção da saúde da gestante. In *Universidade de São Paulo*.
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7132/tde-05052009-112542/>
- REBERTE, Luciana Magnoni; HOGA, L. A. K. (2008). Celebrando a vida: construção de uma cartilha para promoção da saúde da gestante. *Universidade de São Paulo*, 130.
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7132/tde-05052009-112542/>
- Reis Júnior, D. (2021, January). *Máquina de Lavar Technique - 1929*. Propagandas Históricas | Propagandas Antigas.
<https://www.propagandashistoricas.com.br/2021/01/maquina-de-lavar-technique.html>
- Reis, S., Cunha, A., & Marques, T. (2021). Paulo Freire e a Educação de Jovens e Adultos. *Revista Educação e Ciências Sociais*, 4(7), 6–12.
- Ribeiro, J. B. (2014). *As Estratégias de Aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos* [Universidade do Vale do Sapucaí].
<http://www.univas.edu.br/me/docs/dissertacoes2/163.pdf>

- Rife, S. C., Cate, K. L., Kosinski, M., & Stillwell, D. (2016). Participant recruitment and data collection through Facebook: the role of personality factors. *International Journal of Social Research Methodology*, 19(1), 69–83.
<https://doi.org/10.1080/13645579.2014.957069>
- Rubio, D. M. G., Berg-Weger, M., Tebb, S. S., Lee, E. S., & Rauch, S. (2003). Objectifying content validity: Conducting a content validity study in social work research. *Social Work Research*, 27(2), 94–104.
<https://doi.org/10.1093/swr/27.2.94>
- Rumjanek, L. (2008). Tipografia para crianças : estudos de legibilidade. *Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento Em Design*, m, 1232–1244.
- Sabino, L. M. M. de. (2016). *Cartilha Educativa Para Promoção da Autoeficácia Materna na Prevenção da Diarreia Infantil: Elaboração e Validação* (p. 171). Universidade Federal do Ceará.
- Samara, T. (2012). *Drawing for Graphic Design: understanding conceptual principles and practical techniques to create unique, effective design solutions*. Rockport Publishers.
- Sanders, E. B., & RichardsonSmith Inc. (1986). Toward a Theory of Information Design. *Proceedings of the Human Factors Society - 30th Annual Meeting*, 1068–1071.
- Sangsawang, T. (2015). Instructional Design Framework for Educational Media. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 176, 65–80.
<https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2015.01.445>
- SANSIL. (2017). *Como é feita a fiscalização das etiquetas para roupas?* | Sansil. <https://www.sansil.com.br/como-e-feita-a-fiscalizacao-das-etiquetas-para-roupas/>
- Santos, R. E. dos, & Vergueiro, W. D. C. S. (2012). Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. *EccoS – Revista Científica*, 27, 81–95. <https://doi.org/10.5585/eccos.n27.3498>
- Santos, S. L. dos, Cabral, A. C. dos S. P., & Augusto, L. G. da S. (2011). Conhecimento, atitude e prática sobre dengue, seu vetor e ações de controle em uma comunidade urbana do Nordeste. *Ciência & Saúde Coletiva*, 1319–1330.
- SBM Etiquetas. (2018). *SBM Etiquetas e Rótulos Adesivos*. <http://www.sbm-etiquetas.com.br/produtos/ver/MjM=>
- Schneider, J. (2016). *Elaboração de requisitos para o aperfeiçoamento do projeto de etiquetas técnicas de manutenção e conservação têxtil: um estudo fundamentado na ergonomia e usabilidade* [Dissertação de Mestrado]. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.
- Schneider, J., & Santos, C. T. dos. (2016). Etiquetas Técnicas e Sua Importância Para os Usuários Profissionais na Prestação de Serviços de Cuidados Têxteis Especializados: Uma Análise Exploratória. *E-*

- Revista LOGO, June, 121–145. <https://doi.org/10.26771/e-Revista.LOGO/2016.2.07>
- Schwartz, S. (2018). Alfabetização de Jovens e Adultos: Teoria e prática. In *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade* (Vol. 4). <https://doi.org/10.23899/relacult.v4i0.787>
- SEBRAE, S. B. de A. às M. e P. E. (2014). *Oportunidades em Lavanderias Para o Mundial. 2013*, 1–7.
- SEDET - Secretaria do Desenvolvimento Econômico e Trabalho, IPECE - Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará, & JUCEC - Junta Comercial do Ceará. (2020, October 20). *Trabalho Informal no Ceará: Desafios e Possibilidades - YouTube*. SEDET-CE. https://www.youtube.com/watch?v=Dw9BOMPfHj0&ab_channel=SedetCear%C3%A1
- Setubal, F. M. R., & Rebouças, M. L. M. (2000). Quadrinhos e educação: uma relação complexa. In *Encyclopedia of volcanoes*. (p. 662).
- Shedroff, N. (1999). Information Interaction Design: A Unified Field Theory of Design. In Robert Jacobson (Ed.), *Information Design* (pp. 267–292). MIT Press.
- Silva, J. C. P. da, & Paschoarelli, L. C. (2010). *A evolução histórica da ergonomia no mundo e seus pioneiros* (J. C. P. da S. Luís & C. Paschoarelli, Eds.). Cultura Acadêmica.
- Silva, F. T., & Costa, F. J. R. da. (2011, August). Quadrinhos na Educação: Experiência no projeto O Prazer da Arte. *Jornadas Internacionais de Histórias Em Quadrinhos*, 13.
- Silveira, S. (2012). Aplicação de Aspectos de Design Instrucional na Elaboração de Materiais Didáticos Digitais para Educação a Distância. ... *D.: Design, Educação* <http://seer.uniritter.edu.br/index.php/revistadesign/article/viewFile/416/258>
- Simlinger, P. (2007). University Course in Information Design. In *idX Core Competencies: What designers know and can do* (pp. 8–14). IIID Public Library.
- Smith, P. L., & Ragan, T. J. (2005). A Framework for Instructional Strategy Design. *Instructional Design*, 127–150. http://benhur.teluq.ca/SPIP/ted6210_v3/IMG/pdf/TED6210_Smith_2005.pdf
- Sociedade Brasileira de Design da Informação (SBDI). (n.d.). *Definições*. Retrieved April 24, 2021, from <https://sbdi.org.br/definicoes>
- Sousa, C. S., & Turrini, R. N. T. (2012). Validação de constructo de tecnologia educativa para pacientes mediante aplicação da técnica Delphi. *ACTA Paulista de Enfermagem*, 25(6), 990–996. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002012000600026>
- Souza, C. S., Turrini, R. N. T., & Poveda, V. B. (2015). Tradução E Adaptação Do Instrumento “Suitability Assessment of Materials” (Sam) Para O

- Português. *Journal of Nursing UFPE on Line*, 9(5), 7854–7861.
<https://doi.org/10.5205/reuol.6121-57155-1-ED.0905201515>
- Szwajcer, E. M., Hiddink, G. J., Koelen, M. A., & van Woerkum, C. M. J. (2009). Written nutrition communication in midwifery practice: What purpose does it serve? *Midwifery*, 25(5), 509–517.
<https://doi.org/10.1016/j.midw.2007.10.005>
- Tallrop, Kristoffer. (2018). *LÄNGE LEVE KLÄDERNA!*
https://www.naturskyddsforeningen.se/sites/default/files/dokument-media/pm_lange_leve_kladerna.pdf
- The International Association for Textile Care Labeling - GINETEX. (2011a). *GINETEX: The worldwide care labelling system*.
- The International Association for Textile Care Labeling - GINETEX. (2011b, March). *The Lifelong Learning Program*. Newsletter 03-2011.
https://www.ginetex.net/userfiles/files/Newsletter/GINETEX_Newsletter_Sept2011.pdf
- The International Association for Textile Care Labeling - GINETEX. (2017). *GINETEX 50 years of success*.
http://www.ginetex.net/userfiles/files/Ginetex_fifty years.pdf
- Tressler, K. (2014). *Design e Educação de Adultos: Uma investigação sobre tipografia e layout em livros didáticos*.
<https://doi.org/http://dx.doi.org/10.13140/RG.2.1.3928.5929>
- Tufte, E. R. (1999). *Envisioning Information* (7th ed.). Graphics Press.
- Twyman, M. (1982). *Linguagem visual gráfica | modelos teóricos*
Linguagem visual gráfica | fonemas da gramática visual.
- Twyman, M. (2003). Information Design and Early Ephemera. In C. G. Spinillo & S. G. Coutinho (Eds.), *Selected Readings of the Information Design International Conference* (pp. 11–27). SBDI - Sociedade Brasileira de Design da Informação.
- Umberlândia Cabral. (2021, May 21). *Norte e Nordeste puxam desocupação recorde no primeiro trimestre no país | Agência de Notícias | IBGE*. Agência IBGE Notícias.
<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30785-norte-e-nordeste-puxam-desocupacao-recorde-no-primeiro-trimestre-no-pais>
- VortexMag. (2021, June). *6 profissões antigas portuguesas que deixaram de existir*. VortexMag | História.
<https://www.vortexmag.net/profissoes-antigas/>
- White, J. v. (1983). *Mastermg graphics: Design and Production Made Easy*. R. R. Bowker Company.
- White, J. v. (1984). *Using Charts and Graphs: 1000 Ideas for Visual Persuasion*. R. R. Bowker Company.

WHO - World Health Organization. (2008). *Advocacy, communication and social mobilization for TB control: a guide to developing knowledge, attitude and practice surveys*. WHO Press.

Wileman, R. E. (1993). *Visual Communicating* (1st ed., Vol. 1, Issue 1). Educational Technology Publications Inc.

Wynd, C. A., Schmidt, B., & Schaefer, M. A. (2003). Two quantitative approaches for estimating content validity. *Western Journal of Nursing Research*, 25(5), 508–518.
<https://doi.org/10.1177/0193945903252998>

Yassuda, S., & Bandura, P. (2008). *Teoria da autoeficácia*. 2005.

Zimmerman, M. L., & Perkin, G. W. (1982). Instructing through pictures: Print materials for people who do not read. *Information Design Journal*, 3(2), 119–134. <https://doi.org/10.1075/idj.3.2.05zim>

PARTE 3
DIMENSÃO OPERATIVA



CAPÍTULO 4. ESTUDOS PRELIMINARES

4.1 NOTA INTRODUTÓRIA

Um dos objetivos específicos desta tese é buscar compreender como são realizadas as tarefas no ambiente doméstico, no contexto de uso.

Para obter mais informações sobre as questões de partida para esta pesquisa e delinear mais precisamente o problema, no início da investigação foram realizados dois estudos preliminares, e um estudo exploratório logo a seguir.

4.2 ESTUDO PRELIMINAR 1: UTILIZAÇÃO DA ETIQUETA DE CUIDADOS EM LAVANDERIAS DOMÉSTICAS DE FORTALEZA

Em setembro de 2017 iniciou-se o processo de catalogação dos principais estabelecimentos que oferecem serviços profissionais de lavagem e passadoria em Fortaleza. Nesta data, o setor apresentava total de 9.500 estabelecimentos operando em todo o território nacional, sendo que destes, 7.400 eram do setor doméstico (para o consumidor) e 2.100 pertenciam ao segmento industrial. Além disso, a grande maioria delas estava em São Paulo (Associação Brasileira de Franchising - ABF, 2018).

Números que, conforme a Associação Nacional das Empresas de Lavanderia - ANEL (2018) chegavam a 23 mil unidades (Livre, 2017). No Ceará, conforme conversa com o Sindilav, em 2017, há cerca de 230 empresas cadastradas como lavanderias domésticas, mas há muitos pequenos negócios que prestam serviços de lavagem e passadoria para terceiros e que não estão oficialmente vinculados ao sindicato. Logo, este número ainda não é preciso, mas considerado um mercado promissor.

Em 2014, por ocasião da Copa Mundial no Brasil, várias consultorias de negócio e empreendimento apontavam o investimento em lavanderia como um dos mais lucrativos (SEBRAE, 2014). O sistema de lavanderias automáticas (Self-Service), comum na Europa e Estados Unidos, só chegou em Fortaleza no ano de 2019, com a abertura da franquia¹⁴ argentina Laudromat. Logo, o objetivo deste estudo exploratório era verificar a relação existente entre o conhecimento dos símbolos das etiquetas e os acidentes com as roupas em serviços de lavanderias comerciais, em Fortaleza.

Em setembro de 2017 iniciou-se o processo de catalogação dos principais estabelecimentos que oferecem serviços profissionais de lavagem e passadoria em Fortaleza. Nesta data, o setor apresentava total de 9.500 estabelecimentos operando em todo o território nacional, sendo que destes, 7.400 eram do setor

¹⁴ Conforme o Priberam, franquia é um termo usado pelo comércio para indicar a exploração de produto, marca comercial ou serviço feita através de um contrato entre quem detém os direitos comerciais ou industriais e quem irá explorar esse produto, marca ou serviço, que implica geralmente um sistema de negócio fixo e pagamento de direitos. Relaciona-se com franchise, franchising, sobretaxa, porte, registo.

"franquia", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/franquia> [consultado em 26-11-2021].

doméstico (para o consumidor) e 2.100 pertenciam ao segmento industrial. Além disso, a grande maioria delas estava em São Paulo (Associação Brasileira de Franchising - ABF, 2018).

4.2.1 Método

Durante o mês de abril de 2017, foram visitadas oito lavanderias, sendo 5 de diferentes franquias nacionais e 3 estabelecimentos menores, conhecidos como lavanderias de bairro. Durante a visita, foram conduzidas algumas entrevistas semiestruturadas e uma avaliação de compreensão da simbologia têxtil, seguindo o procedimento de teste criado por (Brugger, 2006; Formiga, 2012). Foram entrevistados 15 sujeitos, funcionários dos estabelecimentos.

4.2.2 Resultados

Todos os entrevistados foram unânimes em relatar que a simbologia têxtil é fundamental para o trabalho realizado. Mesmo assim, com um pouco mais de conversa, alguns revelaram que nem sempre consultam a etiqueta porque já se acostumaram com o tipo de tecido e sabe como proceder. Roupas que chegam sem a etiqueta nas lavanderias franqueadas, o funcionário solicita ao cliente que assine um termo de compromisso se responsabilizando caso ocorra algum acidente decorrente da falta de instruções que deveriam estar na etiqueta. Segundo uma das entrevistadas, alguns clientes dizem que isto é besteira, mas quando chegam para pegar a roupa, se a peça apresentar algum defeito novo na entrega, eles não querem pagar.

Em todas estas lavanderias, os homens eram os frequentadores mais assíduos. Os tipos de roupas que mais se lavam, são as camisas masculinas de mangas compridas, usadas pelos “homens importantes” ou de negócios, ou roupas de rapazes solteiros. As mulheres costumam levar roupas de festa ou “casacos de frio comprados no estrangeiro”, além de roupas de trabalho confeccionadas com tecidos mais delicados.

Quando indagadas acerca da simbologia têxtil, também houve unanimidade na resposta: todos disseram saber o significado. Entretanto, após a aplicação do teste de compreensão, somente 3 dos 5 símbolos básicos foram corretamente identificados.

Pela pequena quantidade de estabelecimentos visitados e de sujeitos entrevistados, o estudo se mostrou inconclusivo. Entretanto, os dados obtidos serviram para reforçar a relevância da investigação e apontar caminhos para a segmentação do universo a ser estudado, para a elaboração de instrumentos de coleta de dados mais apropriados e para apontar a direção para a investigação.

4.3 ESTUDO PRELIMINAR 2: PERCEPÇÃO DO USUÁRIO ACERCA DO PAPEL DA ETIQUETA TÊXTEL NA PRESERVAÇÃO DAS CORES DO VESTUÁRIO

Na roupa, a etiqueta têxtil deve informar ao utilizador o que for necessário para assegurar sua durabilidade e qualidade, inclusive da cor. Em 2017, realizou-se um estudo preliminar da investigação em andamento com o objetivo de

identificar a percepção do usuário acerca do papel da etiqueta têxtil na preservação das cores do vestuário.

O foco do estudo foi direcionado para o problema do desbotamento das roupas, para as técnicas de tingimento e fixação de cor utilizadas pela indústria e no uso da etiqueta como manual de instruções fornecido pelo fabricante para evitar acidentes e danos ao produto adquirido, na hora da lavagem.

O objetivo foi avaliar, de modo preliminar, se as etiquetas eram consultadas pelos usuários antes da lavagem e qual a utilidade que apresentavam para a manutenção e conservação das cores.

4.3.1 Métodos

Para a coleta de dados, utilizou-se uma abordagem mista, aplicando um questionário de 13 questões, sendo seis abertas e sete fechadas acerca de possíveis problemas com as cores das roupas após lavagem e sobre o entendimento e uso das informações pictóricas das etiquetas de cuidados.

Por ser um estudo inicial e dada a abrangência da amostra, considerando-se que o uso de roupas é feito por todas as pessoas, para ganhar tempo e se obter um resultado preliminar que permitisse a validação do objeto de estudo e da problematização, optou-se pelo uso da ferramenta Google Forms para criar e divulgar por e-mail, em grupos no WhatsApp e Facebook, durante os dias 7 e 8 de novembro de 2017. Ao alcançar 100 respostas, fez-se a análise dos dados coletados em planilha. Para caracterizar as respostas entre sexo, idade e profissão fez-se uma subclassificação. Dividiu-se a idade por faixas etárias, conforme dados de projeção da pirâmide etária brasileira (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2017), em três grupos obtidos pelas respostas: de 15 a 24 anos, de 25 a 54 e de 65 ou mais.

O sexo foi dividido entre masculino e feminino e o campo profissão foi deixado em aberto para que o respondente preenchesse sua ocupação, sendo possível organizá-los em quatro grupos com contagem igual ou superior a 10: estudante, professor, designer e outras. Deste modo obteve-se 24 diferentes grupos para análise. As questões abertas pretendiam coletar respostas em tópicos que careciam de um maior entendimento individualizado acerca de conhecimentos, atitudes e hábitos nos cuidados das roupas.

4.3.2 Resultados

A análise e cruzamento dos dados permitiu constatar que a transferência de cor entre as roupas é recorrente, que as mulheres usam mais as etiquetas, que a maioria não considera úteis as informações que elas apresentam e nem consegue conectá-las à preservação das cores das roupas.

Dos 100 respondentes, 86 eram do Ceará, e os outros 14 eram de diferentes estados do Brasil. 61 eram mulheres e 39 homens; 26 eram estudantes, 13 professores, 10 designers e os 51 restantes eram de profissões diversas, com menos de dez unidades, cada. Quanto à faixa etária, 41% estão entre os 15 e 24 anos; 50% entre 25 e 54 e apenas 9% entre 55-64 anos. Quanto à lavagem da roupa, 57% responderam que eles mesmos faziam isto; 35% disse ser alguém da família; 6% a empregada doméstica; 1% a diarista e 1% manda apara a

lavanderia. 86% informaram que usa máquina de lavar, 9% não, 5% deixaram em branco, apesar de informar que lavavam em casa.

Para a pergunta: Já teve problemas com as cores das roupas durante a lavagem? 77 responderam que sim e 23 que não. Se olham ou não as etiquetas das roupas antes da lavagem, 75 informaram que não olham e apenas 25 disseram que sim. Entretanto, para os que disseram que liam as etiquetas, que tipo de informação consideravam úteis, houve variação nas respostas, mas muitos disseram se preocupar principalmente com as cores das roupas: se era possível misturar as cores na máquina, recomendações quanto ao alvejante, tipo de sabão, secagem (ao sol ou à sombra), se lava à mão ou na máquina ou se pode deixar de molho.

E as informações contidas nas etiquetas já foram úteis para prevenir acidentes com as cores das roupas? 54 dos respondentes afirmaram que não e 46 que sim. Aos que responderam não, perguntou-se ainda por que motivo não consultavam as etiquetas. Sendo uma questão aberta, deu margem a várias respostas muito pessoais.

Buscou-se, entretanto, aglomerar aquelas que tinham algum tema repetido. 22 respondentes disseram que não tem interesse, não achavam relevante ou não se preocupavam por não lavarem as próprias roupas. Outros 5 disseram não achar que as etiquetas possuísem informações válidas. 7 disseram que não compreendiam as etiquetas porque o que está lá é confuso. 5 responderam que as cortavam antes de usar a peça pela primeira vez. 2 disseram que possuíam alergia ao tipo de material da etiqueta, por isto cortavam. 2 mencionaram que não conseguiam encontrar na etiqueta informações sobre as cores da roupa (se soltam tinta ou não). 1 pessoa disse que nem toda roupa tinha etiqueta. 2 pessoas disseram que por achar que não precisariam de ajuda antes da lavagem, não consultavam a etiqueta e já haviam perdido roupas por isto. 1 respondente disse não olhar por não conhecer a finalidade da etiqueta. Por fim, 1 sujeito disse reconhecer a importância dos símbolos, mas não era capaz de entender o que eles significavam e desistia de ler. 6 não deram resposta.

Dentre as principais causas do problema foram apontados os danos causados pela transferência de cores por conta da mistura de roupas (10), o uso incorreto do alvejante (4), seguidos por desbotamento da roupa, uso de amaciante, falta de conhecimento acerca dos cuidados com a manutenção da peça e exposição ao sol, todos com uma resposta.

4.4 ESTUDO PRELIMINAR 3: USO DA ETIQUETA DE CUIDADOS E COMPREENSÃO DA SIMBOLOGIA TÊXTIL POR PROFISSIONAIS AUTÔNOMOS DE LAVAGEM E PASSADORIA

Após o Estudo Preliminar 1, a equipe de investigação decidiu fazer um recorte mais delimitado das ocorrências do problema. Para tanto, ao invés de trabalhar com o mercado brasileiro como um todo, optou-se por focar nos trabalhadores envolvidos diretamente na lavagem e passadoria de roupas, como atividade remunerada por meio da informalidade. Fez-se, portanto, um levantamento da situação dos trabalhadores informais em Fortaleza, para identificar as características sociodemográficas dos profissionais que atuam por conta própria, sem vínculos empregatícios, no segmento de lavagem e passadoria de roupas.

O Instituto de Desenvolvimento do Trabalho - IDT, fundado em Fortaleza, em 1998 é uma instituição de direito privado, sem fins lucrativos, qualificada pelo Governo do Estado do Ceará, como Organização Social e que executa políticas públicas nas áreas do trabalho e empreendedorismo. Realiza o cadastro de trabalhadores que demandam emprego; faz o recrutamento, seleção e intermediação de profissionais para o mercado de trabalho; providencia o atendimento de trabalhadores para o seguro-desemprego; oferece a orientação para inserção de profissionais com deficiência; faz a emissão de Carteira de Trabalho e Previdência Social - CTPS; possui um setor que realiza estudos e pesquisas na área do trabalho e do desenvolvimento social (Mesquita, 2017); oferece capacitação e qualificação profissional e orientação para o mercado de trabalho; promove a execução do programa Jovem Aprendiz. Possui um setor dedicado à intermediação de trabalhadores autônomos como diarista, serviços gerais, lavadeira e passadeira (IDT, 2017). Por estas características, a organização foi escolhida para este estudo.

4.4.1 Métodos

Em julho de 2019, fizemos contato e apresentação da investigação, recebendo autorização para realização do estudo na sede do instituto. A pedidos, ainda em julho, oferecemos uma contrapartida para os trabalhadores na forma de uma palestra sobre como criar diferenciais como trabalhador autônomo com a intenção de fidelizar o cliente.

De agosto a dezembro, iniciamos a aplicação das entrevistas utilizando uma abordagem semiestruturada, cujas questões visavam obter o entendimento sociodemográfico, bem como caracterizar o conhecimento, as atitudes e as práticas com relação à etiqueta e aos símbolos de cuidados. O requisito para participar da investigação voluntária, era que o profissional tivesse experiência ou estivesse em atividade quando foi abordado. Ao final da entrevista, aplicava-se o teste de compreensão e coletava dados para contato futuro e entrega da solução a ser desenvolvida. Foram gravados 53 entrevistas e testes de compreensão da simbologia têxtil também foram aplicados na mesma quantidade. Cada participante assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, antes da entrevista.

Os dados obtidos neste estudo exploratório foram transcritos, tabulados e codificados conforme o método de análise de conteúdo (Bardin, 2011) para identificar as principais ocorrências das variáveis independentes e dependentes. A interpretação destes dados serviu de base para a elaboração do conteúdo da solução proposta: um material educativo impresso, doravante chamada de MEI, desenvolvido como proposta de solução para o problema. Já os dados do teste de compreensão foram tabulados e analisados estatisticamente para identificar os símbolos de maior e menor compreensão dentre os participantes.

4.4.2 Resultados

Todas as 53 participantes foram mulheres. Segundo a instituição, não há nenhum homem cadastrado para a atividade de lavar e passar. Uma breve síntese dos dados sócio-econômicos pode ser vista na Tabela 2. faixa etária das entrevistadas apresentou um grupo formado por mulheres na faixa adulta,

com 26 delas entre os 25 e 49 anos, outras 26 com 50 anos ou mais e apenas 1 entre 18 e 24 anos.

Com relação à profissão, apesar de todas aceitarem serviços de lavagem e ou passadoria, para completar a renda também faziam serviços gerais. 22 eram lavadeiras e passadeiras, 5 apenas lavadeiras, 4 apenas passadeiras, 22 eram lavadeiras, passadeiras e serviços gerais.

Com relação ao grau de instrução, duas respondentes tinham o ensino superior. Uma formada em design de interiores e outra em assistência social.

Tabela 2: Síntese do perfil socioeconômico das lavadeiras e passadeiras cadastradas no SINE/IDT/CTA (2019).

Faixa etária		Grau de instrução		Profissão		Outra profissão		Cor da pele	
18 a 24 anos	1	Até o ensino fundamental	13	Lavadeira e passadeira	22	Sim	40	Parda/Mulata	39
25 a 49 anos	26	Até o ensino médio	11	Lavadeira	5	Não	12	Negro(a)	6
50 anos ou mais	26	Até o ensino superior	2	Passadeira	4	Não informou	1	Branco(a)	6
				Lavadeira, passadeira e serviços gerais	22			Indígena ou de origem indígena	1
								Amarelo(a) (de origem oriental)	1

Nota: Elaborado pela autora (2019).

A maioria (13) havia completado pelo menos 8 anos de estudo (até o ensino fundamental), seguida de 11 que completaram o ensino médio (11 anos de estudo, em média) e duas haviam concluído o ensino superior.

40 disseram ter trabalhado em alguma outra profissão, 12 apenas exercem a profissão que informaram na entrevista e 1 não quis informar.

Quanto à cor da pele, a maioria se disse parda ou mulata (39), 6 se identificaram como negras, 6 como brancas, 1 como de origem indígena e 1 de origem amarela ou oriental.

Acerca do processo de aprendizado da profissão todas as respondentes disseram ter aprendido a lavar roupa com algum membro da família e 39 disseram que fizeram um curso preparatório no SINE/IDT/CTA. Este curso, aliás, não é mais ofertado há cerca de dez anos, conforme nos informou o gerente da sede, por falta de recursos. As outras respondentes, disseram que fizeram o cadastro no instituto, são direcionadas para as vagas, mas que aprendem por conta própria ou com outras colegas.

De modo geral, a maioria disse ter ouvido falar das etiquetas, mas não saber para que serviam e nem se elas tinham alguma importância para o cuidado com as roupas. Várias, principalmente as mais velhas (de mais de 50 anos) confundiram a etiqueta técnica de composição com a etiqueta de marca. Ao ver um exemplar de etiqueta, elas então lembravam que já tinham ouvido falar dos símbolos.

Durante o teste de compreensão dos símbolos, os resultados demonstraram que 13 delas não sabiam o significado de nenhum, 3 conheciam todos os símbolos, outras 3 souberam identificar pelo menos quatro dos cinco símbolos. Mais 13 identificaram pelo menos 3 símbolos, 16 conheciam dois dos cinco e 4 sabiam o significado de apenas um símbolo.

Conforme se vê na Tabela 3, o símbolo que teve maior acerto foi o da lavagem (31), seguido da passadoria (29) e do alvejamento (25). As figuras da secagem (15) e dos cuidados em lavanderia profissional (7) obtiveram os menores resultados.

Tabela 3: Total de acertos do teste de compreensão da simbologia têxtil básica

símbolo					
acertos	31	24	15	29	7

Nota: Os pictogramas estão ordenados conforme a sequência em que devem aparecer na etiqueta técnica. (2019)

Durante a entrevista, poucas mulheres disseram que receberam algum tipo de treinamento acerca da importância da etiqueta técnica de composição. A maioria disse que sabia que elas eram importantes, mas não entendia muito bem o que elas queriam dizer. Apenas quando falavam do “tipo de sabão” e “se pode ferro, ou não”.

Várias delas durante a conversa, acabaram demonstrando uma experiência cheia de detalhes que podem ser explorados futuramente em um tipo de pesquisa mais aprofundado, para deixar registrado este saber. Elas possuem um conhecimento empírico adquirido pelos anos de experiência. Por exemplo, uma das entrevistadas disse que utiliza “álcool misturado com água para borrifar as camisas sociais antes de passar o ferro” porque, segundo ela, deixa a peça mais lisa e brilhante. Outra disse evitar deixar as roupas de molho no sabão em pó por muito tempo, porque ele também pode deixar manchas se as peças forem delicadas. E uma disse ainda que utiliza detergente para retirar manchas mais suaves. Estes saberes poderiam ser reunidos, compartilhados e testados entre elas.

O estudo serviu para demonstrar a escassez de conhecimento do grupo analisado acerca das informações contidas nas etiquetas têxteis, no que diz respeito à simbologia têxtil de cuidados. Serviu ainda para enfatizar a necessidade de se desenvolver soluções que possam ajudar a minimizar este problema para os profissionais de lavagem e passadoria autônoma que frequentam o IDT/CTA.

SÍNTESE CONCLUSIVA

O estudo realizado com os profissionais de lavanderias, ajudou a constatar que, mesmos os profissionais que se dizem especializados ainda possuem alguma lacuna no conhecimento acerca do significado da simbologia têxtil. Também

Figura 40: Uma das lavadeiras cadastradas no IDT, durante entrevista.



Nota: Após a resistência inicial, de modo geral, as pessoas que foram abordadas pela pesquisa sentiram-se à vontade para compartilhar a experiência e até agradeceram. (2019)

constatamos a ausência de materiais gráficos para orientar os funcionários de lavagem e passadoria acerca dos significados dos símbolos, que poderiam estar afixados nas instalações que visitamos.

O estudo que analisou a percepção dos usuários, foi o que obteve maior número de respostas dentre os três e comprovou a literatura sobre o tema, ao dizer que as etiquetas são cortadas em sua grande maioria. Entretanto, acrescentou-se uma explicação para o fenômeno. Além do que já se sabia, que ela incomodava, o usuário disse cortar por não saber sua utilidade.

Já no estudo com as profissionais autônomas, mesmo com os treinamentos que algumas receberam, ou com a quase hereditariedade da profissão, nem todas viram significado e utilidade na etiqueta técnica de composição. O teste de compreensão da simbologia, por outro lado, demonstrou um relativo grau de conhecimento dos dois símbolos que puderam ser deduzidos (lavagem e passadoria). Mas, de modo geral, muitos erros e muitas respostas inseguras acerca da importância das etiquetas deixam margem para um processo educativo para este profissional atuar com mais assertividade. Aqui, constata-se uma oportunidade para educação.

Estes estudos preliminares serviram para traçar as bases para elaborar parte dos instrumentos utilizados na aplicação do conhecimento. As entrevistas das lavadeiras e passadeiras do Estudo Preliminar 4, foram utilizadas para construir o argumento da Revista B, a ser utilizada no Grupo de Intervenção, assim como para auxiliar na construção das personagens da história, inspiradas em algumas mulheres que conhecemos por ocasião das visitas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Associação Brasileira de Franchising - ABF. (2018). Franquias de lavanderia para investir e aproveitar mercado de R\$ 6 bi. 14/05/2018.
<https://www.portaldofranchising.com.br/franquias/franquias-de-lavanderia/>
- Associação Nacional das Empresas de Lavanderia - ANEL. (2018). Tipos de Lavanderias. <http://anel.com.br/legislacao-do-setor/>
- Bardin, L. (2011). Análise do Conteúdo. Edições 70.
- Brugger, C. (2006). Comprehensibility Judgment Test. CJT_Report, In-Safety, 53.
https://iiidre.files.wordpress.com/2015/02/cjt_report.pdf
- Formiga, E. de L. (2012). Avaliação e comparação de métodos para testar compreensibilidade de ilustrações de folhetos de instruções.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2017). Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação.
<https://ww2.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>
- Instituto de Desenvolvimento do Trabalho – IDT. (2017, August). Sobre o IDT.
<http://www.idt.org.br/institucional/sobre-o-idt>
- Catraca Livre. (2017). Negócio social vira espécie de Uber no setor de lavanderias. 18/05/2017.
<https://ascoismaiscriativasdomundo.catracalivre.com.br/economia-criativa/negocio-social-vira-especie-de-uber-no-setor-de-lavanderias/>
- Mesquita, E. (2017). Trabalho autônomo e políticas públicas em regiões metropolitanas 2o edição.
http://www.sineidt.org.br/PortalIDT/arquivos/publicacao/Trabalho_Autonomo_2017.pdf
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE. (2014). Oportunidades em Lavanderias Para o Mundial. 2013, 1-7.

CAPÍTULO 5 ANÁLISE DE CASOS DE ESTUDO

5.1 NOTA INTRODUTÓRIA

Um dos objetivos específicos desta tese é construir material educativo sobre os símbolos têxteis de cuidados e sua utilização no contexto do trabalhador doméstico. Para alcançá-lo foi necessário fazer estudos de caso de outros materiais.

Depois de buscas e leituras, foi constatada a existência de vários produtos de cunho instrucional criado geralmente de consumidor para consumidor. Raros são os casos de marcas que investem na criação de material educativo para seu público (AEG et al., 2018; Nogueira Filho, 2015), que seja focado na simbologia têxtil de cuidados e manutenção de produtos têxteis. Blogues e vários canais do YouTube são dedicados a explicar a simbologia têxtil e dar dicas sobre como lavar, passar e cuidar das roupas. Isto tudo é material didático que pode ser acessado facilmente quando se tem acesso constante à internet móvel.

Outra constatação foi de que a maioria destes tutoriais ou manuais que explicam como ler a etiqueta, limitam-se aos cinco símbolos básicos. Entretanto, há dezenas de variações que podem aparecer em qualquer roupa, dependendo de sua constituição têxtil.

Portanto, escolheu-se aqui dois casos de materiais criados por órgãos que abordaram senão todos, a maioria dos 38 símbolos têxteis existentes até esta data. Cada livreto foi baixado em PDF pelo site oficial, impresso, analisado e as observações serviram para auxiliar na construção da proposta de solução.

5.2 ESTUDO DE CASO DO LIVRETO GINETEX

A GINETEX, órgão que criou os símbolos têxteis utilizados nas etiquetas de cuidados da maioria dos sistemas internacionais, no site oficial disponibiliza, em inglês, uma publicação intitulada *Textile Care Symbols* (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**).

Publicada originalmente em julho de 2011, foi o fruto do *Lifelong learning Program*, um projeto Europeu, para criar e distribuir ferramentas que ofereçam conhecimento para o suporte técnico e compreensão para o consumidor. Sete países¹⁵ participaram desta iniciativa, que criou, desenvolveu e traduziu materiais educativos para distribuidores, vendedores, produtores, lavanderias, laboratórios, professores e instituições (The International Association for Textile Care Labeling - GINETEX, 2011b).

Cada um dos símbolos e suas variações é apresentada com as recomendações de uso nas diferentes situações, tanto para o usuário doméstico quanto para o profissional especializado.

¹⁵ Além da República Checa, coordenadora do projeto, participaram ainda Bélgica, França, Grécia, Portugal, Espanha e Suíça.

A associação alerta sobre as questões legais da simbologia, amparada pela lei de marcas, origem dos padrões internacionais (ISO/EN 3758). Portanto, estes símbolos de cuidado “não podem ser reproduzidos, emitidos ou utilizados sem um acordo especial” com a associação (The International Association for Textile Care Labeling - GINETEX, 2011a). As empresas contratantes comprometem-se a fazer o uso correto dos pictogramas, em qualquer situação, dentro do significado das diretrizes pertinentes. Seu uso indevido e ilegal é monitorado e pode levar à ação legal.

Até a data da escrita desta tese não havia sido produzido nenhum outro material divulgado no site oficial da GINETEX, neste sentido.

A publicação possui 30 páginas, incluindo capa e contracapa, no tamanho 100 mm x 210 mm. Esta largura é apenas 48mm mais estreita que a de um A5. Após impresso, pode ser preso ao meio por dois grampos de metal.

A Helvetica Neue, foi a fonte utilizada em vários estilos, em toda a publicação. Há uma hierarquia clara e concisa organizando o conteúdo do começo ao fim. O contraste de tamanho do corpo de texto, de cor e de posição é outro recurso compositivo utilizado para enfatizar diferentes partes da informação.

O conteúdo está distribuído a partir da página 3 até a 21. As páginas entre a 22 e a 27 são endereços de escritórios de comitês da GINETEX espalhados pelo mundo. O layout faz uso de um grid colunar, de 1 ou 2 colunas. A paleta de cores tem como cores bases o azul e sua complementar laranja. Amarelo, preto, branco e cinza são utilizados como cores de suporte para textos ou preenchimentos de áreas.

Desde a capa, o conteúdo é inserido em uma área emoldurada por um retângulo de cantos arredondados, com margens de 0,6mm. Uma espécie de sumário aparece na página 3, indicando quais os símbolos que serão abordados, sem indicar a página exata, já que nenhuma das 28 está numerada. A partir desta seção, o título aparece estilizado em caixa alta, corpo 16pt. Quando necessário, é dividido em duas linhas em cores alternadas. Há um subtítulo, de corpo 10pt e caixa alta. Para os textos, a fonte ainda é a Helvetica Neue, regular, caixa baixa, 9pt.

Predomina o alinhamento à esquerda para títulos e subtítulos e justificado à esquerda para textos.

A capa e contracapa dialogam entre si. São uma única imagem formada por uma montagem fotográfica que, dobrada ao meio, encerra a publicação. Na frente, uma ilustração de etiqueta branca, costurada com uma linha pontilhada preta, serve de base para o nome e logotipo da associação. Logo a seguir, título e subtítulo em caixa alta, ocupam assim, a primeira metade do retângulo. Na base inferior, vê-se os cinco pictogramas na cor branca.

A página 2 está em branco e possui apenas uma moldura vazia. A página 3 é o sumário. As páginas duplas 4 e 5 apresentam informações legais acerca do uso dos símbolos patenteados, das normas ISO e orienta o consumidor a sempre consultar a etiqueta antes de adquirir qualquer produto têxtil. Não há figuras. O layout é simples e possui apenas título e texto.

Figura 41: Capa do livreto Ginetex sobre símbolos de cuidados têxteis



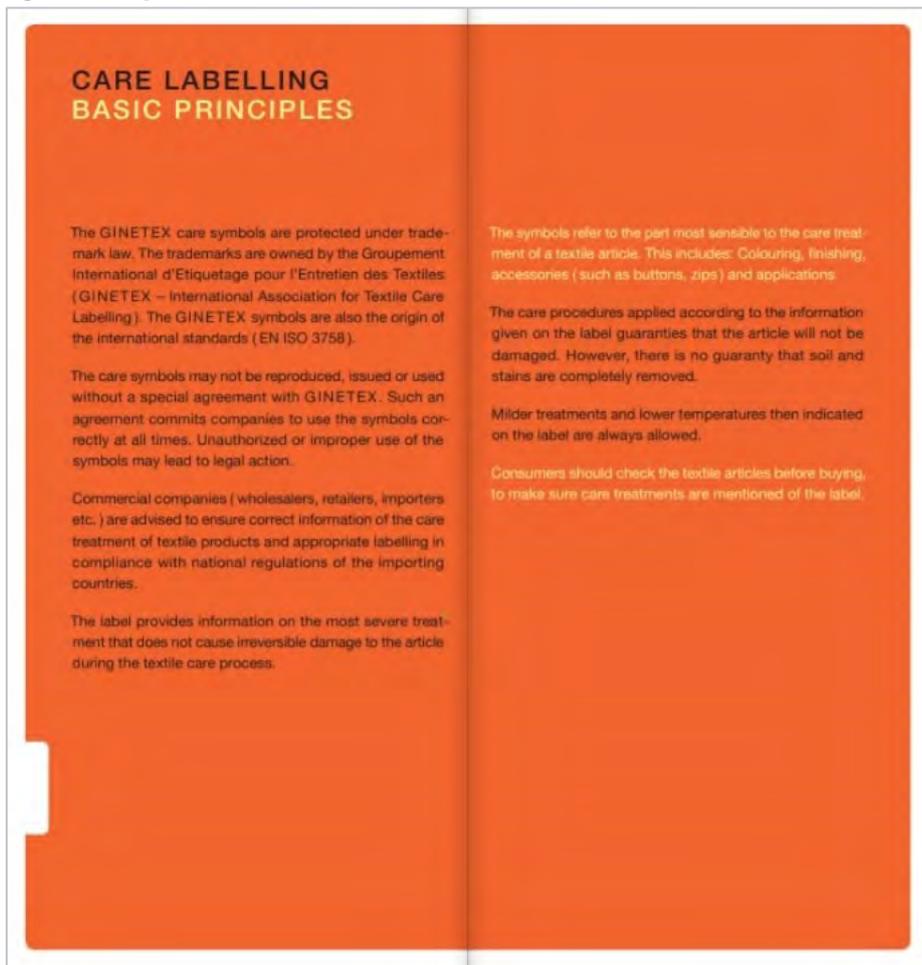
Nota: O material é disponibilizado em PDF no site da organização e apresenta um resumo dos principais símbolos de cuidados. Fonte: GINETEX, 2016c

Figura 42: Contracapa e capa justapostas, uma das possíveis inspirações para a criação das cores utilizadas na paleta do livreto



Nota: Adaptado pela autora, 2020.

Figura 43: Páginas 4 e 5 do livreto Ginetex sobre os princípios básicos



Nota: Os princípios básicos apresentam informações sobre uso legal dos símbolos e orientam consumidores sobre a consulta da etiqueta antes da compra.

Fonte: GINETEX, 2011.

Na página 6, inicia-se a apresentação do conteúdo do símbolo da lavagem. Um texto explicativo detalha questões importantes para o uso doméstico e profissional, como a lavagem de cores e a separação de itens, temperatura da água, lavagem no tanque ou à máquina, tipos de fibras naturais e sintéticas. Os diferentes assuntos são separados por parágrafos organizados em listas com marcadores laranja. Não há figuras.

A página 7 é uma continuação da anterior, mas apresenta o símbolo da lavagem no canto superior direito. Logo abaixo, todos os outros símbolos da lavagem são apresentados à esquerda, com texto explicativo à direita, ordenados de modo decrescente, da maior para a menor temperatura. Duas ou três palavras que sintetizam o pictograma, iniciam o parágrafo, em azul. O resto do texto, em preto, e as fibras, em laranja.

Na página 8, continua a seção explicativa do processo de lavagem. As informações foram dispostas com título e subtítulo e o conteúdo gira em torno de instruções para proteger as roupas de acidentes na hora de lavar. Não há figuras e nem cores.

Na página 9, novamente o símbolo da lavagem está no canto superior direito, maior. Os outros símbolos de lavar estão numa coluna à esquerda, com seus significados à direita. Cores azul e laranja são utilizadas para destacar informações.

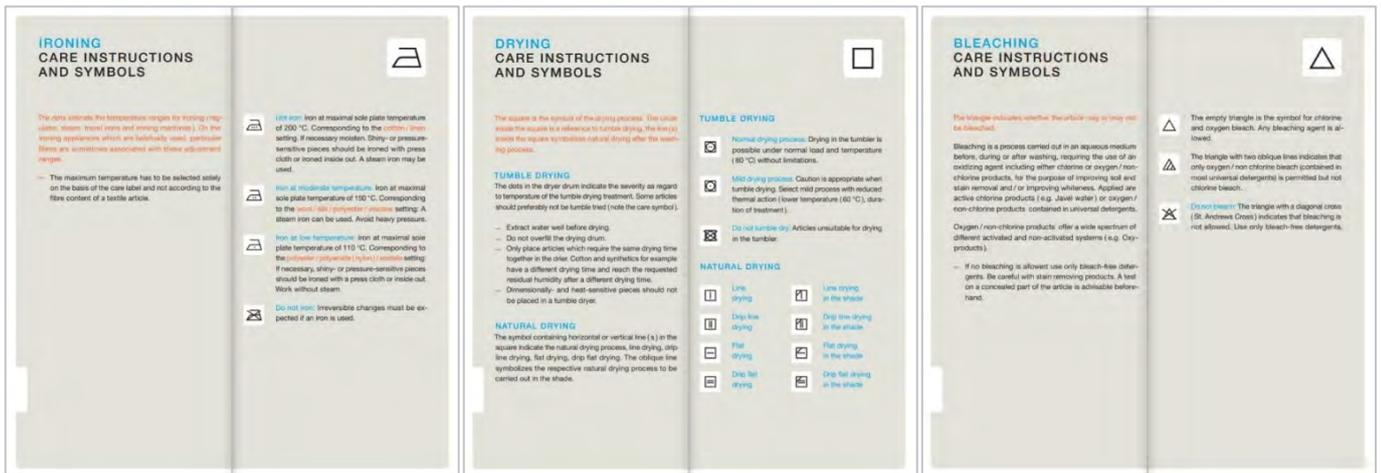
Figura 44: Páginas 6, 7, 8 e 9 para o símbolo de lavagem e seus derivados



Nota: Adaptado de GINETEX, 2011.

O alvejamento (*Bleaching*) e seu conteúdo das páginas 10 e 11. O layout mantém o padrão que foi iniciado na página 6 e continua assim, pelas páginas seguintes. Na 12 e 13, secagem (*Drying*), por ter muitas variações, optou-se por criar duas colunas de símbolos e legendas em azul. Passadoria (*Ironing*), nas páginas 14 e 15, além do azul, usa o laranja para destacar os diferentes tipos de fibras que podem ou não ser submetidas ao ferro.

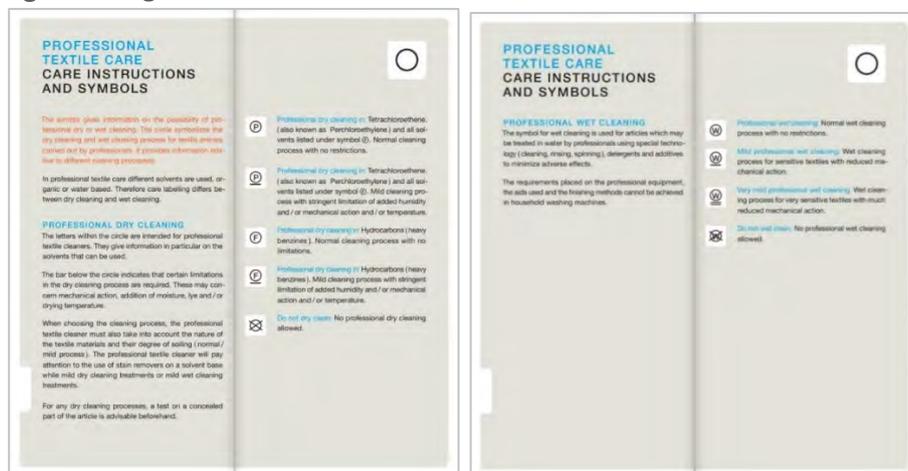
Figura 45: Páginas para secagem, alvejamento e passadoria do livreto Ginetex



Nota: Adaptado de GINETEX, 2011.

O último símbolo básico, de cuidados têxteis profissionais (*Professional Textile Care*), pela quantidade de informações técnicas destinadas aos especialistas, ocupa quatro páginas, da 16 a 19. Nelas, usa-se bastante o azul para legendar os símbolos, mas não há nada em laranja, exceto a abertura da seção.

Figura 46: Páginas 16 a 19 do livreto GINETEX



Nota: As quatro páginas apresentam o símbolo de cuidados e manutenção para profissionais de lavagem e passadoria, com detalhamento de uso.

Fonte: GINETEX, 2011.

Nas páginas 20 e 21 o título *Labelling* ou Rotulagem, detalha de modo simplificado para o consumidor os diferentes tipos de informações que podem existir nas etiquetas, alertando para o fato de isto muda conforme a legislação do país. Inclusive que os fabricantes podem optar por exibir as informações de cuidado e manutenção usando apenas texto, símbolos ou com os dois (GINETEX, 2016b, p. 20).

A partir da página 22 até a 27 o layout muda, para indicar que o conteúdo é diferente. A abertura da seção, na página 22, posiciona o título na área superior deixando um amplo espaço não utilizado, criando um contraste de cheio e vazio. A cor do fundo desta página, cinza, contrasta com o branco das páginas destinadas ao conteúdo. O título, de duas cores, distribuído em duas linhas, mantém a consistência da hierarquia tipográfica e de contraste de cor.

A partir da página seguinte, até a 27, os endereços de escritórios de 22 comitês da GINETEX de diferentes países são exibidos em corpo de texto 9pt. O país, em caixa alta é azul. O endereço, em caixa baixa, preto. O início do texto, é alinhado de modo a respeitar o alinhamento superior da coluna de todo o livreto. A página 28 é a contracapa. Há um encarte no tamanho de uma página dupla, que fica ao meio da publicação, que é uma tabela com todos os símbolos. Fechando assim as 30 páginas.

O livreto da GINETEX, apesar de ter muitas páginas, ter muito texto, e apenas os símbolos e a fotomontagem da capa como figuras, possui projeto gráfico consistente. De modo geral, é bem diagramado e estruturado, consistente e com uma fonte que tem boa legibilidade. As cores foram bem escolhidas, o grid bem elaborado e o tamanho é interessante para se carregar no bolso, se

impresso. Para se ler num *display* de 21” ou mais, onde há a possibilidade de se ampliar o tamanho do texto, fora o incômodo causado pela necessidade de muitas rolagens, dá pra se ler. Ponto positivo para o uso de contrastes em diferentes situações para destacar e criar diferenciação

Ao fazer uma impressão, os problemas aparecem. Os caracteres da Helvetica ficaram muito pequenos. Os blocos de texto, mesmo que tenham sido trabalhados para serem curtos, ainda assustam o leitor menos experiente ou mesmo apressado. A figura utilizada para ilustrar capa e contracapa, é genérica, não diz muito sobre o assunto e até prejudica um pouco a titulação.

Já que o documento foi distribuído em meio eletrônico, deveria ter sido submetido a um teste de acessibilidade da cor para o texto. Na capa, na página 5 e no quadro com os símbolos, por exemplo, o texto amarelo sobre fundo laranja, foi reprovado pelo WCAG¹⁶ em um teste de contraste.

Figura 47: Encarte central do livreto GINETEX, com os símbolos e descrição.

WASHING	BLEACHING	DRYING	IRONING	PROFESSIONAL TEXTILE CARE
normal process	any bleaching agent allowed	tumble drying, medium temperature 50 °C	iron at maximum with steam temperature 200 °C	professional dry cleaning with per-chloroethylene and hydrocarbons, normal process
normal process	only oxygen / non-chlorine bleach allowed	tumble drying, low temperature 40 °C	iron at maximum with steam temperature 150 °C	professional dry cleaning with per-chloroethylene and hydrocarbons, mild process
mild process	do not bleach	do not tumble dry	iron at maximum (110°C) without steam	professional dry cleaning with hydrocarbons, normal process
normal process		The drier, the shorter the security of the fabric during drying	do not iron	professional dry cleaning with hydrocarbons, mild process
mild process		line drying	This section of table indicates the position of the temperature of the highest iron	do not dry clean
very mild process		hang line drying		professional wet cleaning, normal process
normal process		flat drying		professional wet cleaning, mild process
mild process		hang line drying		professional wet cleaning, very mild process
very mild process		line drying in the shade		do not wet clean
wash by hand, maximum temperature 40 °C		hang line drying in the shade		General symbol: This bar within the care symbols indicates a mild process, i.e. the more symbols are present, the milder the procedure is with the product.
do not wash		flat drying in the shade		
		do not dry in the shade		
		The line indicates type and content of the material		

Nota: Encarte do livreto é um quadro que apresenta todos os pictogramas e um resumo simplificado de seu significado. Fonte: GINETEX, 2011.

¹⁶ As Diretrizes de Acessibilidade de Conteúdo da Web (WCAG) 2.1 são recomendações para tornar o conteúdo da Web mais acessível em desktops, laptops, tablets e dispositivos móveis para pessoas com deficiência e para os usuários em geral. Embora não seja possível resolver o problema de todas as pessoas, é um passo importante para tornar o conteúdo cada vez mais acessível a mais pessoas.

Figura 48: Resultado do teste de acessibilidade de contraste de cor

Nota: Ao aplicar o teste de contraste na capa (acima); página 5 (à esquerda), cujo corpo de texto é 9pt e para a tabela com resumo dos símbolos e significados (à direita). Todas reprovadas.

Em algumas páginas, com muito conteúdo, como a 6, 8, 12 não há diferenciação de parágrafos. O texto apresentado em formato de listas, aparece muito próximo, sem espaço entre os itens.

Pela quantidade de texto que apresenta, o livreto poderia ter mais páginas ou um tamanho maior, que permitisse aumentar o corpo de texto de modo a distribuir as informações sem aperto e organizar o layout mais confortavelmente.

O quadro com uma síntese dos símbolos gráficos, ao meio, para ser destacado em caso de impressão e facilitar a consulta rápida, é uma estratégia que também pode ser útil para os que não puderem ler tudo. Entretanto, as cores escolhidas, o tamanho do texto e dos pictogramas fazem com que as informações fiquem ilegíveis após a impressão.

O texto pequeno, aglomerado e longo, pode ser um problema para consumidores apressados, que talvez leiam apenas as áreas destacadas pelas cores azul e laranja. Técnicos e professores, por outro lado, já devem ter mais interesse em conteúdo mais elaborado como este.

5.3 ESTUDO DE CASO DO LIVRETO INMETRO

O segundo caso estudado para servir de base para elaboração da solução desta investigação, foi um livreto intitulado *Você Sabe Para Que Serve a Etiqueta*, criada pelo INMETRO (Leite, 2015). Este instituto federal promove a fiscalização de produtos têxteis para avaliar a conformidade das informações declaradas no produto se são condizentes com o material que é vendido para o consumidor (Franco, 2009, p. 18).

Pelas informações apuradas no site do Instituto, esta publicação faz parte de uma série de medidas educativas para a população, tomadas pelo Estado brasileiro como parte do projeto *Formação de Multiplicadores em Educação para o Consumo*, do Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade (PBQP), que prevê educação e informação ao consumidor.

Com essa meta, o Governo Federal buscou promover a conscientização dos consumidores e a disponibilização de informações que pudessem oferecer o suporte necessário para aprimorar suas práticas de consumo, auxiliando-o a tomar adequadas decisões de compra (INMETRO, 2010).

Até a data em que esta tese estava sendo escrita, este ainda era o único material divulgado no site oficial do INMETRO para orientar o consumidor de têxteis.

O livreto possui 14 páginas, incluindo capa e contracapa, no tamanho 148 mm x 210 mm, correspondente a um A5, presas ao meio por dois grampos 26/6mm de metal.

A fonte Gotham, em vários estilos foi utilizada em toda a publicação. A partir da página 2 até a 13, todas apresentam a mesma textura de tecido claro no fundo e um ornamento colorido com uma simulação de textura de diferentes padronagens de tecido, na margem externa. As páginas não são numeradas.

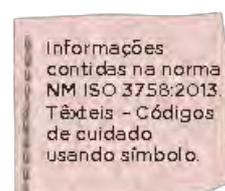
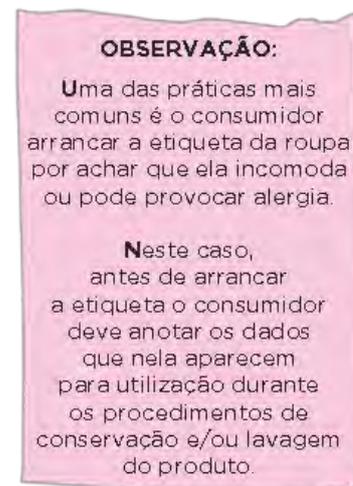
A hierarquia textual apresenta-se em título e subtítulo. O título, sempre em caixa alta, versalete, aparece escrito sobre duas simulações de etiquetas costuradas horizontalmente, nas páginas 5, 6, 10, e 13, apenas.

Alguns elementos de suporte secundários são utilizados para dar ênfase em conteúdos distribuídos em diferentes partes do livreto. Quando isto acontece, o corpo de texto normal é reduzido em dois pontos e escrito sobre uma superfície semelhante à do título, lembrando uma etiqueta costurada, mas em cor avermelhada ou como uma espécie de etiqueta sem costura.

A capa apresenta-se com três cores vibrantes: vermelho, azul e amarelo. O vermelho é a faixa que recebe o título, escrito em caixa alta, em amarelo e com um efeito em alto relevo sombreado, ocupando $\frac{1}{4}$ da altura da página.

Os outros $\frac{3}{4}$ são ocupados por uma área azul, com uma textura de tecido jeans, sobre o qual se vê sobreposta uma camiseta amarela, estendida em um suposto varal, presa com dois pregadores, com a

Figura 49: Elementos visuais usados no livreto INMETRO.



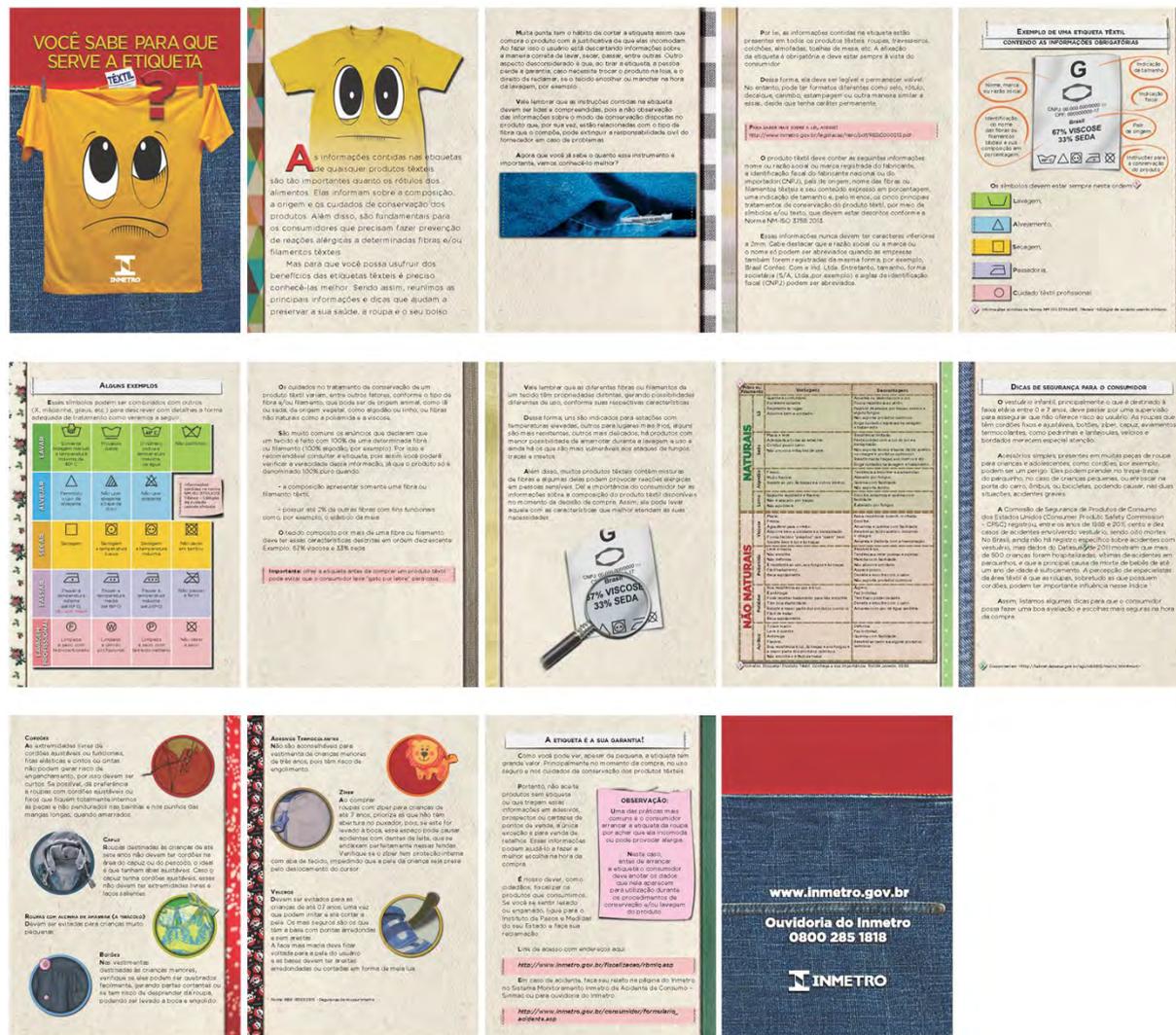
Importante: olhar a etiqueta antes de comprar um produto têxtil pode evitar que o consumidor leve "gato por lebre" para casa.

Nota: Informações consideradas importantes para o leitor ou observações são destacadas com elementos visuais variados, inclusive para escrever links.
Fonte: INMETRO, 2015.

etiqueta de cuidados à mostra e um ponto de interrogação vermelho ao lado, acabado em alto relevo e sombra.

Nela foram desenhados dois olhos tristes e uma boca com aspecto também triste. Abaixo desta boca, ainda dentro da camiseta, na cor branca, vê-se o logotipo do INMETRO.

Figura 50: Capa e páginas internas da Revista do Inmetro.



Nota: Criada para orientar o consumidor acerca das etiquetas têxteis, a cartilha foi chamada de Revista A e utilizada para o grupo de controle desta investigação. Fonte: INMETRO, 2015.

Na página 2 a figura da camiseta da capa se repete, com olhos um pouco diferentes daqueles, mas indicando expressão de apatia. Parte da imagem está opaca e parte dela está transparente, servindo de fundo para o texto de apresentação. Em corpo 14pt, inicia o primeiro dos dois parágrafos com uma capitular vermelha.

A página 3, é um texto que parece ser continuação da apresentação, mas tem outro assunto. Trata-se de uma explicação acerca da importância da etiqueta e ocupa metade da página que é finalizada com fotografia que mostra detalhe aleatório de uma roupa.

Na página 4 há texto explicativo sobre a legislação que obriga o fabricante a incorporá-la na peça e importância dela para o consumidor, com vários links para que o leitor possa obter mais informações no site do INMETRO.

A página 5 há um tipo de infográfico que apresenta a figura de uma etiqueta e uma explicação detalhada de suas partes. Os símbolos têxteis são isolados na parte inferior da página, coloridos e nomeados com uma palavra, sem mais explicações.

Na página 6, um quadro colorido com as mesmas cores atribuídas aos símbolos anteriores, ocupa praticamente toda a página e apresenta algumas variações dos cinco símbolos básicos.

Página 7 contém ¾ de página com texto informativo. São seis parágrafos, todos falando dos tipos de fibra, como um dos principais fatores a serem levados em conta no trato de um produto têxtil. O mesmo tema se estende pelas páginas 8 e 9. Entretanto, na 8 há uma figura de uma etiqueta com ênfase nos detalhes das fibras e na página 9 há mais um quadro separando fibras naturais e sintéticas.

Figura 51: Ilustração da página 8 com detalhe das fibras de uma etiqueta de composição.



Nota: INMETRO, 2015.

Figura 52: Ilustrações das páginas 9 e 10 que exibem tabelas de fibras e detalhes sobre acessórios de produtos têxteis.

Fibra ou Filamento	Vantagens	Desvantagens
NATURAIS		
Lã	Quente e confortável. Excelente isolante. Resistente às rugas. Absorve bem a umidade.	Amarela ou desbota com o sol. Pouca resistência ao atrito. Peculiar de ataque por traças, insetos e alguns fungos. Não suporta produtos químicos. Exige cuidados especiais na lavagem e tratamento.
Seda	Macia e leve. Adequada a todas as estações. Conduz pouco calor. Não provoca irritações de pele.	Resistência limitada. Perde brilho com a luz do sol e a transpiração. Não suporta ácidos e bases (ácido acético ou vinagre e produtos químicos). Resiste mal às traças, aos insetos e etc. Exige cuidados na lavagem e tratamento.
Algodão	Fresco. Muito flexível. Resiste ao uso, às traças e a outros insetos.	Tendência a encolher e a amarrorar. Atacado por fungos. Queima com facilidade.
Linho	Bastante resistente e flexível. Não é atacado por traças. Não apodrece.	Encolhe, amarrora e queima com facilidade. É atacado por fungos.
NÃO NATURAIS		
Viscose	Macia. Fresca. Agradável para o verão. Absorve bem a umidade e a transpiração. Forma tecidos "pesados" que "caem" bem. Resiste bem à luz e às traças.	Baixa resistência quando molhada. Encolhe. Amarrota e queima com facilidade. Sensível ao ácido acético, incluindo o vinagre. Amarela e desbota com a transpiração.
Poliamida	Leve e macia. Não encolhe. Não deforma. É resistente ao uso, aos fungos e às traças. Fácil tratamento. Seca rapidamente.	Sensível à luz. Tendência a reter poeiras e sujeiras. Mancha com facilidade. Não absorve umidade. Acidifica pouco. Derrete e encolhe com o calor. Não suporta produtos químicos.
Poliéster	Bom resistência ao uso e à luz. É antirugas. Pode receber tratamento para não encolher. Tem boa elasticidade. Resiste a maior parte dos produtos químicos. Fácil de tratar. Seca rapidamente.	Aspero. Faz bolinhas. Tem pouco poder isolante. Derrete e encolhe com o calor. Amarela com uso de água sanitária.
Acrílico	Toque macio. Leve e quente. Antirugas. Flexível. Boa resistência à luz, às traças e aos fungos e a maior parte dos produtos químicos. Não encolhe e é fácil de tratar.	Deforma. Faz bolinhas. Queima com facilidade. Sensível ao calor e a alguns produtos químicos.

Corpões
As extremidades livres de cordões ajustáveis ou funcionais, fitas elásticas e cintos ou cintas não podem gerar risco de enganchamento, por isso devem ser curtos. Se possível, dê preferência a roupas com cordões ajustáveis ou fixos que fiquem totalmente internos às peças e não pendurados nas bainhas e nos punhos das mangas longas, quando amarrados.

Capuz
Roupas destinadas às crianças de até sete anos não devem ter cordões na área do capuz ou do pescoço, o ideal é que tenham abas ajustáveis. Caso o capuz tenha cordões ajustáveis, esses não devem ter extremidades livres e laços salientes.

ROUPAS COM ALCINHA DE AMARRAR (A TIRACOLO)
Devem ser evitadas para crianças muito pequenas.

Botões
Nas vestimentas destinadas às crianças menores, verifique se eles podem ser quebrados facilmente, gerando partes cortantes ou se tem risco de desprender da roupa, podendo ser levado à boca e engolido.

Inmetro. Etiqueta- Produto Têxtil, Conheça a sua Importância. Rio de Janeiro, 2002.

Nota: INMETRO, 2015.

Páginas 10, 11 e 12 foram destinadas a dicas de segurança para o consumidor. A maior parte do layout foi organizado para acomodar textos acerca de acessórios, cordões, capuz, botões, adesivos, zípers e velcros cada um ilustrado.

A página 13 é a última com conteúdo e apresenta um texto alertando para a importância da etiqueta para o consumidor e qual a relação dela com a garantia da peça adquirida. Há um link para acessar endereços de fiscalização de mercadorias e para relatos de acidentes. A última página é a contracapa, que continua o padrão da capa e apresenta outras informações: o site, o telefone da Ouvidoria e o logotipo.

Figura 53: Contracapa e capa do livreto INMETRO.



Nota: INMETRO, 2015.

O livreto é rico em informações para o consumidor e algumas podem ser úteis para o profissional que lava e passa. Mesmo assim, a mensagem é muito intensa e com blocos longos de texto, com muitas sílabas. Isto pode ser um problema para leitores pouco experientes.

A falta de uma hierarquia de conteúdo também é evidente. Talvez ao forçar tudo para caber em 12 páginas, tenha ocorrido uma mistura de tipos de informação que, se pudessem ser mais bem alinhadas com um sistema simples e claro de títulos e subtítulos.

Um sumário também ajudaria a localizar rapidamente o que se procura. O documento peca ainda por não informar detalhes técnicos sobre sua produção, exceto que é do INMETRO. Não há como reportar erros ou fazer sugestões em caso de necessidade.

SÍNTESE CONCLUSIVA

Tanto o livreto do Ginetex quanto o do Inmetro estão disponíveis no site oficial de suas respectivas instituições. Fez-se o download e a impressão no tamanho original para estudo e análise dos detalhes e das informações acerca das etiquetas de cuidados e da simbologia têxtil.

Também se fez um cruzamento entre o que as entrevistadas lavadeiras e passadeiras dos estudos preliminares relataram como sendo relevantes, para evitar sobrecarga de informação e buscar manter foco apenas na etiqueta e na simbologiam, deixando de fora outros dados contidos no rótulo e muito importantes para o consumidor, como fibras de fabricação.

A análise dos dois livretos, possibilitou a elaboração do quadro comparativo de características ou variáveis gráficas adaptadas conforme Mijksenaar (1997b).

Quadro 7: Quadro comparativo das principais características gráficas dos livretos Ginetex e Inmetro.

Característica	Livreto GINETEX	Livreto INMETRO
Tamanho	100mm x 210mm	148mm x 210mm
Páginas	30	14
Grid	Colunar	Colunar
Cores	Azul, laranja, amarelo, cinza, preto, branco	Vermelho, amarelo, azul, preto, branco
Tipografia: títulos	Helvetica	Gothan
Tipografia: corpo de texto	Helvetica	Gothan
Figuras	Fotografia, pictogramas	Ilustração, fotos, pictogramas
Elementos de suporte	Quadro informativo	Boxes coloridos Quadros informativos Capitular

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Esta comparação permite concluir que há uma predominância de alguns elementos visuais nos dois livretos, como um grid colunar, várias cores, fontes sem serifa, fotografias e pictogramas e quadros informativos. O tamanho, apesar de variar na largura, tem a mesma altura e pode-se dizer que são apropriados para carregar na bolsa para fácil acesso. Esta recorrência pode ser usada como referência para elaboração de projetos gráficos de cartilhas, considerando-se o que foi analisado neste estudo.

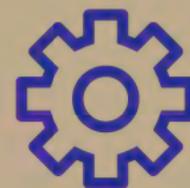
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AEG, Not Just a Label, Electrolux, & Fashion Revolution. (2018). The Care Label Project.
- Franco, E. (2001). HQtronicas: do suporte papel à rede Internet. <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284201>
- Franco, M. R. P. (2009). Avaliação do conhecimento do consumidor sobre as informações obrigatórias das etiquetas dos produtos têxteis. <<http://repositorios.inmetro.gov.br/handle/10926/1256>>
- Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT. (2015). ABNT NM ISO 3758:2013 Têxteis — Códigos de cuidado usando símbolos.
- International Organization for Standardization (ISO) 3461-1 (1988). General principles for the creation of graphical symbols, Part I: Graphical Symbols for use on equipment. Geneva, Switzerland: ISO.
- International Organization for Standardization (ISO) 3461-1 (1988). General principles for the creation of graphical symbols, Part I: Graphical Symbols for use on equipment, Geneva, Switzerland: ISO.
- International Organization for Standardization (ISO) 17724. (2003). Graphical symbols — Vocabulary. Geneva, Switzerland: ISO.
- International Organization for Standardization (ISO) 3864-3. (2012). Graphical symbols — Safety colours and safety signs — Part 3: Design principles for graphical symbols for use in safety signs. Geneva, Switzerland: ISO.
- International Organization for Standardization (ISO) 9186-1. (2014). Graphical symbols — Test methods — Part 1: Method for testing comprehensibility. Geneva, Switzerland: ISO.
- International Organization for Standardization (ISO) 9186-2. (2014). Graphical symbols — Test methods — Part 2: Method for testing perceptual quality. Geneva, Switzerland: ISO.
- International Organization for Standardization (ISO) 9186-3. (2014). Graphical symbols — Test methods — Part 2: Method for testing referent association. Geneva, Switzerland: ISO.
- Normatização brasileira: Regulamento Técnico Mercosul Sobre Etiquetagem de Produtos Têxteis. Brasília-DF: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – Conselho Nacional de Metrologia, Normatização e Qualidade Industrial – Conmetro. Resolução nº 02, de 6 de maio de 2008. Disponível em: <<http://www.inmetro.gov.br/legislacao/resc/pdf/RESC000213.pdf>> Acesso em: 4 abril de 2016.
- Instituto Nacional de Metrologia Normalização e Qualidade Industrial - INMETRO. (2010). Inmetro comemora 15 anos do Programa de Análise de Produtos. 16/12/2010. <https://www.gov.br/inmetro/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/inmetro-comemora-15-anos-do-programa-de-analise-de-produtos-1>
- Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia - INMETRO. (2015). Cartilha para orientar consumidores sobre a etiqueta têxtil já está disponível. Disponível

em: <<https://www.gov.br/inmetro/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/cartilha-para-orientar-consumidores-sobre-a-etiqueta-textil-ja-esta-disponivel>>. Acesso em 15 de maio, 2017.

- Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia - INMETRO. (2015). Você conhece a etiqueta têxtil?. Disponível em: <<http://www.gov.br/inmetro/pt-br/inovacao/publicacoes/cartilhas/textil/textil.pdf> >. Acesso em 15 de maio, 2017.
- Leite, A. (2015). Inmetro lança cartilha para orientar consumidores sobre a etiqueta têxtil.
- Mijksenaar, P. (1997). Visual function: an introduction to information design (Morita, Ed.). 010 Publishers.
- Nogueira Filho, R. (2015). OMO e Hering Kids criam parceria e comunicam Contos de Etiqueta. Grandes Nomes Da Propaganda. <https://grandesnomesdapropaganda.com.br/anunciantes/omo-e-hering-kids-criam-parceria-e-comunicam-contos-de-etiqueta/>
- The International Association for Textile Care Labelling - GINETEX. (2010). History. Disponível em <http://www.ginetex.net/ginetex/history/>; Acesso em 12 de janeiro de 2017.
- The International Association for Textile Care Labelling - GINETEX. (2011). Textile Care Symbols. GINETEX. Disponível em: <https://www.ginetex.net/userfiles/files/Textile_care_symbols_en.pdf>
- The International Association for Textile Care Labelling - GINETEX. (2011a). GINETEX - The Worldwide Care Labelling System.
- The International Association for Textile Care Labelling - GINETEX. (2011b, March). The Lifelong Learning Program. Newsletter 03-2011. https://www.ginetex.net/userfiles/files/Newsletter/GINETEX_Newsletter_Sept2011.pdf

PARTE 4
APLICAÇÃO DO CONHECIMENTO



CAPÍTULO 6. MÉTODOS

6.1 NOTA INTRODUTÓRIA

Neste capítulo apresentam-se com mais detalhes a estratégia, o método, a abordagem e os instrumentos para a recolha de dados, a seleção da amostra, o processo e o tipo de análise realizada e suas limitações.

6.2 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Quanto à sua natureza, esta investigação classifica-se como aplicada, pois objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática e orientados à solução do problema apresentado. É de abordagem mista (qualitativa e quantitativa), exploratória e experimental, fazendo uso de procedimentos bibliográficos, de levantamento de campo e entrevistas.

Para ser considerado experimental o estudo requer a manipulação intencional de uma ou mais variáveis independentes, bem como necessita de uma ação específica para analisar seus efeitos resultantes em uma ou mais variáveis dependentes, em situação sob controle do pesquisador (Prodanov & Freitas, 2013, p. 37).

A investigação caracterizada como estudo experimental pode ser desenvolvida em qualquer lugar, mas requer as seguintes propriedades: a) manipulação: o pesquisador precisa fazer alguma coisa para manipular pelo menos uma das características dos elementos estudados; b) controle: o pesquisador precisa introduzir um ou mais controles na situação experimental, sobretudo criando um grupo de controle; c) distribuição aleatória: a designação dos elementos para participar dos grupos experimentais e de controle deve ser feita aleatoriamente (Gil, 2002, p. 48).

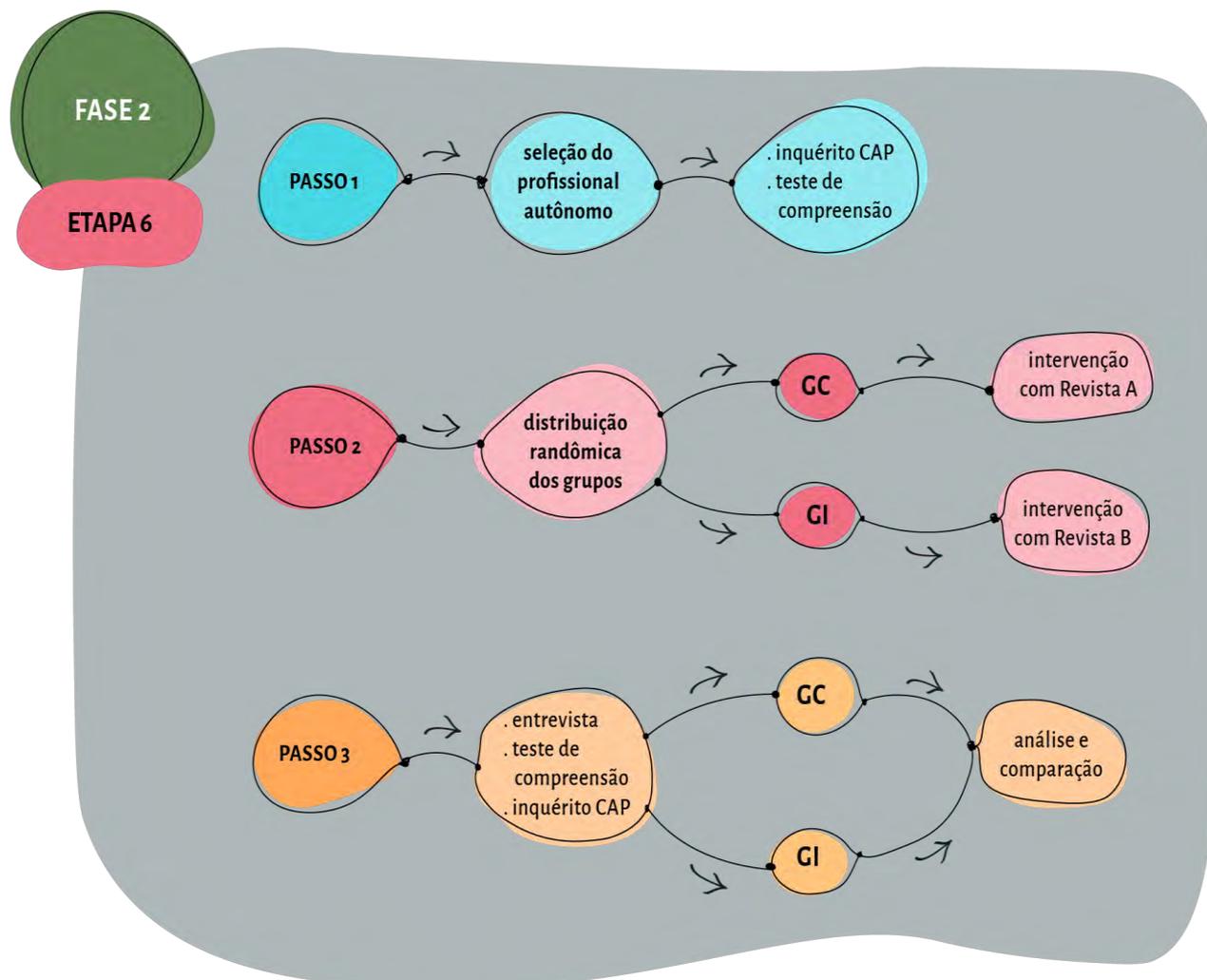
A intervenção utilizada foi caracterizada pela aplicação de uma abordagem educativa para a utilização da etiqueta têxtil e dos símbolos de cuidados das roupas por profissionais autônomos. Os efeitos da intervenção nas respondentes do grupo de controle (GC) foram comparados com os resultados obtidos pelo grupo de intervenção (GI), buscando elevar o nível do conhecimento, da atitude e da prática acerca das etiquetas de cuidados e da simbologia têxtil. O inquérito CAP (Conhecimento, Atitude e Prática), foi o instrumento utilizado para avaliação das respondentes no GI.

Foi construído e validado um Material Educativo Impresso (MEI), com o título *Você Conhece os Símbolos da Etiqueta das Roupas? Guia Para Quem Lava e Passa*. As informações utilizadas na sua construção foram obtidas das recomendações de cuidados têxteis (GINETEX, 2011c) e das instruções para o consumidor disponibilizadas pelo Instituto Nacional de Metrologia do Brasil (IINMETRO, 2002).

Buscou-se ainda promover a autoeficácia e contribuir para resolver a ambivalência durante a criação do material, seguindo alguns pressupostos da Entrevista Motivacional (Figlie, 2014), buscando criar um texto que fosse apropriado para a faixa etária e para o grau de instrução dos usuários, validado por meio do Índice Flesch Brasileiro (Goldim, 2003).

Para este estudo, foi realizado o desenvolvimento e teste de uma solução educativa e, seguindo a metodologia já apresentada no capítulo 1, durante a Fase 2, no desenrolar da Etapa 6, foram executados os três passos listados e ilustrados na Figura 54.

Figura 54: Desenho do estudo conforme a Fase 2, Etapa 6.



Nota: Durante a Etapa 6, os procedimentos foram organizados em passos para a execução dos procedimentos de seleção, distribuição randômica dos grupos e aplicação de entrevistas e testes. Elaborado pela autora (2019).

O detalhamento da organização da Etapa 6 e dos passos 1, 2 e 3 será feito a seguir, bem como a apresentação dos instrumentos para coleta de dados, a segmentação da amostra e a construção da intervenção educativa e do fluxo da captação das informações.

6.3 LOCAL DO ESTUDO

O estudo foi realizado na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará, no Brasil. Capital do Estado, possui Área Territorial de 312,353 km². No ano de 2020, sua

população estimada era de 2.686.612 pessoas distribuídas em uma densidade demográfica aproximada de 7.786,44 hab/km². A escolarização dos moradores de 6 a 14 anos está na faixa de 96,1 %, apresentando um Índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM) de 0,754, conforme dados do último censo oficial divulgado pelo IBGE, de 2010. (IBGE, 2020; IPECE, 2018)

Fortaleza está dividida em 119 bairros, organizados em seis regiões administrativas. A cidade figura no cenário nacional como uma das mais desiguais. Em 2020, um estudo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), do Observatório das Metrôpoles e do Observatório da Dívida Social na América Latina (RedODSAL) revelou que a já existente discrepância de renda entre a população rica e a mais pobre da capital cearense só aumentou durante o período de isolamento social em decorrência da pandemia de Covid-19. (Diário do Nordeste, 2020)

O estudo considerou três camadas sociais: os 40% mais pobres, 50% intermediários - aqueles que se aproximam da média de renda da região - e os 10% superiores, que corresponde à população mais rica. Nela, a população mais pobre teve uma renda média per capita de R\$ 96,60 mensal, enquanto os 10% mais ricos apresentaram um valor de R\$ 4,8 mil. Já para a classe intermediária, o valor foi de R\$ 817,26. Vale ressaltar que a avaliação considerou apenas a renda individual domiciliar per capita do trabalho e não incluiu diversas fontes de renda como Bolsa Família e outros auxílios. (Diário do Nordeste, 2020)

Ao realizar a caracterização da distribuição espacial da renda média pessoal na capital cearense considerando os 119 bairros, o governo do Estado do Ceará identificou, com dados do último censo oficial do país, realizado em 2010¹⁷, que 75,6% dos bairros de Fortaleza apresentavam uma renda média pessoal menor do que dois salários-mínimos em valores daquela época. Além disso, o bairro mais rico de Fortaleza, o Meireles, possuía uma renda média 15,3 vezes maior do que o bairro mais pobre, o Conjunto Palmeiras. Neste mesmo levantamento, fica evidente ainda que 7% da população, vivendo nos 10 bairros mais ricos se apropriavam de 26% da renda pessoal total da cidade. Por outro lado, os 44 bairros de menor renda, que juntos somavam quase metade da população total (49%), se apropriavam dos mesmos 26% da renda pessoal total, traçando ainda a relação inversa entre nível de renda e população, em que os bairros mais populosos eram os de menor renda média pessoal (IPECE, 2012)

Neste contexto, o trabalho informal se apresenta como uma alternativa viável para grande parte da população ativa da cidade de Fortaleza. Compreende-se aqui o trabalhador informal como sendo aquele pertencente às categorias ocupacionais dos assalariados sem carteira (inclusive o empregado doméstico); autônomo, exceto o profissional liberal; pequeno empregador, trabalhador familiar ou membro da família sem remuneração. Representam os segmentos mais vulneráveis do mercado de trabalho constituídos por mulheres, pessoas maiores de 40 anos de idade e com menos escolaridade (Mesquita, 2008)

Assim, estudos oficiais revelam que a participação dos trabalhadores domésticos no total de ocupados da região metropolitana de Fortaleza (RMF) manteve-se

¹⁷ No Brasil, os censos demográficos ocorrem a cada dez anos. Em 2020, o que estava sendo iniciado precisou ser cancelado por conta da pandemia causada pelo COVID-19 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2020).

relativamente estável, ao passar de 6,6% para 6,8% dos ocupados, entre os anos de 2015 e 2016. E é no município de Fortaleza que se localiza o mais florescente mercado de serviços domésticos no Ceará (IDT/DIEESE, 2017).

6.4 POPULAÇÃO E AMOSTRA DO ESTUDO

A população selecionada para este estudo foi constituída de trabalhadores autônomos do sexo feminino, que executam serviços domésticos como lavadeiras, passadeiras ou diaristas, faxineiras e empregadas domésticas lavando e passando roupas para terceiros, como atividade remunerada, residentes na cidade de Fortaleza.

Ela é destino da maioria das mulheres que trabalham com serviços domésticos e que moram em outras cidades da região metropolitana. Em 2016, 83,4% das domésticas da região metropolitana de Fortaleza (RMF) disseram trabalhar em Fortaleza e 16,6%, nos demais municípios.

A informalidade do trabalho autônomo, no qual estas mulheres atuam, gera, como consequência, a ausência dos mecanismos de proteção social e trabalhista. Em 2016, sete em cada dez domésticas da região estavam desprotegidas da seguridade social, cujo universo é basicamente composto pelas mensalistas sem carteira assinada e as diaristas. Ao não contribuírem para a Previdência Social, estão desprotegidas da seguridade social nos casos de desemprego, gestação, acidentes (trabalho ou percurso), doenças ocupacionais, assim como dificilmente conseguirão se aposentar, necessitando continuamente permanecer ativas no mercado de trabalho para obter uma fonte de remuneração. (IDT/DIEESE, 2017)

Tabela 4: Rendimento médio real dos ocupados, assalariados e trabalhadores autônomos, no trabalho principal, na Região Metropolitana de Fortaleza (2012-2016).

Classificação	Ano				
	2012	2013	2014	2015	2016
Ocupados	1.422	1.418	1.443	1.354	1.313
Assalariados	1.515	1.488	1.476	1.417	1.424
Autônomos	1.063	1.109	1.222	1.070	1.004

Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego. Convênio Seade-Dieese, MTb/FAT e convênios regionais (elaborado pelo IDT), 2017.

Em novembro de 2020, foram estimadas 211,7 milhões de pessoas residentes no Brasil, das quais 170,7 milhões de 14 anos ou mais de idade, que correspondem à população em idade de trabalhar. Essa última se divide em população ocupada, população desocupada e população fora da força de trabalho. Segundo os dados da PNAD COVID19, publicados em 2020 (Vieira, 2020), a população ocupada totalizava 84,4 milhões de pessoas no início da pesquisa, em maio, 84,1 milhões de pessoas no mês de outubro e 84,7 milhões em novembro (ou seja, aumento de 0,6% em relação a outubro, e pela primeira vez desde o início da pesquisa, apresentando aumento em relação a maio de 0,3%); já a população desocupada passou de 10,1 milhões de pessoas no começo da pesquisa para 13,8 milhões em outubro e 14,0 milhões de pessoas em novembro (aumento de 2% na margem e de 38,6% desde o início da pesquisa, acumulando sucessivos aumentos mês a mês).

Portanto, neste mesmo período, a força de trabalho, que corresponde à soma da população ocupada e a desocupada, passou de 94,5 milhões em maio para 97,9 milhões em outubro e 98,7 milhões agora em novembro (aumento de 0,8% em relação a outubro e de 4,4% em relação a maio). Enquanto isso, o contingente de pessoas fora da força de trabalho passou de 75,4 milhões em maio para 72,7 milhões em outubro e 72,0 milhões de pessoas em novembro, o que corresponde a uma redução de 0,9% na margem e 4,4% em relação a maio. Os números demonstram a consolidação do retorno às atividades ao redor do país, com mais pessoas mês a mês deixando de estar fora da força de trabalho, fato que serviu para agravar ainda mais o avanço da doença (PNAD-COVID19, 2020).

Ao analisar o total de pessoas desocupadas em novembro de 2020, foi identificado que 14,0 milhões de pessoas, 2% acima do total de outubro esteve nesta categoria, sendo que, a Região Nordeste, onde fica o Ceará, foi a única a apresentar aumento significativo no número de desocupados foi a (+4,7%). As demais regiões ficaram estatisticamente estáveis. No Brasil, os valores das taxas de desocupação, em ordem decrescente, em novembro, foram: Nordeste (17,8%), Norte (15,4%), Sudeste (14,3%), Centro-Oeste (12,2%), e Sul (9,3%).

No Ceará, o reflexo deste cenário aponta para um aumento da taxa de desemprego que passou de 12,1% para 14,1% da força de trabalho entre o segundo e o terceiro semestre do mesmo ano. Com relação ao ano de 2019 (11,3%), o aumento foi de 2,8%.

A tabela abaixo apresenta uma estimativa do total de pessoas incluídas na força de trabalho como ocupadas ou desempregadas, bem como fora da força de trabalho e desalentadas¹⁸, no Ceará, no período em questão.

Tabela 5: Número estimado de pessoas ocupadas no Ceará, conforme o tipo de atividade (2019-2020).

Indicadores	Estimativas (em mil pessoas)			Variação (em mil pessoas)	
	3º trim/ 2019	2º trim/ 2020	3º trim/ 2020	3º trim/2020/ 2º trim/2020	3º trim/2020/ 3º trim/2019
	Total	7.356	7.485	7.534	49
Na força de trabalho	4142	3.569	3.569	0	-573
Ocupada	3.675	3.138	3.068	-70	-608
Desempregada	467	431	502	70	34
Fora da força de trabalho	3.213	3.916	3.965	49	752
Desalentada	364	376	460	84	96

Fonte: Costa, 2019; IBGE/Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua, 2020.

¹⁸ A população desalentada é constituída pelos indivíduos que estavam fora da força de trabalho (população economicamente ativa: pessoas ocupadas ou desempregadas) por não conseguir trabalho adequado, ou não ter experiência ou qualificação, ou ser considerado muito jovem ou idoso, ou não ter trabalho na localidade em que residia – e que, se tivesse conseguido trabalho, estivesse disponível para assumir a vaga. (Costa, 2019)

6.4.1 Seleção da amostra

Esta investigação possui uma amostra não aleatória e não probabilística por conveniência, incluindo os profissionais autônomos, especialistas que executam serviços de cuidado e manutenção de roupas para terceiros.

As técnicas de amostragem não probabilísticas por conveniência, permitiram selecionar os sujeitos participantes com base em sua localização geográfica, conhecimentos e experiência profissional. (Levin et al., 2012)

Os sujeitos selecionados possuíam alguma relação especial com a lavagem e passadoria de roupas como atividade remunerada, para terceiros, sem constituição de vínculo empregatício.

Neste contexto, o grupo de participantes deste estudo é constituído por lavadeiras, passadeiras, diaristas, faxineiras e empregadas domésticas que lavam e passam roupas para terceiros, morando e trabalhando em Fortaleza-Ceará. Somente as mulheres participaram. Tais dados serviram para definir as variáveis para as análises quantitativas e estatísticas.

6.4.2 Definição das variáveis independentes e dependentes

Com a amostra selecionada, foram delimitadas as seguintes variáveis:

Quadro 8: Definição das variáveis independentes e dependentes.

variáveis independentes	variáveis dependentes
idade	conhecimento da importância da etiqueta
grau de instrução	conhecimento dos símbolos
experiência	atitude com relação à etiqueta prática com relação à etiqueta prática com relação aos símbolos preferência cromática (cores) preferência tipográfica preferência narrativa preferência de layout preferência imagética (ilustrações) satisfação com o material educativo grau de recomendação do material educativo uso da etiqueta uso do cartaz uso da tag ou etiqueta para escrever o nome

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

6.4.3 Critérios de seleção e distribuição dos participantes (PASSO 1)

Assim, apresentado este panorama e considerando ainda a situação de isolamento social por conta da COVID-19, a equipe de investigação optou por selecionar os respondentes para o estudo por meio da rede social Facebook (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**). A escolha por esta plataforma se deu após consideração de que era, naquele período, dentre as redes sociais, a que apresentava os melhores resultados com pesquisas acadêmicas nas ciências sociais (James, 2020; Kosinski et al., 2015; Rife et al., 2016).

Embora reconhecendo que os homens também cuidam das próprias roupas, as mulheres, mesmo as ocupadas no mercado de trabalho, ainda são a grande maioria a executar afazeres domésticos e cuidar das crianças (Agência IBGE Notícias, 2017). Portanto, para a Fase 2, Etapa 6, Passo 1 do estudo, fez-se a seleção, cadastro e validação dos usuários considerando-as como as principais responsáveis pelo trabalho de lavar e passar roupas.

Os critérios de segmentação de público-alvo para o Facebook levaram em conta o sexo (feminino), idade (entre 16 e 65 anos), localização geográfica (Fortaleza-Ceará) e profissão (lavadeiras, passadeiras, faxineiras e empregadas domésticas que lavam e passam roupas para terceiros).

A Figura 55 apresenta a peça gráfica criada para divulgar a pesquisa e atrair os participantes, informava acerca da gratificação de R\$ 50,00 oferecida a quem concluiu a pesquisa. De início foi postada numa página com o título Pesquisa de Doutorado em Design e em dois grupos de lavadeiras e passadeiras devidamente autorizados pelos moderadores. A intenção era obter uma primeira impressão para avaliar a potencialidade da mídia sem fazer segmentação de público-alvo, localização geográfica e faixa etária, ficando à mercê do interesse dos frequentadores.

Após 15 dias, o retorno foi marcado por desconfiança e insegurança quanto à veracidade do chamado, expressadas nos comentários. “É golpe!”, “Só besta cai nessa!” ou ainda “Pensa que eu sou trouxa, é!” só pra ilustrar algumas manifestações.

Para cada um que deixou algo escrito, foi dada uma resposta individual e privada, explicando do que se tratava a pesquisa, repassando dados para maiores esclarecimentos e reforçando o convite. Após este contato, algumas se interessaram em participar.

Passado este período de teste, que durou 15 dias e teve uma baixa adesão, optou-se por fazer um anúncio pago que ficou na plataforma por 16 dias e tendo um custo total de R\$ 299, 96 (aproximadamente 40 Euros, em janeiro de 2020).

Segundo o Facebook, neste período foram alcançadas 38.449 pessoas, das quais 1.476 se engajaram com a publicação e 1.230 clicaram no link que levava ao formulário de cadastro e triagem do Passo 1. As métricas do Facebook são estimadas¹⁹. Ao final do período de divulgação, 97 pessoas preencheram o cadastro e 76 foram consideradas aptas.

Figura 55: Anúncio para recrutamento de participantes.



Nota: O texto do anúncio destacava claramente a necessidade de pessoas com as características necessárias para o estudo e informava sobre a gratificação. Elaborado pela autora (2020).

¹⁹ De acordo com o próprio Facebook para estes cálculos é feita uma estimativa de algumas métricas usando amostras ou modelos que podem fornecer informações direcionais para resultados difíceis de quantificar com precisão. Poderá haver uma evolução à medida que novos dados são coletados. O número de cliques em links dentro do anúncio que levaram a destinos especificados pelo anunciante, dentro ou fora do Facebook. Os cliques no link são apenas uma forma de mensurar o interesse que o anúncio gera entre o público. Anunciantes digitais geralmente consideraram a taxa de cliques como uma medida do sucesso de uma campanha publicitária online. Engajamento é o número total de ações que as pessoas executam envolvendo o anúncio (Facebook For Business, 2021).

Portanto, após terem concluído o Passo 1, fizeram parte da amostra, as mulheres que atenderam aos seguintes critérios:

- **Elegibilidade ou inclusão:** maiores de 16 anos, residente em Fortaleza, trabalhar como lavadeira, passadeira, faxineira ou empregada doméstica lavando ou passando roupas para terceiros, como atividade remunerada, possuir telefone celular com acesso à Internet e webcam para participar da entrevista, concordar em participar da pesquisa até o Passo 3, aceitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As que participaram do estudo exploratório presencial, na sede do IDT, em 2019, também foram convidadas, embora o índice de resposta tenha sido muito baixo. De 53 entrevistadas, somente 3 deram retorno.
- **Crítérios de exclusão:** menor de 16 anos, morar fora de Fortaleza, não trabalhar como lavadeira, passadeira, faxineira ou empregada doméstica lavando ou passando roupas para terceiros, como atividade remunerada, não possuir telefone celular com acesso à Internet e webcam para participar da entrevista, não concordar com o disposto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
- **Crítérios de desistência ou perda:** Quando não foi possível o contato feito pelo WhatsApp após o Passo 1, no prazo de 15 dias; as que, mesmo tendo aceitado participar do Passo 2, após receberem a revista não tenham mais respondido as tentativas de contato, dentro de 20 dias após a data da entrega; as que desistiram em algum momento após o Passo 1. Aquelas que, recebendo a revista, não deram retorno para a entrevista do Passo 3. Moradores do mesmo endereço. Mulheres que apresentassem dificuldade técnica para completar os questionários eletrônicos.

Mais quatro pessoas foram somadas ao total de candidatas, oriundas das entrevistas realizadas no estudo exploratório, no IDT, em 2019. Embora tenham sido feitos nove contatos, somente estas aceitaram receber a revista.

Assim, 80 foi o total de aptos que foram para o Passo 2, no qual a cada cadastro foi atribuído um número para sorteio, fazendo assim a divisão randômica dos grupos de teste e controle, cada um com 40 participantes.

Ao alocar os sujeitos de modo aleatório e não individualmente, minimiza-se o risco de viés e de contaminação dos indivíduos (Oliveira et al., 2014).

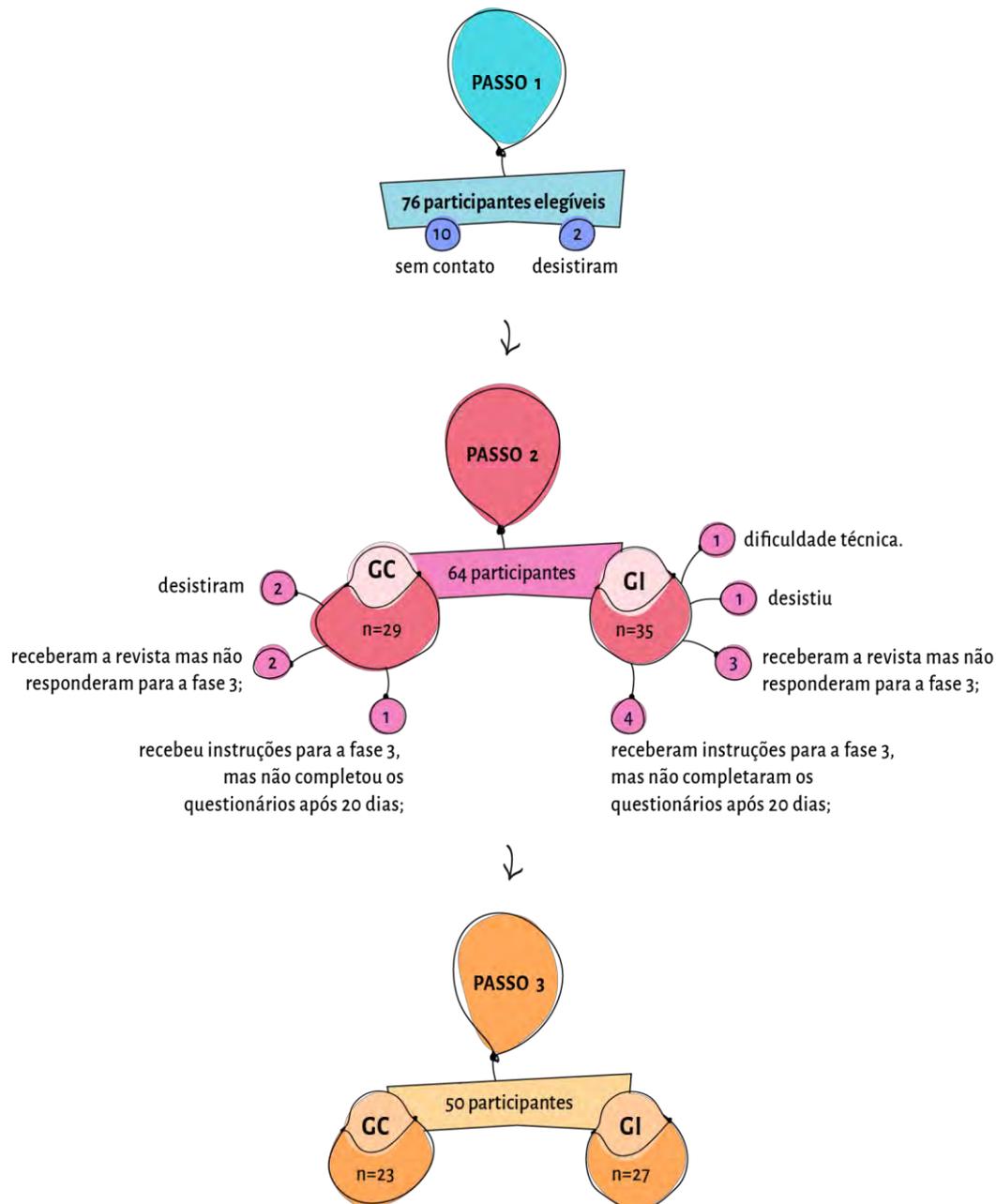
A Figura 61 a seguir apresenta o fluxo criado para recrutar e distribuir as participantes do estudo no Grupo de Controle (GC) e Grupo de Intervenção (GI).

Figura 56: Anúncio e métricas da peça de divulgação.



Nota: Os dados analíticos acerca do anúncio pago são fornecidos pela rede social (Facebook, 2020).

Figura 57: Divisão dos grupos de controle (GC) e intervenção (GC)



Nota: A cada passo executado durante a Fase2-Etapas 4-5-6 da investigação, o número de participantes mudava por conta dos procedimentos, desistências ou falta de contato (2020).

No Passo 1, após a aplicação dos critérios de elegibilidade e exclusão, 76 mulheres foram aptas a participar do Passo 2, número este utilizado para a distribuição aleatória dos grupos.

Assim, sendo o número par, facilitou o sorteio em duas metades, cada uma com 38 sujeitos. Entretanto, após tentativa de contato pelo aplicativo WhatsApp, os números mudaram, por conta da aplicação das condições de exclusão, sendo 64 o total de pessoas contactadas, sendo 29 do GC e 35 do GI.

Para o Passo 2, após nova rodada de critérios de desistência, perda ou exclusão, 50 participantes foram aptos e concluíram o estudo, sendo 23 do GC e 27 do GI.

6.5 INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

No que diz respeito aos instrumentos de recolha de dados, esta investigação utilizou a entrevista semiestruturada e o questionário misto (questões fechadas e abertas), em vários momentos, dependendo da etapa e da fase.

Para os grupos de controle e intervenção foram distribuídos dois materiais impressos diferentes, doravante chamados de Revista A e Revista B que serão detalhados a seguir.

Para coletar dados com as participantes fez-se uso de formulário eletrônico criado na plataforma Google, para caracterizar as participantes do Grupo de Controle (GC) e do Grupo de Intervenção (GI) quanto aos aspectos sócio demográficos, e quanto aos hábitos de execução da tarefa de lavar e passar roupas, considerando a etiqueta de cuidados e a simbologia têxtil. Ao fazer perguntas acerca do conhecimento, da atitude e da prática durante a execução da tarefa, obteve-se as respostas para alimentar as variáveis a serem medidas.

Foi utilizado o inquérito CAP (Apêndice F), para medir o nível adequado e inadequado do conhecimento, da atitude e da prática das participantes acerca da importância da etiqueta de cuidados e da simbologia têxtil pertencentes ao Grupo de Intervenção, que recebeu a Revista B, elaborado por esta investigação e do Grupo de Controle, ao qual foi entregue a Revista A.

O inquérito CAP foi elaborado a partir dos estudos de Oliveira (2014) e Melo (2018). Trata-se de um instrumento composto por um conjunto de questões que visa obter respostas para se medir o que a população sabe, pensa e pratica a respeito de um determinado problema, bem como identificar possibilidades de intervenção.

Ao elaborar as perguntas para o questionário, utilizou-se as orientações contidas no Manual do Aplicador do Inquérito CAP, elaborado pela Organização Mundial de Saúde. (Melo, 2018; Oliveira, 2014a; Organização Mundial da Saúde - OMS, 2016). O instrumento elaborado para esta investigação possui 15 questões.

Os conceitos utilizados para conhecimento, atitude e prática para elaborar o inquérito desta investigação, foram obtidos de estudos similares conforme Marinho et al. (2003), Oliveira et al. (2014) e Melo (2018) foram os seguintes:

Quadro 9: Descrição das variáveis CAP conforme o objeto de estudo e critérios para avaliar o que é adequado e inadequado.

Palavra	Definição	Dimensão
Conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão acerca de um assunto; • Relembrar fatos específicos ou habilidade para a resolução de problemas; • Emitir conceitos com a compreensão adquirida sobre determinado problema ou evento. 	Cognitiva
Atitude	<ul style="list-style-type: none"> • Emitir opiniões, sentimentos, predisposições a realizar algo; • Crenças, acerca de um objetivo, pessoa ou situação. • Está relacionado ao domínio afetivo. 	Emocional
Prática	<ul style="list-style-type: none"> • Tomada de decisão para executar a ação. • Relaciona-se aos domínios psicomotor, afetivo e cognitivo. • Maneira que o conhecimento é demonstrado com ações. 	Social

Fonte: Elaborado pela autora (2018) baseado em Melo (2018).

Cada questão do Inquérito foi construída a partir das informações acerca das etiquetas de cuidados e da simbologia têxtil conforme o sistema criado pela Ginetex (GINETEX, 2011a), adaptadas para facilitar o entendimento das lavadeiras e passadeiras acerca da importância das etiquetas de cuidados e da simbologia têxtil. Levou-se em conta ainda o modelo do *Suitability Assessment of Materials* transposto para a língua portuguesa (Souza et al., 2015). Logo, as perguntas foram elaboradas de modo que fosse possível investigar pelas respostas obtidas o conhecimento, a atitude ou a prática da profissional.

Quadro 10: Critérios para avaliação do conhecimento acerca das etiquetas e da simbologia têxtil como adequado ou inadequado.

CONHECIMENTO	
adequado	inadequado
<p>Ao demonstrar que:</p> <ul style="list-style-type: none"> • conhece ou já ouviu falar da etiqueta têxtil e compreende a importância dela e dos símbolos de cuidados; • conhece, se for capaz de identificar o significado do símbolo solicitado; • sabe apontar a utilidade da etiqueta; • é capaz de identificar uma situação em que a etiqueta pode ajudar no seu trabalho de lavar e passar roupas. • No Passo 3, quando souber o significado de todos os símbolos básicos solicitados. 	<p>Quando demonstrar que:</p> <ul style="list-style-type: none"> • não conhece ou não ouviu falar dos símbolos e da etiqueta de cuidados; • e se já ouviu falar, não for capaz de identificar o significado do símbolo solicitado; • não sabe apontar a utilidade da etiqueta; • e mesmo que saiba o significado do símbolo não for capaz de identificar pelo menos uma situação em que a etiqueta pode ajudar no seu trabalho de lavar e passar roupas. • No Passo 3, quando souber o significado de todos os símbolos básicos solicitados.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Quadro 11: Critérios para avaliação da atitude acerca das etiquetas e da simbologia têxtil como adequada ou inadequada.

ATITUDE	
adequada	inadequada
<p>Ao emitir opiniões e ideias que demonstrem intenção e/ou predisposição para assimilar a importância das etiquetas e da compreensão da simbologia têxtil de cuidados na hora de lavar, secar ou passar a roupa.</p> <p>Exemplo: acha importante saber o significado dos símbolos; sabe explicar porque é necessário aprender o significado dos símbolos têxteis; acredita que a etiqueta pode ajudar a evitar acidentes, preservar a roupa e auxiliar na atividade profissional.</p>	<p>Ao expressar opiniões e ideias que não demonstrem intenção e/ou predisposição para o correto uso da etiqueta de cuidados na hora de lavar, secar ou passar a roupa.</p> <p>Exemplo: não acha importante saber o significado dos símbolos; não sabe explicar porque é necessário aprender o significado dos símbolos têxteis; não acredita que a etiqueta pode ajudar a evitar acidentes, preservar a roupa e auxiliar na atividade profissional.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Quadro 12: Critérios para avaliação da prática acerca das etiquetas e da simbologia têxtil como adequada ou inadequada.

PRÁTICA	
adequada	inadequada
<p>Ao revelar que consulta as etiquetas antes de lavar, secar ou passar ou quando revelar que executa sua tarefa de lavar ou passar as roupas conforme as instruções que leu na etiqueta.</p> <p>Quando souber precisar o momento em que consulta as etiquetas informando se sempre ou às vezes consulta a etiqueta.</p> <p>Se sempre olhar antes de pelo menos uma ação.</p> <p>Exemplo: Lembra de consultar a etiqueta antes de lavar, secar ou passar; sabe que informação estava procurando; sabe precisar o momento em que procura as informações; olha as etiquetas sempre ou às vezes.</p>	<p>Ao mostrar que não conhece ou consulta as etiquetas antes de lavar, secar ou passar ou quando revelar que não executa sua tarefa de lavar, secar ou passar as roupas conforme as instruções que leu na etiqueta.</p> <p>Exemplo: Não lembra de consultar a etiqueta antes de lavar, secar ou passar; não sabe que informação deve procurar na etiqueta; não sabe dizer o momento em que procura as informações; não olha as etiquetas ou só olha quando o cliente pede, ou não sabe.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Para a intervenção com os grupos de teste e controle, foram utilizadas duas publicações educativas acerca da etiqueta de cuidados e da simbologia têxtil, destinada ao consumidor doméstico. A **Figura 58** apresenta as capas dos materiais utilizados no experimento, durante a Etapa 6, passos 2 e 3. A Revista A, intitulada Você Sabe Para Que Serve a Etiqueta, é a publicação do Instituto Nacional de Metrologia do Brasil - INMETRO, em distribuição pública desde 2002 (INMETRO, 2002). Apesar das mudanças na legislação (INMETRO, 2019), as informações nela contidas continuam válidas. Esta foi impressa e distribuída para o Grupo de Controle que foi para o Passo 2.

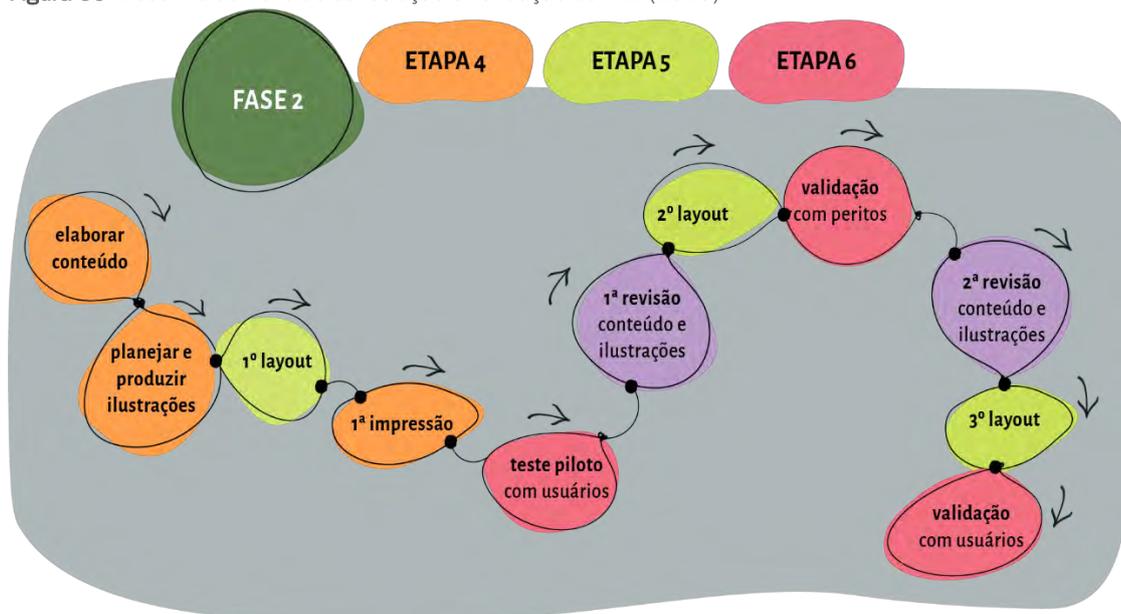
A Revista B, é a solução criada por esta investigação, intitulada Você Conhece os Símbolos da Etiqueta das Roupas? Guia Para Quem Lava e Passa, foi construída com informações da Ginetex e da Revista A. Embora ambas possuam pontos similares, são diferentes no que diz respeito ao seu conteúdo e diagramação. A **Figura 59** a seguir, apresenta o processo de criação, validação, distribuição e teste da Revista B que será detalhado no capítulo a seguir.

Figura 58: Livretos utilizados no experimento



Nota: Para facilitar o entendimento das participantes, que comumente se referiam ao material como revista, esta foi palavra utilizada para referir-se aos dois livretos. Logo, a Revista A (esquerda), foi produzida pelo INMETRO e a Revista B (direita), foi produzida por esta investigação (2020).

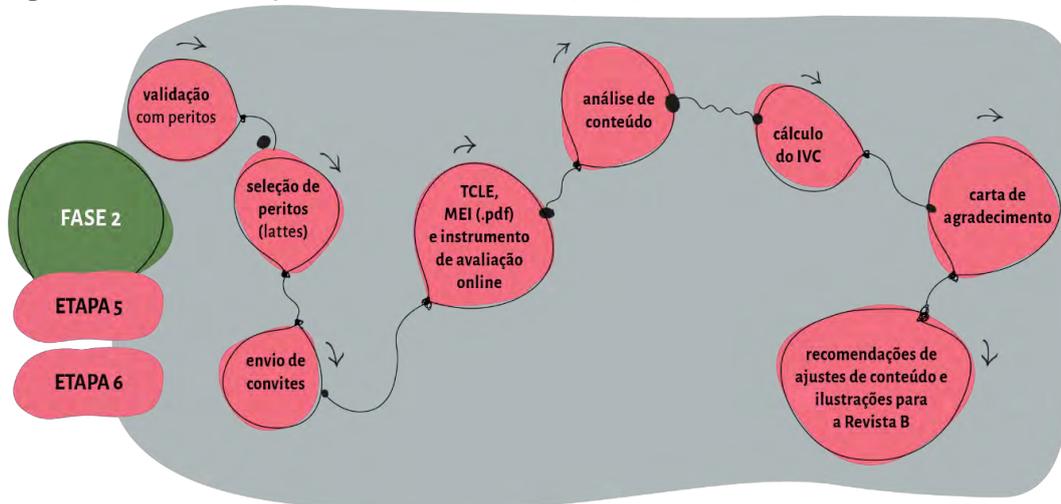
Figura 59: Desenho do fluxo de construção e validação do MEI (2019).



Nota: Elaborado pela autora (2019)

A validação do conteúdo e aparência da Revista B, foi realizada com peritos e usuários e seguiu o fluxo exibido na **Figura 60**, a seguir. Mais detalhes acerca do processo de seleção dos peritos, será apresentado mais à frente, neste capítulo, precisamente no item 6.7.1.4.

Figura 60: Fluxo da validação de conteúdo e aparência pelos peritos e usuários



Nota: Elaborado pela autora (2019).

Após a validação do conteúdo e aparência com peritos e usuários, execução das correções e ajustes no conteúdo e ilustrações, criação e impressão da segunda versão da Revista B, iniciou-se o estudo, que está detalhado na Figura 61, Figura 62 e Figura 63, em seus respectivos passos 1, 2 e 3.

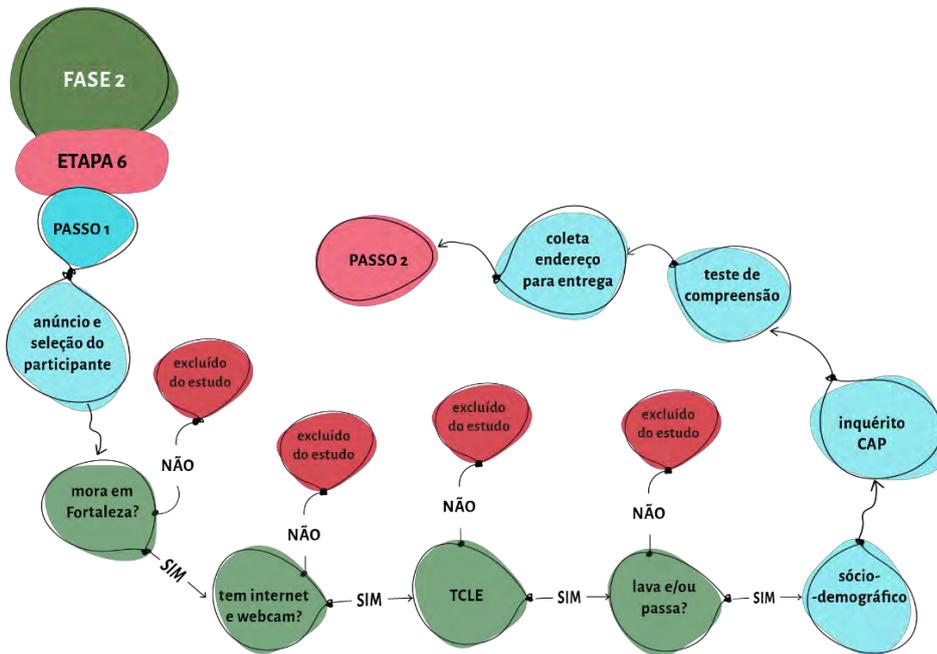
6.6 PROCEDIMENTOS PARA A RECOLHA DE DADOS

O Passo 1, detalhado na Figura 61 consistiu no processo de divulgação da pesquisa no Facebook e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, bem como a coleta de dados sociodemográficos e a aplicação da primeira versão do Inquérito CAP para formar a base de dados do passo seguinte.

O instrumento utilizado foi um formulário eletrônico criado na plataforma Google, que pode ser visualizado no Apêndice H. Os dados, salvos em planilhas, foram baixados e tratados. Conforme já apresentado no desenho do estudo, um número de 76 participantes foi considerado como aptos a prosseguir para os passos seguintes.

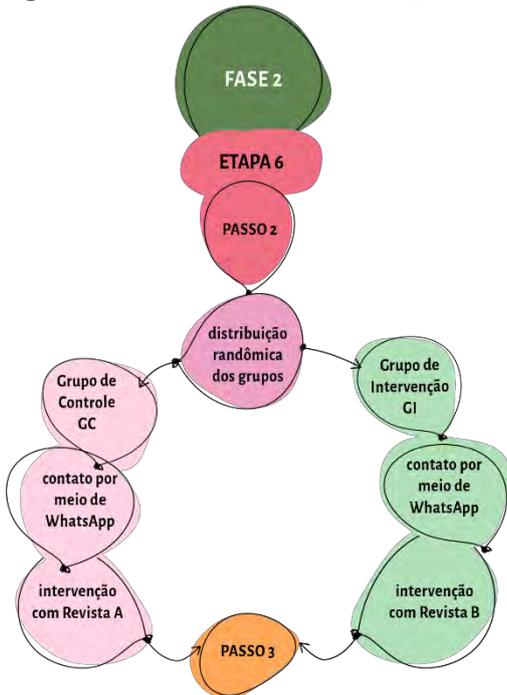
A Figura 62 apresenta a descrição do que ocorreu durante o Passo 2, do qual participaram os 64 respondentes que aceitaram receber as revistas impressas em seu endereço residencial. Fez-se uma distribuição aleatória, por meio de sorteio, em dois grupos: Grupo de Controle (GC) e Grupo de Intervenção (GI), com 29 e 35 participantes, respectivamente.

Figura 61: Detalhamento da Fase 2, Etapa 6, Passo 1



Nota: Os procedimentos executados durante este passo ocorreram desde o início do março de 2020, quando o mundo vivia uma pandemia por conta da COVID-19 e se prolongou até novembro do mesmo ano, quando então, iniciou-se o Passo 2. Elaborado pela autora (2019).

Figura 62: Detalhamento da Fase 2, Etapa 6, Passo 2

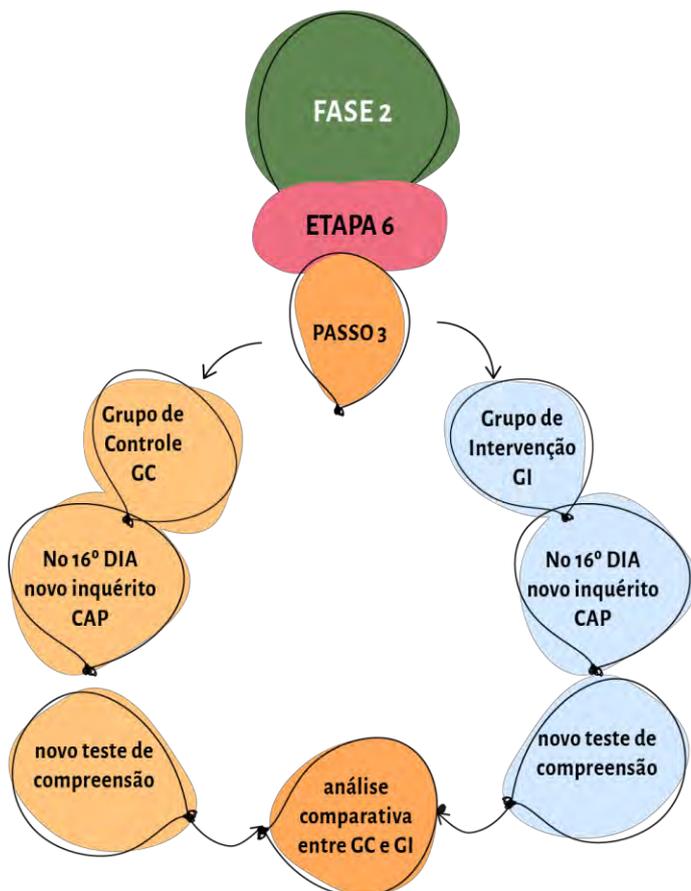


Nota: Cada participante, ao responder o questionário online do Passo 1 obtinha automaticamente um número ou uma chave única atribuída pelo Google Planilhas. Este número foi utilizado para executar a distribuição randômica dos participantes para os dois grupos, de controle e de intervenção, por meio de sorteio. Elaborado pela autora (2019).

A intervenção se caracterizou pela entrega do livreto para o participante, que foi orientado pelo WhatsApp para que lesse e a utilizasse durante os próximos 15 dias, quando novo contato seria feito.

Após estes 15 dias, no décimo sexto dia, iniciou-se o processo de contato para aplicação do questionário do Passo 3, cuja sequência prevista está na **Figura 63**.

Figura 63: Detalhamento da Fase 3, Etapa 6, Passo 3



Nota: Embora o planejamento prevísse o contato no 16º dia após o recebimento do livreto ou revista, em alguns casos, este prazo foi maior, por conta da demora de resposta das participantes. Entretanto, não foi maior do que vinte dias. Elaborado pela autora (2019-2020).

Para o GC, 23 pessoas e para o GI, 27 conseguiram concluir com sucesso o questionário com o Inquérito CAP e o teste de compreensão da simbologia de cuidados, embutido no formulário.

Antes de iniciar a coleta das respostas do Passo 3, tentou-se executar uma chamada de vídeo com as participantes, utilizando o WhatsApp. Nem todas possuíam conexão à Internet com banda suficiente. Outras poucas (3) não conseguiram sequer acessar as questões do formulário, por conta do plano de dados que possuíam, que só dava acesso ao WhatsApp. Nestes casos, o contato inicial foi feito por meio de mensagens de áudio. A seguir, o processo de coleta de dados foi realizado com o auxílio da investigadora, que, uma a uma, digitava

as perguntas e as alternativas no WhatsApp. A participante então, lia e escrevia a sua resposta que era registrada no formulário eletrônico pela pesquisadora. Em algumas questões, elas aproveitaram para mandar a resposta por áudio, ao invés de digitar.

Algumas das que disseram utilizar o cartaz avulso da Revista B, aceitaram mandar uma fotografia da lavanderia para que fosse possível visualizar o local.

Ao final da entrevista, pedia-se para registrar o momento em uma fotografia. Àquelas que disseram sim, também foi solicitada a autorização para reprodução das mesmas aqui neste documento. Tais imagens podem ser vistas na Figura 64, Figura 65 e Figura 66.

Figura 64: Algumas das participantes do Passo 3



Nota: As imagens foram obtidas com o consentimento, por meio de capturas de tela durante as entrevistas realizadas pelo Facebook ou WhatsApp. Aquelas que não permitiram uso de sua imagem não foram retratadas. Elaborado pela autora (2020).

Figura 65: Outras participantes do Passo 3



Nota: As imagens foram obtidas com o consentimento, por meio de capturas de tela durante as entrevistas realizadas pelo Facebook ou WhatsApp. Aquelas que não permitiram uso de sua imagem não foram retratadas. Elaborado pela autora (2020).

Figura 66: Mais algumas das mulheres participantes do Passo 3



Nota: As imagens foram obtidas com o consentimento, por meio de capturas de tela durante as entrevistas realizadas pelo Facebook ou WhatsApp. Aquelas que não permitiram uso de sua imagem não foram retratadas. Elaborado pela autora (2020).

Ao final da coleta, os dados foram organizados em planilha do Microsoft Excel, para análise estatística.

Os estudos preliminares e exploratórios realizados no início da investigação forneceram as bases para a elaboração do desenho de uma solução para o problema. A seguir, serão apresentados em detalhes, os passos executados e as técnicas utilizadas.

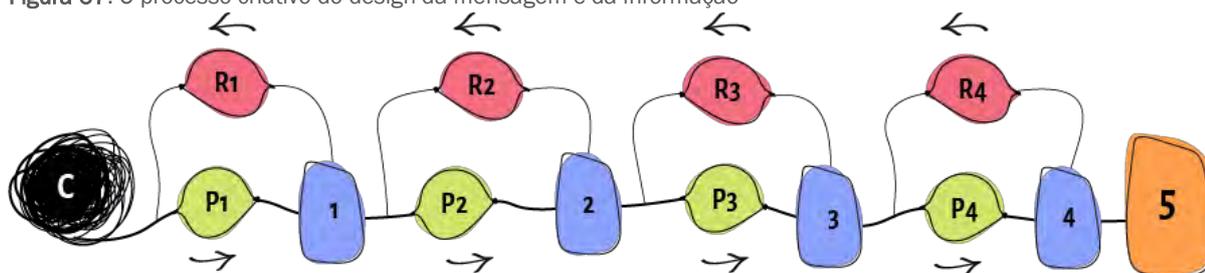
6.7 FASES PARA ELABORAÇÃO DO MATERIAL EDUCATIVO IMPRESSO

Conforme Dijkstra et al. (1990) o termo tecnologia instrucional descreve os métodos e procedimentos de instruções utilizadas para promoção da aquisição de conhecimento e habilidades cognitivas, tanto nas salas de aula quanto em outras situações informais ou formais de aprendizagem.

Para a construção e validação da tecnologia educativa proposta por esta investigação, foram utilizadas as fases propostas por Oliveira (2014a). O primeiro passo trata do desenvolvimento do conteúdo e do layout e a segunda, é a validação de clareza e relevância do conteúdo e aparência, bem como da adequabilidade do material por parte de peritos (Doak et al., 1996c; Alexandre & Coluci, 2011; Silveira, 2012) seguida da validação quanto à sua clareza, layout, estilo de escrita, aparência (Pettersson, 2015), conhecimento, atitudes e práticas (Melo, 2018; Sabino, 2016) com os leitores.

Nesta investigação, para elaboração da solução de design gráfico, adaptamos o modelo de design da mensagem de Pettersson (2018). Com quatro etapas processuais que se subdividem em sub processos, atividades de documentação e revisão o autor defende uma equipe de design multidisciplinar, com diferentes habilidades em diferentes áreas, por acreditar que o trabalho pode ser exaustivo para uma única pessoa. Segundo ele, as etapas processuais são as seguintes:

Figura 67: O processo criativo do design da mensagem e da informação



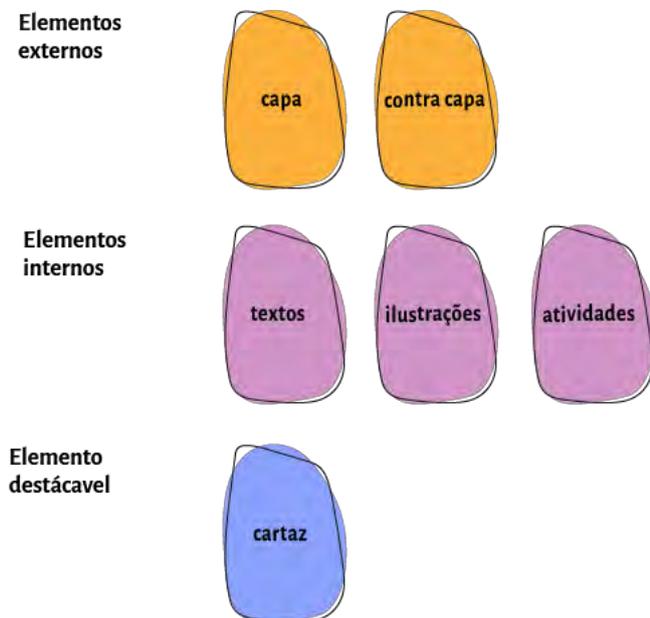
Nota: Este modelo inclui, conforme Pettersson (2018) quatro atividades de produção (P) e revisão (R). O trabalho sempre vai começar com uma demanda ou encomenda (C), que é o ponto de partida da problematização. A execução do projeto inclui as atividades de análise e produção (P1) e sinopse (1); de produção (P2) de rascunhos (2); de criação (P3) do roteiro de trabalho (3); da produção (P4) do protótipo (4) e da versão final (5). (Adaptado pela autora, de Pettersson, 2018).

A organização do material educativo impresso produzido nesta investigação se deu conforme se vê na figura a seguir, organizando e separando as partes em elementos internos, externos e destacáveis.

Os elementos internos, textos, ilustrações e atividades de fixação são o miolo da publicação e, portanto, a seção mais volumosa, na qual se trabalhou o conteúdo.

O elemento destacável, neste material consiste em um cartaz A3 que foi acrescentado ao lado interno da contracapa para ser facilmente removido.

Figura 68: Estrutura das partes do material didático impresso



Nota: Elaborado pela autora (2019)

Conforme (Sabino, 2016), alguns materiais educativos impressos usados na área da saúde contam com estruturas baseadas em um modelo de cartilha, com partes externas e internas separando capa, contracapa e conteúdo, respectivamente. A autora defende ainda que se incluam as referências e ficha catalográfica.

No projeto gráfico de um material educativo impresso são considerados os mesmos itens de uma publicação editorial qualquer: análise do público alvo, conteúdo, layout, tipografia, formato, suporte, ilustrações, organização etc. (Freitas et al., 2020). Ao se analisar o público leitor, há que se fazer as adaptações necessárias para estimular a aprendizagem e a motivação para a leitura, bem como estar atento para a linguagem, evitando julgamentos e expressões paternalistas.

As frases devem ser curtas e expressar apenas uma ideia por sentença, com o texto na voz ativa em estilo convencional, escrito na segunda pessoa, tomando o cuidado para que jargões e abreviações não apareçam na redação (Freitas et al., 2020; Hoffmann & Worrall, 2004). O quadro a seguir compila as recomendações de alguns autores acerca de detalhes importantes na elaboração de MEIs para adultos com baixa experiência de leitura.

Quadro 13: Recomendações para elaboração de material educativo impresso para adultos com pouca experiência de leitura

Recurso	Descrição	Autor
Conteúdo	Mostrar o objetivo do material; informações focadas no comportamento; conteúdo baseado em evidências e referências apropriadas. Incluir nomes dos autores e dados da publicação.	(Hoffmann & Worrall, 2004)
Imagens	Aproximar as imagens das realidades do leitor, do contexto em que a ação é executada para que seja familiar.	(Doak et al., 1998)
Linguagem	Escrever com clareza e simplicidade, como se fala; usar voz passiva, palavras simples e comuns, frases curtas; incluir interação sempre que possível.	(Doak et al., 1996b)
Organização	Sequenciar as informações de modo a apresentar aquilo que o leitor mais precisa saber esteja no início; usar subtítulos; apresentar as informações usando listas com marcadores, sempre que possível; agrupar as informações relacionadas em listas com máximo de 5 pontos cada; manter parágrafos curtos com apenas uma ideia cada; resumir os pontos principais, seja no final das seções ou no final do material.	(Hoffmann & Worrall, 2004)
Layout	Controlar o espaço em branco na página, evitando grandes blocos sólidos de texto. Utilizar caixas e outros elementos gráficos para atrair a atenção para informações importantes. Escrever o nome do leitor na capa; sublinhar os pontos principais;	(Doak et al., 1998)
Tipografia	Usar tamanho de fonte mínimo de 12 pontos; evitar uso de itálico e todas as letras maiúsculas; usar negrito apenas para enfatizar palavras-chave ou frases; garantir um bom contraste entre a cor da fonte (por exemplo, preto) e o fundo (por exemplo, branco).	(Hoffmann & Worrall, 2004)
Aprendizagem e motivação	Incorporar recursos que envolvam ativamente o leitor (por exemplo, espaço em branco para escrever perguntas, questionário curto, liste 3 coisas que você deve fazer) etc. Reconhecer pequenos sucessos do leitor faz com que ele se sinta motivado a continuar lendo e aprendendo. Faça perguntas para verificar a compreensão do leitor.	(Doak et al., 1996b)

Fonte: Adaptado pela autora a partir de Doak et al., (1996b, 1998) e Hoffmann & Worrall (2004).

6.7.1 Construção do material educativo: Você Conhece os Símbolos das Etiquetas das Roupas?

Após a revisão de literatura e do estudo exploratório, as informações do conhecimento, da atitude e da prática dos utilizadores acerca das etiquetas de cuidados e dos símbolos têxteis, foram compiladas de acordo com o maior número de incidências identificadas na análise de texto.

6.7.1.1 Conteúdo do material educativo

A solução gráfica desenvolvida para o problema desta investigação, foi elaborada a partir das informações oficiais contidas nos materiais informativos do INMETRO (2015) e da Ginetex (2018), acerca dos símbolos de cuidados presentes nas etiquetas têxteis das roupas. Nesta etapa, foram utilizadas ainda as informações obtidas no estudo exploratório, oriundas do conhecimento empírico das profissionais autônomas de lavagem e passadoria, bem como do teste de compreensão.

O estudo exploratório revelou que as profissionais de lavagem e passadoria entrevistadas possuíam, em sua maioria, baixo grau de instrução. Assim sendo, a proposta da tecnologia educativa propôs a oferecer um material de fácil leitura e compreensão, capaz de educar o leitor rapidamente, favorecendo a memorização das informações para uso posterior (Doak et al., 1996d). Logo, optou-se por um projeto gráfico que fez uso da arte sequencial, com ênfase nas ilustrações e nos diálogos e textos curtos que auxiliam a fácil leitura e compreensão da informação. Teve-se o cuidado de evitar, sempre que possível, a linguagem técnica e uso de palavras difíceis em sentenças longas (Hoffmann & Worrall, 2004) e de manter as informações contextualizadas em situações familiares das participantes da investigação (Doak et al., 1998).

Embora tenha se buscado escrever o conteúdo de forma clara e objetiva, para avaliar a simplicidade da leitura, ele validado por meio do Índice Flesch Brasileiro (Goldim, 2003), que calcula o número de palavras, sílabas e frases e resulta num grau de adequação de leitura para diferentes graus de alfabetização (Lima & Ponomarenko, 2019).

Quadro 14: Resultado do Índice Flesch Brasileiro para a leitura de textos conforme o grau de escolaridade

Resultado	Leiturabilidade	Grau escolar
100-75	Muito fácil	1° a 5° ano
75-50	Fácil	6° a 9° ano
50-25	Difícil	Ensino Médio
25-00	Muito difícil	Ensino Superior

Fonte: (Lima; Ponomarenko, 2019).

Todos os textos do material educativo que elaboramos para o experimento foram submetidos a este sistema de avaliação. Ao obter resultado que indicasse uma leiturabilidade difícil ou muito difícil, a redação era revista e novamente submetida para análise. Somente quando obtiveram graus de leitura fácil ou muito fácil, adequados para leitores que tenham concluído do 1° ao 9° ano do ensino fundamental considerou-se satisfatório para teste.

6.7.1.2 Execução do material educativo

Segundo o modelo de produção do design da mensagem e da informação (Pettersson, 2015, 2018a) tendo passado a etapa de problematização, iniciou-se a execução do projeto.

O material foi executado no tamanho A5 (148 x 210mm), com 28 páginas, frente e verso, incluindo capa, contracapa, sumário, apresentação, perguntas e respostas, gabarito das atividades de fixação e uma página para anotações.

O conteúdo do material foi selecionado a partir das entrevistas dos estudos exploratórios, do teste de compreensão e dos livretos do INMETRO (2015) e GINETEX (2016).

As atividades de análise e produção (P1) e sinopse (1), consistiram na redação do conteúdo e de conversas com ilustradores. A primeira versão do material foi ilustrada pelo designer e ilustrador Eric Barata. Neste momento definiu-se quais páginas da publicação seriam no estilo arte sequencial e quais seriam no estilo texto corrido ou com informações em tabela. O objetivo era não manter todas as informações com uma única abordagem para evitar criar monotonia, mesmo correndo o risco de também sobrecarregar visualmente o leitor. A seguir iniciou-se a produção de rascunhos (P2) do material editorial, de criação (P3) do roteiro de trabalho (3); da produção (P4) do protótipo (4) e da versão final (5).

Figura 69: Primeiro rascunho das ilustrações para o livreto



Nota: Os desenhos foram criados a partir de descrições textuais obtidas por meio do contato com as entrevistadas do estudo preliminar 3 e fornecidas ao ilustrador Eric Barata, no ano de 2019.

Figura 70: Página finalizada após escolha da fonte e definição das cores



Nota: A fonte aqui usada não foi aprovada no teste piloto da primeira versão e posteriormente substituída. As cores foram selecionadas em parceria com o ilustrador, visando manter simplicidade, sem efeitos (2019).

A partir da página cinco, o conteúdo foi organizado para explicar a importância das etiquetas das roupas, da simbologia têxtil e de cada símbolo e suas derivações, quando mandar as roupas para a lavanderia, seção de perguntas e respostas e as referências.

6.7.1.3 Estudo piloto

Realizou-se um teste piloto com 10 lavadeiras e passadeiras não pertencentes a nenhum dos dois grupos, GC e GI, via WhatsApp ou presencialmente, no mês de Junho de 2020. As participantes foram indicadas por amigos e colegas de trabalho da investigadora e receberam uma versão do material educativo impresso ou em PDF.

Figura 71: Apresentação das 3 primeiras páginas do protótipo do MEI



Nota: O protótipo mesclava páginas de histórias na página par e informações instrucionais na página ímpar.

Pedi-lhes que avaliassem o material e respondessem um questionário com 22 perguntas semiestruturadas (Apêndice G). O objetivo era avaliar e garantir que as informações e as ilustrações estavam adequadas e sendo compreendidas pelas lavadeiras e passadeiras a que se destinavam, bem como de identificar possíveis dúvidas e novas questões apontadas por elas.

6.7.1.4 Processo de validação

A validação do material produzido por esta investigação foi realizada por dois grupos: um formado por especialistas também chamados de peritos e outro, formado por lavadeiras e passadeiras autônomas, empregadas domésticas e diaristas que lavam e passam roupas para terceiros. Para obter um conceito de validade de conteúdo e aparência do material, utilizou-se de instrumentos baseados em julgamentos que buscaram medir a adequação dos itens com relação ao conteúdo, além da concordância entre os especialistas e lavadeiras, em momentos distintos.

Para tanto, criou-se um protocolo de julgamento para avaliar o conteúdo e a aparência da tecnologia instrucional, considerando: a organização do material, o grau de dificuldade da leitura, layout e tipografia, as ilustrações, o estímulo para a aprendizagem, a apropriação cultural e a recomendação do artefato. Este foi aplicado primeiro com os especialistas que pontuaram a clareza e relevância de cada item por meio de uma escala de Likert de 4 pontos (4 = concordo totalmente, 3=concordo, 2= discordo, 1 = discordo totalmente), havendo uma questão aberta para comentários e sugestões.

A busca pelos peritos ocorreu pela plataforma Lattes²⁰. Ali foram selecionados aleatoriamente mais de 60 doutores e mestres da área de pesquisa em design instrucional, design de material impresso, educação de adultos e simbologia têxtil. Responderam e participaram, 25 pesquisadores que formaram o corpo de especialistas avaliadores da primeira versão do material educativo. Como sujeitos participantes da investigação, foram devidamente orientados quanto ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e tiveram que concordar no formulário eletrônico como requisito para participar.

O trabalho de recolha dos dados desta avaliação foi realizado no meses de agosto a outubro de 2020. Cada avaliador recebeu um e-mail convite com o material educativo a ser avaliado em PDF em anexo e um link para o formulário eletrônico com as questões de avaliação organizadas em cinco seções:

- Apresentação da pesquisa e carta convite (Apêndice A);
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, para ler e marcar o aceite, em caso de concordância (Apêndice B);
- Questões de avaliação das páginas, com imagem ampliada de cada (Apêndice C);
- Avaliação da aparência e conteúdo geral do material (Apêndice D);
- Caracterização profissional do perito (Apêndice E).

Ao final, as sugestões dos peritos foram analisadas, aceitas e incorporadas na nova versão da revista que foi submetida à avaliação final das lavadeiras e

²⁰ A Plataforma Lattes é o portal oficial do Ministério da Educação brasileiro para doutores, mestres e demais pesquisadores cadastrarem seus currículos e linhas de investigação concluídas ou em curso. O sistema é obrigatório para servidores públicos e recomendado para os demais, aberto para busca por nome e área de interesse, permitindo um contato cego (sem ver o e-mail) com o investigador.

passadeiras, selecionadas pelo Facebook. Quem aceitou participar, foi devidamente submetido ao TCLE via formulário eletrônico contendo três seções, com o intuito de filtrar as que se encaixavam no perfil desejado: lavadeiras e/ou passadeiras autônomas, diaristas e/ou empregadas domésticas que lavam e passam roupas para terceiros, residentes em Fortaleza, Ceará.

O instrumento também recolhia dados para caracterizar o perfil social e econômico da respondente (faixa etária, nível de escolaridade, hábitos de leitura, ocupação, experiência com a atividade em questão, estado civil, número de filhos e renda familiar).

Para que as respondentes dessem opinião avaliativa acerca do livreto, criou-se um instrumento baseado no *Suitability Assessment of Materials* (C. C. Doak et al., 1996a), com várias questões sobre a organização do material, tipografia, aparência, estímulo para aprendizagem, apropriação cultural e recomendação geral do material, devidamente adaptadas para que fossem compreendidas pelas leitoras.

Logo, ao invés de perguntar sobre a organização do material, perguntava-se sobre a capa. Ao invés de perguntar sobre tipografia, perguntava-se sobre os tamanhos das letras, e assim por diante. O instrumento completo pode ser verificado no Apêndice D.

Um aspecto que foi levado em grande consideração foi acerca da apropriação cultural, tendo o cuidado de analisar com bastante cautela as respostas dos peritos e das lavadeiras acerca de questões étnicas, raciais e culturais que pudessem impactar na transmissão da mensagem.

Uma vez obtidas as respostas, os dados, em planilhas, foram tratados para obtenção dos percentuais de concordância, calculados individualmente para cada item avaliado, sendo o resultado a soma das respostas dos peritos que concordaram (respostas 4 e 3) dividido pelo total de peritos participantes (Alexandre & Coluci, 2011).

O cálculo de *Content Validity Index* (CVI), como é conhecido este percentual de concordância, possui várias abordagens, mas neste trabalho optou-se por fazer aquela que avalia o item individual (I-CVI) e o material completo (S-CVI) como relevante ou muito relevante por todos os peritos (Patterson, 2019).

Este índice permite medir a proporção ou porcentagem de peritos que estão em concordância sobre determinados aspectos do instrumento e de seus itens. Cada item do instrumento é avaliado de modo individual e, por fim, o documento como um todo.

Assim, para avaliar a clareza e/relevância, a escala pontuava a concordância do perito acerca do item, sendo: 1 = discordo totalmente; 2 = discordo; 3 concordo; 4 = concordo totalmente. O motivo da escala ser par, é evitar neutralidade ou ambivalência (Devon et al., 2007; Lynn, 1986; Rubio et al., 2003).

O escore do índice foi calculado por meio da soma de concordância dos itens que foram marcados por 3 ou 4 pelos especialistas (Grant & Davis, 1997). Os itens que receberam pontuação 1 ou 2 foram revisados ou eliminados. Dessa forma, o IVC tem sido também definido como “a proporção de itens que recebe uma pontuação de 3 ou 4 pelos peritos” (Wynd et al., 2003). A fórmula para medir cada item individualmente fica assim:

$$IVC = \frac{\text{número de respostas 3 ou 4}}{\text{número total de respostas}}$$

Para avaliar o instrumento como um todo, não existe um consenso entre os autores. Para esta investigação, fez-se a divisão do “número total de itens considerados como relevantes pelos peritos pelo número total de itens”(Polit & Beck, 2006).

A taxa de concordância aceitável entre os peritos foi estipulada como aceitável, da seguinte forma: para os itens individuais, concordância mínima não inferior a 0,80 (Lynn, 1986; Polit & Beck, 2006).

Já para verificar a validade de novos instrumentos de uma forma geral, alguns autores sugerem uma concordância mínima de 0,80, para situações em que o número de avaliadores é maior que seis pessoas (Polit & Beck, 2006). Como nosso estudo contou com 25 peritos, este foi o percentual de concordância mínima que buscamos alcançar entre os peritos, tanto para os itens individuais, quanto para o material como um todo.

Após a avaliação dos peritos, uma nova versão do material foi produzida, levando em consideração todas as recomendações. Esta versão final, foi utilizada no experimento final, cujos resultados serão apresentados no capítulo seguinte.

6.8 ANÁLISE DOS DADOS

Após a recolha de todos os dados por meio dos vários instrumentos, fez-se a compilação em uma planilha eletrônica utilizando o software Excel.

A amostra total contou com 50 entrevistadas divididas em dois grupos oriundos do Passo 3, divididos aleatoriamente e que completaram o estudo: 1) um grupo de 23 profissionais recebeu a Revista A, grupo de controle; 2) um segundo grupo, composto por 27 profissionais recebeu a Revista B, grupo de intervenção. Procedeu-se a análise estatística dos dados coletados nos Passos 1, 2 e 3.

Foi realizado o Teste Qui-Quadrado para avaliar se os dois grupos (Revista A e Revista B) eram semelhantes do ponto de vista socioeconômico, permitindo a realização de inferências estatísticas sobre as diferenças observadas entre a primeira e a segunda fase.

Os procedimentos seguiram a metodologia apresentada em Levine et al. (2008) para diferenças entre duas proporções. Tais dados serviram de base para a análise da avaliação da solução proposta, sob a perspectiva dos usuários/leitores/lavadeiras e serão apresentadas no Capítulo 7.

6.9 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Dado que não estão previstas a realização de experiências ou outro tipo de intervenções, é importante mencionar que a todos os sujeitos foi solicitada a aceitação escrita em relação à sua participação na pesquisa, por meio da assinatura de um Termo de Consentimento de Informação.

Quando o formulário era eletrônico, o respondente manifestava seu aceite ou recusa por meio de um botão de opção. Tal medida visava assegurar-lhes que a

participação no estudo era voluntária e que estavam livres para se retirar dela em qualquer ponto e por qualquer motivo.

Não houve necessidade da coleta de dados para a identificação dos participantes. Assim sendo, todos foram devidamente informados sobre os objetivos do estudo bem como da finalidade que suas respostas tiveram, tendo-lhes assegurado que as mesmas serão tratadas como confidenciais e usadas apenas para fins acadêmicos específicos. Portanto, os respondentes não foram prejudicados ou abusados, tanto fisicamente como psicologicamente, durante a condução desta investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alexandre, N. M. C., & Coluci, M. Z. O. (2011). Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. *Ciência e Saúde Coletiva*, 16(7), 3061–3068. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000800006>
- Bandura, A., & Adams, N. E. (1977). Analysis of Self-Efficacy Theory of Behavioral Change'. In *Cognitive Therapy and Research* (Vol. 1, Issue 4).
- Costa, M. O. (2019). Desalentados: uma categoria em evidência. <http://www.idt.org.br/content/arquivos/publicacoes/Nota%20Desalentados%20-%20junho%202019.pdf>
- Devon, H. A., Block, M. E., Moyle-Wright, P., Ernst, D. M., Hayden, S. J., Lazzara, D. J., Savoy, S. M., & Kostas-Polston, E. (2007). A psychometric toolbox for testing validity and reliability. *Journal of Nursing Scholarship*, 39(2), 155–164. <https://doi.org/10.1111/j.1547-5069.2007.00161.x>
- Diário do Nordeste. (2020). Grande Fortaleza é a 5a do País de maior desigualdade de renda. *Negócios - Diário Do Nordeste*.
- Doak, C., Doak, L., & Root, J. (1996). Teaching Patients with Low Literacy Skills Tips on teaching. In *Teaching Patients with Low Literacy Skills* (pp. 151–166).
- Doak, C., Doak, L., & Root, J. (1996d). Teaching Patients with Low Literacy Skills. In *American Journal of Nursing* (Issue Second). J.B. Lippincott Company. <https://doi.org/10.1097/00000446-199612000-00022>
- Doak, C., Doak, L. G., Friedell, G. H., & Meade, C. D. (1998). Improving comprehension for cancer patients with low literacy skills: strategies for clinicians. *CA: A Cancer Journal for Clinicians*, 48(3), 151–162. <https://doi.org/10.3322/canjclin.48.3.151>
- Facebook for Business. Estimadas | Central de Ajuda do Facebook para Empresas. Disponível em: <<https://www.facebook.com/business/help/138838180128488>>. Acesso em: 11 fev. 2021.
- Freitas, R. F. de, Waechter, H. da N., Coutinho, S. G., & Gubert, F. do A. (2020). Validação de aspectos semânticos em diretrizes para elaboração de Materiais Educativos Impressos para Promoção da Saúde: contribuição do Design da Informação. *InfoDesign - Revista Brasileira de Design da Informação*, 152–169.
- Freitas, R. F. de. (2019). Orientações em Design para Desenvolvimento de Materiais Educativos Impressos em Saúde. *Journal of Chemical Information and Modeling*, 53(9), 1689–1699.
- GIL, A. C. (2002). Como elaborar projetos de pesquisa. 4a ed. Atlas.
- Goldim, J. R. (2003). Índices de Legibilidade de Flesch-Kincaid e de Facilidade de Leitura de Flesch. Núcleo Interinstitucional de Bioética. <https://www.ufrgs.br/bioetica/ilfk.htm>
- Grant, J. S., & Davis, L. L. (1997). Selection and use of content experts for instrument development. *Research in Nursing & Health*, 20(3), 269–274. [https://doi.org/10.1002/\(sici\)1098-240x\(199706\)20:3<269::aid-nur9>3.3.co;2-3](https://doi.org/10.1002/(sici)1098-240x(199706)20:3<269::aid-nur9>3.3.co;2-3)

- Hoffmann, T., & Worrall, L. (2004). Designing effective written health education materials: Considerations for health professionals. *Disability and Rehabilitation*, 26(19), 1166–1173. <https://doi.org/10.1080/09638280410001724816>
- <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/grande-fortaleza-e-a-5-do-pais-de-maior-desigualdade-de-renda-1.3003175>
- IBGE. (2020). Pesquisa de orçamentos familiares : 2017-2018 : perfil das despesas no Brasil : indicadores selecionados. In *Ibge* (Vol. 46). <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101761.pdf>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2017). Tarefas domésticas impõem carga de trabalho maior para mulheres. Agência de Notícias | IBGE. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18568-tarefas-domesticas-impoem-carga-de-trabalho-maior-para-mulheres>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2019). PNAD Contínua.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2020). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD COVID19: Novembro/2020 - Resultado mensal.
- Instituto de Desenvolvimento do Trabalho – IDT. (2017). Sobre o IDT. Disponível em: <<http://www.idt.org.br/institucional/sobre-o-idt>>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- Instituto de Desenvolvimento do Trabalho – IDT; Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE. (2017). Relações ilegais e informais de trabalho ainda predominam nos serviços domésticos da rmf. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego, 1–12.
- Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará - IPECE. (2012). Informe 43: Perfil Municipal de Fortaleza. Tema VIII: O Mapa da Extrema Pobreza. www.ipece.ce.gov.br
- Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará - IPECE. (2018). Índices de desenvolvimento municipal - Fortaleza. IPECEDATA | Sistema de Informações Geossocioeconômicas do Ceará. <http://ipecedata.ipece.ce.gov.br/ipece-data-web/module/perfil-municipal.xhtml>
- Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia - INMETRO. (2002). Você sabe para que serve a etiqueta?. <<https://www.gov.br/inmetro/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cartilhas/textil.pdf/view>>
- James, G. (2020, June). Research Recruiting: How to Use Marketing Strategies to Find Participants. *User Interviews*. <https://www.userinterviews.com/blog/research-recruiting-on-facebook-and-other-strategies>
- Kosinski, M., Matz, S. C., Gosling, S. D., Popov, V., & Stillwell, D. (2015). Facebook as a research tool for the social sciences: Opportunities, challenges, ethical considerations, and practical guidelines. *American Psychologist*, 70(6), 543–556. <https://doi.org/10.1037/a0039210>
- Laboratório de Negócios. (2019). Andragogia - Aprendizagem efetiva para o desenvolvimento de adultos.
- Levin, J., Fox, J. A., & Forde, D. R. (2012). *Estatística para Ciências Humanas (11a)*. Person Education do Brasil.
- Levine, D. M., Stephan, D. F., Krehbiel, T. C., & Berenson, M. L. (2008). *Estatística: teoria e aplicações*. LTC.

- Lima, N., & Ponomarenko, G. (2019). Calculadora de Leiturabilidade - Planilhas Google. https://docs.google.com/spreadsheets/d/1fviXM3_cxcJx4IVfC-ze88NAKbtTPE7dNcurnXfpK54/edit?pli=1#gid=0
- Lynn, M. R. (1986). Determination and quantification of content validity. In *Nursing Research* (Vol. 35, Issue 6, pp. 382–386). <http://ijoh.tums.ac.ir/index.php/ijoh/article/view/26>
- Marinho, L. A. B., Gurgel, M. S. C., Cecatti, J. G., & Osis, M. J. D. (2003). Conhecimento, atitude e prática do auto-exame das mamas em centros de saúde/Knowledge, attitude and practice of breast self-examination in health centers. *Revista de Saúde Pública*, 37(5), 576–582. <https://doi.org/10.1590/s0034-89102003000500005>
- Melo, P. A. de S. (2018). Validação do Inquérito Conhecimentos, Atitudes e Prática (CAP) Sobre a Humanização na Assistência ao Parto e Nascimento.
- Mesquita, E. (2008). Informalidade no mercado de trabalho de Fortaleza: dimensão e características. Fortaleza: Instituto de Desenvolvimento Do Trabalho. <http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:informalidad+e+no+mercado+de+trabalho+de+fortaleza:+dimensão+e+características#1>
- Oliveira, S. C. (2014). Efeito De Uma Intervenção Educativa Na Gravidez Para Alimentação Saudável Com Os Alimentos Regionais. Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem.
- Oliveira, S. C. de, Lopes, M. V. de O., & Fernandes, A. F. C. (2014a). Construção e validação de cartilha educativa para alimentação saudável durante a gravidez. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 22(4):611-(4), 611–620. <https://doi.org/10.1590/0104-1169.3313.2459>
- Organização Mundial da Saúde - OMS. (2016). Inquéritos sobre Conhecimentos, Atitudes e Práticas Doença do Vírus Zika e Potenciais Complicações Pacote de recursos. 30.
- Patterson, M. B. (2019). Adults with Low Skills and Learning Disabilities. *The Wiley Handbook of Adult Literacy*, 337–360. <https://doi.org/10.1002/9781119261407.ch16>
- Pettersson, R. (2015). Information Design 1-Message Design. IIID Public Library.
- Pettersson, R. (2018). Information Design 3-Text Design. http://mime1.marc.gatech.edu/tim/mm_tools/TDG.html
- Polit, D. F., & Beck, C. T. (2006). The Content Validity Index: Are You Sure You Know What 's Being Reported? Critique and Recommendations. *Research in Nursing & Health*, 29, 489–497. <https://doi.org/10.1002/nur>
- Prochaska, J. O., Diclemente, C. C., & Norcross, J. C. (1993). In search of how people change: Applications to addictive behaviors. *Journal of Addictions Nursing*, 5(1), 2–16. <https://doi.org/10.3109/10884609309149692>
- Prodanov, C. C.; Freitas, E. C. de. (2013). Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.
- Rife, S. C., Cate, K. L., Kosinski, M., & Stillwell, D. (2016). Participant recruitment and data collection through Facebook: the role of personality factors. *International Journal of Social Research Methodology*, 19(1), 69–83. <https://doi.org/10.1080/13645579.2014.957069>
- Rubio, D. M. G., Berg-Weger, M., Tebb, S. S., Lee, E. S., & Rauch, S. (2003). Objectifying content validity: Conducting a content validity study in social work

research. *Social Work Research*, 27(2), 94–104.
<https://doi.org/10.1093/swr/27.2.94>

Sabino, L. M. M. de. (2016). Cartilha Educativa Para Promoção da Autoeficácia Materna na Prevenção da Diarreia Infantil: Elaboração e Validação.

Souza, C. S., Turrini, R. N. T., & Poveda, V. B. (2015). Tradução e Adaptação do Instrumento “Suitability Assessment of Materials” (Sam) Para o Português. *Journal of Nursing UFPE on Line*, 9(5), 7854–7861.
<https://doi.org/10.5205/reuol.6121-57155-1-ED.0905201515>

The International Association for Textile Care Labelling - GINETEX. (2011). Textile Care Symbols.

Wynd, C. A., Schmidt, B., & Schaefer, M. A. (2003). Two quantitative approaches for estimating content validity. *Western Journal of Nursing Research*, 25(5), 508–518. <https://doi.org/10.1177/0193945903252998>

CAPÍTULO 7. RESULTADOS

7.1 NOTA INTRODUTÓRIA

Durante as entrevistas do teste piloto e do avaliação final, observou-se que a maioria das participantes referiam-se ao material educativo impresso como “revista” ou “revistinha”. Embora a pesquisadora que conduziu o processo chamasse o material de livreto ou publicação, tais palavras não eram incorporadas por elas nas respostas. Assim, para facilitar o entendimento, doravante, tanto a publicação do INMETRO quanto a que foi produzida para o experimento serão chamadas de revista.

Neste capítulo apresentam-se com mais detalhes os resultados obtidos por meio da aplicação dos métodos e técnicas já explicados no capítulo 6.

7.2 CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM MATERIAL EDUCATIVO PARA A SIMBOLOGIA TÊXTIL DA ETIQUETA DE CUIDADOS DAS ROUPAS

A construção e validação do material educativo proposto por esta investigação, como já detalhado no capítulo anterior, passou por várias fases projetuais e de avaliação.

Após a etapa de planejamento que consistiu na definição do formato, quantidade de páginas, elaboração do roteiro e planejamento do conteúdo, passou-se à etapa de pesquisa por similares, fazendo levantamento de outras publicações do mesmo segmento ou relacionados com ele para se obter inspiração. Com o painel semântico realizado, fez-se uma síntese dos principais itens encontrados em materiais educativos instrucionais: capa e contracapa, texto de apresentação, sumário, redação em terceira pessoa, pouco texto e ilustração associada ao conteúdo, referências.

Decidimos acrescentar uma seção de perguntas e respostas, por termos notado, durante as entrevistas, algumas dúvidas comuns entre as lavadeiras e passadeiras, que poderiam ser ali respondidas.

Outra seção que acrescentamos foi a de teste de aprendizagem frequente, pois segundo estudos (Alquete et al., n.d.; Blamires, 1999; Gravani, 2012; Patterson, 2019) oferecer algumas vitórias ao adulto com pouca experiência de leitura e escolaridade, pode ajudar a fazê-lo acreditar na sua capacidade de aprender, reforçando assim a teoria da autoeficácia (Yassuda & Bandura, 2008). Um resumo de todos os símbolos têxteis (GINETEX, 2016a) que podem aparecer nas etiquetas técnicas do vestuário, foi colocado no final do material.

7.2.1 Primeira versão e teste piloto

A primeira alternativa do material educativo ficou como se vê na Figura 72, e foi submetida às 5 participantes do teste piloto. Todas elas residiam em Fortaleza, 4 disseram trabalhar com lavagem e passadoria de roupas desde menina (9 a 12 anos) e apenas uma delas disse que só começou há 5 anos. A faixa etária do grupo foi de 39 a 73 anos. 3 delas possuíam ensino fundamental incompleto e 2 o ensino médio completo.

Figura 72: Capa, páginas 3 e 9 da material para teste piloto.



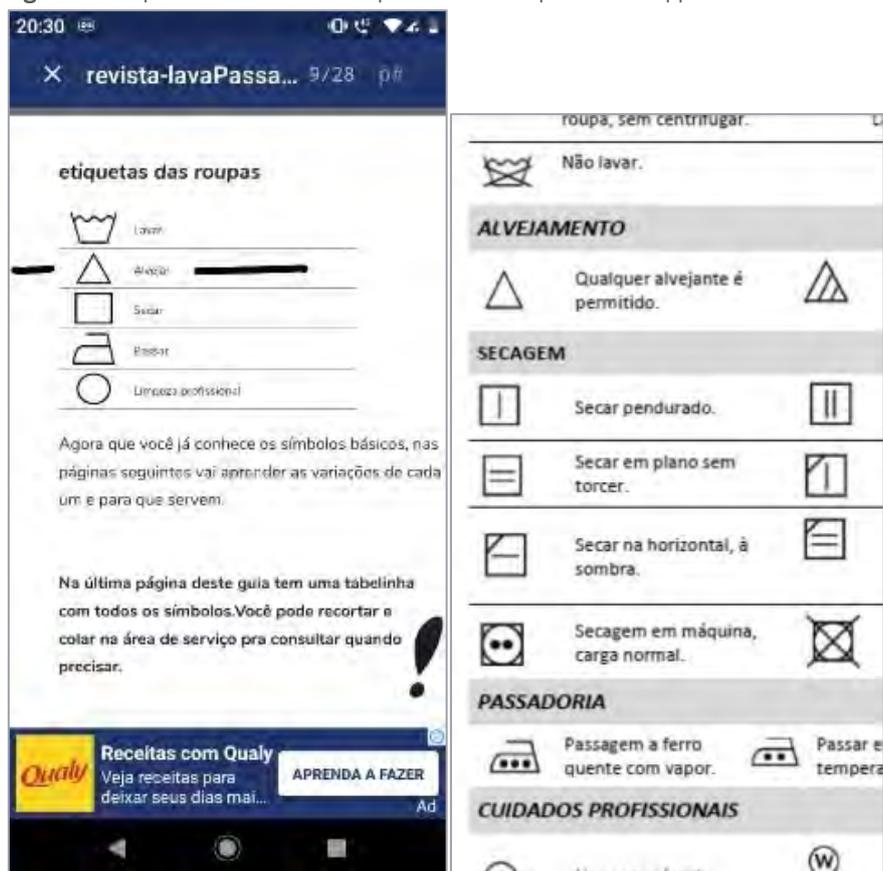
Nota: O material foi enviado por meio digital, em PDF.

Todas foram capazes de identificar o assunto abordado, quem era a lavadeira e o cliente, em cada quadrinho. Também não se sentiram incomodadas com a roupa da Maria, mas apontaram melhorias a se fazer quanto à sua expressão, pois segundo uma delas (ETP01), estava “muito feia, desarrumada. Tá certo, ela tá trabalhando. Mas podia ter uma cara mais alegre.”

Todas disseram preferir ler o material impresso. Uma delas não tinha celular, outra tinha, mas não tinha câmera e nem podia abrir arquivos PDF. Duas delas fizeram o teste com o arquivo PDF e disseram ter gostado de baixar e ler ali, na hora, mas que preferiam o impresso pois “nem todo mundo tem acesso à internet. (...) Tem na casa da patroa, né. Eu acho que a revista a gente podia levar na bolsa e ler quando tiver uma dúvida” (ETP02, 2020).

Quando solicitadas a identificar determinado símbolo no material, quatro delas o fizeram corretamente, uma acertou parcialmente, enviando como resposta um quadro com todas as variações do símbolo de secagem e não apenas o símbolo desta função, que pode ser visto na Figura 73.

Figura 73: Capturas de tela do teste piloto realizado pelo WhatsApp



Nota: À esquerda, captura de tela enviada pela ETP2, marcando, em preto a resposta correta acerca de qual era o símbolo do alveijamento. A participante ETP3, ao responder a mesma pergunta, mandou uma tela com todos os símbolos da secagem presentes na tabela resumo, na página 27, mas não foi capaz de identificar apenas o que foi solicitado.

Acerca da narrativa estar em formato de HQ²¹, somente uma delas, a mais velha (ETP1), disse não gostar do estilo. Esta foi também a única das 5 respondentes que disse se incomodar com uma das personagens ali representadas, pois achou a ilustração “a cara duma patroa antipática que só me tratava mal. Gostei não”.

²¹ HQ, é sigla utilizada para História em Quadrinhos.

Figura 74: Página que retrata patro foi rejeitada no teste piloto



Nota: Neste quadro, a personagem da patroa loira foi apontada por uma respondente (ETP1) como desagradável, pois lhe trazia recordações ruins. (2019)

Ao serem indagadas acerca do que não entendiam, somente duas apontaram problemas. Uma (ETP1) disse que não estava claro quem estava falando em alguns quadros da HQ e a outra (ETP4) confundiu o símbolo de cuidados profissionais com sua profissão.

O Quadro 15 apresenta uma síntese dos comentários que foram considerados por esta investigação, como tendo mais impacto no projeto gráfico do material educativo e que foram levados em conta para uma nova versão.

Quadro 15: Síntese dos comentários mais relevantes, realizados pelos sujeitos do teste piloto, para o projeto de design do MEI (2020).

PERGUNTA	COMENTÁRIOS	O QUE FOI MODIFICADO
Você achou muito longa, com muitas páginas? Foi difícil de ler?	ETP1: Achei grande. Podia ser mais curtinha, pra acabar logo. ETP2: No começo achei que era muito. Quando eu vi 24 páginas, levei foi um susto. Mas aí depois quando eu vi que era cheia de desenhos e de histórias, eu li todinha e nem notei. ETP3: Um pouco longa. Demorei um pouco pra ler. Mas ainda bem que tinha uns desenhos e aí passava logo pra outra página (risos). ETP4: Achei não. Tá bom assim, essas páginas, mas eu demorei pra ler, porque sou ruim de ler. ETP5: Foi fácil de ler. Não achei longa.	Apesar de terem achado que 24 páginas eram muitas, para atender outra solicitação, de aumentar o tamanho dos caracteres, foi necessário aumentar mais 4 páginas, totalizando assim, 28.
E o cabelo dela, está bom assim?	ETP1: Tá um pouco feia, mas tá bom. ETP2: Sim ETP3: Tá bom. Tem que ser preso. Não dá pra trabalhar de cabelo solto. ETP4: Tá bom. ETP5: Tá amarrado, como eu gosto de fazer quando tô trabalhando. Tem que ser, porque o calor é grande.	Solicitou-se ao ilustrador que modificasse a expressão do rosto da Maria em alguns quadros, para deixá-la mais simpática. O cabelo preso foi mantido.
O que você acha dos desenhos das historinhas?	ETP1: Eu não entendi muito bem. ETP2: Gostei ETP3: Gostei. ETP4: Eu gosto, assim. Tá bom ETP5: Eu gosto muito de historinha.	Executamos novamente a revisão das palavras, com o objetivo de identificar as que tinham mais de 3 sílabas e que eram consideradas complexas de acordo com o Índice Flesh Brasileiro (Goldim, 2003).
Tem alguma coisa nos desenhos que não ficou clara?	ETP1: Eu não entendi muito bem que é que está falando aqui (aponta para o desenho). ETP2: Pelo contrário. Tá tudo muito bem explicado, muito bem bolado. ETP3: Não. ETP4: Tem não. ETP5: Não.	O desenho apontado, indicava a um balão fora de cena. Após revisão incluímos o personagem na cena e atentamos para evitar outras ocorrências no resto da revista.
Deu pra entender ou ficou confusa a história?	ETP1: Eu acho que entendi... É sobre as etiquetas, né. E tem essas figuras aqui (aponta para os símbolos). Diz que tem isso nas roupas? Nunca vi. ETP2: Deu sim, foi bem fácil. ETP3: Só uma coisa que eu não sabia, que vestido de camurça não se lavava. É? ETP4: Eu acho que deu. Né sobre a Maria que lava roupa na casa das pessoas?	Para facilitar a identificação das etiquetas pelo leitor, colocamos figuras da etiqueta com os símbolos, em destaque, dentro de alguns quadrinhos.

ETP5: Deu sim. A história tá bem fácil.

Tem alguma coisa na revista que você não entendeu? Pode nos dizer?	<p>ETP1: Achei a empregada muito feia, desarrumada. Tá certo, ela tá trabalhando. Mas podia ter uma cara mais alegre.</p> <p>ETP2: Não. Está tudo bem com as figuras. Gostei de todas.</p> <p>ETP3: Não. Minha linda, vou lhe falar a verdade. Eu fiz foi aprender mais ainda com esta revistinha, porque tinha várias coisas que eu não sabia, entendeu.</p> <p>ETP4: Não entendi pra que serve esses cuidados profissionais, mas tá dizendo que é pra lavadeira profissional. Eu achava que eu era lavadeira... Mas como não trabalho de carteira assinada, acho que não sou profissional, né (risos)</p> <p>ETP5: Pra mim está tudo entendido.</p>	<p>Modificamos expressões faciais da Maria para parecer mais amigável. Simplificamos a quantidade de informações sobre os símbolos para uso em lavanderia especializada e acrescentamos um texto mais curto e objetivo.</p>
O tamanho da letra está bom pra você ou achou muito grande ou muito pequeno?	<p>ETP1: Podia ser maior, não? Eu já sou meio cega. Quanto maior a letra, melhor pra mim.</p> <p>ETP2: Tá perfeito, bem legível.</p> <p>ETP3: está bom sim.</p> <p>ETP4: Deu pra ler. Mas se fosse maior, era melhor.</p> <p>ETP5: Está bom.</p>	<p>Alteramos o corpo de texto da fonte utilizada em 2 pontos. Isto provocou um aumento de páginas. Esta sugestão foi repetida pela ETP1 em várias de suas respostas.</p>

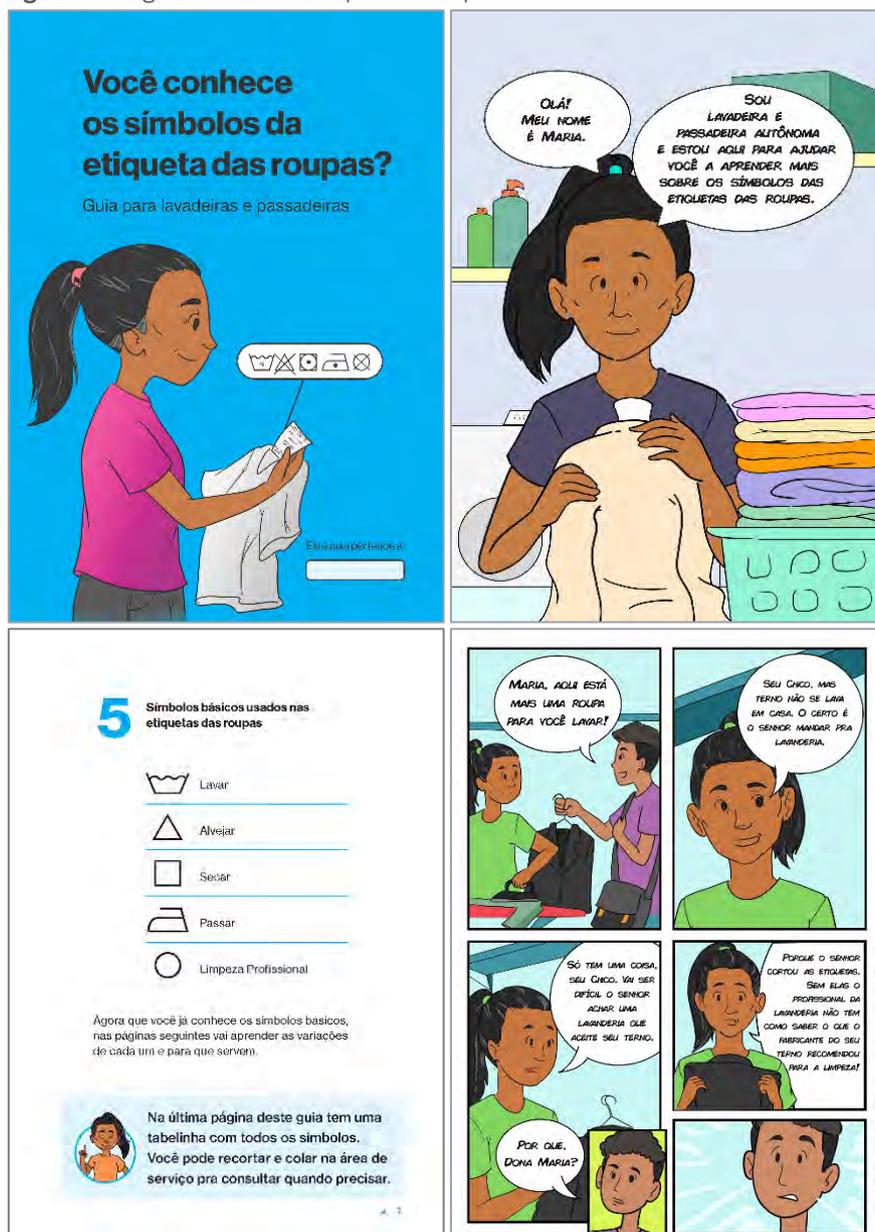
Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Todas as respostas do teste piloto, podem ser conferidas no Apêndice I. Estas entrevistas orientaram o redesign do MEI, cuja versão revista e atualizada, numerada de 2.0 (Figura 75), foi submetida ao corpo de peritos, para avaliação.

Embora a quantidade de páginas tenha aumentado e impactado na numeração e contagem, o formato permaneceu o mesmo, já que não houve nenhuma reclamação por parte das participantes do teste piloto.

A capa foi modificada para deixá-la mais vibrante, já que a cor foi um dos elementos bem destacados pelas respondentes, que, como a ETP2, disseram “gostar de coisa bem colorida”.

Figura 75: Páginas modificadas após o teste piloto



Nota: Algumas das modificações realizadas na versão 2.0, na capa, página 3, página 7 (antes, página 9) e página 14 (2020). Esta versão foi enviada aos peritos para avaliação.

7.2.2 Segunda versão e avaliação dos peritos

A versão 2.0 do material educativo impresso foi submetida à análise dos peritos, conforme métodos descritos no capítulo anterior. A seguir, os resultados desta etapa de avaliação.

7.2.2.1 Perfil dos peritos

O material educativo proposto foi avaliado por 25 peritos selecionados conforme já detalhado no capítulo anterior, sendo 7 homens e 18 mulheres. A maioria possuía título de mestrado (12), seguidos pelos doutores (7), especialistas (4) e graduados (4), como se apresenta na Tabela 6.

O critério de seleção destes foi possuir formação, ser ou ter sido pesquisador, atuar ou ter atuado profissionalmente nas áreas de design de informação, design instrucional, educação de adultos, simbologia têxtil ou design de tecnologia educativa impressa.

Tabela 6: Perfil dos peritos

Sexo	Titulação	Área de graduação
Feminino	18	Doutor
		7
		Artes visuais/artes plásticas
		1
Masculino	7	Mestre
		12
		Ciências sociais
		1
		Especialista
		4
		Sistemas de informação
		1
		Graduado
		2
		Comunicação
		3
		Design
		10
		Design de moda
		2
		Design instrucional
		1
		Engenharia têxtil
		1
		História
		1
		Pedagogia
		3
		Psicologia
		1

Fonte: Dados da investigação (2020).

Acerca da principal atividade exercida atualmente, o grupo apresentou uma variedade significativa, sendo a maioria delas relacionada a alguma vertente do design, totalizando 12 ocorrências, assim distribuídas:

- design (1),
- design e experiência do usuário (1),
- design de moda (1),
- design gráfico e editorial (3), design instrucional (4),
- design de estampa e ilustração (1) e
- design têxtil (1).

A docência foi citada por 6 peritos, seguidos por ergonomista, assistente administrativo (mas com formação e experiência na elaboração de material educativo instrucional e educação de adultos), aposentada, jornalista digital, técnico de laboratório de ensaios têxteis, normalizadora da ABNT e ensino à distância e educação inclusiva, todas estas últimas com apenas uma incidência.

Quanto ao tempo atuando na área, a menor variação foi de 1 ano e a maior, de 40 anos, conforme se vê na Tabela 7, a seguir.

Tabela 7: Tempo em anos que os peritos disseram atuar na área (2020)

Tempo de atuação na área atual (em anos)	
Até 10 anos ^{1F22}	12
Entre 11 e 20 anos	10
Entre 21 e 30 anos	1
Entre 31 e 40 anos	2
TOTAL	25

Fonte: Dados da investigação (2020).

21 peritos declararam ter experiência na docência, sendo que destes, 13 estava exercendo a profissão e em instituição de ensino superior pública ou privada. Os outros 8 variaram suas respostas dentre experiência de ensino no setor de cursos profissionalizantes (1), cursos técnicos e de extensão (3), e o restante em centros de pesquisa e desenvolvimento tecnológico.

13 peritos afirmaram ter experiência com material educativo impresso e 12, não. Entretanto, 21 disseram ter participado de processo de elaboração de material pedagógico ou de design de instruções, contra apenas 4 sem nenhuma experiência nisto.

7.2.2.2 Avaliação da concordância entre os peritos

A concordância entre os peritos acerca da adequação da revista B, numa escala global utilizada para avaliar o material como um todo (Polit & Beck, 2006), obteve um índice geral de relevância de conteúdo (IVC-T/AvP223) de 0,95.

Para a análise dos itens individuais (Tabela 8), acerca da organização do material, o IVC-I foi de 0,96 com 3 recomendações 7 avaliadores discordando em algum item; quanto ao grau de dificuldade de leitura, o IVC-I foi de 0,94 com 4 peritos discordando em alguma medida e 1 em total desacordo; para layout e tipografia, obteve-se 5 peritos com alguma discordância e 3 com total discordância, fechando o IVC-I em 0,92; para as ilustrações, 7 peritos apontaram alguma discordância, totalizando IVC-I de 0,95; 0,94 foi o IVC-I do item estímulo para aprendizagem, por conta de 2 avaliações discordantes.

Por fim, a apropriação cultural obteve IVC-I = 0,97, contabilizando apenas 2 discordâncias.

22 Este tempo inclui 1 ano, 1,5 ano, 1,8 ano e de 4 a 10 anos, respectivamente.

23 Conforme Polit e Beck (2006, p. 492), o IVC-T = Índice de Validade de Conteúdo – Total aqui adotado vem do inglês, S-CVI (Scale-level - Content Validity Index). É o índice que indica a validade de conteúdo da escala global, que para fins de compreensão, aqui vamos chamar de Índice de Validade de Conteúdo – Total. Apesar de existirem três maneiras de calcular, aqui adotou-se IVC-T/Ave ou S-CVI/Ave = Média dos I-CVIs para todos os itens do material, somando-os e dividindo-os pelo número de itens (45).

Tabela 8: Avaliação da concordância dos peritos acerca da adequação da Revista B

Item	IVC-I. ²⁴	P*	P**
Organização do material	0,96		
Grau de dificuldade da leitura	0,94		
Layout e tipografia	0,92		
Ilustrações	0,95		
Estímulo para aprendizagem	0,94		
Apropriação cultural	0,97		

Fonte: Dados da investigação (2020).

O resultado e a avaliação detalhada de cada um destes itens e seus subitens, pode ser vista nas tabelas do Apêndice J. Elas apresentam a pontuação de todos os peritos acerca da relevância de cada tópico que obtiveram nota 4 (Concordo Totalmente) ou 3 (Concordo), numa escala de até 4 pontos, contagem exibida na coluna Avaliação de Concordância (AC).

A Tabela 9 apresenta o percentual de concordância dos juízes para a clareza e concordância das páginas da Revista B, elaborada por esta investigação. As páginas 2, 25, 26 e 28 estavam em branco e não foram contadas neste processo.

O critério de clareza, indagava aos juízes se as palavras e os elementos gráficos estavam grandes o suficiente para serem vistos e apresentavam um bom contraste.

Acerca da relevância, era importante saber se palavras e imagens da página eram importantes para transmitir às lavadeiras e passadeiras a informação a que se propunha o material (Alexandre & Coluci, 2011).

Para obter dos peritos uma avaliação sobre a aparência e conteúdo da solução proposta, foi criado um questionário com perguntas abertas e fechadas, adaptado a partir do *Suitability Assessment of Material* (SAM), (Doak; Doak; Root, 1996; Hoffmann; Worrall, 2004). A íntegra do instrumento pode ser conferida no Apêndice D.

²⁴ O IVC-I foi calculado pela média da proporção de todos os itens avaliados como concordo totalmente (4) e concordo (3), por todos os juízes soma dos índices de cada subitem e dividido pelo total de itens.

Tabela 9: Percentual de concordância dos juízes (I-CVI) para clareza e relevância do conteúdo e aparência das páginas da Revista B.

Página	Clareza	Relevância
Capa	96% (24)	96% (24)
Sumário	100% (25)	96% (24)
Página 2	N/A	N/A
Página 3	96% (24)	100% (25)
Página 4	96% (24)	100% (25)
Página 5	100% (25)	100% (25)
Página 6	96% (24)	92% (23)
Página 7	100% (25)	96% (24)
Página 8	96% (24)	100% (25)
Página 9	92% (23)	92% (23)
Página 10	92% (23)	88% (22)
Página 11	96% (24)	96% (24)
Página 12	96% (24)	100% (25)
Página 13	96% (24)	88% (22)
Página 14	96% (24)	96% (24)
Página 15	88% (22)	84% (21)
Página 16	92% (23)	92% (23)
Página 17	100% (25)	88% (22)
Página 18	96% (24)	100% (25)
Página 19	96% (24)	96% (24)
Página 20	96% (24)	100% (25)
Página 21	100% (25)	96% (24)
Página 22	92% (23)	84% (21)
Página 23	96% (24)	92% (23)
Página 24	92% (23)	96% (24)
Página 25	N/A	N/A
Página 26	N/A	N/A
Página 27	76% (19)	100% (25)
Página 28	N/A	N/A

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Da **Tabela 10** até a **Tabela 15** pode se ver os percentuais de concordância dos peritos para cada item do Formulário de Avaliação das Páginas da Revista B.

Tabela 10: Percentual de concordância da organização do material

Critério de avaliação	% concordância
1.1 A capa está atraente para as lavadeiras e passadeiras e transmite claramente o objetivo pretendido.	88% (22)
1.2 O formato do material (A5 – 148 mm x 210 mm) está apropriado para a boa disposição do conteúdo.	96% (24)
1.3 O número de páginas é suficiente para transmitir a informação adequadamente e não assusta os leitores menos experientes.	100% (25)
1.4 O objetivo do material está claramente delimitado para as lavadeiras e passadeiras.	100% (25)
1.5 A tabela com o resumo do conteúdo apresentado ao final da cartilha está adequada e é útil para as lavadeiras.	100% (25)
1.6 A quantidade de textos da publicação é adequada para as lavadeiras e passadeiras.	96% (24)
1.7 As perguntas e respostas são importantes para as lavadeiras e passadeiras.	92% (23)
1.8 O material possui boa organização do conteúdo, separando claramente o que é título, texto, ilustração e símbolo.	92% (23)

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela 11: Percentual de concordância do grau de dificuldade de leitura

Critério de avaliação	% concordância
2.1 O texto apresenta baixo grau de dificuldade de leitura. É adequado para pessoas com poucos anos de escolaridade e pouca experiência em leitura.	88% (22)
2.2 O estilo de conversação, na voz ativa, são muito utilizados e facilitam o entendimento do texto.	100% (25)
2.3 O vocabulário do texto na maioria das frases utiliza palavras comuns, as palavras técnicas são explicadas sempre que possíveis. O uso de símbolos como palavras facilita o entendimento do texto. Não há uso de gírias ou jargões.	92% (23)
2.4 As frases são curtas e breves, facilitando a memorização do que foi imediatamente lido.	92% (23)
2.5 O contexto é sempre apresentado ao leitor antes de introduzir novas informações.	96% (24)
2.6 Quase todos os novos tópicos são precedidos por um sinalizador de mudança de assunto (subtítulos, caixas de texto em destaque, ilustração sinalizadora).	96% (24)

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela 12: Percentual de concordância do layout e tipografia

Critério de avaliação	% concordância
3.1 As ilustrações existentes estão sempre relacionadas a um texto.	100% (25)
3.2 Há uma consistência na aparência do material, do começo ao fim, facilitando prever o fluxo das informações.	96% (24)
3.3 Recursos gráficos são utilizados para direcionar para pedaços de informação, quebrando a monotonia do texto corrido.	88% (22)
3.4 Há suficiente espaço em branco para evitar a desordem do material.	88% (22)
3.5 A cor é utilizada de modo que não sobrecarrega o leitor com novos códigos visuais que ele precisa aprender para entender a mensagem. branco para evitar a desordem do material.	92% (23)
3.6 Os comprimentos das linhas de texto estão confortáveis para leitura.	92% (23)
3.7 Os comprimentos das linhas de texto estão confortáveis para leitura. Há um bom contraste entre as letras e o fundo da página (papel).	96% (24)
3.8 Os blocos destacados em cor estão distribuídos e chamam atenção para conteúdo específico ou para pontos importantes.	92% (23)
3.9 O texto possui maiúsculas e minúsculas e a boa ortografia.	96% (24)
3.10 O tamanho das letras está adequado para boa leitura das lavadeiras e passadeiras.	84% (21)
3.11 O material oferece várias pistas visuais para facilitar o escaneamento visual das informações (negrito, cor, tamanho do texto).	88% (22)
3.12 Quando aparece, a lista utilizada tem a quantidade ideal de itens para facilitar a memorização.	92% (23)
3.13 As margens do material estão adequadas para facilitar o manuseio pelas lavadeiras e passadeiras.	100% (25)
3.14 O texto dos balões dos quadrinhos está claro e legível para as lavadeiras e passadeiras.	88% (22)

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela 13: Percentual de concordância acerca das ilustrações

Critério de avaliação	% concordância
4.1 A figura da capa é amigável, atraente e transmite seu propósito com eficiência.	96% (24)
4.2 O estilo das ilustrações (quadrinhos) apresenta traços apropriados para adultos e é possível quem se identifiquem com elas.	100% (25)
4.3 As ilustrações apresentam mensagens visuais essenciais para que o leitor possa entender o contexto da situação, sozinho e sem distração.	96% (24)
4.4 As ilustrações dos símbolos auxiliam na compreensão da mensagem.	100% (25)
4.5 As ilustrações são apropriadas para as lavadeiras e passadeiras.	96% (24)
4.6 O tamanho das ilustrações está apropriado.	100% (25)
4.7 O tamanho dos símbolos está apropriado para a compreensão.	80% (20)
4.8 Quando aparecem, as figuras das etiquetas têxteis auxiliam a compreensão do seu significado.	96% (24)
4.9 As cores das ilustrações estão adequadas.	92% (23)

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela 14: Percentual de concordância sobre o estímulo para aprendizagem

Critério de avaliação	% concordância
5.1 A composição visual do material estimula a leitura e aprendizagem.	92% (23)
5.2 O material promove a mudança de comportamento e atitude.	88% (22)
5.3 O material apresenta opções de interação com o leitor (diálogos, teste de conhecimentos, perguntas e respostas).	96% (24)
5.4 Os comportamentos desejados são padronizados e aparecem claramente em todo o material.	100% (25)
5.5 O texto, as ilustrações e os símbolos mais complexos são subdivididos, explicados em partes para que as leitoras possam experimentar pequenos sucessos na compreensão e resolução de problemas simples.	96% (24)

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela 15: Percentual de concordância sobre apropriação cultural

Critério de avaliação	% concordância
6.1 O material é adequado para a idade e cultura das leitoras.	100% (25)
6.2 O material está organizado logicamente e combina o conteúdo e a linguagem com a experiência das lavadeiras e passadeiras.	96% (24)
6.3 As imagens são respeitosas e sérias, sem agredir as lavadeiras e passadeiras.	96% (24)

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Acerca da adequação do material, fez-se a seguinte pergunta: Considerando o contexto socioeconômico e cultural existentes na realidade das lavadeiras e passadeiras autônomas de Fortaleza, Ceará, considerando também a análise que acabou de fazer do Material Educativo Impresso intitulado Você Conhece os Símbolos da Etiqueta das Roupas: Guia Para Lavadeiras e Passadeiras, você o recomendaria para uso como ferramenta de auto aprendizagem?

A recomendação do material para lavadeiras e passadeiras autônomas, que poderia variar de 0 a 10, sendo 0 a não recomendação e 10 a recomendação máxima, obteve um índice de 0,84, com 3 peritos dando nota 7, um marcou nota 8 e o restante 9 e 10.

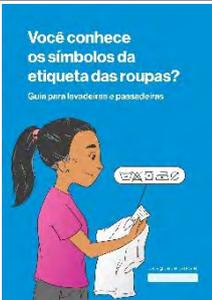
O processo de avaliação do MEI por parte dos peritos, gerou um arcabouço de informações que foi cuidadosamente analisado para selecionar as questões que mais pudessem impactar na aparência, na clareza e na compreensão da mensagem. Fez-se um cruzamento das respostas das participantes do teste piloto com aquelas dadas pelos peritos e, constada a dificuldade, fez-se um julgamento próprio do item, para decidir se ele seria acrescentado, caso não existisse, modificado, se presente ou mesmo se excluído

7.2.2.3 Recomendações dos peritos

O quadro a seguir apresenta uma síntese qualitativa das principais análises e recomendações feitas à versão 2.0 do material submetido aos peritos avaliadores. Do lado esquerdo do quadro, vê-se a página analisada, seguida das recomendações feitas, pelos comentários realizados por mim, exibindo, por fim, a versão final do material.

Quadro 16: Apresentação das páginas da Revista B, na versão 2.0, analisada pelos peritos, com as recomendações mais relevantes, os comentários da pesquisadora e a versão final da mesma página, após redesign (2020).

(Continua)

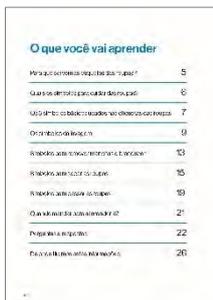
1: Versão avaliada	2: Recomendações dos peritos	3: O que foi feito	4: Versão final
 <p>Capa</p>	<p>Aumentar espaço para escrever o nome;</p> <p>Talvez não fique claro para a lavadeira que esse balão com os símbolos da etiqueta seja da blusa que a mulher segura;</p> <p>A pergunta (título) deveria ser enfatizada com o a expressão do rosto dela;</p> <p>Melhorar a hierarquia do título e ilustração.</p>	<p>Espaço para escrever o nome foi aumentado, mas foi para a contracapa;</p> <p>Retiramos o recurso indicador de close e deixamos os símbolos apenas na blusa;</p> <p>Modificamos a ilustração dando ênfase na expressão facial;</p> <p>Tamanho do corpo de texto do título foi aumentado;</p> <p>Novas personagens foram criadas e adicionadas na capa.</p>	 <p>Capa</p>

1: Versão avaliada

2: Recomendações dos peritos

3: O que foi feito

4: Versão final



Página 2: Sumário

Numeração da página muito grande aqui, mas pequena dentro da revista;

triângulo ao lado do número de página sem função clara;

ênfatar textos e não números;

padronizar escrita para facilitar o entendimento.

Numeração das páginas foram padronizadas, ao lado do número escreveu-se “página”;

Triângulo foi eliminado;

Corpo da fonte de Textos e números revisados;

Escrita revisada e padronizada.



Página 2



Página 3

Incomoda a personagem ser mulher negra. Talvez personagem fictício, agênero ou mascote;

Estilo do desenho enfeia a Maria;

A personagem poderia ter rosto mais amigável;

Revisar *Kerning e tracking*;

Texto da Maria deve ser mais direto;

Cuidado com os estereótipos de classe social, numa única personagem.

Novas personagens foram adicionadas, com diferentes corpos e cores de pele; o gênero feminino foi mantido;

Ilustrações das personagens foram otimizadas para deixá-las mais simpáticas;

Nova fonte foi selecionada para o texto do balão;

Diálogos foram simplificados para serem mais diretos.



Capa



Página 4

A narrativa deveria ser da Maria para outras marias;

Ambientes sem cor confundem com os textos;

Fonte dos balões difícil de ler;

Falas complexas, longas.

A redação foi revisada para que a Maria, Rita e Socorro fossem as narradoras do guia, sempre se dirigindo à suas colegas;

Ambientes foram revisados para serem mais familiares;

Tipografia dos balões foram revisadas e substituídas;

Falas foram simplificadas e encurtadas.



Página 4

(Continua)

1: Versão avaliada

2: Recomendações dos peritos

3: O que foi feito

4: Versão final



Página 5

Substituir etiquetas técnicas por etiquetas de cuidados;

A explicação das partes da etiqueta, assim, pode confundir leitoras menos experientes;

Revisar alinhamento do texto e margens;

Usar frases mais diretas, texto mais curto;

Usar mais imagens ao invés de tanto texto;

Usar alvejar e não branquear para evitar cunho racista;

Usar textos da caixa azul para enfatizar algo novo e que precise ser lembrado.

Sai etiquetas técnicas e fica apenas etiqueta de cuidados;

Dados da etiqueta foram indicados por setas.

A diagramação foi toda refeita para reorganizar as falas, mais diretas, curtas e, ao mesmo tempo, manter imagens associadas ao conteúdo;

Branquear foi retirado do guia e substituído por alvejar;

A caixa azul, em todo o guia, foi repensada para oferecer informações diferentes, relevantes e que realmente precisassem ser lembradas. Seu uso foi minimizado e distribuído em balões de fala.



Página 5



Página 6

Deve ser continuação da anterior;

Revisar etiqueta e exibir dados fictícios, evitar repetição dela;

Revisar o título para corresponder ao conteúdo.

Páginas 6 e 7 foram compostas como uma página dupla; mesmo cenário, personagem e conteúdo.

Os símbolos foram enfatizados no cartaz verde, apresentado pela nova Maria.

Título foi revisado.



Página 6



Página 7

Estruturar melhor os parágrafos, deixá-los mais diretos, dialogados.

Na caixa azul, evitar comando e dar sugestão.

Completa a página 6, com o diálogo da Maria, chamando a atenção para o que vem nas páginas seguintes.

Caixa azul foi eliminada e seu conteúdo revisado e distribuído nos balões de fala.



Página 7

1: Versão avaliada	2: Recomendações dos peritos	3: O que foi feito	4: Versão final
	<p>Pensar melhor esta relação patroa e empregada;</p> <p>Evitar estigmas com a cor da pele das empregadas;</p> <p>Símbolos e textos misturados podem confundir as leitoras menos experientes;</p> <p>revisar fala da Margareth no último balão. Aqui ela parece subestimar a Maria;</p>	<p>Todo o argumento foi revisado para que a figura da patroa não aparecesse.</p> <p>A narrativa foi elaborada para que a Maria, Rita e Socorro passassem a ser as protagonistas da história.</p> <p>Embora reduzidos, manteve-se a utilização de símbolos e textos na mesma frase.</p>	
<p>Página 8</p>			<p>Página 8</p>
<p>Novos desenhos foram feitos, diálogos revisados.</p>			
	<p>Revisar informações dos símbolos;</p> <p>numeração dos símbolos muito pequena;</p> <p>aumentar símbolos e traços abaixo da bacia;</p> <p>substituir 'importante' pois pode parecer que as outras informações não são;</p> <p>justificar texto.</p>	<p>As informações foram revistas e corrigidas e a figura dos símbolos e seus elementos gráficos foi aumentada.</p> <p>Importante foi substituído por DICA.</p> <p>A massa de texto foi justificada.</p>	
<p>Página 9</p>			<p>Página 9</p>
	<p>Retirar 95° para uso doméstico;</p> <p>Numeração muito pequena;</p> <p>Evitar símbolo e texto misturados;</p> <p>Substituir cuidados profissionais por cuidados em lavandeira especializada;</p> <p>Justificar texto.</p>	<p>95° foi retirado.</p> <p>Numeração foi aumentada.</p> <p>Manteve-se símbolo e texto na frase.</p> <p>O layout da página mudou, retirando o texto corrido e inserindo-o em balões.</p>	
<p>Página 10</p>			<p>Página 10</p>
	<p>Revisar a questão. Pede informações que não foram dadas antes;</p> <p>Como tem um exemplo já feito, dizer "conforme o exemplo".</p> <p>Informar que as respostas estão em determinada página;</p> <p>Título do exercício deve ser mais pessoa, menos assustador.</p> <p>Padronizar caixa e revisar texto retirando "seu cliente".</p>	<p>A partir destes comentários, todas as questões foram revisadas para que o enunciado e número de itens fossem adequados.</p> <p>O exemplo foi retirado para evitar confusão e o número de alternativas foi reduzido para três.</p> <p>O título da seção foi escrito dentro de um balão de fala da Rita e a redação sugere que se mostre o que aprendeu.</p> <p>Acrescentou-se o aviso de que a resposta pode ser conferida na página 24.</p>	
<p>Página 11</p>			<p>Página 11</p>

(Continua)

1: Versão avaliada **2: Recomendações dos peritos** **3: O que foi feito** **4: Versão final**



Página 12

Relação patroa e Maria, complicadas;
 Padronizar linhas de contorno da caixa dos quadrinhos;
 Mostrar o símbolo do alvejante para reforçar o conhecimento;
 Mostrar manchas brancas causadas pelo uso incorreto do alvejante;
 Informações e imagem de fundo se misturam;
 Usar fonte caixa alta e baixa para melhorar leitura.

Em uma sequência de quadrinhos, a Maria conversa com a leitora e apresenta o símbolo do alvejante. Manteve-se o símbolo dentro dos balões de fala.
 Os cenários foram coloridos para evitar mistura com os balões.
 O texto do balão permaneceu escrito em caixa alta, por estar em uma fonte destinada a isto, mas o corpo de texto e o *Kerning* foram melhorados para facilitar a leitura.



Página 12



Página 13

Retirar o símbolo fictício que tem um asterisco dentro, pois ele não foi mostrado até agora;
 Rever texto e símbolos misturados;
 Evidenciar símbolos e organizar texto para facilitar a leitura;
 Evidenciar não usar alvejante com negrito ou cor.

O título foi evidenciado; o símbolo fictício foi removido e só se solicitou o que já se havia sido mencionado no conteúdo.
 Texto e símbolos corridos no parágrafo foram revisados e ajustados para facilitar a leitura.



Página 13

Uma caixa de destaque foi adicionada para enfatizar a proibição de uso.



Página 14

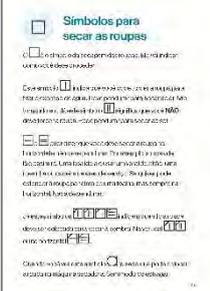
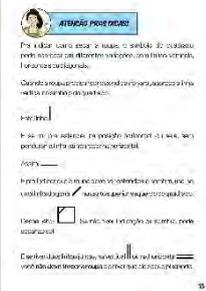
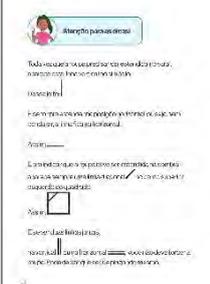
Dúvida sobre relação patrão-empregada;
 Não está claro que estão olhando para as roupas na máquina, no terceiro quadrinho;
 Não há associação da história com a simbologia;
 Informações textuais e fundo se misturam.

A história foi eliminada para retirar a figura do patrão.
 A Socorro e a Maria aparecem na cena dialogando com a leitora e manuseando roupas, em ambientes de trabalho, para associar o conteúdo com a simbologia.



Página 14

Novas ilustrações e cores foram adicionadas para evitar a mistura do conteúdo com o fundo.

1: Versão avaliada	2: Recomendações dos peritos	3: O que foi feito	4: Versão final
 <p>Símbolos para secar as roupas</p> <p>1. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>2. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>3. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>4. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>5. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>6. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>7. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>8. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>9. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>10. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p>	<p>Informar que as “bolinhas” indicam a temperatura da secadora;</p> <p>Reorganizar as informações para formato de tabela, evitando uso de símbolos no meio do texto pois atrapalha pessoas disléxicas;</p> <p>Inserir texto avisando que apesar de serem muitos símbolos, ela vai aprender todos na prática;</p> <p>Usar o léxico palavra-figura pode ajudar na compreensão;</p> <p>Ajustar diagramação da página para que o texto não fique tão apertado;</p> <p>Aumentar espaço entre símbolos e palavras.</p>	<p>A página foi reestruturada para deixar o conteúdo mais simples.</p> <p>Símbolos e textos foram revisados, e redistribuídos entre esta e a página seguinte.</p> <p>Conforme sugestão de um juiz, as dicas deram ênfase nas funções das linhas verticais, horizontais e diagonais.</p> <p>O restante dos símbolos foi para uma estrutura de tabela, também sugerida, em outra página.</p>	 <p>ATENÇÃO! PERCEBA!</p> <p>Para ajudar você a aprender a secar as roupas, vamos mostrar para você alguns símbolos que ajudam a lembrar.</p> <p>Quando você estiver secando as roupas, lembre-se de usar os símbolos que você viu aqui.</p> <p>1. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>2. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>3. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>4. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>5. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>6. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>7. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>8. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>9. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>10. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p>
 <p>Atenção! Perceba!</p> <p>Para ajudar você a aprender a secar as roupas, vamos mostrar para você alguns símbolos que ajudam a lembrar.</p> <p>Quando você estiver secando as roupas, lembre-se de usar os símbolos que você viu aqui.</p> <p>1. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>2. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>3. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>4. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>5. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>6. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>7. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>8. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>9. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>10. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p>	<p>Exibir imagens de varais com roupas horizontais e verticais;</p> <p>Evitar uso de símbolos no meio do texto pois atrapalha pessoas disléxicas;</p> <p>Informar como proceder se não pode pendurar;</p> <p>Revisar diagramação da página, alinhar texto e espaçamento entre símbolos e palavras;</p> <p>Melhorar proporção entre o tamanho do símbolo e das palavras.</p>	<p>O conteúdo desta página foi para a anterior e vice-versa.</p> <p>Novo layout enfatiza as três personagens, juntas, dialogando com o leitor e explicando os símbolos, dispostos em tabela.</p> <p>Uma ilustração mostra como se deve estender na horizontal, quando não for possível pendurar.</p>	 <p>ATENÇÃO! PERCEBA!</p> <p>Para ajudar você a aprender a secar as roupas, vamos mostrar para você alguns símbolos que ajudam a lembrar.</p> <p>Quando você estiver secando as roupas, lembre-se de usar os símbolos que você viu aqui.</p> <p>1. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>2. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>3. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>4. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>5. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>6. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>7. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>8. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>9. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p> <p>10. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal.</p>
 <p>Vamos testar seus conhecimentos?</p> <p>3. Qual dos símbolos indica que você deve colocar a roupa pendurada no varal de forma correta?</p> <p>4. Na figura abaixo, as roupas foram empurradas e estão estendidas no varal. Isso é certo ou errado? Marque com um símbolo de correção ou de erro para poder aprender a pendurar as roupas de forma correta.</p>	<p>Não se deve pendurar camiseta assim; mostrar a forma correta: sobre o varal, ao meio, na vertical;</p> <p>Empreimida aparece aqui e em mais nenhuma página: padronizar;</p> <p>Questão com cascas de banana podem atrapalhar e desestimular. Reescrever a frase e deixar apenas uma pergunta direta, sem elementos distratores;</p> <p>Alternativas muito juntas, separar;</p> <p>Aumentar símbolos;</p>	<p>As camisetas foram removidas e outras roupas foram acrescentadas ao varal.</p> <p>As questões foram revisadas para evitar as tais cascas de banana mencionadas.</p> <p>Número de alternativas das questões foi reduzido e acrescentou-se a indicação da página de resposta.</p>	 <p>ANOTE! O QUE VOCÊ APRENDEU!</p> <p>3. O símbolo de secar as roupas indica que a roupa deve ser colocada no varal de forma correta.</p> <p>4. Na figura abaixo, as roupas foram empurradas e estão estendidas no varal. Isso é certo ou errado? Marque com um símbolo de correção ou de erro para poder aprender a pendurar as roupas de forma correta.</p>

(Continua)

1: Versão avaliada

2: Recomendações dos peritos

3: O que foi feito

4: Versão final



Página 18

A lavanderia aceita, mas há condições;
Dúvidas sobre a utilidade das histórias;
Muitos elementos visuais nos quadrinhos, sem hierarquia clara, sem planos diferenciados e cortes para facilitar a leitura e entendimento da arte sequencial;
Cara do Chico no último quadro deveria ser mais feliz, já que está aprendendo;

História interessante, mas não se relaciona com o símbolo da página seguinte;

Informações se misturam com imagem do fundo;

Colocar letras em caixa alta e baixa;

Página com legibilidade mais baixa.

O conteúdo mudou, dando ênfase maior aos símbolos de passar, que foram reorganizados em duas páginas.

A história do quadrinho foi eliminada, mais uma vez para retirar a figura do patrão.

A Rita é quem conduz a narrativa em um ambiente de trabalho, colorido para enfatizar os balões de fala.



Página 18



Página 19

Só colocar nas questões o que já foi abordado. O círculo aparece, mas ainda não foi explicado;

Deixar todas as questões com a mesma quantidade de itens;

Indicar onde estão as respostas da questão;

Rever espaço entre símbolos e palavras;

Evidenciar o NÃO.

A página ganhou uma caixa vermelha para chamar a atenção à proibição. Os símbolos e textos foram reorganizados para facilitar a leitura. A questão foi reescrita para retirar informações que não haviam sido repassadas antes. Acrescentou-se a indicação da página de resposta.



Página 19



Página 20

Trabalhar melhor a representatividade dos personagens;

Texto muito pequeno;

Acrescentar informação no último quadro;

Mudar o nome Patrícia, pois já apareceu antes e pode confundir.

A história em quadrinhos foi eliminada, mais uma vez por conta da relação patrão-empregada. O conteúdo foi revisado e reescrito, para dar ênfase ao símbolo. A Socorro e a Maria são as que apresentam as informações em balões de fala.



Página 20

(Continua)

1: Versão avaliada

2: Recomendações dos peritos

3: O que foi feito

4: Versão final



Página 21

Acrescentar que na lavanderia comercial mais informações podem ser obtidas;

Aumentar os símbolos do texto principal;

Explicar o que significa W, P, F que a Maria fala no balão;

Retirar cuidados profissionais e manter cuidados de outros profissionais;

Símbolo e texto juntos prejudicam a leitura;

Explicar o que é lavagem a seco; este quadrinho como texto explicativo aparece pela primeira vez. Melhor padronizar.

O conteúdo desta página 21 de antes, foi reorganizado em uma página dupla, 20 e 21.

Aqui vê-se a página ímpar, com o cenário de lavanderia e a Rita explicando os símbolos de cuidados profissionais de modo mais simples.



Página 21



Página 22

Muito texto;

Usar marcador para indicar o começo da pergunta;

Diferenciar mais ainda os textos de perguntas e de respostas;

Link do Inmetro não faz sentido;

Retirar informação sobre cortar a etiqueta, vai contra o que o guia está tentando ensinar;

Oportunidade de explorar a figura da Maria como a que sabe das respostas;

Questionamentos não são essenciais para complementar o conteúdo do guia;

Estrutura do texto não favorece e nem estimula a leitura;

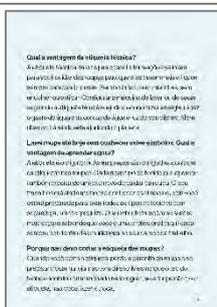
Muito texto e organização condensada desencorajam a leitura.

Nesta e na página 23, o conteúdo foi revisado, reescrito e o layout, refeito para manter apenas questionamentos essenciais às lavadeiras e não ao consumidor.

Seguindo a sugestão de alguns peritos, Maria, Socorro e Rita agora são as que respondem as perguntas, que aparecem em área de destaque (amarelo).



Página 22



Página 23

Muito texto;

Incluir pergunta sobre etiquetas de roupas compradas em outros países;

Essa página deveria vir antes da outra;

Usar Maria para responder;

Perguntas e respostas são mais úteis para o consumidor do que para o profissional que lava e passa. Revisar a relevância.

Incluída a pergunta sobre etiquetas de roupas compradas no estrangeiro. Conteúdo revisado, reescrito e o layout, refeito para manter apenas questionamentos essenciais às lavadeiras e não ao consumidor. Seguindo a sugestão de alguns peritos, Maria, Socorro e Rita agora são as que respondem as perguntas, que aparecem em área de destaque (amarelo).



Página 23

(Continua)

1: Versão avaliada

2: Recomendações dos peritos

3: O que foi feito

4: Versão final



Página 24

Corrigir questão 1;

Letra muito pequena;

Manter o layout das questões, não diferenciar muito;

Inserir feedback junto à resposta para explicar;

Não está no sumário;

Separar itens.

Questões revisadas e corrigidas;

Corpo de texto foi aumentado e buscou-se manter layout similar ao da questão no corpo do guia;

Inseriu-se uma explicação para a alternativa correta;

Página adicionada ao sumário;

Itens reorganizados para não ficarem muito juntos.



Página 24



Página 25

Distribuir a tabela ao longo do guia;

Aumentar símbolos e texto para facilitar leitura à distância;

Distribuir o conteúdo em página grande, dobrada, para melhor visualização;

Plastificar esta página;

Não está no sumário.

A tabela foi para um cartaz A3, preso na página 25 com fita dupla face para fácil remoção.

Os símbolos ficaram maiores e os textos foram revisados.

No lugar da tabela, acrescentou-se uma página de anotações.



Página 25



Página 26

Sem comentários.

Página de anotações, verso da página anterior. No caso de ser recortada, não vai afetar as informações do guia.



Página 26



Página 27

Não está no sumário.

Colocar no começo, antes do sumário.

Por ser a página do expediente, optamos por deixar a página fora do sumário.

A página foi mantida no final.



Página 27

(Conclusão)			
1: Versão avaliada	2: Recomendações dos peritos	3: O que foi feito	4: Versão final
 <p>Página 28</p>	<p>Sem comentários.</p>	<p>Apesar de não haver sugestões, a contracapa sofreu modificações por conta da capa.</p> <p>Nela, também aparece, remodelado e com mais largura, o espaço para que a pessoa que recebe o material escreva seu nome.</p>	 <p>Página 28</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

7.3 SÍNTESE COMPARATIVA DA INTERVENÇÃO COM OS MATERIAIS IMPRESSOS

Feita a recolha dos dados com o uso dos vários instrumentos, executou-se a compilação das informações em uma planilha eletrônica utilizando o Excel.

A amostra total contou com 50 entrevistadas divididas em dois grupos oriundos do Passo 3, divididos aleatoriamente e que completaram o estudo:

- 1) um grupo de 23 profissionais recebeu a Revista A, grupo de controle;
- 2) um segundo grupo, composto por 27 profissionais recebeu a Revista B, grupo de intervenção.

Procedeu-se a análise estatística dos dados coletados nos Passos 1, 2 e 3.

Foi realizado o Teste Qui-Quadrado para avaliar se os dois grupos (Revista A e Revista B) eram semelhantes do ponto de vista socioeconômico, permitindo a realização de inferências estatísticas sobre as diferenças observadas entre a primeira e a segunda fase. Os procedimentos seguiram a metodologia apresentada em Levine et al. (2008) para diferenças entre duas proporções.

7.3.1 Passos 1 e 2: Linha de base antes da intervenção

No Passo 1 foram obtidos dados para identificação do perfil socioeconômico das entrevistadas e estruturação da linha de base do inquérito CAP.

As questões coletaram ainda informações sobre o conhecimento, a atitude e a prática das participantes acerca da etiqueta técnica e dos símbolos de cuidados, bem como sobre itens relacionados ao design gráfico do material, aos hábitos de leitura e tempo de experiência com lavagem e passadoria como atividade remunerada.

Foi constatado que havia diferença estatística na linha de base, segundo informações das variáveis socioeconômicas em ambos os grupos (GC e GI), conforme **Tabela 16**: Resumo da distribuição socioeconômica das entrevistadas segundo os grupos de controle - GC (Revista A) e intervenção - GI (Revista B)..

Tabela 16: Resumo da distribuição socioeconômica das entrevistadas segundo os grupos de controle - GC (Revista A) e intervenção - GI (Revista B).

Variáveis		Grupo controle (GC)	Grupo intervenção (GI)	Valor - p ⁽¹⁾
		(Revista A) (n=23)	(Revista B) (n=27)	
Escolaridade	Até fundamental incompleto	7	4	0,1839
	Fundamental completo ou superior	16	23	
Idade	Até 45 anos	10	10	0,6431
	46 anos ou mais	13	17	
Estado civil	Sem companheiro	13	14	0,7412
	Com companheiro	10	13	
Renda familiar	Até 1 salário-mínimo	15	19	0,6971
	Acima de 1 salário-mínimo	8	8	
Número de filhos	Até 1 filho	9	9	0,6704
	Dois ou mais filhos	14	18	
Hábito de leitura	Até 1 livro por ano	14	14	0,5220
	Dois ou mais livros por ano	9	13	
Atividade exercida	Autônoma que só lava e ou passa	1	2	0,6498
	Outra atividade que inclui lavar e ou passar	22	25	
Tempo de experiência	Até 5 anos	12	13	0,6740
	6 ou mais anos	11	14	

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Notas: (1) Valor - p analisado utilizando o Teste Qui-Quadrado, ao nível de significância de 5%.

A **Tabela 17:** Resumo da distribuição do conhecimento, atitude e prática das entrevistadas conforme dados dos grupos de controle - GC (Revista A) e de intervenção - GI (Revista B), no Passo 1, antes da intervenção., mostra os resultados da linha de base obtidos no Passo 1, antes da intervenção, segundo o conhecimento, atitude e prática (Inquérito CAP), sobre as etiquetas têxteis e símbolos de cuidados das roupas.

No caso do conhecimento e prática foram identificadas diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) e podemos dizer que, no Passo 1, os dois grupos GC e GI, para os critérios inadequado e adequado, não são semelhantes.

Quanto à atitude não se detectou diferença estatística significativa ($p > 0,05$).

Tabela 17: Resumo da distribuição do conhecimento, atitude e prática das entrevistadas conforme dados dos grupos de controle - GC (Revista A) e de intervenção - GI (Revista B), no Passo 1, antes da intervenção.

Variáveis		Grupo Controle (GC)		Grupo Intervenção (GI)		Valor - p ⁽¹⁾
		(Revista A)		(Revista B)		
		(n=23)	%	(n=27)	%	
Conhecimento	Inadequado	16	69,57%	25	92,59%	0,0347
	Adequado	7	30,43%	2	7,41%	
Atitude	Inadequado	0	0,00%	1	3,70%	0,3512
	Adequado	23	100,00%	26	96,30%	
Prática	Inadequado	8	34,78%	3	11,11%	0,0440
	Adequado	15	65,22%	24	88,89%	

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Nota: (1) Valor - p analisado utilizando o Teste Qui-Quadrado, ao nível de significância de 5%.

No Passo 2, foram coletados os dados para entrega das revistas (endereço, horário, contato etc.) e as participantes foram instruídas a proceder com a leitura e avaliação do material, após o recebimento.

7.3.2 Passo 3: Após a intervenção

No terceiro e último passo, após 15 dias passados desde a data de recebimento do guia, as participantes foram contatadas e orientadas para concluir o processo. Aos dados coletados pelos formulários digitais e pelas entrevistas feitas pelo aplicativo WhatsApp ou Facebook, foi aplicado novamente o Teste Qui-Quadrado para avaliar se as características socioeconômicas de faixa etária, nível de escolaridade e tempo de experiência eram determinantes sobre o grau de preferência das entrevistadas em relação a algumas variáveis selecionadas.

De posse do inquérito CAP das duas fases, procedeu-se à avaliação dos possíveis impactos das revistas sobre o conhecimento, atitude e prática (Inquérito CAP). O Teste Qui-Quadrado para diferenças entre duas proporções foi aplicado para determinar se as melhorias percebidas pelas entrevistadas entre as duas fases eram estatisticamente significantes.

A **Tabela 18** apresenta os resultados após a intervenção do Passo 3, segundo as variáveis de conhecimento, atitude e prática (Inquérito CAP) sobre as etiquetas de cuidados e a simbologia têxtil. Os critérios para determinar adequado e inadequado podem ser vistos no capítulo 6, nos quadros 9, 10 e 11.

Tabela 18: Resumo da distribuição do conhecimento, atitude e prática das entrevistadas conforme os grupos de controle GC (Revista A) e intervenção GI (Revista B), após o Passo 3

VARIÁVEIS		GRUPO CONTROLE		GRUPO INTERVENÇÃO		VALOR – P ⁽¹⁾
		(Revista A)		(Revista B)		
		(n=23)	%	(n=27)	%	
CONHECIMENTO	Inadequado	10	43,48%	9	33,33%	0,4614
	Adequado	13	56,52%	18	66,67%	
ATITUDE	Inadequado	0	0,00%	0	0,00%	NA
	Adequado	23	100,00%	27	100,00%	
PRÁTICA	Inadequado	4	17,39%	4	14,81%	0,8044
	Adequado	19	82,61%	23	85,19%	

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Nota: (1) Valor – p analisado utilizando o Teste Qui-Quadrado, ao nível de significância de 5%.

7.4 EFEITOS DA INTERVENÇÃO EDUCATIVA SOBRE A SIMBOLOGIA TÊXTIL DA ETIQUETA DE CUIDADOS DAS ROUPAS

As informações necessárias foram coletadas e analisadas para as variáveis que determinaram a relevância e clareza do material, conforme respostas das participantes. Os itens foram relacionados ao design gráfico do material, dos hábitos de leitura e apropriação cultural adaptados a partir do *Suitability Assessment of Materials* (SAM), originalmente criado por Doak, Doak e Root (1996a).

Foram listados vários critérios para os oito itens de avaliação: 1) Preferência cromática; 2) Preferência de layout; 3) Preferência imagética; 4) Preferência de estilo narrativo; 5) Preferência tipográfica; 6) Satisfação com o material; 7) Uso da *tag* ou etiqueta para escrever o nome; 8) Uso do cartaz.

A seguir, uma análise da influência das características das entrevistadas (idade, grau de instrução e tempo de profissão) sobre a avaliação de clareza e relevância do material, para as variáveis acima listadas.

7.4.1 Preferência cromática

Questão: Eu gostei das cores da revista e acho que elas deixaram as informações claras. No que tange à **idade**, não foram observadas divergências entre as respondentes, uma vez que todas elas concordaram (concordo + concordo totalmente) com a afirmação. O resultado sugere que a faixa etária não interfere na preferência cromática (**Tabela 19**).

Tabela 19: Distribuição de frequência da preferência cromática por idade

Faixa etária	Revista A	Revista B	Total
1 - Concordam	23	27	50
0 - 21 a 34 anos	4	5	9
1 - 35 a 45 anos	6	5	11
2 - 46 a 55 anos	10	15	25
3 - 56 a 64 anos	2	1	3
4 - 65 ou mais	1	1	2
Total	23	27	50

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

A distribuição da preferência cromática com relação à **escolaridade** também não apresentou nenhuma diferenciação por esta característica. Todas as entrevistadas concordaram com a questão. A mesma conclusão poderá ser aplicada também à característica do **tempo de experiência** (Tabela 20).

Tabela 20: Distribuição de frequência da preferência cromática por tempo de experiência

Tempo de experiência	Revista A	Revista B	Total
1 - Concordam	23	27	50
0 - Até 1 ano	5	6	11
1 - De 2 a 5 anos	7	6	13
2 - 6 a 10 anos	4	5	9
3 - 11 a 20 anos	3	6	9
4 - Acima de 20	4	3	7
(vazio)		1	1
Total	23	27	50

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Em resumo, como todas as respondentes concordaram com a pergunta da questão, não podemos afirmar que as características de idade, grau de escolaridade e tempo de experiência exerçam alguma influência sobre as preferências cromáticas. E nem afirmar que as revistas A e B exerçam alguma influência nestes critérios, porque os resultados, segundo cada uma das características (idade, escolaridade e tempo de experiência) estão distribuídas de acordo com a amostra.

7.4.2 Preferência de layout

Questão: As palavras e as imagens da revista estão boas para se ver e servem para deixar a leitura mais interessante.

Quanto à preferência do layout, observou-se que 88% das respondentes concordaram, enquanto apenas 12% discordaram. Por isto, o teste Qui-Quadrado para a diferença entre proporções demonstrou que não há significância

estatística entre a concordância e as revistas²⁵. A única faixa etária que apresentou maiores variações em relação à concordância e a revista recebida foi a faixa entre 46 a 55 anos. Mesmo assim o teste Qui-Quadrado demonstrou que não há diferença significativa nas proporções²⁶.

Tabela 21: Distribuição de frequência da preferência de layout por faixa etária

Faixa etárias	Revista A	Revista B	Total
0 - Discordam	4	2	6
0 - 21 a 34 anos	1		1
2 - 46 a 55 anos		2	2
3 - 56 a 64 anos	2		2
4 - 65 ou mais	1		1
1 - Concordam	19	25	44
0 - 21 a 34 anos	3	5	8
1 - 35 a 45 anos	6	5	11
2 - 46 a 55 anos	10	13	23
3 - 56 a 64 anos		1	1
4 - 65 ou mais		1	1
Total	23	27	50

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

No que tange às preferências de layout segundo a **escolaridade** das entrevistadas, **o teste Qui-Quadrado indicou não haver significância estatística segundo a escolaridade**²⁷. Conforme se vê na **Tabela 22**, chamou nossa atenção que a única entrevistada com nível superior completo tenha discordado.

Tabela 22: Distribuição de frequência da preferência de layout por escolaridade

Escolaridade	Revista A	Revista B	Total
0 - Discordam	4	2	6
0 - Ensino fundamental incompleto	2		2
1 - Ensino fundamental completo		1	1
2 - Ensino médio incompleto	1		1
3 - Ensino médio completo	1		1
5 - Ensino superior completo		1	1
1 - Concordam	19	25	44
0 - Ensino fundamental incompleto	5	4	9
1 - Ensino fundamental completo	2	4	6
2 - Ensino médio incompleto	2	6	8
3 - Ensino médio completo	10	10	20
4 - Ensino superior incompleto		1	1
Total Geral	23	27	50

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

²⁵ Ao nível de significância de 0,05. P-valor 0,2789.

²⁶ Ao nível de significância de 0,05. P-valor 0,2286.

²⁷ Ao nível de significância de 0,05. P-valor 0,1110.

A **Tabela 23** apresenta os dados acerca da distribuição das preferências por layout segundo o **tempo de experiência** das entrevistadas. Observa-se que no caso da concordância com a questão quanto menor o tempo de experiência maior o número de respostas concordando. **No entanto, o teste Quid-Quadrado indicou a inexistência de significância estatística entre as diferenças observadas**²⁸.

Tabela 23: Distribuição de frequência da preferência de layout por tempo de experiência

Tempo de experiência	Revista A	Revista B	Total
0 - Discordam	4	2	6
0 - Até 1 ano	1		1
1 - De 2 a 5 anos	1		1
2 - 6 a 10 anos	1	1	2
3 - 11 a 20 anos		1	1
4 - Acima de 20	1		1
1 - Concordam	19	25	44
0 - Até 1 ano	4	6	10
1 - De 2 a 5 anos	6	6	12
2 - 6 a 10 anos	3	4	7
3 - 11 a 20 anos	3	5	8
4 - Acima de 20	3	3	6
(vazio)		1	1
Total Geral	23	27	50

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

7.4.3 Preferência das imagens

Questão: As imagens da revista são de ambientes e situações que vivemos no dia a dia do nosso trabalho de lavar e passar roupas. No caso da preferência imagética, como se vê na **Tabela 24**, apenas uma respondente disse que discordava da questão. Interessante observar que na faixa etária de 46 a 55 anos, apesar do número total de entrevistadas nesta faixa ser de 50%, a distribuição entre as duas revistas demonstrou que a B obteve um nível melhor de concordância.

Nesta faixa etária, das 24 entrevistadas que concordaram com a pergunta, 15 (62,5%) foram as que receberam a avaliaram a revista B. Isso sugere que a revista B tenha tido um melhor resultado na preferência imagética, considerando a faixa etária.

²⁸ Ao nível de significância de 0,05. P-valor 0,8741.

Tabela 24: Distribuição de frequência da preferência imagética por faixa etária

Faixa etária	Revista A	Revista B	Total
0 - Discordam	1		1
2 - 46 a 55 anos	1		1
1 - Concordam	22	27	49
0 - 21 a 34 anos	4	5	9
1 - 35 a 45 anos	6	5	11
2 - 46 a 55 anos	9	15	24
3 - 56 a 64 anos	2	1	3
4 - 65 ou mais	1	1	2
Total	23	27	50

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

A análise da preferência imagética segundo a **escolaridade** indica que há uma concentração de concordância entre as entrevistadas com ensino médio completo, cerca de 40%, que representa a proporção semelhante de entrevistadas nesta mesma escolaridade na amostra (42%) (**Tabela 25**).

Tabela 25: Distribuição de frequência da preferência imagética por escolaridade

Escolaridade	Revista A	Revista B	Total
0 - Discordam	1		1
3 - Ensino médio completo	1		1
1 - Concordam	22	27	49
0 - Ensino fundamental incompleto	7	4	11
1 - Ensino fundamental completo	2	5	7
2 - Ensino médio incompleto	3	6	9
3 - Ensino médio completo	10	10	20
4 - Ensino superior incompleto		1	1
5 - Ensino superior completo		1	1
Total	23	27	50

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

No recorte da preferência imagética segundo a **experiência**, os dados coletados mostram que apenas 1 entrevistada, com o menor tempo de experiência (até 1 ano), relatou discordância da afirmativa.

O nível de concentração das que concordaram obedece a representatividade das faixas de experiência dentro da amostra, conforme a **Tabela 26**.

Tabela 26: Distribuição de frequência da preferência imagética por tempo de experiência

Tempo de experiência	Revista A	Revista B	Total
0 - Discordam	1		1
0 - Até 1 ano	1		1
1 - Concordam	22	27	49
0 - Até 1 ano	4	6	10
1 - De 2 a 5 anos	7	6	13
2 - 6 a 10 anos	4	5	9
3 - 11 a 20 anos	3	6	9
4 - Acima de 20	4	3	7
(vazio)		1	1
Total	23	27	50

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

7.4.4 Preferência de estilo narrativo

Questão: “Gostei do estilo de história em quadrinhos da revista”. Somente o grupo que recebeu o livreto B respondeu este item. A distribuição pela **faixa etária** foi a mesma da amostra (**Tabela 27**).

Tabela 27: Distribuição de frequência da preferência de estilo narrativo por faixa etária

Faixa etária	Revista A	Revista B	Total
1 - Concordam		26	26
0 - 21 a 34 anos		4	4
1 - 35 a 45 anos		5	5
2 - 46 a 55 anos		15	15
3 - 56 a 64 anos		1	1
4 - 65 ou mais		1	1
(vazio)		1	1
Total Geral		27	27

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

No caso da variável **escolaridade** e **experiência**, a análise também ocorreu de modo semelhante, seguindo a distribuição da amostra nas respectivas características (**Tabela 28** e **Tabela 29**).

Tabela 28: Distribuição de frequência da preferência de estilo narrativo por escolaridade

Escolaridade	Revista A	Revista B	Total
1 - Concordam		26	26
0 - Ensino fundamental incompleto		4	4
1 - Ensino fundamental completo		5	5
2 - Ensino médio incompleto		6	6
3 - Ensino médio completo		9	9
4 - Ensino superior incompleto		1	1
5 - Ensino superior completo		1	1
(vazio)		1	1
Total		27	27

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Tabela 29: Distribuição de frequência da preferência de estilo narrativo por tempo de experiência

Tempo de experiência	Revista A	Revista B	Total
1 - Concordam		26	26
0 - Até 1 ano		5	5
1 - De 2 a 5 anos		6	6
2 - 6 a 10 anos		5	5
3 - 11 a 20 anos		6	6
4 - Acima de 20		3	3
(vazio)		1	1
Total Geral		27	27

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

7.4.5 Tipografia

Ao avaliar a tipografia, vários critérios foram estabelecidos em questões diferentes, com o objetivo de obter a melhor resposta possível para cada aspecto técnico: facilidade de leitura, tamanho do corpo de texto e quantidade de texto na página.

7.4.5.1 Facilidade de leitura

Questão: “O texto da revista é muito fácil de ler”. Quase todas as entrevistadas concordaram com a questão. Entretanto, observando dentre as que concordaram chama atenção o fato de que das 25 que concordaram na faixa etária de 46 a 55 anos, 15 foram as que analisaram a revista B (60%) enquanto apenas 10 estavam no grupo que analisaram a revista A. Dentre as outras categorias de faixas, não se observou diferenças significativas (Tabela 30).

Tabela 30: Distribuição de frequência da preferência tipográfica de leitura fácil por faixa etária

Faixa etária	Revista A	Revista B	Total
0 - discordaram	1		1
1 - 35 a 45 anos	1		1
1 - concordam	22	27	49
0 - 21 a 34 anos	4	5	9
1 - 35 a 45 anos	5	5	10
2 - 46 a 55 anos	10	15	25
3 - 56 a 64 anos	2	1	3
4 - 65 ou mais	1	1	2
Total	23	27	50

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

No caso da **experiência**, ficou mantida a concentração das que concordam nas faixas iniciais de experiência (**Tabela 31**).

Tabela 31: Distribuição de frequência da preferência tipográfica de leitura fácil por tempo de experiência

Tempo de experiência	Revista A	Revista B	Total
0 - Discordam	1		1
2 - 6 a 10 anos	1		1
1 - Concordam	22	27	49
0 - Até 1 ano	5	6	11
1 - De 2 a 5 anos	7	6	13
2 - 6 a 10 anos	3	5	8
3 - 11 a 20 anos	3	6	9
4 - Acima de 20	4	3	7
(vazio)		1	1
Total	23	27	50

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

7.4.5.2 Tamanho do corpo de texto

Questão: “Sobre as letras da revista”. A análise da preferência das letras indicou que todas as entrevistadas que responderam que as letras não eram do **tamanho certo para se ler (não são tão pequenas e são pequenas)** foram as que receberam a Revista A, apesar de poucas (apenas 3). **O teste Qui-Quadrado indicou não haver significância estatística entre o grau de concordância e a revista analisada**²⁹.

Quanto ao recorte por **idade**, dentre as que concordaram com a questão, a concentração maior foi na faixa etária de 46 a 55 anos, o que está de acordo com a distribuição da amostra, mas que mesmo assim, a diferença não foi estatisticamente significativa³⁰ (**Tabela 32**).

Tabela 32: Distribuição de frequência da preferência tipográfica sobre as letras por faixa etária

Faixa etária	Revista A	Revista B	Total
0 - Discordam	3		3
1 - 35 a 45 anos	1		1
2 - 46 a 55 anos	1		1
3 - 56 a 64 anos	1		1
1 - Concordam	20	27	47
0 - 21 a 34 anos	4	5	9
1 - 35 a 45 anos	5	5	10
2 - 46 a 55 anos	9	15	24
3 - 56 a 64 anos	1	1	2
4 - 65 ou mais	1	1	2
Total	23	27	50

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

²⁹ Ao nível de significância de 0,05. P-valor 0,0529.

³⁰ Ao nível de significância de 0,05. P-valor 0,2832.

Quanto ao recorte por **escolaridade** dentre as que concordaram com a questão, a concentração maior foi no nível 3 (ensino médio completo), o que também está de acordo com a distribuição da amostra desta investigação (**Tabela 33**).

Tabela 33: Distribuição de frequência da preferência tipográfica sobre as letras por escolaridade

Escolaridade	Revista A	Revista B	Total
0 - Discordam	3		3
0 - Ensino fundamental incompleto	1		1
3 - Ensino médio completo	2		2
1 - Concordam	20	27	47
0 - Ensino fundamental incompleto	6	4	10
1 - Ensino fundamental completo	2	5	7
2 - Ensino médio incompleto	3	6	9
3 - Ensino médio completo	9	10	19
4 - Ensino superior incompleto		1	1
5 - Ensino superior completo		1	1
Total	23	27	50

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

No recorte da **experiência** a distribuição também acompanha a amostra, uma vez que as menos experientes são maioria dentre as que concordam com a questão (**Tabela 34**).

Tabela 34: Distribuição de frequência da preferência tipográfica sobre as letras tempo de experiência

Tempo experiência	A	B	Total
0 - discordam	3		3
1 - de 2 a 5 anos	1		1
2 - 6 a 10 anos	1		1
4 - acima de 20	1		1
1 - concordam	20	27	47
0 - até 1 ano	5	6	11
1 - de 2 a 5 anos	6	6	12
2 - 6 a 10 anos	3	5	8
3 - 11 a 20 anos	3	6	9
4 - acima de 20	3	3	6
(vazio)		1	1
Total	23	27	50

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

7.4.5.3 Quantidade de texto na página

Questão: “Achei que tem muito texto, não estimula a leitura e cansa”. Quanto à preferência do texto, observa-se que as proporções ficaram bem divididas, tanto em relação às revistas que as entrevistadas receberam quanto em relação à concordância. **O teste Qui-Quadrado demonstrou não haver diferenças significantes entre o nível de concordância e a revista recebida**.³¹.

³¹ Ao nível de significância de 0,05. P-valor 0,3946.

Dentre as que concordaram com a questão, a maioria (60%) recebeu a Revista B, enquanto o restante (10 entrevistadas) analisou a revista A. A diferença poderia sugerir que a Revista B pudesse ter muito texto e não estimulasse a leitura! **Porém, o próprio teste Qui-Quadrado demonstrou que as diferenças observadas não são significantes (Tabela 35).**

Tabela 35: Distribuição de frequência da preferência tipográfica sobre o texto por faixa etária

Faixa etária	Revista A	Revista B	Total
0 - Discordam	13	12	25
0 - 21 a 34 anos	2	2	4
1 - 35 a 45 anos	3	1	4
2 - 46 a 55 anos	5	8	13
3 - 56 a 64 anos	2		2
4 - 65 ou mais	1	1	2
1 - Concordam	10	15	25
0 - 21 a 34 anos	2	3	5
1 - 35 a 45 anos	3	4	7
2 - 46 a 55 anos	5	7	12
3 - 56 a 64 anos		1	1
Total	23	27	50

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

No caso da **escolaridade**, os valores estão muito parecidos tanto em relação à preferência da letra quanto em relação às revistas (**Tabela 36**).

Tabela 36: Distribuição de frequência da preferência tipográfica sobre o texto por escolaridade

	Revista A	Revista B	Total
0 - discordam	13	12	25
0 - ensino fundamental incompleto	4		4
1 - ensino fundamental completo	1	3	4
2 - ensino médio incompleto	2	4	6
3 - ensino médio completo	6	4	10
5 - ensino superior completo		1	1
1 - concordam	10	15	25
0 - ensino fundamental incompleto	3	4	7
1 - ensino fundamental completo	1	2	3
2 - ensino médio incompleto	1	2	3
3 - ensino médio completo	5	6	11
4 - ensino superior incompleto		1	1
Total	23	27	50

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

A análise pela **experiência** também não permite muitas conclusões porque os valores estão todos muito bem distribuídos entre as revistas e o tempo de experiência. Ou seja, não há diferenças estatisticamente significantes entre o nível de concordância em relação às revistas e tempo de experiência (**Tabela 37**).

Tabela 37: Distribuição de frequência da preferência tipográfica sobre o texto por tempo de experiência

Tempo de experiência	Revista A	Revista B	Total
0 - discordam	13	12	25
0 - até 1 ano	3	2	5
1 - de 2 a 5 anos	4	3	7
2 - 6 a 10 anos	2	2	4
3 - 11 a 20 anos	2	4	6
4 - acima de 20	2	1	3
1 - concordam	10	15	25
0 - até 1 ano	2	4	6
1 - de 2 a 5 anos	3	3	6
2 - 6 a 10 anos	2	3	5
3 - 11 a 20 anos	1	2	3
4 - acima de 20	2	2	4
(vazio)		1	1
TOTAL	23	27	50

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

7.4.6 Satisfação com o material

Questão: “A revista está bonita e agradável e estimula a leitura e aprendizagem”. Apenas uma entrevistada discordou da questão. Entretanto, no recorte por **faixa etária**, 15 das 24 entrevistadas que responderam estar satisfeitas com o material impresso, na faixa etária de 46 a 55 anos, receberam o livreto criado pela investigação, Revista B (**Tabela 38**).

Tabela 38: Distribuição de satisfação com o material por faixa etária

FAIXA ETÁRIA	REVISTA A	REVISTA B	TOTAL
0 - discordam		1	1
0 - 21 a 34 anos		1	1
1 - concordam	20	26	46
0 - 21 a 34 anos	4	4	8
1 - 35 a 45 anos	5	5	10
2 - 46 a 55 anos	9	15	24
3 - 56 a 64 anos	1	1	2
4 - 65 ou mais	1	1	2
TOTAL	20	27	47

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Quanto à **escolaridade**, a distribuição por faixa etária dentre as que receberam a revista B está bem distribuída entre todos os grupos, sugerindo que a revista B satisfaz de forma mais homogênea todas as faixas. Grupos com menor escolaridade também ficaram satisfeitos com a questão levantada conforme **Tabela 39**.

Tabela 39: Distribuição de frequência de satisfação com o material por escolaridade

Escolaridade	Revista A	Revista B	Total
0 - Discordam		1	1
3 - Ensino médio completo		1	1
1 - Concordam	20	26	46
0 - Ensino fundamental incompleto	6	4	10
1 - Ensino fundamental completo	2	5	7
2 - Ensino médio incompleto	3	6	9
3 - Ensino médio completo	9	9	18
4 - Ensino superior incompleto		1	1
5 - Ensino superior completo		1	1
Total	20	27	47

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

No recorte pela experiência, acho que podemos tirar conclusões semelhantes à da escolaridade. A distribuição da satisfação na revista B está mais homogênea que a observada na revista A tal qual pode ser conferido na **Tabela 40**.

Tabela 40: Distribuição de frequência de satisfação com o material por tempo de experiência

Tempo de experiência	Revista A	Revista B	Total
0 - Discordam		1	1
0 - Até 1 ano		1	1
1 - Concordam	20	26	46
0 - Até 1 ano	5	5	10
1 - De 2 a 5 anos	6	6	12
2 - 6 a 10 anos	3	5	8
3 - 11 a 20 anos	3	6	9
4 - Acima de 20	3	3	6
(vazio)		1	1
Total Geral	20	27	47

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

7.4.7 Uso do espaço para escrever o nome

Questão: “Eu gostei e escrevi meu nome na revista”. Com relação ao uso do espaço para escrever o nome só foi possível analisar as respostas da revista B uma vez que não há respostas para a revista A, pois ela não possui este elemento. A grande maioria das entrevistadas (84%) respondeu que gostou e escreveu o nome na revista.

A distribuição por **idade** acompanha a mesma distribuição da amostra, com a maioria concentrada na faixa de 46 a 55 anos. O teste Qui-Quadrado não apresentou significância estatística por faixa etária³² (**Tabela 41**).

Tabela 41: Distribuição de frequência do uso do espaço para escrever o nome por faixa etária

Faixa etária	Revista A	Revista B	Total
0 - Discordam		4	4
0 - 21 a 34 anos		1	1
2 - 46 a 55 anos		2	2
3 - 56 a 64 anos		1	1
1 - Concordam		21	21
0 - 21 a 34 anos		3	3
1 - 35 a 45 anos		5	5
2 - 46 a 55 anos		12	12
4 - 65 ou mais		1	1
Total		25	25

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

A distribuição por **escolaridade**, também ficou bem homogênea sem concentração ou diferenciação em nenhum nível. O teste Qui-Quadrado não mostrou significância estatística para o nível de concordância em relação à idade $P1^{33}$ (**Tabela 42**).

Tabela 42: Distribuição de frequência do uso do espaço para escrever o nome por escolaridade

Escolaridade	Revista A	Revista B	Total
0 - Discordam		4	4
0 - Ensino fundamental incompleto		1	1
1 - Ensino fundamental completo		1	1
3 - Ensino médio completo		1	1
4 - Ensino superior incompleto		1	1
1 - Concordam		21	21
0 - Ensino fundamental incompleto		2	2
1 - Ensino fundamental completo		4	4
2 - Ensino médio incompleto		6	6
3 - Ensino médio completo		8	8
5 - Ensino superior completo		1	1
Total		25	25

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Para esta questão, a **experiência** das participantes também não apresentou nenhum grau significativo de diferenciação³⁴ (**Tabela 43**).

32 Ao nível de significância de 0,05. P-valor 0,1547.

33 Ao nível de significância de 0,05. P-valor 0,1877.

34 Ao nível de significância de 0,05. P-valor 0,4114.

Tabela 43: Distribuição de frequência do uso do espaço para escrever o nome por tempo de experiência

Tempo de experiência	Revista A	Revista B	Total
0 - Discordam		4	4
0 - Até 1 ano		1	1
1 - De 2 a 5 anos		1	1
2 - 6 a 10 anos		2	2
1 - Concordam		21	21
0 - Até 1 ano		3	3
1 - De 2 a 5 anos		5	5
2 - 6 a 10 anos		3	3
3 - 11 a 20 anos		6	6
4 - Acima de 20		3	3
(vazio)		1	1
Total		25	25

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

7.4.8 Uso do cartaz

As análises neste aspecto concentraram também apenas a revista B porque não existiam respostas para a revista A, já que ela não oferecia o cartaz para as leitoras. Apenas três entrevistadas afirmaram que o cartaz não é importante (12,5%). Na distribuição da **idade**, percebe-se que as respostas acompanham a distribuição da amostra. O teste Qui-Quadrado não apresentou significância para a diferença por faixa etária³⁵ (**Tabela 44**).

No recorte por **escolaridade**, (

Tabela 45), é possível observar que a distribuição é muito homogênea e não se pode afirmar que há diferenças de preferência em razão da escolaridade P1³⁶. O mesmo ocorreu quanto à **experiência**, não apresentando nenhuma diferenciação significativa³⁷ (**Tabela 46**).

Tabela 44: Distribuição de frequência do uso do cartaz por faixa etária

Faixa etária	Revista A	Revista B	Total
0 - Discordam		3	3
1 - 35 a 45 anos		1	1
2 - 46 a 55 anos		2	2
1 - Concordam		21	21
0 - 21 a 34 anos		4	4
1 - 35 a 45 anos		4	4
2 - 46 a 55 anos		11	11
3 - 56 a 64 anos		1	1
4 - 65 ou mais		1	1
Total Geral		24	24

35 Ao nível de significância de 0,05. P-valor 0,8759.

36 Ao nível de significância de 0,05. P-valor 0,8723.

37 Ao nível de significância de 0,05. P-valor 0,8184.

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Tabela 45: Distribuição de frequência do uso do cartaz por escolaridade

Escolaridade	Revista A	Revista B	Total
0 - Discordam		3	3
0 - Ensino fundamental incompleto		1	1
1 - Ensino fundamental completo		1	1
3 - Ensino médio completo		1	1
1 - Concordam		21	21
0 - Ensino fundamental incompleto		3	3
1 - Ensino fundamental completo		4	4
2 - Ensino médio incompleto		5	5
3 - Ensino médio completo		7	7
4 - Ensino superior incompleto		1	1
5 - Ensino superior completo		1	1
Total Geral		24	24

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Tabela 46: Distribuição de frequência do uso do cartaz por tempo de experiência.

Tempo de experiência	Revista A	Revista B	Total
0 - Discordam	3		3
0 - Até 1 ano	1		1
1 - De 2 a 5 anos	1		1
3 - 11 a 20 anos	1		1
1 - Concordam	21		21
0 - Até 1 ano	4		4
1 - De 2 a 5 anos	4		4
2 - 6 a 10 anos	5		5
3 - 11 a 20 anos	5		5
4 - Acima de 20	2		2
(vazio)	1		1
Total	24		24

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alexandre, N. M. C., & Coluci, M. Z. O. (2011). Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. *Ciencia e Saude Coletiva*, 16(7), 3061–3068. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000800006>
- Alquete, T. A., Oliveira, R. R. S., Campello, S. B., Federal, U., Resumo, U., Digitais, A., Eletr, A., Digitais, A., Instrucional, D., & Digitais, A. (n.d.). Design da Informação e Instrucional para Educação : contribuições no desenvolvimento de Artefatos Digitais de Aprendizagem Information and Instructional Design for Education : contributions toward the development of Digital Learning Artifacts.
- Blamires, M. (1999). Universal design for learning: Re-establishing differentiation as part of the inclusion agenda? *Support for Learning*, 14(4), 158–163. <https://doi.org/10.1111/1467-9604.00123>
- Doak, Cecilia Conrath, Doak, L. G., & Root, J. H. (1996a). SAM: Suitability assessment of materials for evaluation of health-related information for adults. *Teaching Patients with Low Literacy Skills*, 1–2.
- Doak, Cecilia Conrath, Doak, L. G., & Root, J. H. (1996b). Suitability assessment of materials (SAM): Scoring sheet. *Teaching Patients with Low Literacy Skills*,
- GINETEX. (2016a). Textile Care symbols.
- Gravani, M. N. (2012). Adult learning principles in designing learning activities for teacher development. *International Journal of Lifelong Education*, 31(4), 419–432. <https://doi.org/10.1080/02601370.2012.663804>
- Polit, D. F., & Beck, C. T. (2006). The Content Validity Index: Are You Sure You Know What's Being Reported? Critique and Recommendations. *Research in Nursing & Health*, 29, 489–497. <https://doi.org/10.1002/nur>
- Yassuda, S., & Bandura, P. (2008). Teoria da autoeficácia. 2005.

CAPÍTULO 8. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

8.1 NOTA INTRODUTÓRIA

A decisão de fazer um experimento entre dois materiais impressos, sendo um já existente e outro elaborado pela investigação, foi tomada a partir de reflexões acerca do problema identificado. Considerando que a simbologia têxtil já é adotada em muitos países, mas ainda não é totalmente uma parte integrada da cultura dos mercados de vestuário, portanto do consumidor e dos profissionais deste segmento, inclusive no Brasil, pareceu lógico pensar em estratégias para verificar o conhecimento e na criação de mecanismos para a educação dos envolvidos.

Levando em conta o quadro socioeconômico apresentado, para o Brasil, um país que ainda sustenta relações de trabalho que empregam a mão de obra para a realização de tarefas domésticas, em grande escala, para a amostra estudada, considerou-se o cenário do trabalho informal apresentado pelo IBGE e pelo IDT. Estes dois institutos destacam a participação no mercado de trabalho doméstico e informal, de uma majoritária parcela de mulheres com baixa escolaridade.

Soma-se a este panorama o fato de que as leis que regulamentam o sistema de produção e exportação têxtil estão em atuação constante, fiscalizando e autuando as empresas que não seguem as normas, podendo acarretar prejuízo considerável, no caso da retirada da mercadoria incorretamente etiquetada.

Levando-se em conta também que, o consumo de produtos têxteis no mundo aumentou cerca de 40% entre 2000 e 2009 (Karlsson, 2013; Tallrop, 2018), e que já foi afetado pela crise mundial causada pela pandemia do Covid-19 (Agência Brasil, 2020; EY Parthenon & Veja Insights, 2020; Serpa, 2020), pode-se concluir que este comportamento afeta diretamente as questões sustentáveis que envolvem a cadeia produtiva, social e cultural do planeta.

Tal levantamento teórico possibilitou a elaboração da nova publicação proposta por este estudo, referida no trabalho como Revista B, com informações compiladas do material oficial do INMETRO, intitulado *Você Sabe Para Que Serve A Etiqueta?* e do material também oficial da GINETEX. Também a partir do conhecimento obtido nos estudos preliminares, do que seria relevante para as lavadeiras e passadeiras participantes da investigação. Logo, os resultados obtidos com esta investigação permitem tecer as seguintes discussões.

8.2 VALIDAÇÃO DO CONTEÚDO E DA APARÊNCIA DO MATERIAL EDUCATIVOS

Para garantir a qualidade das informações repassadas aos leitores, o material educativo elaborado pela investigação, foi submetido a um processo de avaliação de conteúdo e aparência, conduzida por especialistas. Após a síntese dos dados coletados, calculou-se o Índice de Validade de Conteúdo – IVC, auster foram feitos no material, que, por fim, foi avaliado pelo seu público alvo.

8.2.1 Validação do conteúdo e aparência pelos peritos

Sabe-se que quando os materiais educativos são eficazes, eles podem mudar a realidade de uma determinada população (Oliveira, 2014a; Pettersson, 2018e, 2018b; Reberte, 2008b) portanto, deve-se estar atento ao tipo de informação que se pretende repassar e ao modo como isto será feito.

No processo de análise do conteúdo e aparência do material final, foram incluídas também algumas informações das participantes do teste piloto e dos peritos das áreas do design gráfico, pedagogia, design instrucional e educação de adultos, com experiência em elaboração de material educativo impresso. Estes avaliadores ofereceram comentários muito enriquecedores para a reformulação da Revista B, impactando diretamente na quantidade de páginas, no texto e nas ilustrações.

Neste sentido, para se obter uma medida para a clareza e pertinência das informações textuais e visuais utilizadas, foi importante fazer uma avaliação da concordância dos peritos acerca dos diferentes aspectos da Revista B, para o grupo de intervenção (GI). Logo, com um índice de relevância de conteúdo global de 0,95 (IVC-T/Ave), conforme Polit e Beck (2006), um pouco acima do recomendado, que é 0,90, acredita-se que a publicação cumpre seu papel.

As variáveis utilizadas para cada perito avaliar o conteúdo e a aparência da Revista B, foram: organização do material, grau de dificuldade de leitura, layout e tipografia, ilustrações, estímulo para aprendizagem, apropriação cultural e recomendação do material. Os resultados obtidos por meio da participação dos peritos, serão discutidos a seguir.

Durante o processo avaliativo dos peritos, o menor IVC foi para a categoria **Layout e Tipografia**, com 0,92 e a maior pontuação foi para a **Apropriação Cultural**, com IVC igual a 0,97.

Embora tenham ocorrido algumas discordâncias entre algumas das categorias, quando analisadas em seus subitens, são insignificantes do ponto de vista estatístico, sem impactar diretamente na validade do conteúdo.

Por exemplo, na categoria **Organização do Material**, apesar de sete avaliadores não concordarem (peritos P3, P6, P11, P12, P18, P20 e P22 deram notas 1 e 2, na Tabela 4), mesmo assim a avaliação individual do item (IVC-I) foi de 0,96.

Em **Layout e Tipografia**, seis deles pontuaram vários itens como inadequados (peritos P4, P11, P18, P20, P22 e P24 deram notas 1 e 2, na Tabela 6). Porém, isto não impactou negativamente na avaliação individual do item, que ficou com um IVC-I de 0,92, sendo, portanto, maior que o índice recomendado por Polit e Beck (2006). As sugestões e

observações dos peritos foram levadas em consideração e mudanças foram realizadas na versão final.

É importante ainda mencionar que, mesmo dando notas 4 e 3, ao fazer comentários, alguns peritos deixavam sugestões que, às vezes pareciam contraditórias. A **Apropriação Cultural**, que teve uma avaliação geral de 0,97, a mais alta de todas as categorias, foi assim. Ao registrar opiniões, vários peritos se disseram muito incomodados com as relações culturais de patrão e empregada, viram na ilustração e no diálogo apresentado no segundo layout da Revista B, um reforço indesejado do preconceito social de que as lavadeiras e demais empregadas domésticas “são sempre de pele escura, estão sempre mal-vestidas e são feias (P6)”. A preocupação maior de alguns peritos, que citaram este aspecto era que esta questão do que o mesmo perito chamou de “racismo estrutural”, pudesse desagradar as lavadeiras e passadeiras leitoras da Revista B. Como solução para o problema,

[...] eu acho que a narrativa deveria ser estabelecida a partir do ponto de vista de Maria, que detém o saber de cuidar das roupas. Eu particularmente retiraria a patroa da história. Seria Maria, falando para outras Marias. (...) é o discurso que está por trás que pode ser polêmico. (P6, 2020)

Para contornar o problema, outro também fez sugestão de que a narrativa da revista fosse feita por várias Marias como detentoras do conhecimento, se dirigindo a outras Marias, e que elas fossem representadas com vários corpos e etnias.

[...] acho que se você colocar diferentes Marias, com diferentes corpos, falando para suas colegas, terá mais apelo, pois elas vão se sentir representadas. Também seria bom se elas estivessem olhando para quem vai receber a revista. Assim, de lado, não parece que quer um diálogo (P1, 2020).

Assim, buscamos acatar as duas propostas. A personagem da patroa foi retirada e a Maria, um pouco mais gordinha, loira de cabelos ondulados ganhou mais duas colegas: a Socorro, de pele negra, magra e de cabelos crespos e a Rita, de pele branca, de cabelo liso e preto.

Figura 76: Novas personagens inseridas na versão final, por sugestão dos peritos



Nota: Da esquerda para a direita: Rita, Maria e Socorro. (Colares, 2020)

Vale ressaltar ainda que durante o teste piloto, com a participação de lavadeiras e passadeiras, este aspecto cultural chegou e a ser mencionado como incômodo, brevemente por apenas uma delas.

Acerca das **Ilustrações**, como pode ser conferido na

Tabela 8 antes vista, a média de concordância entre os peritos alcançou um índice de 0,95. A categoria foi subdividida em nove itens, para que os avaliadores pudessem considerar a capa, o estilo, a mensagem visual transmitida por meio da ilustração, dos símbolos, da apropriação das ilustrações para o público-alvo, do seu tamanho e dos símbolos, considerando a compreensão, as representações das etiquetas e as cores utilizadas.

Três destes itens obtiveram total concordância ente a comissão julgadora: (4.1) a capa, (4.4) a importância das mensagens transmitidas pelas ilustrações e (4.5) a apropriação das ilustrações para as lavadeiras e passadeiras.

Acerca das cores, na construção da Revista B, na versão 1.0 buscou-se trabalhar com uma paleta tímida, mais monocromática, com pinceladas vivas nos quadrinhos. Entretanto, a avaliação das lavadeiras, no teste piloto, mostrou que elas acharam as cores muito importantes e deu-se mais visibilidade a este elemento na versão 2.0, submetida aos peritos. Mesmo assim, eles ainda apontaram que mais melhorias poderiam ser feitas, principalmente nos cenários das histórias e nos quadros de alertas e dicas. A versão final, apresentou cenários bem mais coloridos povoados por personagens cheias de energia e com caixas de suporte coloridos de acordo com o tipo de mensagem.

Figura 77: Três versões da página de apresentação da Revista B



Nota: Aqui pode-se ver o processo de coloração das diferentes versões 1.0 (a), 2.0 (b) e final (c).

Apenas um dos 25 peritos que avaliou a versão 2.0 achou que as cores estavam inadequadas e recomendou uma revisão total. Os outros 24 concordaram e fizeram diferentes recomendações de melhoria. Dentre elas, uma se repetiu algumas vezes e dizia respeito aos cenários. A preocupação era de que eles não se misturassem com os balões de fala ou com os objetos, como aparecem na **Figura 78**. Todos os peritos, concordaram que as ilustrações “apresentam mensagens visuais essenciais para que o leitor possa entender o contexto da situação, sozinho e sem distração”, conforme a

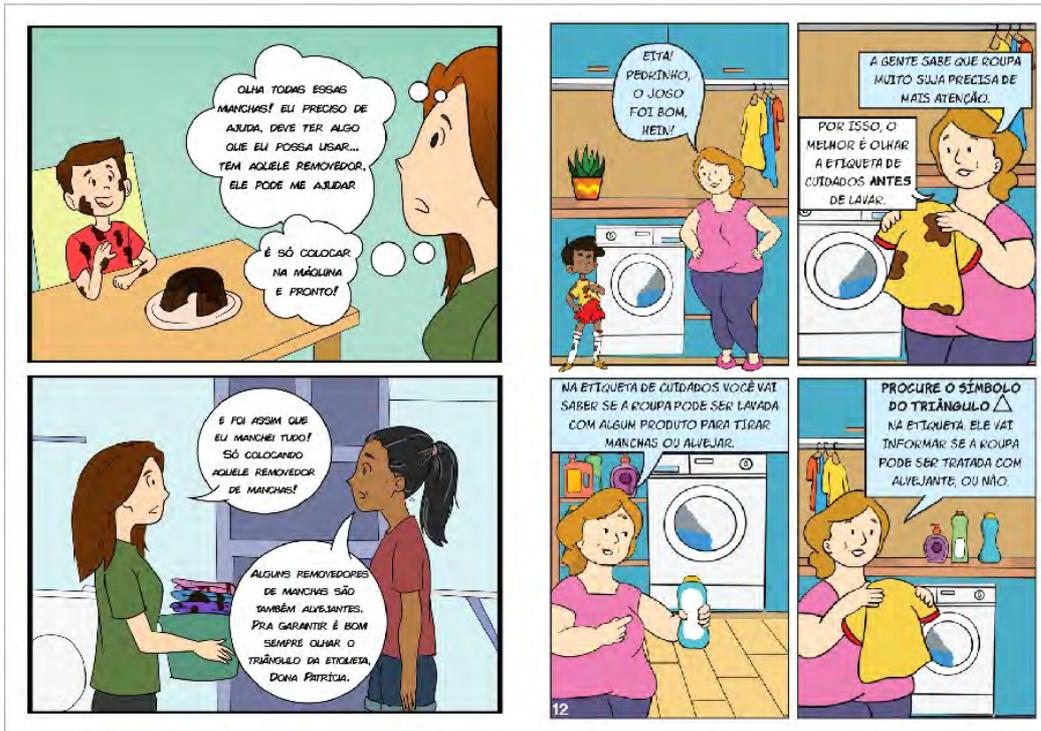
Tabela 8 já vista. Neste sentido, os cenários desempenharam um papel secundário, mas importante na revista. A **Figura 79** mostra como aparecem na versão final, coloridos e destacados.

Figura 78: Exemplo de cenários modificados com sugestões dos peritos



Nota: Na versão final os cenários foram trabalhados para serem descritivos e com elementos mais próximos do dia a dia das lavadeiras, mas para não interferir nos balões de fala.

Figura 79: Página antes e depois da avaliação dos peritos



Nota: À esquerda destaca-se a ausência de cenários elaborados. À direita, a página correspondente, na versão final após mudanças dos argumentos e ilustrações, os cenários ganharam mais destaque.

Um dos peritos mostrou discordância acerca das cores das ilustrações, afirmando que elas não estavam adequadas, mas os outros 24 afirmaram que elas estavam apropriadas.

Todos concordaram que a figura utilizada na capa estava amigável, atraente e transmitindo o propósito com eficiência (Apêndice J). Convém observar que, ao avaliarem este mesmo elemento sob outra perspectiva, na , três peritos disseram acreditar que a mesma capa não era atraente para as lavadeiras e passadeiras e que não transmitia claramente o objetivo pretendido.

Alguns comentários também enfatizaram que seria melhor se a capa mostrasse a Maria de frente e não de perfil, olhando e se dirigindo diretamente ao leitor. Logo, levando em conta estas avaliações contraditórias e a sugestão, a capa foi refeita para dar prioridade ao título e às lavadeiras.

Alguns comentários também enfatizaram que seria melhor se a capa mostrasse a Maria de frente e não de perfil, olhando e se dirigindo diretamente ao leitor. Logo, levando em conta estas avaliações contraditórias e a sugestão, a capa foi refeita para dar prioridade ao título e às lavadeiras.

Figura 80: Capas da Revista B



Nota: À esquerda, da versão 2.0, avaliada pelos peritos. À direita, a capa final, modificada com as sugestões (2020).

Em se tratando dos símbolos, a maioria dos avaliadores disse acreditar que eles estavam auxiliando na compreensão da mensagem e apenas um deles discordou. Não por acaso, durante outra avaliação, que pode ser conferida na **Tabela 10**, sobre a organização do material, o mesmo perito discordou da adequação das cores das ilustrações. Ao tecerem comentários, alguns peritos deixaram observações relevantes para o redesign do material.

Sugiro uma revisão na funcionalidade das cores nas ilustrações, hierarquia e composição texto e imagem na capa e dramatização por meio de cortes e diferentes planos em arte sequencial. (P12, 2020)

Vários peritos enfatizaram a importância de se aumentar o tamanho dos símbolos têxteis para facilitar a compreensão e foi comum repetirem que incomodava a mistura de texto com símbolos na formação da frase.

Fica confusa a inclusão de símbolos dentro do texto, eles deveriam estar fixos numa coluna e o texto ao lado explicando. (P6, 2020)

[...], o uso de simbologia junto com texto prejudica a leitura. (P20, 2020)

Um dos peritos, com formação em pedagogia e experiência em educação de disse achar apropriada a utilização do léxico figura-texto como “uma forma de materializar a compreensão dos símbolos em palavras, aproveitando a semântica das formas geométricas (P15, 2020)” já que a repetição é “uma estratégia de consolidar o aprendizado (P15, 2020)”. Logo, a estrutura de símbolo e palavra, na formação da sentença, foi mantida, mas com moderação, e fez-se um trabalho de revisão para garantir que a altura de linha estivesse confortável para a leitura, como pode se ver nos dois exemplos da **Figura 81**.

Figura 81: Exemplos de utilização do símbolo na frase para reforçar a memorização



Nota: Elaborado pela autora, com desenhos de Elita Colares (2020).

Aliás, convém lembrar que este recurso não é nenhuma novidade. Conforme Tufte (1999, p. 120) Galileo, por volta de 1613, já escrevia assim em seus cadernos de observação astronômica. Mais recentemente, na saúde, recursos similares são utilizados para orientar pacientes, substituindo textos por ilustrações em materiais impressos destinados a leitores menos experientes (C. C. Doak et al., 1996d). Já Darras (2004, p. 114) menciona que nós humanos estamos acostumados a desenvolver sistemas de comunicação visual que nos ajudam a memorizar coisas do nosso dia a dia e que isto é o que ele chama de escrita pictórica, presente em muitas sociedades orais. Mas, ainda segundo o mesmo autor, a cultura escrita provoca conflitos que nos obrigam a suprimir a escrita pictórica em favor de outra, na qual a palavra é o elemento chave.

Na categoria **Estímulo Para Aprendizagem** (Tabela 8), foram avaliados cinco subitens e destes, dois obtiveram 100% de concordância: o material promove a mudança de comportamento e atitude; os comportamentos desejados são padronizados e aparecem

claramente em todo o material. Isto mostra que os peritos parecem acreditar que Revista B pode, de fato servir como instrumento educativo eficiente, corroborando assim o que afirmam os teóricos (Doak et al., 1996d; Oliveira, 2014b; Pettersson, 2018b; Reberte, 2008a). É importante ressaltar ainda que todos os 25 peritos, ao determinar o valor desta variável consideraram o material adequado para promover a mudança de comportamento e atitude (Tabela 8).

Mas, na Tabela 9, em **Apropriação Cultural**, apenas os peritos P6 e P22 deram notas correspondentes a uma avaliação discordante, impactando diretamente no I-CVI dos itens que se referem à organização lógica do material e na seriedade das imagens. Do mesmo modo, em **Apropriação Cultural**, todos concordaram que a Revista B é adequada para a idade e cultura das leitoras, conforme se pode atestar na mesma Tabela 9.

Dos 25 peritos que pontuaram os seis itens que avaliaram o **Grau de Dificuldade de Leitura**, quatro deram notas bem rigorosas, fazendo com que a média da proporção de relevância de conteúdo (CVI-T/Ave) variasse entre 0,17 e 0,83. O perito P22 deu nota 2 para 5 dos seis subitens, conforme dados exibidos na **Tabela 9**.

Ao considerar a avaliação dos critérios individuais da categoria, dos seis subitens, apenas a voz ativa (2.2) foi considerada totalmente adequada pelos peritos. Todos os outros cinco apresentaram algum grau de inconformidade entre as notas.

O mais preocupante foi o item que versa sobre a adequação da leitura para pessoas com poucos anos de escolaridade e pouca experiência de leitura, pois o I-CVI foi de 0,88, com três peritos dando nota 2. Esta avaliação, quando associada ao estudo do INAF (2018), que aponta o percentual de brasileiros adultos considerados analfabetos funcionais, ou seja: dizem saber ler e escrever, mas são incapazes de interpretar uma instrução para realizar determinada tarefa ou função necessária em seu trabalho, enfatiza a importância de se trabalhar para facilitar a leitura da Revista B.

Acredito que está com um grau relativo de dificuldade de leitura. Por experiência em pesquisas com disléxicos, sei que as tipografias não estão adequadas. No entanto, “seria importante fazer testes com o público-alvo analisando a fluência de leitura, entendimento e tempo gasto em cada página”, conforme P11 (2020).

Embora a execução de um teste para identificar de a fluência da leitura, o entendimento e o tempo que cada participante iria gastar para fazer a leitura dos dois objetos testados (Revista A e Revista B), estes não eram objetivos do estudo.

A sugestão do perito, apesar de muito relevante, ficou inviabilizada por conta da situação de pandemia na qual a investigação estava sendo conduzida, pela falta de tempo hábil para redesenhar o produto e testá-lo, bem como o propósito de uma avaliação neste sentido diverge dos objetivos desta tese. Afinal, em nenhum momento foi proposto atacar problemas de leitura decorrentes de condições cognitivas especiais dos leitores, mas aquelas relacionadas ao baixo grau de experiência de leitura em adultos alfabetizados.

8.2.2 Avaliação do material pelas lavadeiras e passadeiras

Após as modificações realizadas na versão 2.0, o novo layout gerou a versão da Revista B que foi impressa e utilizada no Passo 3 da investigação. Nesta fase, as usuárias, lavadeiras e passadeiras cadastradas no Passo 2, receberam-na em suas casas e tiveram 15 dias para leitura e estudo. A partir do 16º dia, iniciou-se a bateria de entrevistas e coleta de dados já apresentados no capítulo anterior.

As respondentes do Grupo de Controle, receberam a Revista A e as do Grupo de Intervenção, receberam a Revista B. De modo geral, para as duas revistas, os resultados pós-intervenção apresentaram melhoria.

Preferência de layout: Pettersson (2018b, p. 46) observa que a cor pode ser utilizada para atrair a atenção e aumentar o grau de percepção de uma mensagem visual. De acordo com os resultados obtidos, 100% das lavadeiras e passadeiras que participaram do GC e GI, disseram gostar das cores das revistas A e B, respectivamente e acharam que elas ajudavam a deixar as informações mais claras. Não houve discordância.

Do ponto de vista estatístico, não é possível afirmar que as características de idade, grau de escolaridade e tempo de experiência na profissão exerçam alguma influência sobre as preferências cromáticas das participantes.

Também não é possível afirmar, neste estudo em particular, que as cores das duas revistas tenham interferência nos resultados, porque cada uma das características (idade, escolaridade e tempo de experiência) está distribuída de acordo com a amostra. Ainda assim, acredita-se que o colorido da revista seja importante contribuição para o processo de aprendizagem, porque gera aumento de interesse porque apelam para nossos sentidos e emoções (Gatto et al., 2011, p. 72 apud Pettersson, 2018, p. 47).

Preferência imagética: Do total de lavadeiras e passadeiras, 88% (44) das participantes do grupo de controle e grupo de intervenção, que analisaram as palavras e imagens da revista concordaram que são **boas para se ver e para deixar a leitura mais interessante**. As mulheres na faixa etária entre 46 e 55 anos foram as únicas que apresentam maiores variações em relação à concordância e a Revista A, com 10 respostas e a Revista B, com 13. Estes resultados, quando analisados segundo a escolaridade das respondentes, não apresentaram significância estatística. Entretanto, das seis (6) que discordaram (12%), chama atenção que dentre elas está a única participante com nível superior completo. Outro fator que se sobressaiu nesta análise foi a relação existente entre o tempo de experiência das entrevistadas. Quanto menor o tempo de trabalho, maior o número de respostas concordando.

Ao analisarem apenas as imagens em separado, de todas as respondentes, apenas uma delas disse não concordar que são representativas de situações e ambientes do trabalho de lavar e passar roupas. Neste caso, a Revista B, obteve um nível melhor de concordância entre as mulheres da faixa etária de 46 a 55 anos. Das 24 que concordaram com o item, 15 (quase 63%) receberam a Revista B. Neste caso, convém lembrar que a Revista A, não disponibiliza cenários que remetam a narrativas visuais, apresentando poucas imagens para ilustrar apenas alguns detalhes do texto. Observou-se uma concentração de concordância entre as respondentes com ensino médio completo, 20 delas, quase 40%. Ao fazer um recorte na variável preferência imagética considerando a escolaridade das entrevistadas, somente uma delas, a que tinha menor tempo de experiência, ou seja, menos de um ano, discordou da questão tendo recebido a Revista A. Toda as outras concordaram.

Preferência de estilo narrativo: A Revista B, foi projetada para se diferenciar da Revista A no estilo narrativo, como estratégia para atrair a atenção do leitor e incentivá-lo a explorar os blocos de informação. Ao analisarem o estilo de história em quadrinhos da revista B, as lavadeiras e passadeiras das 27 que responderam, todas disseram gostar, independentemente da idade, escolaridade ou tempo de experiência.

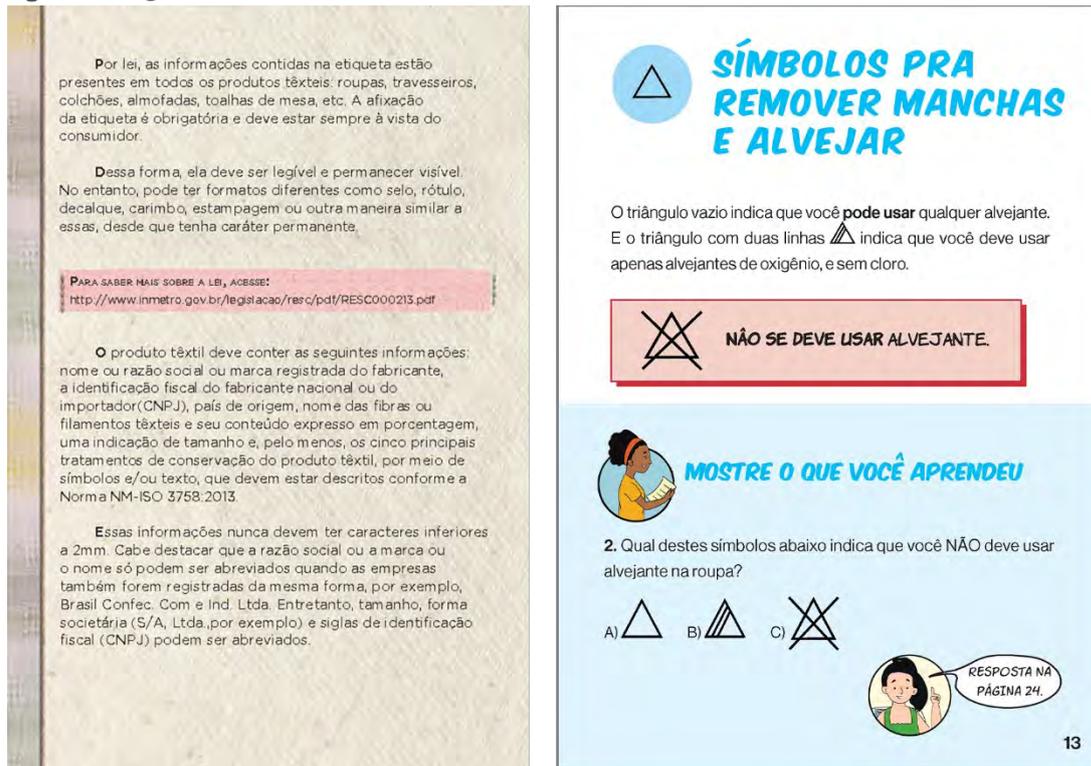
A variável **preferência tipográfica** serviu para avaliar a tipografia em três quesitos: facilidade de leitura, legibilidade dos caracteres e avaliação da mancha gráfica. Quanto à facilidade de leitura, a maioria das participantes do grupo de controle (GC) e grupo de intervenção (GI), analisou os textos como “muito fáceis de ler”. Destaca-se o fato de que, dentre as que concordaram, 15 delas estavam no grupo de intervenção, ou seja, receberam a Revista B e na faixa etária de 46 a 55 anos, representando 60% total da amostra (Tabela 31). Apenas uma participante do Grupo de Controle, que recebeu a Revista A, discordou desta facilidade de leitura. Ela estava entre 35 e 45 anos, com pouco tempo de estudo (ensino fundamental incompleto) e menos de 10 anos de experiência na profissão. Isto pode servir para mostrar que, de modo geral, as informações textuais das duas revistas foram lidas sem dificuldades.

As respostas dos grupos à questão: Achei que tem muito texto, não estimula a leitura e cansa, foram atribuídas à variável **preferência tipográfica – mancha gráfica**. Nota-se que aqui as proporções ficaram bem divididas, tanto em relação às revistas que as entrevistadas receberam quanto em relação à concordância. Dentre as que concordaram com a questão, a maioria (60%) recebeu a Revista B, enquanto o restante (10 entrevistadas) analisou a Revista A. A diferença pode sugerir que a Revista B apresenta muito texto e não estimula a leitura. Porém, como já dito no capítulo anterior, do ponto de vista estatístico, o próprio teste Qui-Quadrado demonstrou que as diferenças observadas não são significantes (Tabela 37).

Esta avaliação, quando confrontada com a da facilidade de leitura, quando as participantes disseram achar que a Revista B era a melhor, também no mesmo percentual de 60%, parece demonstrar que não há uma relação direta entre a quantidade de texto, o estímulo de leitura e se ela é cansativa ou não. Achados que podem ser contraditórios.

No processo de elaboração do projeto gráfico da Revista B, muita atenção foi dada para a tipografia, considerando a fonte, o corpo de texto, o espaçamento entre os caracteres e entre as linhas de modo que fosse o mais adequado possível para os leitores com baixa escolaridade (Rumjanek, 2008). Sempre comparando-a com a Revista A, que apresenta uma maior quantidade de texto por página e uma altura de linha apertada (**Figura 82**, à esquerda), optou-se por deixar o layout mais espaçado e confortável (**Figura 82**, à direita).

Figura 82: Página da Revista A e da Revista B



Nota: O tratamento tipográfico dos dois materiais pode ser percebido ao analisar a mancha gráfica. Na Revista A, o texto é mais denso e com maior quantidade de palavras. Na Revista B, buscou-se quebrar a informação em pequenas sentenças para facilitar a assimilação das informações.

Em algumas situações, o texto foi escrito em caixa alta na Revista B, em caixas destacadas (Figura 82, à direita e Figura 83, pergunta) e nos balões de fala (Figura 83). Sabendo que estudos apontam que adultos não apresentam dificuldades na identificação de letras em caixa baixa chegando a recomendá-las para o processo de alfabetização (Richaudeau, 2005, p. 34 apud Nascimento, 2011, p. 37) e outros apontam que é comum que a caixa alta seja bastante utilizada em materiais didáticos (Ferreiro, 2012 apud Tressler, 2014) esta investigação não se ocupou de aprofundar este debate, limitando-se a utilizar os dois esqueletos de fonte em situações distintas.

Para saber o que os leitores acharam desta intervenção, elaborou-se a seguinte questão: **Sobre as letras da revista**, cujas respostas deveriam ser pontuadas numa escala de Likert de 4 pontos com os valores atribuídos à variável preferência tipográfica – legibilidade. Para efeitos de análise, considerou-se aqui o aspecto da legibilidade como sendo a propriedade dos caracteres tipográficos se distinguirem uns dos outros através de sua forma, levando em conta a fonte utilizada, o corpo do texto, o comprimento da linha e o espaçamento entre as linhas do texto conjuntamente.

Figura 83: Recorte de página da Revista B apresentando trechos com textos em caixa alta



Nota. A área de destaque, logo abaixo de PERGUNTA, foi usada para escrever as perguntas da seção Perguntas e Respostas. Os balões de fala da personagem davam a resposta. (2020)

Assim sendo, percebe-se que todas as entrevistadas que responderam que as letras **não eram do tamanho certo para se ler** (não são tão pequenas e são pequenas) foram as que receberam a Revista A, apesar de poucas (apenas 3). Não há, portanto, significância estatística entre o grau de concordância e a revista analisada³⁸ conforme o teste Qui-Quadrado.

Considerando a **idade das respondentes**, dentre as que concordaram com a questão, a concentração maior foi na faixa etária de 46 a 55 anos, o que está de acordo com a distribuição da amostra, mas que mesmo assim, a diferença não foi estatisticamente significativa³⁹.

Quanto ao recorte por **escolaridade** dentre as que concordaram com a questão, a concentração maior foi no nível 3 (ensino médio completo), o que também está de acordo com a distribuição da amostra.

No recorte da **experiência** a distribuição também acompanha a amostra, uma vez que as menos experientes são maioria dentre as que concordam com a questão.

Satisfação com o material: Ao responderem ao item que perguntada se a **revista estava esteticamente atraente, estimulando a leitura e aprendizagem**, apenas uma entrevistada disse que não concordava. Ela havia recibo a Revista B, com o ensino médio completo e menos de um ano de experiência na profissão. Ao concordaram com a afirmação, todas as outras apontam que, a distribuição da faixa etária das que receberam a Revista B foi mais homogênea em todas. A Revista B agradou grupos com mais e menos escolaridade. Já a Revista A, com mais texto que imagens, agradou as mulheres com ensino fundamental e médio.

38 Ao nível de significância de 0,05. P-valor 0,0529.

39 Ao nível de significância de 0,05. P-valor 0,2832.

Se levar em conta os dados dos índices de alfabetização funcional citados pela OPNE (2020, sec. Indicadores) e pela PNAD (2019) isto pode ser, talvez, um indicador que aponta uma possível consequência da maior presença feminina na escola. Ainda que isto o tamanho desta amostra seja insuficiente do ponto de vista estatístico para tirar tais conclusões.

Para a Revista B, foram produzidos dois recursos extras com a intenção de aumentar a percepção do leitor para a importância do material. Na última página, adicionamos um espaço para que o leitor escrevesse seu nome, pois, conforme Doak et. al. (1996d, p. 48) em alguns estudos realizados em clínicas, observou-se que esta simples ação aumentou o número de pacientes que retornavam às consultas com seus livretos ou panfletos. Com o intuito de ajudar na memorização dos símbolos e suas funções, foi colocado um cartaz dobrado, em tamanho A3, que poderia ser facilmente destacado para pregar em outros locais para consulta rápida.

Das 27 respondentes que analisaram a revista B, 25 disseram que gostaram da ideia e usaram o espaço para escrever o nome na revista (**Figura 84**).

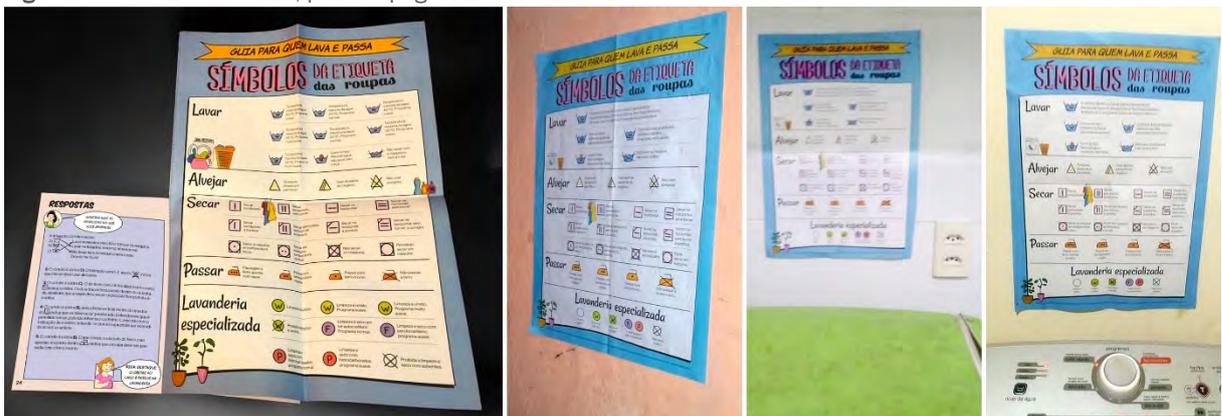
Sobre o uso do cartaz, três participantes disseram não ver nenhuma utilidade no cartaz e todas as outras afirmaram que iriam utilizá-lo para lembrar dos símbolos e algumas até mandaram fotos dele pregado na casa, próximo à máquina de lavar (**Figura 85**).

Figura 84: Exemplo de espaço reservado para escrita do nome da lavadeira na Revista B



Nota: À esquerda, foto enviada por uma participante (2020).

Figura 85: Cartaz destacável, preso à página 25 da revista B



Nota: Acima, alguns exemplos de uso enviados por participantes (2020).

A análise do nível de escolaridade das mulheres que participaram do GC e GI demonstra que a maioria delas (39, representando 78% da amostra) teve mais de 8 anos de estudo, ou seja, ensino fundamental completo ou mais. Somente 11 (22%) apresentaram ensino fundamental incompleto. Para se ter bons resultados com a apreensão das informações do material educativo impresso destinados a adultos com pouca experiência de leitura, alguns autores recomendam que a avaliação seja feita por um grupo representativo que tenha de seis a oito anos de estudo (Doak et al., 1996d; Jones et al., 2011). Entretanto, dependendo das limitações de acesso à informação das pessoas que irão constituir a amostra, ainda é possível considerar que o baixo nível de escolaridade pode ser um fator que irá interferir na baixa classificação do material educativo pelos participantes, principalmente no que diz respeito ao conteúdo e à linguagem (Sousa & Turrini, 2012)

O nível de escolaridade e a experiência das participantes não foi estatisticamente significativo para interferir nos resultados deste recorte e não se pode determinar se o tempo de estudo dos dois grupos estudados são fatores que interferem na apreensão das informações, mas os resultados, para os objetivos pretendidos, são satisfatórios.

8.3 EFEITOS DA INTERVENÇÃO SOBRE O CONHECIMENTO, ATITUDE E PRÁTICA

A avaliação dos possíveis impactos das revistas A e B sobre o conhecimento, atitude e prática (Inquérito CAP) das lavadeiras e passadeiras foi determinada por meio da aplicação do Teste Qui-Quadrado. Para cada questão respondida, foi atribuído um valor de 1 para adequado e 0 para inadequado, conforme critérios previamente estabelecidos e já descritos no capítulo anterior.

Os resultados após a intervenção, segundo as variáveis de **conhecimento, atitude e prática** sobre os símbolos das etiquetas apontam que os níveis de avaliação, em geral, melhoraram para as participantes dos dois grupos.

Chama atenção apenas uma piora marginal na prática dos participantes do Grupo de Intervenção, que receberam a Revista B, na qual o número de respostas consideradas adequadas para os critérios de prática foi reduzido de 24 no terceiro passo para 23. Entretanto, esta diferença não apresenta significância estatística.

Logo, pode-se concluir que a variável **prática** apresentou uma piora ainda que mínima no nível de avaliação das participantes do Grupo de Intervenção, que receberam e estudaram a Revista B. Já no caso das que participaram do Grupo de Controle e que receberam a Revista A, a melhoria foi maior.

Na linha de base, ou seja, antes da intervenção, foram 24 respostas adequadas contra 3 inadequadas para a Revista B. Após a intervenção, foram 4 inadequadas contra 23 adequadas. Ou seja, houve uma piora líquida de 1 lavadeira e passadeira.

No caso da Revista A, houve uma melhora líquida de 4 entrevistadas: o número de respostas adequadas aumentou de 15 para 19. Isso significa que houve uma melhoria na prática após a intervenção para a Revista A e uma piora marginal (1 entrevistada) na prática após a intervenção na Revista B. Entretanto, do ponto de vista estatístico, nenhum dos dois resultados é significativo ao nível de 5%.

SÍNTESE CONCLUSIVA

Sintetizando, após todas as questões acerca da clareza e relevância do material, pedia-se aos peritos para fazer uma **Recomendação do Material** para uso como ferramenta de autoaprendizagem. A redação do item orientava o respondente a considerar o contexto socioeconômico e cultural existentes na realidade das lavadeiras e passadeiras autônomas de Fortaleza, Ceará, também a análise que acabara de fazer do MEI intitulado Você Conhece os Símbolos da Etiqueta das Roupas: Guia Para Lavadeiras e Passadeiras. Para tanto, solicitava a escolha de um número numa escala de 0 a 10. Zero indicando não recomendação e 10 a recomendação sem ressalvas.

22 avaliadores recomendaram o guia, com notas 9 e 10, totalizando um CVI-T/Ave de 0,88 que, conforme são um bom índice para o material como um todo. Considerou-se, portanto, que o material, do ponto de vista dos peritos, feitas as devidas correções e ajustes, poderia ser um material adequado para a autoaprendizagem das lavadeiras e passadeiras.

Já as lavadeiras e passadeiras dos dois grupos de controle e intervenção, que receberam a Revista A e a Revista B, disseram estar satisfeitas. Entretanto, uma das que recebeu a Revista B, com menos de 1 ano de experiência na profissão, com ensino médio completo e na faixa etária entre 21 e 34 anos disse não ter gostado. A maioria das que aprovaram a Revista A (9) e a Revista B (15), tinham entre 46 e 55 anos.

Em se tratando do conhecimento, da atitude e da prática, pode se dizer que as duas revistas melhoram o **conhecimento**, e que no caso dos participantes do Grupo de Intervenção, que receberam a Revista B a melhoria foi bem maior (de (2)7,41% no Passo 1 para (18) 66,67% no Passo 3), que na Revista A (de (7) 30,43% no Passo 1 para (13) 56,52% no Passo 3).

Quanto à **atitude**, não havia muito o que melhorar: praticamente, todas as entrevistadas apresentaram respostas adequadas na primeira e na segunda fase, para o Grupo de Controle e para o Grupo de Intervenção.

No caso da **prática**, houve melhoria na Revista A (de (15) 65,22% no Passo 1 para (19) 82,61% no Passo 3) e houve uma piora marginal na Revista B (de (24) 88,89% no Passo 1 para (23) 85,19% no Passo 3). Mas sem relevância estatística.

Comparando com a versão do Passo anterior, o resultado do Grupo de Intervenção, que recebeu a Revista B, apenas em uma das três variáveis CAP se apresenta superior ao resultado do Grupo de Controle, que recebeu a Revista A. Este, aliás, também se sobressaiu como superior em uma variável CAP, a prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agência Brasil. (2020, Abril 4). Setor têxtil tenta se reinventar para enfrentar a pandemia do coronavírus - Pequenas Empresas Grandes Negócios | Notícias. Pequenas Empresas Grandes Negócios. <https://revistapegn.globo.com/Noticias/noticia/2020/04/setor-textil-tenta-se-reinventar-para-enfrentar-pandemia-do-coronavirus.html>
- Darras, B. (2004). Children's drawing and information design education. A semiotic and cognitive approach of visual literacy. In C. G. Spinillo & S. G. Coutinho (Eds.), *Select Readings of the Information Design International Conference 2003* (p. 196). Sociedade Brasileira de Design da Informação.
- Doak, C. C., Doak, L. G., & Root, J. H. (1996). Teaching Patients with Low Literacy Skills. In *American Journal of Nursing* (Issue Second). J.B. Lippincott Company. <https://doi.org/10.1097/00000446-199612000-00022>
- EY Parthenon, & Veja Insights. (2020, Setembro 29). Consumo e Pandemia: As mudanças de hábitos e padrões de comportamento provocados pelo coronavírus | VEJA. Revista Veja. <https://veja.abril.com.br/insights-list/insight-3/>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2019). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD Contínua.
- Jones, C. A., Mawani, S., King, K. M., Allu, S. O., Smith, M., Mohan, S., & Campbell, N. R. C. (2011). Tackling health literacy: Adaptation of public hypertension educational materials for an Indo-Asian population in Canada. *BMC Public Health*, 11. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-11-24>
- Karlsson, M. (2013, Novembro). Nosso maior consumo de roupas é uma ameaça ao meio ambiente. *Aftonbladet* | Schibsted. <https://www.aftonbladet.se/debatt/a/MgdaoB/var-okade-kladkonsumtion-ar-ett-hot-mot-miljon>
- Nascimento, L. A. do. (2011). O Design do livro didático de alfabetização: tipografia e legibilidade.
- Observatório do Plano Nacional de Educação - OPNE. (2020). OPNE - Indicadores - Meta - Alfabetização e alfabetismo funcional de jovens e adultos - Taxa de analfabetismo funcional. <https://www.observatoriodopne.org.br/indicadores/metas/9-alfabetizacao-educacao-jovens-adultos/indicadores/taxa-de-analfabetismo-funcional/>
- Oliveira, S. C. (2014). Efeito de uma Intervenção Educativa na Gravidez Para Alimentação Saudável Com os Alimentos Regionais.
- Oliveira, S. C. (2014a). Efeito De Uma Intervenção Educativa Na Gravidez Para Alimentação Saudável Com Os Alimentos Regionais. Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem.
- Pettersson, R. (2018). Information Design 6–Cognition. IIID.
- Pettersson, R. (2018a). Information Design–It Depends (Vol. 8, Issue 6a). IIID Public Library.
- Polit, D. F., & Beck, C. T. (2006). The Content Validity Index: Are You Sure You Know What's Being Reported? Critique and Recommendations. *Research in Nursing & Health*, 29, 489–497. <https://doi.org/10.1002/nur>
- Reberte, L. M. (2008). Celebrando a Vida: construção de uma cartilha para promoção da saúde da gestante. In Universidade de São Paulo. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7132/tde-05052009-112542/>

- Rumjanek, L. (2008). Tipografia para crianças : estudos de legibilidade. Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 1232–1244.
- Serpa, M. C. (2020, October 7). Pandemia mudou nossa maneira de consumir moda. Veja as tendências | CLAUDIA. Revista Claudia. <https://claudia.abril.com.br/moda/pandemia-moda-consumo-tendencias/>
- Sousa, C. S., Turrini, R. N. T. (2012). Validação de constructo de tecnologia educativa para pacientes mediante aplicação da técnica Delphi. ACTA Paulista de Enfermagem, 25(6), 990–996. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002012000600026>
- Tallrop, K. (2018). LÄNGE LEVE KLÄDERNA!
https://www.naturskyddsforeningen.se/sites/default/files/dokument-media/pm_lange_leve_kladerna.pdf
- Tressler, K. (2014). Design e Educação de Adultos: Uma investigação sobre tipografia e layout em livros didáticos. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.13140/RG.2.1.3928.5929>
- Tufte, E. R. (1999). Envisioning Information (7th ed.). Graphics Press.

PARTE 5
CONCLUSÃO



RESULTADOS ALCANÇADOS

Considerar os níveis de escolaridade foram essenciais para melhor compreensão de como planejar, executar e organizar na página, os textos e as ilustrações, bem como auxiliou na escolha do tipo de peça gráfica.

Mesmo que os públicos dos dois grupos testados sejam muito similares em alguns aspectos, em outros diferem de modo impactante, como na faixa etária, por exemplo. Portanto, escolheu-se trabalhar para o público com o maior grau de dificuldade de leitura.

Buscou-se criar um material que fosse um misto de conteúdo informativo com conteúdo ilustrado, pensando em não cansar o leitor, fazendo uso de algumas estratégias de reforço da autoestima, para impulsionar a autoeficácia, sempre que possível. Isto foi feito por meio de pequenos diálogos e até mesmo pela aproximação das características das personagens, com lavadeiras reais, conhecidas durante as entrevistas do estudo exploratório 3. Ao mesmo tempo, alguns peritos disseram para ter cuidado em evitar a “idiotização” do leitor. Assim, ao informar acerca da importância da etiqueta e dos símbolos básicos nela contidos, apresentou-se um texto objetivo, com poucas sílabas e com palavras conhecidas pelas participantes.

A revisão cuidadosa da Revista B, objetivou garantir que as informações contidas na publicação apesar de breves, fossem suficientes para transmitir a mensagem necessária e para não induzir ao erro.

Ainda assim, alguns resultados do inquérito CAP, apontam que a Revista B apresentou baixo grau de interferência na mudança de atitude.

Após a realização do experimento com os grupos de controle – GC e intervenção – GI, os resultados alcançados por esta tese são os seguintes:

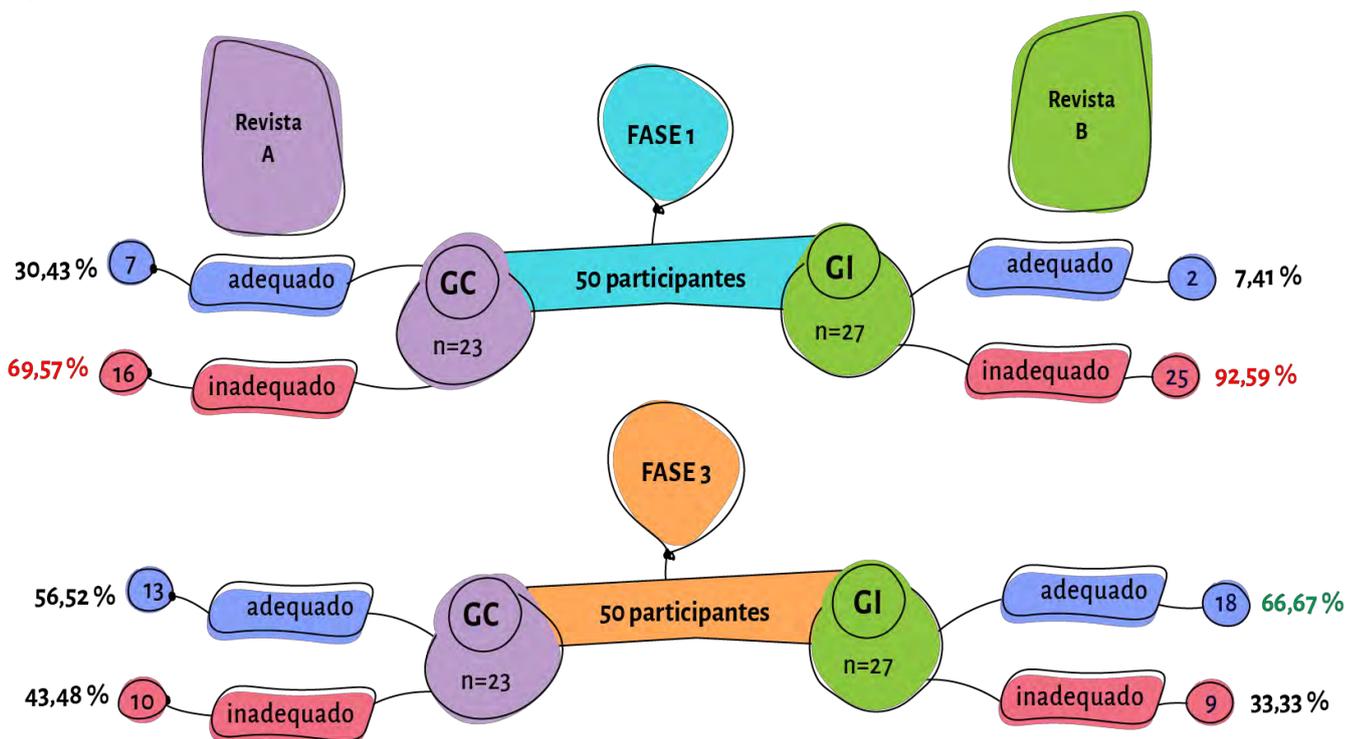
A Revista B, ao ser comparada com a Revista A, quanto aos princípios do inquérito CAP, as variáveis de conhecimento, atitude e prática sobre a função da etiqueta e dos símbolos de cuidados, apontam que os níveis de avaliação, em geral, melhoraram para as participantes dos dois grupos. Entretanto, convém apresentar algumas reflexões acerca dos resultados alcançados.

As duas revistas foram úteis para melhorar o **conhecimento** dos dois grupos participantes. O Grupo de Controle, que recebeu A Revista A, embora tenha apresentado melhorias quanto ao conhecimento (de (7) 30,43% na fase 1 para (13) 56,52% na fase 3), foi abaixo dos resultados obtidos pelo Grupo de Intervenção, que foi trabalhado com a Revista B. Para este, a melhoria foi bem maior (de (2)7,41% na fase 1 para (18) 66,67% na fase 3).

Pode-se concluir, portanto, que o uso de material educativo impresso se mostrou eficaz para melhorar o conhecimento das participantes da pesquisa. Independente das diferenças existentes entre ambos, o ganho de informação sobre o tema foi positivo.

Considerou-se adequado para pontuar na dimensão cognitiva, a do conhecimento, o que a respondente disse: para demonstrar que conhecia a etiqueta têxtil e compreendia a importância dela e dos símbolos de cuidados; quando reconheceu pelo menos os símbolos básicos de lavar, alvejar, secar e passar e quando afirmou que não cortava as etiquetas porque eram importantes.

Figura 86: Comparação dos resultados para a variável conhecimento



Nota: Resultados da comparação para os resultados da variável conhecimento entre a Revista A e a Revista B, pelo Grupo de Controle (GC) e Grupo de Intervenção (GI). Fonte: Dados da investigação (2020).

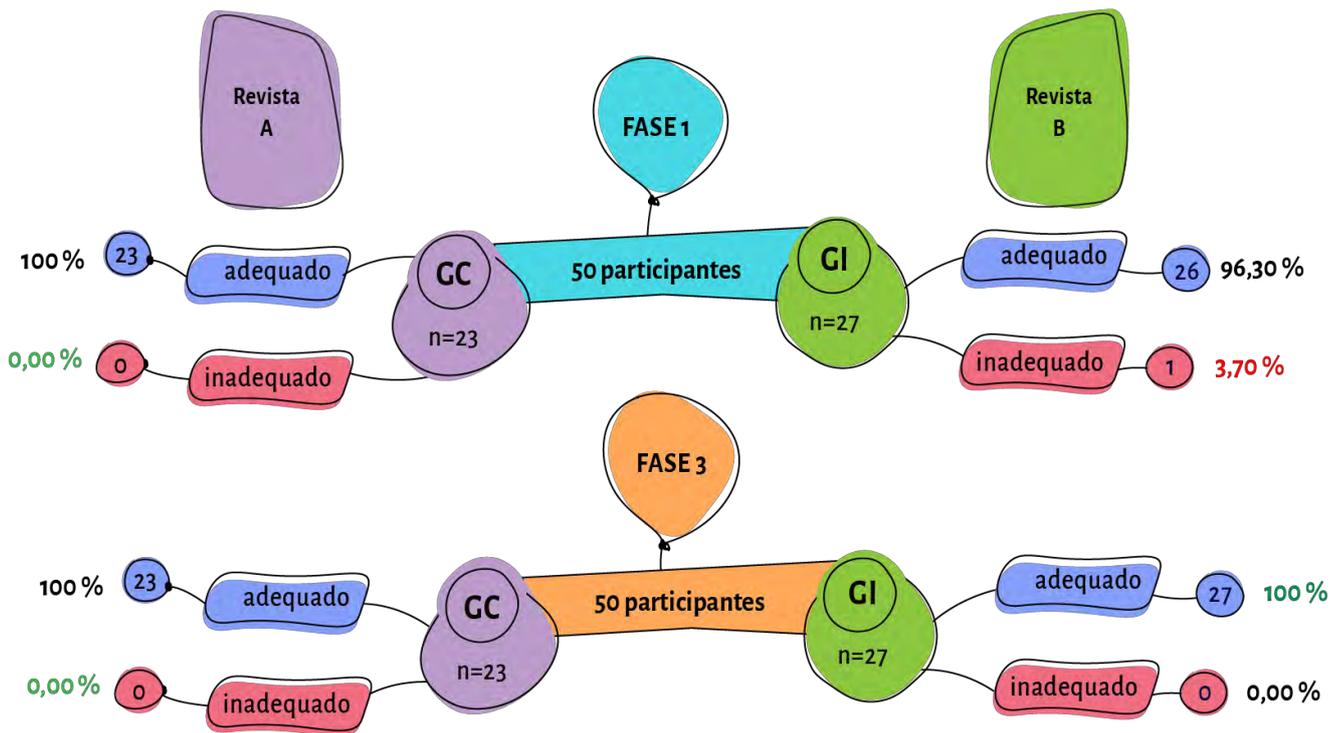
Quanto à **atitude**, que avalia a dimensão emocional, quase todas as entrevistadas apresentaram respostas adequadas na primeira e na segunda fase, para o Grupo de Controle e para o Grupo de Intervenção. Somente uma respondente do Grupo de Intervenção, durante a Fase 1, respondeu de modo inadequado. Entretanto, após a intervenção com a Revista B, houve uma melhora e seu resultado foi considerado adequado.

Isto pode ter ocorrido por várias razões, mas acredita-se na possibilidade de alguma falha na elaboração do instrumento.

No Inquérito CAP que indagava acerca da atitude, havia apenas dois itens estruturados. A natureza das questões realizadas pode ter induzido à resposta correta.

A primeira indagação era acerca da necessidade de saber o significado dos símbolos com apenas três alternativas (sim, não, talvez), levando a uma outra questão, apenas se a resposta anterior fosse SIM, com seis alternativas praticamente montadas para sugerir uma resposta positiva. Isto foi observado posteriormente, ao constatar que todas as respostas, nos dois grupos, foram adequadas.

Figura 87: Comparação dos resultados para a variável atitude



Nota: Resultados da comparação para os resultados da variável atitude entre a Revista A e a Revista B, pelo Grupo de Controle (GC) e Grupo de Intervenção (GI). Fonte: Dados da investigação (2020)

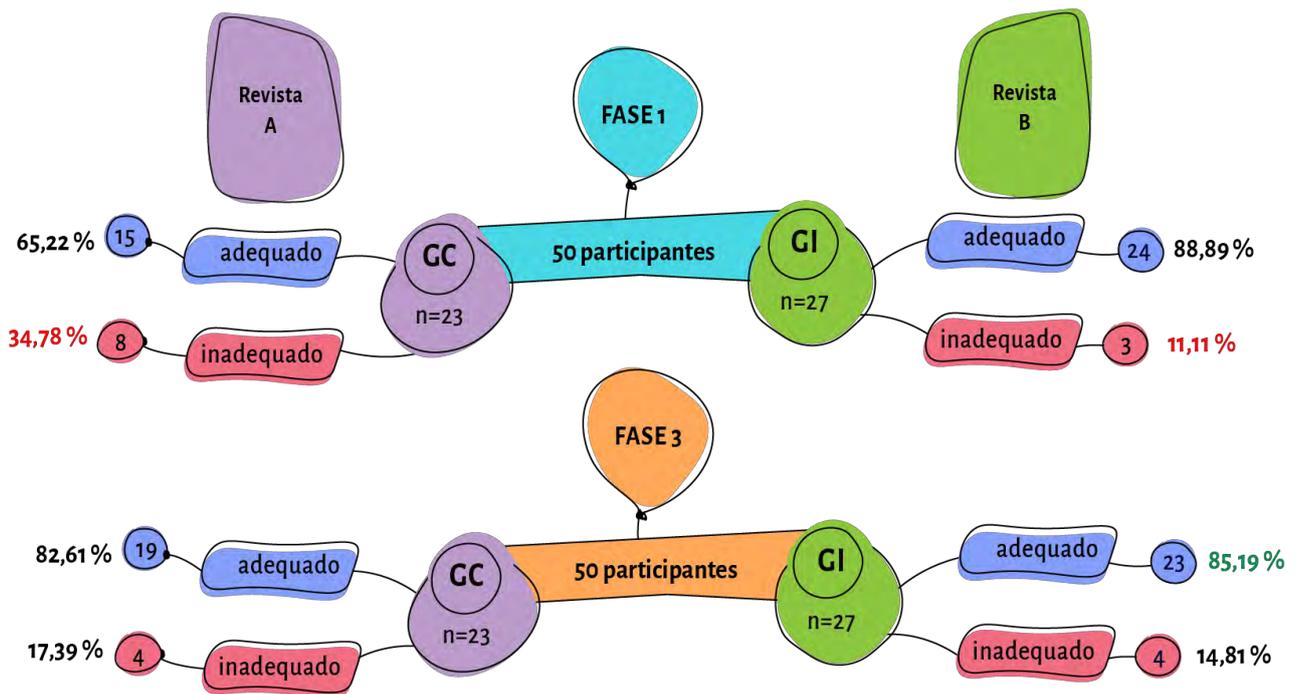
No caso da **prática**, houve melhoria na Revista A (de (15) 65,22% na fase 1 para (19) 82,61% na fase 3) e houve uma piora marginal na Revista B (de (24) 88,89% na fase 1 para (23) 85,19% na fase 3). Mas sem relevância estatística.

Uma possível explicação para estes resultados, pode estar na relação existente entre as variáveis sociodemográficas, que mostram a maioria das participantes do grupo de intervenção com 46 anos ou mais (17 de 27). Este mesmo indicador, quando cruzado com o tempo de experiência na profissão, também indica que pouco mais da metade delas possuía 6 ou mais anos de atuação no segmento.

Ao refletir sobre estes dados, convém trazer à luz as informações obtidas pelo Estudo Experimental 3, com as lavadeiras e passadeiras do IDT, que possuíam faixa etária similar. Elas afirmam que aprenderam a profissão em casa e que nunca mudaram o modo de executar a atividade, e que mesmo não conheciam a finalidade da etiqueta têxtil e muito menos entendiam os significados dos símbolos de cuidados.

Talvez possa se comparar as práticas estabelecidas entre estes dois grupos, considerando que, no tempo que aprenderam os trâmites da atividade e começaram a ser remuneradas por ela, o papel das etiquetas técnicas e a relevância dos símbolos ainda estivesse sendo implantado.

Figura 88: Comparação dos resultados para a variável prática



Nota: Resultados da comparação para os resultados da variável prática entre a Revista A e a Revista B, pelo Grupo de Controle (GC) e Grupo de Intervenção (GI). Fonte: Dados da investigação (2020)

Portanto, comparando com a versão da Fase 1, o resultado do Grupo de Intervenção, que recebeu a Revista B, apenas em uma das três variáveis CAP (o conhecimento), se apresenta superior ao resultado do Grupo de Controle, que recebeu a Revista A. Este, aliás, também se sobressaiu como superior em uma variável CAP, a prática.

Ainda que os resultados desta comparação não oferecem significância estatística, dada a pequena amostra, entretanto, servem para pontuar a necessidade de investimento em materiais educativos para os que trabalham com o cuidado e manutenção das roupas.

Assim, acredita-se que a hipótese desta investigação, de que o design instrucional poderia contribuir para o entendimento das instruções de cuidado e manutenção da roupa, por meio de instrumentos educativos que permitissem ao profissional autônomo de lavagem e passadoria um melhor reconhecimento dos símbolos gráficos presentes nas etiquetas do vestuário, no contexto brasileiro, foi verificada.

À semelhança com o que aconteceu com o *fast food* já há vários movimentos que contestam a *fast fashion* e advogam práticas mais sustentáveis, com melhores materiais, com produções éticas e com maior durabilidade e intemporalidade.

Acreditamos ainda que, uma consciência crescente nos jovens sobre estes assuntos levará a uma mudança de padrões e comportamentos, e fará com que a informação sobre o cuidado no tratamento das peças de roupa se torne ainda mais premente.

Logo, trabalhos como este, que abordem temas até pouco tempo quase invisíveis, contribuem para colocar em evidência a discussão sobre nossa responsabilidade de consumidores de roupas e como esta prática impacta em questões socioambientais.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Ao iniciar esta investigação, o objeto de estudo, a etiqueta têxtil de cuidados, era visto por esta investigadora como um artefato cheio de enigmas, quase desnecessário, obrigatoriamente fixado nas roupas, quase como um capricho da indústria da moda. Após estes cinco anos de envolvimento com o tema, com todas as entrevistas realizadas com profissionais da área, estudos preliminares, avaliação e contribuições de especialistas e testes com usuários, tecem-se as seguintes conclusões.

A etiqueta é sim, um enigma que precisa ser decifrado e ensinado. Seus pictogramas fazem sentido dentro do contexto da lavagem e passadoria em ambientes profissionais, mas precisam ser ensinados para que possam ser assimilados.

Portanto, como o objetivo geral desta investigação era avaliar as implicações de um material educativo acerca da compreensão e utilização das etiquetas do vestuário adulto no conhecimento, na atitude e na prática dos profissionais autônomos de lavagem e passadoria, pode-se afirmar que ele foi alcançado.

O método utilizado para selecionar as informações, desenvolver e testar o material educativo impresso intitulado *Você Conhece os Símbolos da Etiqueta Têxtil?*, foi avaliado pelo corpo de 25 peritos nas variadas áreas de design de moda, design de informação, design instrucional, educação de adultos, pedagogia e psicologia. A avaliação foi positiva e com várias recomendações de ajustes, que, após implementados, possibilitaram o experimento com dois grupos de usuários.

Logo, considera-se que os objetivos específicos da tese foram alcançados, pois:

- Ao entrevistar as lavadeiras e passadeiras do IDT, foi possível obter informações que permitiram compreender como ocorre a execução das tarefas envolvendo lavagem e passadoria pelos profissionais autônomos, em um grupo determinado na cidade de Fortaleza-Ceará-Brasil;
- Estas conversas registradas, juntamente com o apoio dos instrumentos de teste de compreensão e dos questionários para coleta de dados, facilitaram o entendimento de como estes profissionais lidam com as etiquetas têxteis de composição. Tal também foi o ganho de conhecimento acerca do grau de entendimento da simbologia de cuidados das roupas;
- Realizou-se experimento entre a Revista A, já existente e publicada pelo INMETRO e a Revista B, elaborada por esta investigação. O livreto, material educativo impresso, Revista B, especificamente destinado para atender as necessidades das lavadeiras e passadeiras com o perfil desta investigação, foi analisado e testado por 27 indivíduos, pertencentes ao Grupo de Intervenção – GC. A publicação foi concebida para auxiliar o

trabalhador por conta-própria na identificação, entendimento e aprendizado da função da etiqueta de composição e dos significados dos pictogramas de cuidados.

- Os dados obtidos, foram comparados com os resultados provenientes de um grupo distinto de 23 lavadeiras e passadeiras, o Grupo de Controle – GC que a Revista A.
- Tanto o GC quanto o GI foram submetidos à um inquérito que coletava respostas acerca da aparência, clareza, conhecimento, atitude e prática.

Acredita-se nesta tese, que a exemplo do que já ocorre na área da saúde, ao enfrentar problemas decorrentes do não entendimento das instruções para tratamentos e mesmo para prevenção de doenças, outras áreas podem se beneficiar da experiência educativa que já empreendem. E não há de ser um trabalho fácil e nem mesmo de resultados imediatos.

A área da saúde que, no Brasil e em outros lugares, conforme vimos nos exemplos citados no decorrer desta tese, parece ter detectado, com um certo nível de pioneirismo, a relação existente entre a experiência de leitura dos pacientes e o entendimento de instruções simples de cuidados médicos. Há anos esta área faz uso de diversos tipos de materiais educativos e instrucionais, gerando extensos estudos para avaliar o grau de entendimento das informações transmitidas, trabalhando em parceria com instituições de ensino e pesquisa. Ainda assim, não conseguiu de todo resolver o problema definitivamente, demonstrando uma solução totalmente eficaz para o não entendimento das instruções de cuidados médicos. Há, porém, uma vasta lista de experiências válidas, que o Design pode muito bem conhecer, analisar e aprender.

A contribuição que resulta deste esforço dos profissionais e pesquisadores oferece uma contribuição extensa em métodos para lidar com o problema, aumentando a frequência com que o tema tem sido debatido em conferências, simpósios e apresentações de trabalhos científicos, como constatado no estado da arte.

O design de informação e instrucional podem se valer desta experiência para selecionar, aplicar, aprimorar métodos já testados e para desenvolver e testar outros para contribuir com a prática do ensino de instruções. Tanto para a saúde como para outros setores que envolvem serviços e atividades públicas.

Alguns destes métodos apontam principalmente para a necessidade de simplificar as instruções e adequar o layout para os adultos com baixo grau de letramento, indicando que, para as pessoas analfabetas, o ideal é transmitir as informações por outros meios que não sejam impressos, como vídeos e jogos de computador.

Portanto, esta tese oferece uma contribuição significativa ao design, ao fazer uso do Inquérito CAP, para avaliar uma solução proposta para auxiliar no entendimento de instruções. Tal instrumento, ao que se averiguou, é mais comum na área da saúde e se mostrou eficaz para avaliar produtos informacionais elaborados pelo design.

Ao realizar os testes de forma remota, fazendo a captação de respondentes em redes sociais, dadas as devidas ressalvas ao contexto de isolamento social, também espera ter se oferecido uma contribuição para apresentar novas

possibilidades para localização de sujeitos, segmentados e filtrados pelas necessidades da investigação.

Espera-se ainda que, ao abordar problemas relacionados aos profissionais que lavam ou passam roupas para terceiros, autônomos ou não de um setor geralmente marginalizado, o dos trabalhadores domésticos, ofereça-se uma modesta contribuição para que suas necessidades entrem na pauta de possíveis futuros estudos acadêmicos.

LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Esta investigação foi impactada por várias limitações. A pandemia da COVID-19, quando chegou ao Brasil, em meados de março de 2020 foi a que trouxe mais consequências. Por conta dela, a metodologia teve que ser ajustada e o estudo teve que ser conduzido remotamente, já que o Instituto de Desenvolvimento do Trabalho, local onde as entrevistas estavam sendo conduzidas com as lavadeiras e passadeiras autônomas fechou as portas por vários meses e os contatos com quase todas as participantes foram perdidos.

Por conta deste rearranjo, o estudo foi feito com um grupo pequeno de pessoas, selecionadas por meio de anúncio digital, e com pagamento de gratificação, como artifício para atrair o interesse das pessoas. Reunir os recursos para tal iniciativa, foi uma limitação para o número de participantes, já que isto implicava no valor total a ser pago.

Por ter sido remoto, o estudo acabou não tendo a oportunidade de presenciar o momento da experiência do usuário no manuseio das revistas A e B, como ocorreu com algumas participantes do teste piloto. Do ponto de vista do design de informação, observar o usuário interagir com o material impresso e fazer perguntas sobre o uso, poderia trazer um melhor entendimento das dificuldades que ele enfrentava, descobrir novos problemas pela observação de uso e ter outros *insights* valiosos que chegam a afetar a proposta de solução. É um momento rico e valioso para o designer e lamentamos muito que a situação de isolamento social vivida durante a execução do estudo tenha nos obrigado a criar outras estratégias para interagir com o usuário, mas sem tanta riqueza de detalhes.

Outro ponto negativo que pode ter interferido nos resultados foi o a falta de controle da equipe de investigação, durante a fase 3, crucial para a obtenção dos dados. Aqui, observou-se uma certa confusão em algumas das participantes na hora de determinar qual era de fato a revista que haviam recebido. Em algumas situações, ao se analisar as respostas obtidas, chegou-se a duvidar se a resposta às questões havia sido dada pela mesma pessoa que fora entrevistada e fotografada segundos antes.

Também é importante ressaltar que o estudo só obteve a participação de mulheres. Durante o levantamento de dados com o IDT, ficou claro que não havia nenhum homem junto ao instituto exercendo esta atividade remunerada, embora isto seja uma realidade para outras atividades domésticas como faxina. Esta limitação se confirmou quando apenas elas responderam ao anúncio publicado na rede social.

Como este estudo não foi patrocinado, mesmo com pedidos feitos ao CIAUD, que foram negados, não houve recursos financeiros para gratificação e impressão de mais exemplares das duas revistas. Tais insumos poderiam ter viabilizado a execução de um experimento cruzado com os dois grupos. Esta limitação, caso pudesse ter sido superada, teria permitido verificar a preferência dos leitores e dos peritos acerca das revistas A e B.

FUTURAS INVESTIGAÇÕES

Após o percurso realizado por meio desta investigação, apresentados os resultados e as limitações encontradas, seguem algumas sugestões para aprofundamento por outros investigadores que queiram se debruçar sobre o tema.

- Por conta da natureza do teste, realizado remotamente, acredita-se que em situações normais, a realização de testes em contato com o público-alvo, analisando a fluência de leitura, entendimento e tempo gasto em cada página, conforme sugerido por um dos peritos (P11, 2020) certamente poderia trazer resultados reveladores.
- Educação na escola: analisar o impacto em um sistema educacional infantil, de um método de compreensão dos símbolos do sistema de códigos visuais gráficos utilizados para informar acerca dos cuidados e manutenção de roupas, talvez pudessem trazer resultados mais duradouros e eficazes.
- Educar o consumidor por meio dos produtos ainda parece ser uma alternativa viável para o cenário atual. Como citado aqui na tese, algumas iniciativas isoladas realizadas pelos fabricantes de roupas tiveram boa aceitação pelo público, mas foram descontinuadas, impossibilitando analisar seus resultados a curto e médio prazo. Uma possível investigação neste sentido, poderia analisar os impactos de um sistema de rotulagem que incorporasse os símbolos de cuidados básicos. Algo que, embora pareça até óbvio, não foi identificado nem no levantamento realizado no Brasil.

As HQs tem sido consideradas como poderosos instrumentos de letramento. Embora o material educativo criado nesta investigação tenha feito uso de alguns de seus recursos, não houve espaço para aprofundamento do potencial, principalmente em manuais de instrução e uso.

Sabendo que as normas e leis para padronizar o sistema de cuidados revisam os símbolos a cada cinco anos, seria de grande valia, que um estudo científico neste segmento desenvolvesse um sistema mais simples, mais óbvios para todos, apresentando menos símbolos para facilitar a memorização.

A sustentabilidade e o consumo afetados pelo barateamento das peças estimulam os consumidores a não se preocuparem com o cuidado das roupas diárias. Como a tese apresentou de modo superficial, este tema está diretamente relacionado ao consumo e sustentabilidade da cadeia têxtil, pois a falta de cuidados das roupas propicia o descarte mais rápido de produtos que foram feitos para durar. Convém que um estudo possa analisar os impactos deste

descarte, relacionando-os com a questão da simbologia de cuidados e as consequências para o meio ambiente.

Espera-se que, o material educativo produzido neste estudo sirva para demonstrar a relevância e as possibilidades benéficas que o design gráfico ou design instrucional podem oferecer para empoderar trabalhadores autônomos a partir da utilização de novas ferramentas de aprendizagem.

Encerra-se com um desejo. Que se pautem a promoção e o desenvolvimento de futuros instrumentos para educar, estimular a autoeficácia e a inclusão de trabalhadores por conta-própria em ações sociais por empresas do setor têxtil e/ou governos. Que o design possa contribuir para melhorar a compreensão de símbolos destinados ao uso de pessoas com baixa escolaridade, com iniciativas de educação e inclusão social de trabalhadores marginalizados dos sistemas oficiais.

BIBLIOGRAFIA

- AARTGRAF. (2018). *etiquetas_bordadas_-_tipos_de_acabamento_4.jpg* (800×1027).
https://www.aartgraf.com.br/media/catalog/product/e/t/etiquetas_bordadas_-_tipos_de_acabamento_4.jpg
- AEG, Not Just a Label, Electrolux, & Fashion Revolution. (2018). *The Care Label Project*.
- Affero Labs. (2016). *Andragogia: aprendizagem efetiva para o desenvolvimento de adultos* (p. 28). www.colecao.labssj.com.br
- AGÊNCIA BRASIL. (2020, April 4). *Setor têxtil tenta se reinventar para enfrentar a pandemia do coronavírus - Pequenas Empresas Grandes Negócios | Notícias*. Pequenas Empresas Grandes Negócios.
<https://revistapegn.globo.com/Noticias/noticia/2020/04/setor-textil-tenta-se-reinventar-para-enfrentar-pandemia-do-coronavirus.html>
- Albuquerque, E. B. C. de. (2007). Conceituando alfabetização e letramento. In C. F. Santos & M. Mendonça (Eds.), *Alfabetização e letramento: conceitos e relações* (pp. 11–21). Autêntica, MEC, UFPE/CEEL.
<http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/22.pdf>
- Alexandre, N. M. C., & Coluci, M. Z. O. (2011). Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. *Ciencia e Saude Coletiva*, 16(7), 3061–3068. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000800006>
- Alquete, T. A., Oliveira, R. R. S., Campello, S. B., Federal, U., Resumo, U., Digitais, A., Eletr, A., Digitais, A., Instrucional, D., & Digitais, A. (n.d.). *Design da Informação e Instrucional para Educação : contribuições no desenvolvimento de Artefatos Digitais de Aprendizagem Information and Instructional Design for Education : contributions toward the development of Digital Learning Artifacts*.
- Ambrose, G., & Harris, P. (2010). *Basics Design 08: Design Thinking and the art or practice of using your mind to consider design* (Vol. 8). AVA Publishing SA.
- Andrade, A. C. O. (2013). *O PAPEL DAS ETIQUETAS/TAGS NA COMUNICAÇÃO DAS MARCAS: Um estudo sobre marcas vendidas nas lojas Renner, Riachuelo e C&A*.
- Andressa, S. (2019). Elementos Visuais e Simbólicos das Etiquetas Têxteis : A Interação do Usuário. *Blucher Design Proceedings*, 5127–5138.
https://doi.org/10.5151/ped2018-7.1_ACO_15
- ANIVÉC - Associação Nacional das Indústrias de Vestuário e Confecção. (2017). *JAPÃO – NOVA NORMA PARA A ETIQUETAGEM DE CONSERVAÇÃO DE TÊXTEIS | ANIVÉC*. https://www.anivec.com/single-post/2017/01/12/JAPÃO---NOVA-NORMA-PARA-A-ETIQUETAGEM-DE-CONSERVAÇÃO-DE-TÊXTEIS?q=associados_page
- Arnheim, R. (1980). *Arte e Percepção Visual. Uma Psicologia da Visão Criadora* (1ª). Cengage.

- Associação Brasileira de Franchising - ABF. (2018). *Franquias de lavanderia para investir e aproveitar mercado de R\$ 6 bi.* 14/05/2018.
<https://www.portaldofranchising.com.br/franquias/franquias-de-lavanderia/>
- Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT, & Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE. (2012). Normalização: Caminho da qualidade na confecção. In *ABNT/SEBRAE* (p. 66). Associação Brasileira de Normas Técnicas. <http://portalmpe.abnt.org.br/bibliotecadearquivos/>
- Associação Nacional das Empresas de Lavanderia - ANEL. (2018). *Tipos de Lavanderias.* <http://anel.com.br/legislacao-do-setor/>
- Avgerinou, M. D., Griffin, R. E., Giesen, J., Search, P., Spinillo, C. G., Chandler, S. B., & Terzic, M. (2008). *Visual Literacy Beyond Frontiers Information, Culture and Diversity: Selected Readings of the International Visual Literacy Association - IVLA* (R. E. Griffin & C. G. Spinillo, Eds.). The International Visual Literacy Association.
- Bailey, R. (2019). Applying design principles to instructional materials. In *Applied Human Factors in Medical Device Design*. Elsevier Inc.
<https://doi.org/10.1016/B978-0-12-816163-0.00009-8>
- Bandura, A., & Adams, N. E. (1977). Analysis of Self-Efficacy Theory of Behavioral Change'. In *Cognitive Therapy and Research* (Vol. 1, Issue 4).
- Bardin, L. (2011). *Análise do Conteúdo*. Edições 70.
- Beck, C. (2015). *Malcolm Knowles, o pai da Andragogia*. Andragogia Brasil.
<https://andragogiabrasil.com.br/malcolm-knowles/>
- Bertin, J. (1967). Sémiologie graphique - Les diagrammes, les réseaux, les cartes. In *Les réimpressions des*. Les Ré-impression.
- Black, A., Luna, P., Lund, O., & Walker, S. (2017). Information Design - Research and practice. In A. Black, P. Luna, O. Lund, & S. Walker (Eds.), *Centre for Information Design Research, University of Reading* (Vol. 1, Issue 1). Routledge - Taylor & Francis Group.
<https://doi.org/10.1080/20557132.2017.1385262>
- Blamires, M. (1999). Universal design for learning: Re-establishing differentiation as part of the inclusion agenda? *Support for Learning*, 14(4), 158–163.
<https://doi.org/10.1111/1467-9604.00123>
- Borges, L. de O., & Pinheiro, J. Q. (2002). Estratégias de coleta de dados com trabalhadores de baixa escolaridade. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 7(spe), 53–63. <https://doi.org/10.1590/s1413-294x2002000300007>
- Bottino, A. G., & Correab, J. (2013). A compreensão leitora de jovens e adultos tardiamente escolarizados. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(2), 405–413.
<https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000200021>
- Brasil. (2011). Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Brasileira. In *Série G. Estatística e Informação em Saúde*.

- Brasil. (2016). Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Brasileira. *Secretaria de Vigilância Em Saúde - Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis*, 118. <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2016/pesquisa-de-conhecimentos-atitudes-e-praticas-na-populacao-brasileira-pcap-2013>
- Brugger, C. (2006). Comprehensibility Judgment Test. *CJT_Report, In-Safety*, 53. https://iudre.files.wordpress.com/2015/02/cjt_report.pdf
- Burdek, B. E. (2005). *Design: History, theory and practice of product design*.
- BUREAU VERITAS INDIA. (2015). (15B-015) *Japan: Adopts New Care Labeling Symbols under the Household Goods Quality Labeling Law*. <https://www.bureauveritas.co.in/home/about-us/our-business/consumer-products/whats-new/bulletins/cps-bulletin-15b-015>
- Busarello, R. I., Ubricht, V. R., & Fadel, L. M. (2015). *Diretrizes da construção de histórias em quadrinhos hiperídia para aprendizagem do aluno surdo*. 2, 271–280. https://doi.org/10.5151/designpro-cidi2015-cidi_95
- Cagnin, A. L. (1975). *Os quadrinhos*. Ática.
- CAHN, L. (2018). *Dry Clean Only Meaning: When You Can Ignore the Dry Clean Only Label* | *Reader's Digest*. Reader's Digest. <https://www.rd.com/advice/saving-money/dry-clean-only-meaning/>
- Cardoso, -Rafael. (2000). *Um introdução à história do design*. Edgar Blucher.
- Carmela Pereira. (1992). *Manual da empregada doméstica*. Edições Loiola.
- Carvalho, K. S. de. (2020). Alfabetização e letramento: de como se aprende a como se ensina. *Revista Da ABRALIN*, 19(2), 1–5. <https://doi.org/10.25189/RABRALIN.V19I2.1664>
- Castro, L. P. S. de, & Perassi, R. (2018). *Estruturação de Projetos Gráficos: A tipografia como base do planejamento* (Issue 1^a). Appris.
- Coats. (2014). *Care Labels Bulletin Post*. WWW.coatsindustrial.com
- Costa Oliveira, C., Paulo, J. C. & Antunes, M. C. (1999). *Educação de Adultos & Intervenção Comunitária*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho. (1999).
- Daltro, E. (2019, September 17). *Lavadeiras mantêm tradição que as águas do tempo não conseguem apagar*. Agência A TARDE. <https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2092968-lavadeiras-mantem-tradicao-que-as-aguas-do-tempo-nao-conseguem-apagar>
- Darras, B. (2004). Children's drawing and information design education. A semiotic and cognitive approach of visual literacy. In C. G. Spinillo & S. G. Coutinho (Eds.), *Select Readings of the Information Design International Conference 2003* (p. 196). Sociedade Brasileira de Design da Informação.
- Devon, H. A., Block, M. E., Moyle-Wright, P., Ernst, D. M., Hayden, S. J., Lazzara, D. J., Savoy, S. M., & Kostas-Polston, E. (2007). A psychometric toolbox for testing validity and reliability. *Journal of Nursing Scholarship*, 39(2), 155–164. <https://doi.org/10.1111/j.1547-5069.2007.00161.x>

- Diário do Nordeste. (2020). *Grande Fortaleza é a 5ª do País de maior desigualdade de renda*. Negócios - Diário Do Nordeste. <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/grande-fortaleza-e-a-5-do-pais-de-maior-desigualdade-de-renda-1.3003175>
- DIEESE. (2017). *Pesquisa de emprego e desemprego: mulheres e mercado de trabalho na região metropolitana de Fortaleza - 2016*. 2015(158 mil), 1–15.
- Doak, C. C., Doak, L. G., Friedell, G. H., & Meade, C. D. (1998). Improving comprehension for cancer patients with low literacy skills: strategies for clinicians. *CA: A Cancer Journal for Clinicians*, 48(3), 151–162. <https://doi.org/10.3322/canjclin.48.3.151>
- Doak, C. C., Doak, L. G., & Root, J. H. (1996a). SAM: Suitability assessment of materials for evaluation of health-related information for adults. *Teaching Patients with Low Literacy Skills*, 1–2.
- Doak, C. C., Doak, L. G., & Root, J. H. (1996b). Suitability assessment of materials (SAM): Scoring sheet. *Teaching Patients with Low Literacy Skills*, 49–59.
- Doak, C. C., Doak, L. G., & Root, J. H. (1996c). Teaching Patients with Low Literacy Skills. In *American Journal of Nursing* (2ª, Issue 2ª). J.B. Lippincott Company. <https://doi.org/10.1097/00000446-199612000-00022>
- Doak, C. C., Doak, L. G., & Root, J. H. (1996d). Teaching Patients with Low Literacy Skills. In *American Journal of Nursing* (Issue Second). J.B. Lippincott Company. <https://doi.org/10.1097/00000446-199612000-00022>
- Doak, C., Doak, L., & Root, J. (1996). Teaching Patients with Low Literacy Skills Tips on teaching. In *Teaching Patients with Low Literacy Skills* (pp. 151–166).
- Donis A. Dondis. (1997). *Sintaxe da Linguagem Visual* (2nd ed.). Martins Fontes.
- Duarte, M., Sena, C., & Sena, M. D. C. (2009). *Etiqueta Têxtil como Contributo para a Interpretação da Cor pelos Deficientes Visuais*. 125. https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1259/1/DISSERTACAO_final_2.pdf
- Eisner, W. (1969). *The M16A1 Rifle-Operation and Preventive Maintenance* (p. 16).
- Eisner, W. (2000a). *Comics and Sequential Art* (Issue 19ª). Poorhouse Press.
- Eisner, W. (2000b). *Comics and Sequential Art* (19ª, Issue 19ª). Poorhouse Press.
- Etiquetas Brasil. (2018). *Guia de Etiquetagem para Etiquetas de Confecção*. www.etiquetasbrasil.com.br www.facebook.com/etiquetasbrasil www.youtube.com/etiquetasbrasil
- Ferragini, N. L. de O., & Perfeito, A. Maria. (2010). Manuais das Etiquetas: Servem para instruir... servem para ensinar. *IX Encontro Do CELSUL*, 1–20.
- Ferreira Gomes -Governador, C., Diogo -Secretário, E., & Ataliba D Barreto -Diretor Geral, F. F. (2012). *IPECE | INFORME 43: Perfil Municipal de Fortaleza. Tema VIII: O Mapa da Extrema Pobreza 2 GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ SECRETARIO DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)*. www.ipece.ce.gov.br

- Figlie, N. B. (2014). A Entrevista Motivacional: conversas sobre mudança. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 34(87), 472–489.
- Filatro, A. (2008). Design instrucional sob uma perspectiva andragógica. *I WebCurrículo*, January 2009, 1–11.
<https://doi.org/10.13140/RG.2.2.32923.46881>
- Filatro, A. C., & Piconez, S. C. B. (2008). *Contribuições do Learning Design Para o Design Instrucional*. October, 1–10.
<http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/511200841151PM.pdf>
- Formiga, E. de L. (2011). *Símbolos Gráficos-Métodos de avaliação de compreensão*. Edgar Blucher.
- Formiga, E. de L. (2012). *Avaliação e comparação de métodos para testar compreensibilidade de ilustrações de folhetos de instruções*.
- Forty, A. (2007). *Objetos de Desejo: design e sociedade desde 1750*. Cosac Naify.
- Franco, E. (2001). *HQtrônicas: do suporte papel a rede Internet*.
<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284201>
- Franco, E. S., & Franco, E. S. (2001). *Edgar Silveira Franco*.
- Franco, M. R. P. (2009). *Avaliação do conhecimento do consumidor sobre as informações obrigatórias das etiquetas dos produtos têxteis*.
<http://repositorios.inmetro.gov.br/handle/10926/1256>
- Frascara, J., & Ruecker, S. (2007). *Jorge Frascara and Stan Ruecker Medical communications and information design*. 15(1), 44–63.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido (17ª)*. Paz e Terra.
- Freire, P. (2002). *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa (25ª)*. Paz e Terra.
- Freitas, R. F. de. (2019). Orientações em Design para Desenvolvimento de Materiais Educativos Impressos em Saúde. *Journal of Chemical Information and Modeling*, 53(9), 1689–1699.
- Freitas, R. F. de, Waechter, H. da N., Coutinho, S. G., & Gubert, F. do A. (2020). Validação de aspectos semânticos em diretrizes para elaboração de Materiais Educativos Impressos para Promoção da Saúde: contribuição do Design da Informação. *InfoDesign - Revista Brasileira de Design Da Informação*, 152–169.
- Freitas, R. F. de, Waechter, H. D. N., & Coutinho, S. G. (2014). Prevenção às DST/Aids: design da informação para promoção da saúde. *InfoDesign - Revista Brasileira de Design Da Informação*, 11(1), 64–85.
<https://doi.org/10.51358/id.v11i1.242>
- Freyre, G. (2012). *Modos de Homem e Modas de Mulher (Issue 1ª Edição Digital)*. Editora Global.
- Galdino, Y. L. S. (2014). *Construção E Validação De Cartilha Educativa Para O Autocuidado Com Os Pés De Pessoas Com Diabetes. Dissertação, 1*.
<https://doi.org/10.1017/CB09781107415324.004>

- Ghirotti, J. C. (2017). *Frank Miller e os quadrinhos: pelo que vale a pena morrer*.
- Gil, A. C. (2002). Como elaborar projetos de pesquisa. In *Como Elaborar Projetos de Pesquisa* (4ª). Atlas.
- GINETEX. (2016a). *TEXTILE CARE SYMBOLS*. Ginetex Switzerland.
https://www.ginetex.net/userfiles/files/Textile_care_symbols_en.pdf
- GINETEX. (2016b). *THE INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR TEXTILE CARE LABELLING TEXTILE CARE SYMBOLS*. GINETEX. www.ginetex.net
- Giordani, A. T. (2020). *Editora UENP Normas Editoriais Orientações aos autores* (p. 18). Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP.
- Goldim, J. R. (2003). *Índices de Legibilidade de Flesch-Kincaid e de Facilidade de Leitura de Flesch*. Núcleo Interinstitucional de Bioética.
<https://www.ufrgs.br/bioetica/ilfk.htm>
- Goldsmith, E. (1980). *Comprehensibility of illustration – an analytical model*. 3, 204–213. <https://doi.org/10.1075/ijl.1.3.08gol>
- Grant, J. S., & Davis, L. L. (1997). Selection and use of content experts for instrument development. *Research in Nursing & Health*, 20(3), 269–274.
[https://doi.org/10.1002/\(sici\)1098-240x\(199706\)20:3<269::aid-nur9>3.3.co;2-3](https://doi.org/10.1002/(sici)1098-240x(199706)20:3<269::aid-nur9>3.3.co;2-3)
- Gravani, M. N. (2012). Adult learning principles in designing learning activities for teacher development. *International Journal of Lifelong Education*, 31(4), 419–432. <https://doi.org/10.1080/02601370.2012.663804>
- Guimarães, E. (2001). História em Quadrinhos como Instrumento Educacional. *XXIV Congresso Brasileiro Da Comunicação*, 7, 17.
- HACO BRASIL. (2018). *Identificação de Moda*.
<http://www.haco.com.br/pt/identificacao-moda>
- Hirata, H. (2001). Globalização e divisão sexual do trabalho. *Cadernos Pagu*, 139–156.
https://documentcloud.adobe.com/gsuiteintegration/index.html?state=%7B%22ids%22%3A%5B%220B3tOeASBKuHRU1RJYINLUEU1MXdsd1ZHR1JYMjhhZmpDUG1r%22%5D%2C%22action%22%3A%22open%22%2C%22userId%22%3A%22102045195870113561364%22%2C%22resourceKeys%22%3A%7B%220B3tOeASBKuHRU1RJYINLUEU1MXdsd1ZHR1JYMjhhZmpDUG1r%22%3A%220-CGOExdRGvs1BA_XnwgrgCw%22%7D%7D
- Hoffmann, T., & Worrall, L. (2004). Designing effective written health education materials: Considerations for health professionals. *Disability and Rehabilitation*, 26(19), 1166–1173.
<https://doi.org/10.1080/09638280410001724816>
- Horn, R. E. (1998). *Visual Language: Global communication for the 21st century*. Marco, Inc.
- HORN, R. E. (1999). Information Design: Emergence of a New Profession. In *Information Design* (pp. 15–33). MIT Press.
- IBGE. (2018). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Divulgação Especial Mulheres no Mercado de Trabalho*. 15.

- IBGE. (2019). *Características adicionais do mercado de trabalho: 2018*. 30. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101694>
- IBGE. (2020). Pesquisa de orçamentos familiares : 2017-2018 : perfil das despesas no Brasil : indicadores selecionados. In *Ibge* (Vol. 46). <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101761.pdf>
- IDT - Instituto de Desenvolvimento do Trabalho. (2020, March 17). *IDT/SINE atenderá somente agendamentos até o dia 31 de março*. http://www.idt.org.br/noticia/idt_sine-atendera-somente-agendamentos-ate-o-dia-31-de-marco_n_1562
- IDT- Instituto de Desenvolvimento do Trabalho. (2021, July 23). *O IDT SINE dispõe hoje de 1235 oportunidades de emprego nas suas Unidades de Atendimento*. <http://www.idt.org.br/vagas-disponiveis>
- IDT/DIEESE. (2017). Relações ilegais e informais de trabalho ainda predominam nos serviços domésticos da rmf. *PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego*, 1-12.
- Iida, I. (2005). *Ergonomia: Projeto e Produção* (Issue 2ª). Edgar Blucher.
- IIID - Instituto Internacional de Design da Informação. (n.d.). *ID definition*. Retrieved July 28, 2021, from <https://www.iiid.net/>
- IIID, I. I. for I. D. (2014). *Transforming Information: IIID VisionPlus Conference*.
- INAF-Indicador de Alfabetismo Funcional. (2019, December 10). *Alfabetismo no Brasil*. INAF. <https://alfabetismofuncional.org.br/alfabetismo-no-brasil/>
- INMETRO. (2002). *Você sabe para que serve a etiqueta*.
- INMETRO. (2010). *Inmetro comemora 15 anos do Programa de Análise de Produtos*. 16/12/2010. <https://www.gov.br/inmetro/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/inmetro-comemora-15-anos-do-programa-de-analise-de-produtos-1>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2010). *IBGE-2010-Lavadeiras em Fortaleza.pdf*.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2017). *Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação*. <https://ww2.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2020, March 17). *Censo 2020 adiado para 2021 | IBGE*. <https://www.ibge.gov.br/novo-portal-destaques/27161-censo-2020-adiado-para-2021.html>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2021, July 23). *IBGE | Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação*. IBGE - População. https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html?utm_source=portal&utm_medium=popclock
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE. (2014). *Síntese de indicadores sociais : uma análise das condições de vida da população*

brasileira : 2014 (Issue 34). IBGE.
<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv91983.pdf>

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE. (2019). *PNAD Contínua*.
- (Instituto de Desenvolvimento do Trabalho – IDT). (2017, August). *Sobre o IDT*.
<http://www.idt.org.br/institucional/sobre-o-idt>
- Instituto Nacional de Metrologia, Q. e T.-I. (2011, August 12). *Têxtil*. Cartilhas.
<https://www.gov.br/inmetro/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cartilhas/textil.pdf/view>
- Instituto Nacional de Metrologia, Q. e T.-I. (2015). *Cartilha para orientar consumidores sobre a etiqueta têxtil já está disponível*. Imprensa INMETRO.
<https://www.gov.br/inmetro/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/cartilha-para-orientar-consumidores-sobre-a-etiqueta-textil-ja-esta-disponivel>
- International Organization for Standardization - ISO. (2014). *Testing according to ISO 9186-1:2014 – Criteria of acceptability adopted by ISO/TC 145/SC 1 for testing of public information symbols. 1*(Graphical symbols – Test methods – Part 1: Method for testing), 9186.
- IPEM-SP. (2010). *Cartilha IPEM-SP Explica: Produtos têxteis* (p. 14).
<http://www.ipem.sp.gov.br/images/pdf/publicacoes/textil.pdf>
- James, G. (2020, June). *Research Recruiting: How to Use Marketing Strategies to Find Participants*. User Interviews.
<https://www.userinterviews.com/blog/research-recruiting-on-facebook-and-other-strategies>
- Jones, C. A., Mawani, S., King, K. M., Allu, S. O., Smith, M., Mohan, S., & Campbell, N. R. C. (2011). Tackling health literacy: Adaptation of public hypertension educational materials for an Indo-Asian population in Canada. *BMC Public Health*, 11. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-11-24>
- Kaliyaperumal, K. (2004). *Guideline for Conducting a Knowledge, Attitude and Practice (KAP) Study*. IV(01).
- Kaplún, G. (2003). Material educativo: a experiência de aprendizado. *Comunicação & Educação*, 0(27), 46. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i27p46-60>
- Karlsson, M. (2013, November). *Nosso maior consumo de roupas é uma ameaça ao meio ambiente*. Aftonbladet | Schibsted.
<https://www.aftonbladet.se/debatt/a/MgdaoB/var-okade-kladkonsumtion-ar-ett-hot-mot-miljon>
- Knowles, M. S., Holton III, E. F., & Swanson, R. A. (2011). *Aprendizagem de resultados: Uma abordagem prática para aumentar a efetividade da educação corporativa*. Elsevier.
- Kosinski, M., Matz, S. C., Gosling, S. D., Popov, V., & Stillwell, D. (2015). Facebook as a research tool for the social sciences: Opportunities, challenges, ethical considerations, and practical guidelines. *American Psychologist*, 70(6), 543–556. <https://doi.org/10.1037/a0039210>

- Leite, A. (2015). *Inmetro lança cartilha para orientar consumidores sobre a etiqueta têxtil*.
- Levin, J., Fox, J. A., & Forde, D. R. (2012). *Estatística para Ciências Humanas (11ª)*. Person Education do Brasil.
- Levine, D. M., Stephan, D. F., Krehbiel, T. C., & Berenson, M. L. (2008). *Estatística: teoria e aplicações*. LTC.
- Lima, N., & Ponomarenko, G. (2019). *Calculadora de Leiturabilidade - Planilhas Google*. https://docs.google.com/spreadsheets/d/1fviXM3_cxcJx4IVfCze88NAKbtTPE7dNcurnXfpK54/edit?pli=1#gid=0
- Liotino, K. (2017). O que deve ser etiquetado e informações obrigatórias. In *Guia de Etiquetagem Têxtil (1ª, p. 13)*. Etiqueta Certa.
- Lisbôa, L. L. (2008). *História em quadrinhos como local de aprendizagem: saberes ambientais e a formação de sujeitos [Mestrado]*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- LIVRE, C. (2017). *Negócio social vira espécie de Uber no setor de lavanderias*. 18/05/2017. <https://ascoisasmaiscriativasdomundo.catracalivre.com.br/economia-criativa/negocio-social-vira-especie-de-uber-no-setor-de-lavanderias/>
- Lobach, B. (2001). *Design industrial: Bases para a configuração dos produtos industriais (Issue 1ª)*. Edgar Blucher.
- Lynn, M. R. (1986). Determination and quantification of content validity. In *Nursing Research (Vol. 35, Issue 6, pp. 382–386)*. <http://ijoh.tums.ac.ir/index.php/ijoh/article/view/26>
- Malcom, K. (1973). The Adult Learner: A Neglected Species. *American Society for Training and Development, 1*, 207. <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED084368.pdf>
- Marcos José Alves de Lima, Lauar, A. C., Lima, V. F. T. de, Silva, J. C. P. da, & Paschoarelli, L. C. (2010). OS ESTUDOS DE LEONARDO DA VINCI E SUA AÇÃO PRECURSORA NA ERGONOMIA. In *A evolução histórica da ergonomia no mundo e seus pioneiros*.
- Maria Clara Serpa. (2020, October 7). *Pandemia mudou nossa maneira de consumir moda. Veja as tendências | CLAUDIA*. Revista Claudia. <https://claudia.abril.com.br/moda/pandemia-moda-consumo-tendencias/>
- Marinho, L. A. B., Gurgel, M. S. C., Cecatti, J. G., & Osis, M. J. D. (2003). Conhecimento, atitude e prática do auto-exame das mamas em centros de saúde/Knowledge, attitude and practice of breast self-examination in health centers. *Revista de Saúde Pública, 37(5)*, 576–582. <https://doi.org/10.1590/s0034-89102003000500005>
- Matos, M. I. S. de. (2019). *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. eManuscrito. <https://play.google.com/store/books/details?id=GJKpDwAAQBAJ>
- McCloud, S. (1995). *Desvendando os quadrinhos - a arte invisível*. Makron Books.

- MEC - Ministério da Educação do Brasil. (2002). *Manual do Aplicador do estudo CAP*. Ministério da Educação do Brasil.
- Meis, L. de, Formato, R., Meis, L. de, & Meis, D. (1998a). *As histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário – Gazy Andraus 5.4.4*. 18–19.
- Meis, L. de, Formato, R., Meis, L. de, & Meis, D. (1998b). *As histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário – Gazy Andraus 5.4.4*. 18–19.
- Melo, P. A. de S. (2018). *Validação do Inquérito Conhecimentos, Atitudes e Prática (CAP) Sobre a Humanização na Assistência ao Parto e Nascimento*. Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.
- Meneguelli, F., & Setubal, R. (2015). *Quadrinhos e educação : uma relação complexa Comics and education : a complex relationship Flávia Meneguelli Ribeiro Setubal Moema Lúcia Martins Rebouças. 1(2000)*, 301–334.
- MESQUITA, E. (2008). Informalidade no mercado de trabalho de Fortaleza: dimensão e características. *Fortaleza: Instituto de Desenvolvimento Do Trabalho*.
<http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:INFORMALIDADE+NO+MERCADO+DE+TRABALHO+DE+FORTALEZA:+DIMENSÃO+E+CARACTERÍSTICAS#1>
- Mesquita, E. (2017). *TRABALHO AUTÔNOMO E POLÍTICAS PÚBLICAS EM REGIÕES METROPOLITANAS 2ª EDIÇÃO*.
http://www.sineidt.org.br/PortalIDT/arquivos/publicacao/Trabalho_Autonomo_2017.pdf
- Mijksenaar, P. (1997a). Visual Function: An introduction to information design. In *Encyclopedia of Computational Neuroscience*. 010 Publishers.
https://doi.org/10.1007/978-1-4614-6675-8_100639
- Mijksenaar, P. (1997b). *Visual function: an introduction to information design* (Morita, Ed.). 010 Publishers.
- Mijksenaar, P., & Westendorp, P. (1999). *Open Here. The art of Instructional Design* (1ª edição). Thames & Hudson.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, I. E. C. E., & CONSELHO NACIONAL DE METROLOGIA, N. E. Q. I. C. (2008). *REGULAMENTO TÉCNICO MERCOSUL ETIQUETAGEM DE PRODUTOS TÊXTEIS*.
<http://www.inmetro.gov.br/legislacao/resc/pdf/RESC000213.pdf>
- Ministério do Desenvolvimento, I. e C. E., & Instituto Nacional de Metrologia, Q. e T.-I. (2011). Procedimento de Fiscalização e Coleta de Amostras de Produtos Têxteis para a Avaliação da Fidedignidade das Informações. In *INMETRO* (Issue Portaria nº 166, de 8 de abril de 2011).
- Ministério do Trabalho e Previdência Social do Brasil. (2015). *Trabalhadores Domésticos: direitos e deveres*. In *eSocial* (Vol. 1, Issue 6).
<https://www.gov.br/esocial/pt-br/documentacao-tecnica/manuais/cartilha-trabalhadores-domesticos-direitos-e-deveres>

- Mont'Alvão, C., Pereira, A., & Cassel, D. (2015). Uma Contribuição Da Ergonomia Informacional Analysis of Health Educational Booklets : a Contribution of Informational Ergonomics. 15º *ERGODESIGN - Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano-Tecnologia: Produto, Informações, Ambientes Construídos e Transporte-USIHC - Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano-Computador*, 12.
- Monteiro, S., & Vargas, E. (2006). Educação, comunicação e tecnologia educacional: interfaces com o campo da saúde. In *Educação, comunicação e tecnologia educacional: interfaces com o campo da saúde*. <https://doi.org/10.7476/9788575415337>
- Monteleone, J. de M. (2019). Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: O trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). *Revista Estudos Feministas*, 27(1). <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n148913>
- Moreira, M. de F., Nóbrega, M. M. L. da, & Silva, M. I. T. da. (2003). Comunicação escrita: contribuição para a elaboração de material educativo em saúde TT - Written communication: contribution for the elaboration of educational material in health. *Rev Bras Enferm*, 56(2), 184-188. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt&pid=S0034-71672003000200015
- Nascimento, L. A. do. (2011). *O Design do livro didático de alfabetização: tipografia e legibilidade*.
- Neder, V., Penafort, R., Amorim, D., & Jornal O Estado de São Paulo - Estadão. (2015). *Máquina de lavar é objeto de desejo das famílias brasileiras, diz IBGE*. Economia - Estadão. <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,maquina-de-lavar-e-objeto-de-desejo-das-familias-brasileiras--diz-ibge,1795734>
- Nogueira Filho, R. (2015). *OMO e Hering Kids criam parceria e comunicam Contos de Etiqueta*. Grandes Nomes Da Propaganda. <https://grandesnombresdapropaganda.com.br/anunciantes/omo-e-hering-kids-criam-parceria-e-comunicam-contos-de-etiqueta/>
- Nunes, E. L. S., Trotta, T. de, & Licheski, L. C. (2012). Simbologia Têxtil: aplicação e compreensibilidade. *Revista Ação Ergonômica*, 9(1), 111-116.
- Nunes, T. B. de O. (2016). *AVALIAÇÃO DE COMPONENTES INFORMACIONAIS DE ETIQUETAS DE ROUPAS: o caso de etiquetas de roupas infantis de 0 a 7 anos em São Luís - MA*.
- Observatório do Plano Nacional de Educação - OPNE. (2020). *OPNE - Indicadores - Meta - Alfabetização e alfabetismo funcional de jovens e adultos - Taxa de analfabetismo funcional*. <https://www.observatoriodopne.org.br/indicadores/metas/9-alfabetizacao-educacao-jovens-adultos/indicadores/taxa-de-analfabetismo-funcional/>
- OIT - Organização Internacional do Trabalho. (n.d.). *Trabalho Doméstico (OIT Brasília)*. Retrieved July 25, 2021, from <https://www.ilo.org/brasil/temas/trabalho-domestico/lang-pt/index.htm>

- Okuhara, T., Ishikawa, H., Okada, M., Kato, M., & Kiuchi, T. (2017). Designing persuasive health materials using processing fluency: A literature review. *BMC Research Notes*, 10(1), 1–10. <https://doi.org/10.1186/s13104-017-2524-x>
- Oliveira, S. C. de, Lopes, M. V. de O., & Fernandes, A. F. C. (2014). Construção e validação de cartilha educativa para alimentação saudável durante a gravidez. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 22(4):611-(4), 611–620. <https://doi.org/10.1590/0104-1169.3313.2459>
- Oliveira, S. C. (2014a). *Efeito de Uma Intervenção Educativa na Gravidez Para Alimentação Saudável Com os Alimentos Regionais* [Thesis]. Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem.
- Oliveira, S. C. (2014b). *Efeito De Uma Intervenção Educativa Na Gravidez Para Alimentação Saudável Com Os Alimentos Regionais*. Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem.
- Organização Mundial da Saúde - OMS. (2016). *Inquéritos sobre Conhecimentos, Atitudes e Práticas Doença do Vírus Zika e Potenciais Complicações Pacote de recursos*. 30.
- Parthenon, E. (2020, September 29). *Consumo e Pandemia: As mudanças de hábitos e padrões de comportamento provocados pelo coronavírus* | VEJA. Revista Veja. <https://veja.abril.com.br/insights-list/insight-3/>
- Patterson, M. B. (2019). Adults with Low Skills and Learning Disabilities. *The Wiley Handbook of Adult Literacy*, 337–360. <https://doi.org/10.1002/9781119261407.ch16>
- Pedro Renaux. (2019, September 27). *Desemprego cai para 11,8% com informalidade atingindo maior nível da série histórica* | Agência de Notícias | IBGE. Agência IBGE Notícias. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25534-desemprego-cai-para-11-8-com-informalidade-atingindo-maior-nivel-da-serie-historica>
- Pereira, A., Cassel, D., & Mont'Alvão, C. (2015). *Saúde e diabetes: uma contribuição do design da informação*. 2, 1484–1488. https://doi.org/10.5151/designpro-cidi2015-congic_44
- Pessoa, A. R. (2016). *A Linguagem das Histórias em Quadrinhos: Definições, elementos, gêneros*.
- Pettersson, R. (2010). Pettersson-Rune-Information Design - Principles and Guidelines.pdf. *Journal of Visual Literacy*, 29(2), 167–182.
- Pettersson, R. (2011). *Searching for Evidence of Early Information Design*. https://www.researchgate.net/publication/281811273_Searching_for_evidence_of_early_information_design
- Pettersson, R. (2015). *Information Design 1-Message Design*. IIID Public Library.
- Pettersson, R. (2018a). *Information Design 3-Text Design*. http://mime1.marc.gatech.edu/tim/mm_tools/TDG.html
- Pettersson, R. (2018b). *Information Design 6-Cognition*. IIID.

- Pettersson, R. (2018c). *Information Design 9–Basic ID-concepts*. IIID Public Library.
- Pettersson, R. (2018d). Information Design–Graphic Design. In *Institute for Infology* (Vol. 5). Institute for Infology.
- Pettersson, R. (2018e). *Information Design–It Depends* (Vol. 8, Issue 6^a). IIID Public Library.
- Pimenta, D. N., Leandro, A. M. S., & Schall, V. T. (2000). *EXPERIÊNCIAS DE DESENVOLVIMENTO E 1 AVALIAÇÃO DE MATERIAIS EDUCATIVOS SOBRE SAÚDE: ABORDAGENS SÓCIO- HISTÓRICAS E CONTRIBUIÇÕES DA ANTROPOLOGIA VISUAL* (pp. 7–7).
- Polit, D. F., & Beck, C. T. (2006). The Content Validity Index: Are You Sure You Know What’s Being Reported? Critique and Recommendations. *Research in Nursing & Health*, 29, 489–497. <https://doi.org/10.1002/nur>
- Prochaska, J. O., Diclemente, C. C., & Norcross, J. C. (1993). In search of how people change: Applications to addictive behaviors. *Journal of Addictions Nursing*, 5(1), 2–16. <https://doi.org/10.3109/10884609309149692>
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. de. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. Feevale.
- Ramos, L. B., Mestranda, S., Pela, E. E., & Pr, U. /. (n.d.). *I Jornada De Didática-O Ensino Como Foco I Fórum De Professores De Didática Do Estado Do Paraná O Valor Pedagógico Das Histórias Em Quadrinhos No Percurso Do Docente De Língua Portuguesa*.
- Reberte, L. M. (2008a). Celebrando a vida: construção de uma cartilha para promoção da saúde da gestante. In *Tese de Doutorado*.
- Reberte, L. M. (2008b). Celebrando a Vida: construção de uma cartilha para promoção da saúde da gestante. In *Universidade de São Paulo*. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7132/tde-05052009-112542/>
- REBERTE, Luciana Magnoni; HOGA, L. A. K. (2008). Celebrando a vida: construção de uma cartilha para promoção da saúde da gestante. *Universidade de São Paulo*, 130. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7132/tde-05052009-112542/>
- Reis Júnior, D. (2021, January). *Máquina de Lavar Technique - 1929*. Propagandas Históricas | Propagandas Antigas. <https://www.propagandashistoricas.com.br/2021/01/maquina-de-lavar-technique.html>
- Reis, S., Cunha, A., & Marques, T. (2021). Paulo Freire e a Educação de Jovens e Adultos. *Revista Educação e Ciências Sociais*, 4(7), 6–12.
- Ribeiro, J. B. (2014). *As Estratégias de Aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos* [Universidade do Vale do Sapucaí]. <http://www.univas.edu.br/me/docs/dissertacoes2/163.pdf>

- Rife, S. C., Cate, K. L., Kosinski, M., & Stillwell, D. (2016). Participant recruitment and data collection through Facebook: the role of personality factors. *International Journal of Social Research Methodology*, 19(1), 69–83. <https://doi.org/10.1080/13645579.2014.957069>
- Rubio, D. M. G., Berg-Weger, M., Tebb, S. S., Lee, E. S., & Rauch, S. (2003). Objectifying content validity: Conducting a content validity study in social work research. *Social Work Research*, 27(2), 94–104. <https://doi.org/10.1093/swr/27.2.94>
- Rumjanek, L. (2008). Tipografia para crianças : estudos de legibilidade. *Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento Em Design*, m, 1232–1244.
- Sabino, L. M. M. de. (2016). *Cartilha Educativa Para Promoção da Autoeficácia Materna na Prevenção da Diarreia Infantil: Elaboração e Validação* (p. 171). Universidade Federal do Ceará.
- Samara, T. (2012). *Drawing for Graphic Design: understanding conceptual principles and practical techniques to create unique, effective design solutions*. Rockport Publishers.
- Sanders, E. B., & RichardsonSmith Inc. (1986). Toward a Theory of Information Design. *Proceedings of the Human Factors Society - 30th Annual Meeting*, 1068–1071.
- Sangsawang, T. (2015). Instructional Design Framework for Educational Media. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 176, 65–80. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2015.01.445>
- SANSIL. (2017). *Como é feita a fiscalização das etiquetas para roupas? | Sansil*. <https://www.sansil.com.br/como-e-feita-a-fiscalizacao-das-etiquetas-para-roupas/>
- Santos, R. E. dos, & Vergueiro, W. D. C. S. (2012). Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. *EccoS – Revista Científica*, 27, 81–95. <https://doi.org/10.5585/eccos.n27.3498>
- Santos, S. L. dos, Cabral, A. C. dos S. P., & Augusto, L. G. da S. (2011). Conhecimento, atitude e prática sobre dengue, seu vetor e ações de controle em uma comunidade urbana do Nordeste. *Ciência & Saúde Coletiva*, 1319–1330.
- SBM Etiquetas. (2018). *SBM Etiquetas e Rótulos Adesivos*. <http://www.sbmtiquetas.com.br/produtos/ver/MjM=>
- Schneider, J. (2016). *Elaboração de requisitos para o aperfeiçoamento do projeto de etiquetas técnicas de manutenção e conservação têxtil: um estudo fundamentado na ergonomia e usabilidade* [Dissertação de Mestrado]. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.
- Schneider, J., & Santos, C. T. dos. (2016). Etiquetas Técnicas e Sua Importância Para os Usuários Profissionais na Prestação de Serviços de Cuidados Têxteis Especializados: Uma Análise Exploratória. *E-Revista LOGO, June*, 121–145. <https://doi.org/10.26771/e-Revista.LOGO/2016.2.07>

- Schwartz, S. (2018). Alfabetização de Jovens e Adultos: Teoria e prática. In *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade* (Vol. 4). <https://doi.org/10.23899/relacult.v4i0.787>
- SEBRAE, S. B. de A. às M. e P. E. (2014). *Oportunidades em Lavanderias Para o Mundial. 2013, 1-7.*
- SEDET - Secretaria do Desenvolvimento Econômico e Trabalho, IPECE - Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará, & JUCEC - Junta Comercial do Ceará. (2020, October 20). *Trabalho Informal no Ceará: Desafios e Possibilidades - YouTube*. SEDET-CE. https://www.youtube.com/watch?v=Dw9BOMPfHj0&ab_channel=SedetCear%C3%A1
- Setubal, F. M. R., & Rebouças, M. L. M. (2000). Quadrinhos e educação: uma relação complexa. In *Encyclopedia of volcanoes*. (p. 662).
- Shedroff, N. (1999). Information Interaction Design: A Unified Field Theory of Design. In Robert Jacobson (Ed.), *Information Design* (pp. 267–292). MIT Press.
- Silva, J. C. P. da, & Paschoarelli, L. C. (2010). *A evolução histórica da ergonomia no mundo e seus pioneiros* (J. C. P. da S. Luís & C. Paschoarelli, Eds.). Cultura Acadêmica.
- Silva, F. T., & Costa, F. J. R. da. (2011, August). Quadrinhos na Educação: Experiência no projeto O Prazer da Arte. *Jornadas Internacionais de Histórias Em Quadrinhos*, 13.
- Silveira, S. (2012). Aplicação de Aspectos de Design Instrucional na Elaboração de Materiais Didáticos Digitais para Educação a Distância. ... *D.: Design, Educação* <http://seer.uniritter.edu.br/index.php/revistadesign/article/viewFile/416/258>
- Simlinger, P. (2007). University Course in Information Design. In *idX Core Competencies: What designers know and can do* (pp. 8–14). IIDD Public Library.
- Smith, P. L., & Ragan, T. J. (2005). A Framework for Instructional Strategy Design. *Instructional Design*, 127–150. http://benhur.teluq.ca/SPIP/ted6210_v3/IMG/pdf/TED6210_Smith_2005.pdf
- Sociedade Brasileira de Design da Informação (SBDI). (n.d.). *Definições*. Retrieved April 24, 2021, from <https://sbdi.org.br/definicoes>
- Sousa, C. S., & Turrini, R. N. T. (2012). Validação de constructo de tecnologia educativa para pacientes mediante aplicação da técnica Delphi. *ACTA Paulista de Enfermagem*, 25(6), 990–996. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002012000600026>
- Souza, C. S., Turrini, R. N. T., & Poveda, V. B. (2015). Tradução E Adaptação Do Instrumento “Suitability Assessment of Materials” (Sam) Para O Português. *Journal of Nursing UFPE on Line*, 9(5), 7854–7861. <https://doi.org/10.5205/reuol.6121-57155-1-ED.0905201515>

- Szwajcer, E. M., Hiddink, G. J., Koelen, M. A., & van Woerkum, C. M. J. (2009). Written nutrition communication in midwifery practice: What purpose does it serve? *Midwifery*, 25(5), 509–517.
<https://doi.org/10.1016/j.midw.2007.10.005>
- Tallrop, Kristoffer. (2018). *LÄNGE LEVE KLÄDERNA!*
https://www.naturskyddsforeningen.se/sites/default/files/dokument-media/pm_lange_leve_kladerna.pdf
- The International Association for Textile Care Labeling - GINETEX. (2011a). *GINETEX: The worldwide care labelling system.*
- The International Association for Textile Care Labeling - GINETEX. (2011b, March). *The Lifelong Learning Program.* Newsletter 03-2011.
https://www.ginetex.net/userfiles/files/Newsletter/GINETEX_Newsletter_Sept2011.pdf
- The International Association for Textile Care Labeling - GINETEX. (2017). *GINETEX 50 years of success.*
http://www.ginetex.net/userfiles/files/Ginetex_fifty_years.pdf
- Tressler, K. (2014). *Design e Educação de Adultos: Uma investigação sobre tipografia e layout em livros didáticos.*
<https://doi.org/http://dx.doi.org/10.13140/RG.2.1.3928.5929>
- Tufte, E. R. (1999). *Envisioning Information* (7th ed.). Graphics Press.
- Twyman, M. (1982). *Linguagem visual gráfica | modelos teóricos Linguagem visual gráfica | fonemas da gramática visual.*
- Twyman, M. (2003). Information Design and Early Ephemera. In C. G. Spinillo & S. G. Coutinho (Eds.), *Selected Readings of the Information Design International Conference* (pp. 11–27). SBDI - Sociedade Brasileira de Design da Informação.
- Umberlândia Cabral. (2021, May 21). *Norte e Nordeste puxam desocupação recorde no primeiro trimestre no país | Agência de Notícias | IBGE.* Agência IBGE Notícias. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30785-norte-e-nordeste-puxam-desocupacao-recorde-no-primeiro-trimestre-no-pais>
- VortexMag. (2021, June). *6 profissões antigas portuguesas que deixaram de existir.* VortexMag | História. <https://www.vortexmag.net/profissoes-antigas/>
- White, J. v. (1983). *Mastermg graphics: Design and Production Made Easy.* R. R. Bowker Company.
- White, J. v. (1984). *Using Charts and Graphs: 1000 Ideas for Visual Persuasion.* R. R. Bowker Company.
- WHO - World Health Organization. (2008). *Advocacy, communication and social mobilization for TB control: a guide to developing knowledge, attitude and practice surveys.* WHO Press.
- Wileman, R. E. (1993). *Visual Communicating* (1st ed., Vol. 1, Issue 1). Educational Technology Publications Inc.

Wynd, C. A., Schmidt, B., & Schaefer, M. A. (2003). Two quantitative approaches for estimating content validity. *Western Journal of Nursing Research*, 25(5), 508–518. <https://doi.org/10.1177/0193945903252998>

Yassuda, S., & Bandura, P. (2008). *Teoria da autoeficácia*. 2005.

Zimmerman, M. L., & Perkin, G. W. (1982). Instructing through pictures: Print materials for people who do not read. *Information Design Journal*, 3(2), 119–134. <https://doi.org/10.1075/idj.3.2.05zim>

GLOSSÁRIO DE TERMOS

Autônomo Ver conta-própria.

Conta-própria Pessoa que trabalha explorando seu próprio empreendimento, sem empregados, individualmente ou com sócio, com o auxílio ou não de trabalhador não-remunerado membro da unidade domiciliar.

Diarista Pessoa trabalhadora que não ganha salário fixo, mas por dias de trabalho. Que ou quem tem seu salário calculado por dia. Que ou quem recebe diária por seu trabalho. Por não possuir vínculo, pode atender a diferentes clientes, em mais de um domicílio.

Doméstica Ver trabalhador doméstico.

Grau de instrução Classificação obtida em função do curso de grau mais elevado que a pessoa tenha frequentado ou estava frequentando: sem instrução - para a pessoa que nunca frequentou escola, ou frequentou, mas não concluiu a 1ª série do elementar, do 1º grau ou do fundamental; sabe ler e escrever - para a pessoa que sabe ler e escrever pelo menos um recado, ou bilhete simples no idioma que conhece; ensino fundamental ou 1º grau incompleto - para a pessoa que concluiu, no mínimo, a 1ª série do fundamental ou do 1º grau mas não concluiu o curso, ou, pelo menos, concluiu a 1ª série do elementar ou concluiu o curso, ou frequentou o médio 1º ciclo, mas não terminou o curso; ensino fundamental ou 1º grau completo - para a pessoa que concluiu o 1º grau ou o médio 1º ciclo, ou frequentou, mas não concluiu, a 1ª série do médio 2º ciclo ou do 2º grau; 2º grau incompleto - para a pessoa que concluiu, no mínimo, a 1ª série, mas não terminou a 3ª série do médio 2º ciclo ou do 2º grau; 2º grau completo - para a pessoa que concluiu o 2º ciclo ou o 2º grau, ou frequentou, mas não concluiu, a 1ª série de curso superior; superior incompleto - para a pessoa que concluiu, pelo menos, a 1ª série de curso superior, mas não terminou o curso; e superior completo - para a pessoa que concluiu o superior, inclusive a pessoa que frequentou ou concluiu o mestrado ou doutorado.

Lavadeira Seleccionam as peças a serem lavadas, separando-as segundo o tipo, cor e natureza do tecido, para dar-lhes o tratamento correto e evitar que manchem ou se deformem; lavam a roupa mergulhando-a em água e sabão, friccionando-a ou comprimindo-a sobre a pedra do tanque, ou acionando os comandos de máquina de lavar para retirar a sujeira impregnada; enxáguam a roupa, passando-a em água limpa, para retirar os resíduos do sabão e outros dissolventes; procedem à secagem da roupa utilizando máquina própria ou dependurando-a em local ventilado para permitir sua utilização.

Passadeira Posicionam a peça sobre a tábua de passar, alisando o tecido e desfazendo-lhe as dobras, para deixá-lo nas condições requeridas para a operação; umedecem o tecido antes e durante a operação utilizando água pura ou água gomada para facilitar a passagem; deslizam sobre o tecido o ferro a uma temperatura conveniente, exercendo sobre este a pressão necessária, para obter o efeito desejado; colocam a peça já passada em um cabide, ou dobra-a, posicionando-a adequadamente para conservá-la em condições de uso.

Serviços gerais Função na qual o funcionário realizará atividades como manutenção e limpeza do ambiente em que trabalha.

Trabalho O emprego, o ofício ou a profissão de alguém. Conjunto das atividades realizadas por alguém para alcançar um determinado fim ou propósito.

Trabalhador doméstico Pessoa que trabalha prestando serviço doméstico remunerado, em dinheiro ou benefícios, em uma ou mais unidades domiciliares.

Trabalho formal Aquele que é registrado em carteira profissional e possui contrato de trabalho regulamentado por lei. Oferece direitos, benefícios e cobra deveres do empregado.

Trabalho informal Aquele que não tem formalidades. Não precisa de carteira ou contrato de trabalho. Fica fora dos mecanismos de controle do governo. Não oferece direitos àquele que o executa.

QR Code Código QR (sigla do inglês Quick Response, resposta rápida em português) é um código de barras bidimensional que pode ser escaneado usando a maioria dos telefones celulares equipados com câmera ou aparelhos específicos para este fim. Esse código é convertido em texto (interativo), um endereço URI, um número de telefone, uma localização georreferenciada, um e-mail, um contato ou um SMS. Existem mais de 40 tipos de QR Codes e os primeiros modelos foram usados para catalogar peças na produção de veículos. Atualmente é usado no gerenciamento de inventário e controle de estoque em indústrias e comércio.

APÊNDICES

Apêndice A. Carta Convite Para Peritos.....	254
Apêndice B. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Para Peritos	255
Apêndice C. Formulário de Avaliação do MEI.....	257
Apêndice D. Formulário de Avaliação da Aparência e Conteúdo do MEI	259
Apêndice E. Formulário de Caracterização Profissional do Perito	266
Apêndice F. Inquérito CAP	267
Apêndice G. Roteiro Para Teste Piloto do MEI	272
Apêndice H. Avaliação da Adequação do Conteúdo e Aparência do MEI	274
Apêndice I. Entrevistas do Teste Piloto	278
Apêndice J. Resultados da avaliação dos peritos	284

APÊNDICE A. CARTA CONVITE PARA PERITOS

Olá!

Eu, Maria Aurileide Ferreira Alves, discente do Doutorado em Design, da Universidade de Lisboa, orientanda do Professor Doutor Gonçalo André Moço Falcão (Universidade de Lisboa) e do Professor Doutor Hans da Nóbrega Waechter (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE), agradeço por ter aceito nosso convite para fazer parte do quadro de juízes experts voluntários para validar a primeira versão da tecnologia educativa intitulada: *Você Conhece os Símbolos das Etiquetas das Roupas? Guia para Lavadeiras e Passadeiras*.

Sua avaliação vai nos ajudar a melhorar o material existente. O questionário levará apenas 20 minutos, e suas respostas são totalmente anônimas.

Você só pode responder ao questionário uma vez, mas pode editar as respostas até o encerramento do questionário, no dia 30 de agosto de 2020.

Este formulário, além desta seção, tem as seguintes partes:

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, para que você leia e marque o aceite, caso concorde;

Avaliação das páginas do MEI;

Avaliação da aparência e conteúdo geral do MEI;

Caracterização do expert.

As perguntas marcadas com asterisco (*) são obrigatórias.

Se você tiver alguma dúvida sobre o questionário, envie-nos um e-mail para: aurileide@gmail.com.

Agradecemos desde já sua colaboração!

APÊNDICE B. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PERITOS

Caro(a) Senhor(a), eu, Maria Aurileide Ferreira Alves, discente do Doutorado em Design, da Universidade de Lisboa, orientanda do Professor Doutor Gonçalo André Moço Falcão (Universidade de Lisboa) e do Professor Doutor Hans da Nóbrega Waechter (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE venho convidá-lo(a) a participar como expert voluntário(a) de uma pesquisa intitulada Design de Etiquetas do Vestuário: Compreensão e usabilidade da simbologia têxtil no mercado brasileiro.

Esta investigação tem como objetivo construir e validar quanto ao conteúdo, aparência e eficácia, uma tecnologia educativa do tipo material educativo instrucional para autoaprendizagem das lavadeiras e passadeiras acerca do significado dos símbolos de cuidados e manutenção do vestuário, contidos nas etiquetas técnicas das roupas.

Como público-alvo desta investigação, as lavadeiras e passadeiras são, na sua maioria quase absoluta, mulheres com pouca escolaridade, contribuindo de modo significativo para o sustento da família e que trabalham por conta própria, oferecendo seus serviços em ambientes domésticos.

Este material educativo será submetido para avaliação e validação por dois grupos: juízes especialistas (designers, educadores, especialistas em simbologia têxtil) e lavadeiras e passadeiras.

Reconhecendo sua experiência como especialista na construção ou validação de instrumentos ou materiais educativos, solicitamos sua colaboração como expert para apreciação e julgamento do conteúdo, da aparência e da adequação deste material.

Ao aceitar participar desta pesquisa, você recebeu o Material Educativo Instrucional, em PDF e Link para este Formulário de Participação contendo: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); caracterização profissional de sua experiência na área; avaliação da adequação do conteúdo e da aparência do material e espaço aberto para comentários e sugestões.

Ressaltamos que sua colaboração e participação poderá trazer benefícios para o desenvolvimento desta tecnologia educativa, visto que poderá ser utilizada por lavadeiras e passadeiras como material didático instrucional para ajudá-las na aprendizagem, no conhecimento, na atitude e na prática de suas atividades profissionais.

A escolha para participar ou não desta pesquisa, é inteiramente sua. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, a fim de que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Reforço que, a qualquer momento poderá se recusar a participar da pesquisa e poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo. Não haverá custo para os participantes do estudo.

A participação é voluntária e você não receberá remuneração por esta avaliação. Os riscos em participar da pesquisa estarão relacionados aos aspectos cognitivos e práticos, pois a compreensão incorreta do conteúdo pode afetar o cuidado e a manutenção de suas próprias roupas. No entanto, você poderá discutir informações pertinentes sobre o material educativo, compartilhando os ajustes que poderão ser necessários para o entendimento das lavadeiras e passadeiras que trabalham por conta própria.

As informações conseguidas através da sua participação serão guardadas por mim em formato digital, em meu computador pessoal e na minha conta pessoal e sigilosa na nuvem. Garanto que seus dados pessoais não permitirão sua identificação no estudo, sendo este associado apenas aos responsáveis aqui expressos, e que a divulgação das informações obtidas pela sua participação só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto, anonimamente. Assim, gostaria de pedir a sua colaboração para participar da pesquisa.

O tempo estimado para completar o questionário é de 15 a 20 minutos. Em caso de dúvidas, você poderá entrar em contato com a investigação utilizando os dados abaixo. Com a investigadora:

Nome: Maria Aurileide Ferreira Alves
Celular e WhatsApp: 85 988487493
E-mail: aurileide@gmail.com

Com o CIAUD - Centro de Investigação em Arquitetura Urbanismo e Design,
Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa no endereço:

Rua Sá Nogueira | Pólo Universitário | Alto da Ajuda |1349-063 | Lisboa
geral.ciaud@fa.ulisboa.pt

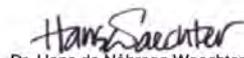
Secretaria de Pós-Graduação
sec_posgraduacao@fa.ulisboa.pt
Tel | + 351 213 615 818/ 082

CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO*

Declaro que após esclarecido (a) pela pesquisadora e tendo entendido o que foi explicado, concordo em participar da pesquisa.


Maria Aurileide Ferreira Alves
Investigadora


Dr. Gonçalo André Moço Falcão
Orientador


Dr. Hans da Nóbrega Waechter
Orientador

APÊNDICE C. FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO MEI

As questões a seguir, são relativas ao conteúdo e aparência dos itens individuais que compõem o Material Educativo Impresso (MEI) intitulado VOCÊ CONHECE OS SÍMBOLOS DAS ETIQUETAS DAS ROUPAS? Guia para Lavadeiras e Passadeiras.

Para responder as questões a seguir, recomendamos que esteja com o PDF do MEI aberto, para que possa visualizar as páginas em caso de dúvida. Em cada questão há uma miniatura indicativa da página analisada.

Caso prefira, pode clicar neste link <http://aurileide.com/mei.pdf> para abrir uma versão online do PDF.

A avaliação do MEI será feita por meio da escala de Likert de 4 pontos, para se obter resultados para a equivalência do conteúdo e da aparência. Aqui, serão avaliadas as palavras (textos) e as imagens em três critérios: clareza e relevância.

PÚBLICO-ALVO DO MATERIAL: Mulheres cearenses, lavadeiras e passadeiras autônomas, na faixa etária de 30 a 65 anos, a grande maioria tendo concluído apenas o ensino fundamental e uma pequena faixa com ensino médio concluído.

OBJETIVO DO MATERIAL: Possibilitar que as leitoras possam compreender a importância das etiquetas técnicas, familiarizando-se e aprendendo o significado dos símbolos presentes nas etiquetas têxteis das roupas que lavam para seus clientes.

NOTA: Cada um dos peritos recebeu um formulário contendo todas as páginas do livreto, com a mesma estrutura da página seguinte.

TÍTULO DA PÁGINA



CLAREZA DA PÁGINA: As palavras e os elementos gráficos estão grandes o suficiente para serem vistos e apresentam um bom contraste.

**Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

RELEVÂNCIA DA PÁGINA: As palavras e as imagens desta página são importantes para transmitir às lavadeiras e passadeiras a informação a que se propõe o material. **Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

Comentários sobre a página

APÊNDICE D. FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DA APARÊNCIA E CONTEÚDO DO MEI

Obrigada por chegar até aqui.

Após esta seção, falta apenas mais uma: Caracterização do Expert que coleta informações sobre você. Esta avaliação diz respeito ao material como um todo.

Pedimos que responda as questões da escala Likert marcando o seu grau de concordância com as afirmações:

1= discordo totalmente; 2= discordo; 3= concordo; 4= concordo totalmente

Se preferir pode comentar sua resposta ou adicionar alguma informação adicional. Esta seção é composta de 6 itens.

O tempo estimado para término é de 10 minutos.

1 ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL

1.1 A capa está atraente para as lavadeiras e passadeiras e transmite claramente o objetivo pretendido. * Marque apenas uma opção.

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

1.2 O formato do material (A5 – 148 mm x 210 mm) está apropriado para a boa disposição do conteúdo. * Marque apenas uma opção.

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

1.3 O número de páginas é suficiente para transmitir a informação adequadamente e não assusta os leitores menos experientes. * Marque apenas uma opção.

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

1.4 O objetivo do material está claramente delimitado para as lavadeiras e passadeiras. * Marque apenas uma opção.

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

1.5 A tabela com o resumo do conteúdo apresentado ao final da cartilha está adequada e é útil para as lavadeiras. * Marque apenas uma opção.

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

1.6 A quantidade de textos da publicação é adequada para as lavadeiras e passadeiras. *

Marque apenas uma opção.

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

1.7 As perguntas e respostas são importantes para as lavadeiras e passadeiras. *

Marque apenas uma opção.

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

1.8 O material possui boa organização do conteúdo, separando claramente o que é título, texto, ilustração e símbolo. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

Comentários sobre a organização do material

2 GRAU DE DIFICULDADE DA LEITURA

2.1 O texto apresenta baixo grau de dificuldade de leitura. É adequado para pessoas com poucos anos de escolaridade e pouca experiência em leitura.

Marque apenas uma opção.

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

2.2 O estilo de conversação, na voz ativa, são muito utilizados e facilitam o entendimento do texto. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

2.3 O vocabulário do texto na maioria das frases utiliza palavras comuns, as palavras técnicas são explicadas sempre que possíveis. O uso de símbolos como palavras facilita o entendimento do texto. Não há uso de gírias ou jargões. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

2.4 As frases são curtas e breves, facilitando a memorização do que foi imediatamente lido. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

2.5 O contexto é sempre apresentado ao leitor antes de introduzir novas informações. *

Marque apenas uma opção.

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

2.6 Quase todos os novos tópicos são precedidos por um sinalizador de mudança de assunto (subtítulos, caixas de texto em destaque, ilustração sinalizadora). * Marque apenas uma opção.

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

Comentários sobre o grau de dificuldade da leitura.

3 LAYOUT E TIPOGRAFIA

3.1 As ilustrações existentes estão sempre relacionadas a um texto. * Marque apenas uma opção.

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

3.2 Há uma consistência na aparência do material, do começo ao fim, facilitando prever o fluxo das informações. * Marque apenas uma opção.

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

3.3 Recursos gráficos são utilizados para direcionar para pedaços de informação, quebrando a monotonia do texto corrido. * Marque apenas uma opção.

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

3.4 Há suficiente espaço em branco para evitar a desordem do material. * Marque apenas uma opção.

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

3.5 A cor é utilizada de modo que não sobrecarrega o leitor com novos códigos visuais que ele precisa aprender para entender a mensagem. branco para evitar a desordem do material. * Marque apenas uma opção

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

3.6 Os comprimentos das linhas de texto estão confortáveis para leitura. * Marque apenas uma opção.

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

3.7 Os comprimentos das linhas de texto estão confortáveis para leitura. Há um bom contraste entre as letras e o fundo da página (papel). * Marque apenas uma opção.

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

3.8 Os blocos destacados em cor estão distribuídos e chamam atenção para conteúdo específico ou para pontos importantes. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

3.9 O texto possui maiúsculas e minúsculas e a boa ortografia. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

3.10 O tamanho das letras está adequado para boa leitura das lavadeiras e passadeiras. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

3.11 O material oferece várias pistas visuais para facilitar o escaneamento visual das informações (negrito, cor, tamanho do texto). * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

3.12 Quando aparece, a lista utilizada tem a quantidade ideal de itens para facilitar a memorização. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

3.13 As margens do material estão adequadas para facilitar o manuseio pelas lavadeiras e passadeiras. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

3.14 O texto dos balões dos quadrinhos está claro e legível para as lavadeiras e passadeiras. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

Comentários sobre o layout e tipografia.

4 ILUSTRAÇÕES

4.1 A figura da capa é amigável, atraente e transmite seu propósito com eficiência. *

Marque apenas uma opção.

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

4.2 O estilo das ilustrações (quadrinhos) apresenta traços apropriados para adultos e é possível quem se identifiquem com elas. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

4.3 As ilustrações apresentam mensagens visuais essenciais para que o leitor possa entender o contexto da situação, sozinho e sem distração. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

4.4 As ilustrações dos símbolos auxiliam na compreensão da mensagem. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

4.5 As ilustrações são apropriadas para as lavadeiras e passadeiras. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

4.6 O tamanho das ilustrações está apropriado. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

4.7 O tamanho dos símbolos está apropriado para a compreensão. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

4.8 Quando aparecem, as figuras das etiquetas têxteis auxiliam a compreensão do seu significado.

4.9 As cores das ilustrações estão adequadas. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

Comentários sobre as ilustrações.

5 ESTÍMULO PARA APRENDIZAGEM

5.1 A composição visual do material estimula a leitura e aprendizagem. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

5.2 O material promove a mudança de comportamento e atitude. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

5.3 O material apresenta opções de interação com o leitor (diálogos, teste de conhecimentos, perguntas e respostas). * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

5.4 Os comportamentos desejados são padronizados e aparecem claramente em todo o material.* *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

5.5 O texto, as ilustrações e os símbolos mais complexos são subdivididos, explicados em partes para que as leitoras possam experimentar pequenos sucessos na compreensão e resolução de problemas simples. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

Comentários sobre estímulo para aprendizagem.

6 APROPRIAÇÃO CULTURAL

6.1 O material é adequado para a idade e cultura das leitoras. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

6.2 O material está organizado logicamente e combina o conteúdo e a linguagem com a experiência das lavadeiras e passadeiras. * *Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

6.3 As imagens são respeitosas e sérias, sem agredir as lavadeiras e passadeiras. **Marque apenas uma opção.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 Concordo totalmente

Comentários sobre apropriação cultural.

7 ADEQUAÇÃO DO MATERIAL

Considerando o contexto socioeconômico e cultural existentes na realidade das lavadeiras e passadeiras autônomas de Fortaleza, Ceará, considerando

também a análise que acabou de fazer do MEI intitulado Você Conhece os Símbolos da Etiqueta das Roupas: Guia Para Lavadeiras e Passadeiras, você o recomendaria para uso como ferramenta de autoaprendizagem?

Marque o número que corresponde à força de sua recomendação. *

NÃO. Definitivamente não recomendo. 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 SIM.
Recomendo sem reservas.

Caso tenha alguma sugestão adicional, favor escrever no campo abaixo.

APÊNDICE E. FORMULÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO PROFISSIONAL DO PERITO

Responda cada uma das questões acerca de sua experiência na área.

NOME COMPLETO *

CIDADE QUE RESIDE *

FAIXA ETÁRIA * 0-14 anos 15-24 anos 25-54 anos 55-64 anos
65 anos ou mais

LOCAL DE TRABALHO *

GRAU DE INSTRUÇÃO * Graduação Pós-graduação

Possui experiência com educação de adultos? * Sim Não

ÁREA DE GRADUAÇÃO * Artes visuais/Artes Plásticas Design Pedagogia
Engenharia têxtil Comunicação Outro:

ANO EM QUE SE GRADUOU *

MAIOR TITULAÇÃO * Especialização Mestrado Doutorado Outro:

Qual temática desenvolveu na dissertação de mestrado?

Qual temática desenvolveu na sua tese de doutorado?

Área de atuação profissional atual *

Tempo de atuação na área atual (em anos) *

Instituição ou empresa em que atua.

Possui experiência com docência? * Sim Não

Se sim, quanto tempo?

Possui experiência com material impresso? * Sim Não

Se sim, quanto tempo?

Já participou na elaboração de material pedagógico ou design de instruções? *
Sim Não

Se sim, descreva sua experiência.

Possui experiência em avaliação de material educativo impresso? * Sim Não

Se sim, descreva sua experiência.

Possui algum conhecimento da simbologia têxtil? * Sim Não

Se sim, descreva sua experiência.

APÊNDICE F. INQUÉRITO CAP

CONHECIMENTO SOBRE AS ETIQUETAS E SÍMBOLOS DE CUIDADO

Já tinha ouvido falar dos símbolos de cuidados da etiqueta das roupas?

1- Sim 2- Não

Se SIM, (apenas na fase 3, acrescentar: antes de receber a revista,) onde você tinha ouvido falar das etiquetas de cuidados?

- 1- Blogs e outros sites na Internet
- 2- Revistas ou outros materiais impressos
- 3- Curso de formação para lavadeira, passadeira, faxineira ou diarista
- 4- Com outros colegas de profissão
- 8- não lembro
- 9- outro _____

(Fase 3) Se SIM, marque qual dos símbolos abaixo indica que a roupa deve SECAR NA HORIZONTAL, SEM TORCER, À SOMBRA?

Resposta correta: S10. 1-Não lembra 2- Não sabe

Marque qual dos símbolos abaixo indica que ao lavar a roupa NÃO SE DEVE USAR ALVEJANTE.

Resposta correta: S2. 1-Não lembra 2- Não sabe

(Fase 3) Marque qual dos símbolos abaixo indica que ao lavar a roupa PODE SER COLOCADA PARA SECAR EM MÁQUINA, EM TEMPERATURA NORMAL.

Resposta correta: S9. 1-Não lembra 2- Não sabe

(Fase 3) Marque qual dos símbolos abaixo indica que ao lavar a roupa DEVE SER LAVADA À MÃO, SEM ESFREGAR, SEM PUXAR, SEM TORCER

Resposta correta: S1. 1-Não lembro 2-Não sei

Para que serve a etiqueta de cuidados das roupas?

- 1- Serve para informar como se deve lavar, secar e passar a roupa
- 2- Serve apenas para o dono da loja e deve ser cortada antes de usar
- 3- Serve para indicar o tamanho da roupa
- 4- Serve para indicar o nome e a marca da loja.
- 5- Não lembro
- 6- Não sei
- 7- Outro

Por favor, indique uma situação em que a etiqueta de cuidados pode ajudar no trabalho de quem lava e passa roupas.

Resposta: _____ 1- Não sei 2- Não quero dizer

Por favor, indique mais uma situação em que a etiqueta de cuidados também pode ajudar no trabalho de quem lava e passa roupas.

Resposta: _____ 1- Não sei 2- Não quero dizer

(Fase 3) Se NÃO, a revista que você recebeu foi capaz de ajudar você a aprender sobre as etiquetas das roupas?

- 1- Sim, aprendi muito
- 2- Sim, aprendi um pouco
- 3- Aprendi quase nada
- 4- Não aprendi nada

Avaliação do conhecimento: 1- ADEQUADO 0- INADEQUADO

Quadro F1: Critérios para avaliação do conhecimento acerca das etiquetas e da simbologia têxtil como adequado ou inadequado.

adequado	inadequado
<p>Ao demonstrar que:</p> <p>conhece ou já ouviu falar da etiqueta têxtil e compreende a importância dela e dos símbolos de cuidados;</p> <p>se conhece, se for capaz de identificar o significado do símbolo solicitado;</p> <p>sabe apontar a utilidade da etiqueta;</p> <p>é capaz de identificar uma situação em que a etiqueta pode ajudar no seu trabalho de lavar e passar roupas.</p> <p>Na fase 3, quando souber o significado de todos os símbolos básicos solicitados.</p>	<p>Quando demonstrar que:</p> <p>não conhece ou não ouviu falar dos símbolos e da etiqueta de cuidados;</p> <p>e se já ouviu falar, não for capaz de identificar o significado do símbolo solicitado;</p> <p>não sabe apontar a utilidade da etiqueta;</p> <p>e mesmo que saiba o significado do símbolo não for capaz de identificar pelo menos uma situação em que a etiqueta pode ajudar no seu trabalho de lavar e passar roupas.</p> <p>Na fase 3, quando souber o significado de todos os símbolos básicos solicitados.</p>

ATITUDE ACERCA DAS ETIQUETAS E SÍMBOLOS DE CUIDADOS

Você acha que é necessário saber o significado dos símbolos de cuidados das roupas?

1- Sim 2- Não 3- Talvez

Se SIM, por que é necessário saber o significado dos símbolos de cuidados das etiquetas das roupas?

- 1- Porque podem ajudar o profissional antes de lavar, secar e passar a roupa
- 2- Porque servem para que a roupa seja mais bem cuidada e dure mais
- 3- Porque serve para evitar acidentes durante a lavam, secagem e passadoria
- 4- Não lembro
- 5- Não sei
- 6- Outro:

Avaliação da atitude: 1- ADEQUADA 0- INADEQUADA

Quadro F2: Critérios para avaliação da atitude acerca das etiquetas e da simbologia têxtil como adequada ou inadequada.

adequada	inadequada
Ao emitir opiniões e ideias que demonstrem possibilidade, intenção e/ou predisposição para assimilar a importância das etiquetas e da compreensão da simbologia têxtil de cuidados na hora de lavar, secar ou passar a roupa.	Ao expressar opiniões e ideias que não demonstrem intenção e/ou predisposição para o correto uso da etiqueta de cuidados na hora de lavar, secar ou passar a roupa;
acha importante saber o significado dos símbolos;	não acha importante saber o significado dos símbolos;
sabe explicar por que é necessário aprender o significado dos símbolos têxteis;	não sabe explicar por que é necessário aprender o significado dos símbolos têxteis;
acredita que a etiqueta pode ajudá-la evitar acidentes, preservar a roupa e ajudar o profissional.	não acredita, não lembra ou não sabe por que é importante conhecer os significados dos símbolos;
	não sabe identificar que a etiqueta pode ajudar a evitar acidentes, preservar a roupa e ajudar o profissional.
	Não responder.

PRÁTICA EM RELAÇÃO ÀS ETIQUETAS E SÍMBOLOS DE CUIDADO

Você alguma vez já consultou as etiquetas de cuidados das roupas para verificar os símbolos?

1- Sim 2- Não 3- Não lembro

SE SIM, Que informação estava procurando quando consultou as etiquetas de cuidados das roupas para verificar os símbolos antes de lavar, secar ou passar? _____ () Não lembra

Se SIM, em que momento você consulta as etiquetas de cuidados das roupas? Você pode marcar mais de uma opção.

1. Sempre olho a etiqueta de cuidados antes de lavar
2. Sempre olho a etiqueta de cuidados antes de secar
3. Sempre olho a etiqueta de cuidados antes de passar

4. Às vezes olho antes de lavar
5. Às vezes olho antes de secar
6. Às vezes olho antes de passar
7. Só consulto a etiqueta de cuidados se o cliente pedir
8. Quase nunca consulto a etiqueta. Só quando a roupa é muito diferente, de um tecido que não conheço
9. Não lembro
10. Não sei

Avaliação da prática: 1- ADEQUADA 0- INADEQUADA

Quadro F3 Critérios para avaliação da prática acerca das etiquetas e da simbologia têxtil como adequada ou inadequada.

1 adequada	2 inadequada
<p>Ao revelar que já consultou as etiquetas para verificar os símbolos;</p> <p>e quando souber dizer que informação estava procurando e quando esta informação for pertinente aos cuidados presentes na simbologia têxtil;</p> <p>quando souber precisar o momento em que consulta as etiquetas;</p> <p>se consultar as etiquetas às vezes; informando sempre ou às vezes consulta.</p> <p>Se consultar as etiquetas antes da execução da tarefa. Ex.: olha antes de lavar.</p>	<p>Ao dizer que nunca consultou as etiquetas para verificar os símbolos;</p> <p>e se tiver consultado não souber dizer que informação estava procurando e nem que esta informação é pertinente aos cuidados presentes na simbologia têxtil;</p> <p>quando não souber precisar o momento em que consulta as etiquetas;</p> <p>se não lembrar ou se não souber dizer se consulta.</p>

APÊNDICE G. ROTEIRO PARA TESTE PILOTO DO MEI

Olá!

Meu nome é Aurileide Alves. Sou amiga professora de Design e atualmente estou fazendo Doutorado em Design, pela Universidade de Lisboa. [Fulano de Tal] que me deu seu contato.

Estou fazendo uma pesquisa de doutorado estudando a lavagem e a passadoria das roupas por profissionais autônomos do Ceará: lavadeiras, passadeiras e diaristas.

Estou interessada no conhecimento e experiência que essas pessoas possuem. Será que você poderia me ajudar?

(Se responder sim, continua)

Estou oferecendo uma pequena gratificação de R\$ 50,00 para cada participação. Preciso que dê uma olhada numa revistinha que estou elaborando para as lavadeiras e passadeiras. Posso mandar o arquivo em PDF aqui pelo WhatsApp?

(Se disser que sim, manda o arquivo)

(Se disser que não, segue para o agradecimento final.)

Quando terminar de ler a revista, pode me avisar? Preciso te fazer algumas perguntas. Fico no aguardo.

- Grava áudio: Olá! Obrigada por aceitar participar. O objetivo desta pesquisa é testar se a revista está adequada, se você está entendendo, se as imagens estão claras ou se precisamos corrigir alguma coisa. Seu papel aqui é dar a nota da revistinha. Ela está sendo testada, não vamos testar você. Vamos testar a revistinha, ok. Se preferir, pode gravar suas respostas em áudio.

(Assim que a pessoa disser que terminou, fazer as perguntas abaixo.)

-
1. Pra começar, pode apenas me dizer, sua idade, até que série você estudou e o bairro onde mora?

 2. Lava roupas ou trabalha como diarista desde quando?
 - *(Fazer uma pergunta por vez. Só envia uma quando receber a resposta da outra)*

 3. Na sua opinião a revista é sobre o quê?

 4. Você achou muito longa? tem muitas páginas? foi difícil de ler?

 5. Deu pra você saber quem é a lavadeira nas histórias em quadrinhos?

 6. E sobre a roupa da lavadeira? Você mudaria? Pra qual?

 7. E o cabelo dela, está bom assim?

-
8. Você consegue localizar o símbolo para passar a roupa? (*varia o símbolo*)
-
9. Pode tirar uma foto da tela e postar aqui, por favor.
-
10. O que você acha dos desenhos das historinhas?
-
11. Qual sua opinião sobre as historinhas em quadrinhos? Deu pra entender?
-
12. Tem alguma coisa nos desenhos que não ficou clara?
-
13. Deu pra entender ou ficou confusa a história?
-
14. Tem alguma figura destas que te incomodou? Se sim, qual foi?
-
15. Tem alguma coisa na revista que você não entendeu? Pode nos dizer?
-
16. Você consegue saber quem é a lavadeira do seu Ricardo?
-
17. O que achou das cores? Preferia que o desenho fosse em preto e branco?
-
18. O tamanho da letra está bom pra você ou achou muito grande ou muito pequeno?
-
19. Você acha que as informações que estão nesta revista servem pro seu trabalho? Se sim, por quê? Se não, por quê?
-
- *Está quase acabando...*
-
20. O que você acha desta revistinha ser feita pra ler no celular, em PDF? E se ela fosse impressa?
-
21. Você recomendaria esta revistinha a alguma colega de trabalho? Se sim, por qual motivo?
-
22. Tem alguma sugestão pra melhorar a revista? Alguma coisa que queria falar e eu não perguntei?
-

Pronto! Muito obrigada por suas respostas. Elas vão ajudar muito!

(Solicitar dados para transferência bancária.)

APÊNDICE H. AVALIAÇÃO DA ADEQUAÇÃO DO CONTEÚDO E APARÊNCIA DO MEI

Atribua uma nota para cada item, conforme os valores abaixo:

4 = Concordo totalmente 3 = Concordo 2 = Discordo 1 = Discordo totalmente

Algumas questões são abertas e você pode responder livremente

1 ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL

FATOR	NOTA
A capa da revista está atraente e diz logo do que se trata. *	4,3,2,1
A seção de PERGUNTAS E RESPOSTAS da revista foi muito importante e complementou as informações.	

(QUESTÃO ABERTA)

Sobre o cartaz:

- a) O cartaz que veio junto com a revista foi muito importante. Eu destaquei e preguei na parede da minha casa, perto de onde lavo as roupas. *
- b) Não acho importante e não vou usar o cartaz.
- c) Acho o cartaz muito importante, mas não vou usar.
- d) Acho o cartaz muito importante e pretendo usar, mas ainda não destaquei e nem preguei na parede.
- e) Acho o cartaz muito importante, já destaquei e preguei na parede, perto de onde lavo as roupas.

2 TIPOGRAFIA

FATOR	NOTA
	4,3,2,1
O texto da revista é muito fácil de ler.	
As letras dos textos são do tamanho certo para se ler	
As letras dos textos não são tão pequenas, mas dá pra ler.	
As letras dos textos são pequenas e difíceis de ver, mas consegui ler.	
As letras dos textos são muito pequenas e não consegui ler.	
Achei que tem muito texto, não estimula a leitura e cansa.	

3 APARÊNCIA¹

FATOR	NOTA
	4,3,2,1
Gostei do estilo de história em quadrinhos da revista.	
As palavras e as imagens da revista estão boas para se ver e servem para deixar a leitura mais interessante.	
Na última página da revista tem um espaço chamado: ESTA REVISTA PERTENCE A: Eu gostei e escrevi meu nome na revista.	
A seção de ANOTAÇÕES ao final da revista é útil e vou usar.	
Eu gostei das cores da revista e acho que elas deixaram as informações claras.	
As imagens da revista são de ambientes e situações que vivemos no dia a dia do nosso trabalho de lavar e passar roupas.	
Na revista, as figuras dos símbolos ajudam na compreensão das informações.	
Na revista, o tamanho dos símbolos de cuidados está bom e ajuda a gente entender.	
Quando aparece na revista, a etiqueta de cuidados ajuda na compreensão do seu significado.	
As informações da revista são fáceis de decorar e lembrar de novo.	

¹ Inclui estilo de ilustração, ilustrações e cores utilizadas na revista. Esta decisão foi tomada para não sobrecarregar o respondente com termos técnicos do design editorial.

As informações desta revista são importantes para mim e vão ajudar muito no meu trabalho de lavar e passar roupas.

Algumas das informações desta revista são importantes para mim.

Poucas informações são importantes

(QUESTÕES ABERTAS)

Indique a página ou páginas da revista que mais gostou. *

Por que gostou desta página? *

O que você acha que deveria melhorar na revista?

4 ESTÍMULO PARA APRENDIZAGEM

FATOR	NOTA
	4,3,2,1
A revista está bonita e agradável e estimula a leitura e aprendizagem.	
Em toda a revista fica muito claro como se deve proceder acerca das etiquetas e dos símbolos de cuidados.	
A revista tem muitas palavras difíceis, que não conheço.	
A revista me ajudou a ficar interessada em aprender mais sobre as etiquetas das roupas e sobre os símbolos de cuidados.	

(QUESTÕES ABERTAS)

Sobre a seção: MOSTRE O QUE VOCÊ APRENDEU.

Eu gostei de responder as questões para lembrar o que eu li e aprendi na revista;

Não respondi as questões e não procurei as respostas.

Ainda não respondi, mas vou responder e sei onde conferir as respostas certas.

Respondi algumas questões e conferi as respostas pra saber se acertei.

Respondi todas as questões e conferi as respostas pra saber se acertei.

Escreva abaixo alguma informação que aprendeu na revista.

5 APROPRIAÇÃO CULTURAL

FATOR	NOTA
• Eu me identifico com as mulheres retratadas na revista ou com as situações que foram desenhadas.	4,3,2,1
• Os desenhos e os textos da revista mostram situações ou lugares comuns para quem lava e passa roupas.	
• As figuras das 3 mulheres que estão na revista são respeitosas, sérias e não me ofendem.	

(QUESTÕES ABERTAS)

Você recomendaria esta cartilha para alguém que lava e passa roupas? Marque o número que indica a força da sua indicação. Quanto maior o número, maior a chance de você indicar. (0 = NÃO recomendaria de jeito nenhum; 10 = SIM. Recomendaria, com certeza!)

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Explique sua resposta. Por que escolheu este número?

APÊNDICE I. ENTREVISTAS DO TESTE PILOTO

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Pergunta (P) Você achou muito longa, com muitas páginas? Foi difícil de ler?

EntrevistadaTestePiloto1(ETP1): Achei grande. Podia ser mais curtinha, pra acabar logo.

EntrevistadaTestePiloto 2(ETP2): No começo achei que era muito. Quando eu vi 24 páginas, levei foi um susto. Mas aí depois quando eu vi que era cheia de desenhos e de histórias, eu li todinha e nem notei.

EntrevistadaTestePiloto 3(ETP3): Um pouco longa. Demorei um pouco pra ler. Mas ainda bem que tinha uns desenhos e aí passava logo pra outra página (risos).

EntrevistadaTestePiloto 4(ETP4): Achei não. Tá bom assim, essas páginas, mas eu demorei pra ler, porque sou ruim de ler.

EntrevistadaTestePiloto 5(ETP5): Foi fácil de ler. Não achei longa.

E sobre a roupa da lavadeira? Você mudaria? Pra qual?

ETP1: Não. É assim mesmo que a gente se veste quando vai pro tanque. Porque se molha toda. Tá bom assim.

ETP2: Não.

ETP3: Não, tá bom assim. A gente vai trabalhar com uma roupa mais simples mesmo, pro caso de cair kiboá, de se molhar e se sujar. Eu acho que ela tá é arrumada (risos).

ETP4: Muda não. Tá bom assim mesmo.

ETP5: Tá ok.

E o cabelo dela, está bom assim?

ETP1: Tá um pouco feia, mas tá bom.

ETP2: Sim

ETP3: Tá bom. Tem que ser preso. Não dá pra trabalhar de cabelo solto.

ETP4: Tá bom.

ETP5: Tá amarrado, como eu gosto de fazer quando tô trabalhando. Tem que ser, porque o calor é grande.

O que você acha dos desenhos das historinhas?

ETP1: Eu não entendi muito bem.

ETP2: Gostei

ETP3: Gostei.

ETP4: Eu gosto, assim. Tá bom

ETP5: Eu gosto muito de historinha.

Qual sua opinião sobre as historinhas em quadrinhos? Deu pra entender?

ETP1: Eu não gosto. Meus netos devem gostar, mas eu não tenho costume, não. Não gosto muito.

ETP2: Eu gosto. Deu sim

ETP3: Eu gostei muito, pois está ensinando muito bem as pessoas como deve lavar, passar e também secar as roupas. E deu pra entender muito bem.

ETP4: Eu não tenho costume de ler essas coisas não. Mas entendi.

ETP5: Eu gosto muito. Leio com meus filhos a Turma da Mônica. Deu pra entender tudo.

Tem alguma coisa nos desenhos que não ficou clara?

ETP1: Eu não entendi muito bem que é que está falando aqui (aponta para

ETP2: Pelo contrário. Tá tudo muito bem explicado, muito bem bolado.

ETP3: Não.

ETP4: Tem não.

ETP5: Não.

Deu pra entender ou ficou confusa a história?

ETP1: Eu acho que entendi... É sobre as etiquetas, né. E tem essas figuras aqui (aponta para os símbolos). Diz que tem isso nas roupas? Eu nunca vi.

ETP2: Deu sim, foi bem fácil.

ETP3: Só uma coisa que eu não sabia, que vestido de camurça não se lavava. É?

ETP4: Eu acho que deu. Né sobre a Maria que lava roupa na casa das pessoas?

ETP5: Deu sim. A história tá bem fácil.

Tem alguma coisa na revista que você não entendeu? Pode nos dizer?

ETP1: Achei a empregada muito feia, desarrumada. Tá certo, ela tá trabalhando. Mas podia ter uma cara mais alegre.

ETP2: Não. Está tudo bem com as figuras. Gostei de todas.

ETP3: Não. Minha linda, vou lhe falar a verdade. Eu fiz foi aprender mais ainda com esta revistinha, porque tinha várias coisas que eu não sabia, entendeu. ETP4:

Não entendi pra que serve esses cuidados profissionais, mas tá dizendo que é pra lavadeira profissional. Eu achava que eu era lavadeira... Mas como não trabalho de carteira assinada, acho que não sou profissional, né (risos)

ETP5: Pra mim está tudo entendido.

O que achou das cores? Preferia que o desenho fosse em preto e branco?

ETP1: Eu gostei. Estão bem alegres. Gosto de coisa colorida.

ETP2: Não. Acho melhor colorido. Se fosse preto e branco, principalmente porque fala de roupa acho que seria chato e complicado. Tá muito bom assim.

ETP3: ótimas você está de parabéns. Prefiro colorido. Preto e branco, não, assim está melhor

ETP4: Gostei. Tá bem colorido.

ETP5: Gostei.

O tamanho da letra está bom pra você ou achou muito grande ou muito pequeno?

ETP1: Podia ser maior, não? Eu já sou meio cega. Quanto maior a letra, melhor pra mim.

ETP2: Tá perfeito, bem legível.

ETP3: está bom sim

ETP4: Deu pra ler. Mas se fosse maior, era melhor.

ETP5: Está bom.

Você acha que as informações que estão nesta revista servem pro seu trabalho? Se sim, por quê? Se não, por quê?

ETP1: Acho que sim. Até porque eu não sei nada dessa tal de etiqueta. Nunca nem ouvi falar que servia pra alguma coisa. Agora você vem me dizer que elas servem, que são importantes. Aprendi hoje.

ETP2: Com certeza. Pq fica mais fácil a identificação de qual lavagem adequada para cada peça e o que usar nela ferro, cloro, e como estender tbm pra não ficar a mancha do pregador na roupa

ETP3: Com certeza. Com certeza, mesmo.

ETP4: Servem sim. Acho que vou ler de novo, com calma pra eu aprender mais. A gente precisa entender essas novidades pra não passar de atrasada quando chega na hora de um trabalho.

ETP5: Acho sim. É muito importante aprender a entender esses símbolos das etiquetas pra gente não estragar roupa da patroa.

O que você acha desta revistinha ser feita pra ler no celular, em PDF? E se ela fosse impressa?

ETP1: Eu acho melhor assim, no papel. Nem celular eu tenho.

ETP2: Eu preferia a revista (impressa), porque nem todo mundo tem acesso a internet. Nem todas nós que trabalhamos nesse ramo temos internet direto no celular. Tem na casa da patroa, né. Eu acho que a revista a gente podia levar na bolsa e ler quando tiver uma dúvida. Eu prefiro a revista de verdade. E sem falar que tem celular que nem tem esse programa que lê essa revista no celular, em PDF, era? Pois é. Melhor impressa.

ETP3: Eu gostei de ser aqui no celular, mas se fosse no papel seria melhor. Essas coisas que vem pelo celular, pelo Zap a gente perde, se apaga... Nem se

lembra que tem. Agora, se é de papel, a gente carrega na bolsa, leva pra casa da patroa, ou deixa em casa pra quando precisar. É melhor de papel.

ETP4: Eu não gosto. Meu celular só faz ligação. Nem WhatsApp tem. Pra mim é melhor mesmo se for de papel. Se fizesse uma capa que não molhasse, era bom. Porque eu vou carregar ela pra cima e pra baixo, uma hora vai cair água.

ETP5: Eu gosto muito de ler as coisas no celular, mas acho que ter a revista impressa ia ser mais prático. Nem sempre eu tenho créditos no celular e fico sem internet. Aí tenho que esperar pela internet da patroa. Agora, se for impressa, eu posso ler até no ônibus.

Você recomendaria esta revistinha a alguma colega de trabalho? Se sim, por qual motivo?

ETP1: Sim, pras minhas amigas da Igreja que também lavam roupa. Se eu não sei nada sobre estas coisas, eu acho que elas também não sabem. São assim, que nem eu.

ETP2: Claro, com certeza. Recomendaria sim. É uma revista cheia de informação que a gente precisa. Tenho muita amiga que trabalha neste ramo e não tem noção. A pessoa trabalha porque precisa. Elas dizem que não queimam roupa, pra que a pessoa não fique com medo e dê a faxina. Mas eu já vi amiga minha queimar roupa com ferro quente demais em roupa fina, que não precisava nem passar. Se ela tivesse lido a etiqueta antes... com certeza! Indicaria sim!

ETP3: Com certeza, porque tem muitas pessoas que não sabem todas essas coisas aí. E isso vai ajudar muito as lavadeiras, as diaristas a saber o que se deve passar na roupa, como deve lavar, como deve passar a roupa. Porque com esse negócio da máquina de lavar, tem muitas que querem socar tudo logo dentro da máquina de lavar e não pode, né. Tem roupas que não pode.

ETP4: Sim. Minhas colegas diaristas, eu acho que nem sabem dessas coisas.

ETP5: Sim, porque este tipo de informação a gente que trabalha por conta própria tem que aprender de qualquer jeito. Ninguém vai pegar na mão e ensinar. Agora, se queimar ou manchar uma roupa, a gente que vai ter que pagar. Eu

acho bom que se a gente aprender logo, antes do prejuízo, pode ser melhor.
Indicaria pra que eu conheço que lava e passa.

Tem alguma sugestão pra melhorar a revista? Alguma coisa que queria falar e eu não perguntei?

ETP1: Eu acho que se você aumentar a letra e botar menos coisa pra gente ler, fica melhor. E deixa a empregada mais bonitinha. Tá muito feia (risos).

ETP2: Não ela tá perfeita. Bom seria se ela fosse editada e vendesse nas banquinhas para mais gente ter acesso a esse conteúdo que é muito útil

ETP3: que eu lembre não. Eu gostei muito dela.

ETP4: Não. Tá bom assim.

ETP5: Tem não. Tá ótimo.

APÊNDICE J. RESULTADOS DA AVALIAÇÃO DOS PERITOS

SÍNTESE DOS RESULTADOS

Tabela J1: % de concordância dos juízes (I-CVI) para clareza e relevância do conteúdo e aparência das páginas da Revista B.

Página	Clareza	Relevância
CAPA	96% (24)	96% (24)
SUMÁRIO	100% (25)	96% (24)
PÁGINA 2	N/A	N/A
PÁGINA 3	96% (24)	100% (25)
PÁGINA 4	96% (24)	100% (25)
PÁGINA 5	100% (25)	100% (25)
PÁGINA 6	96% (24)	92% (23)
PÁGINA 7	100% (25)	96% (24)
PÁGINA 8	96% (24)	100% (25)
PÁGINA 9	92% (23)	92% (23)
PÁGINA 10	92% (23)	88% (22)
PÁGINA 11	96% (24)	96% (24)
PÁGINA 12	96% (24)	100% (25)
PÁGINA 13	96% (24)	88% (22)
PÁGINA 14	96% (24)	96% (24)
PÁGINA 15	88% (22)	84% (21)
PÁGINA 16	92% (23)	92% (23)
PÁGINA 17	100% (25)	88% (22)
PÁGINA 18	96% (24)	100% (25)
PÁGINA 19	96% (24)	96% (24)
PÁGINA 20	96% (24)	100% (25)
PÁGINA 21	100% (25)	96% (24)
PÁGINA 22	92% (23)	84% (21)
PÁGINA 23	96% (24)	92% (23)
PÁGINA 24	92% (23)	96% (24)
PÁGINA 25	N/A	N/A
PÁGINA 26	N/A	N/A
PÁGINA 27	76% (19)	100% (25)
PÁGINA 28	N/A	N/A

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela J2. Resultados da avaliação da organização do MEI

Critério de avaliação	% concordância
1.1 A capa está atraente para as lavadeiras e passadeiras e transmite claramente o objetivo pretendido.	88% (22)
1.2 O formato do material (A5 – 148 mm x 210 mm) está apropriado para a boa disposição do conteúdo.	96% (24)
1.3 O número de páginas é suficiente para transmitir a informação adequadamente e não assusta os leitores menos experientes.	100% (25)
1.4 O objetivo do material está claramente delimitado para as lavadeiras e passadeiras.	100% (25)
1.5 A tabela com o resumo do conteúdo apresentado ao final da cartilha está adequada e é útil para as lavadeiras.	100% (25)
1.6 A quantidade de textos da publicação é adequada para as lavadeiras e passadeiras.	96% (24)
1.7 As perguntas e respostas são importantes para as lavadeiras e passadeiras.	92% (23)
1.8 O material possui boa organização do conteúdo, separando claramente o que é título, texto, ilustração e símbolo.	92% (23)

Tabela J3. Resultados da avaliação do grau de dificuldade de leitura

Critério de avaliação	% concordância
2.1 O texto apresenta baixo grau de dificuldade de leitura. É adequado para pessoas com poucos anos de escolaridade e pouca experiência em leitura.	88% (22)
2.2 O estilo de conversação, na voz ativa, são muito utilizados e facilitam o entendimento do texto.	100% (25)
2.3 O vocabulário do texto na maioria das frases utiliza palavras comuns, as palavras técnicas são explicadas sempre que possíveis. O uso de símbolos como palavras facilita o entendimento do texto. Não há uso de gírias ou jargões.	92% (23)
2.4 As frases são curtas e breves, facilitando a memorização do que foi imediatamente lido.	92% (23)
2.5 O contexto é sempre apresentado ao leitor antes de introduzir novas informações.	96% (24)
2.6 Quase todos os novos tópicos são precedidos por um sinalizador de mudança de assunto (subtítulos, caixas de texto em destaque, ilustração sinalizadora).	96% (24)

Tabela J3. Resultados da avaliação do layout e tipografia

Critério de avaliação	% concordância
3.1 As ilustrações existentes estão sempre relacionadas a um texto.	100% (25)
3.2 Há uma consistência na aparência do material, do começo ao fim, facilitando prever o fluxo das informações.	96% (24)
3.3 Recursos gráficos são utilizados para direcionar para pedaços de informação, quebrando a monotonia do texto corrido.	88% (22)
3.4 Há suficiente espaço em branco para evitar a desordem do material.	88% (22)
3.5 A cor é utilizada de modo que não sobrecarrega o leitor com novos códigos visuais que ele precisa aprender para entender a mensagem. branco para evitar a desordem do material.	92% (23)
3.6 Os comprimentos das linhas de texto estão confortáveis para leitura.	92% (23)
3.7 Os comprimentos das linhas de texto estão confortáveis para leitura. Há um bom contraste entre as letras e o fundo da página (papel).	96% (24)
3.8 Os blocos destacados em cor estão distribuídos e chamam atenção para conteúdo específico ou para pontos importantes.	92% (23)
3.9 O texto possui maiúsculas e minúsculas e a boa ortografia.	96% (24)
3.10 O tamanho das letras está adequado para boa leitura das lavadeiras e passadeiras.	84% (21)
3.11 O material oferece várias pistas visuais para facilitar o escaneamento visual das informações (negrito, cor, tamanho do texto).	88% (22)
3.12 Quando aparece, a lista utilizada tem a quantidade ideal de itens para facilitar a memorização.	92% (23)
3.13 As margens do material estão adequadas para facilitar o manuseio pelas lavadeiras e passadeiras.	100% (25)
3.14 O texto dos balões dos quadrinhos está claro e legível para as lavadeiras e passadeiras.	88% (22)

Tabela J4. Resultados da avaliação das ilustrações

Critério de avaliação	% concordância
4.1 A figura da capa é amigável, atraente e transmite seu propósito com eficiência.	96% (24)
4.2 O estilo das ilustrações (quadrinhos) apresenta traços apropriados para adultos e é possível quem se identifiquem com elas.	100% (25)
4.3 As ilustrações apresentam mensagens visuais essenciais para que o leitor possa entender o contexto da situação, sozinho e sem distração.	96% (24)
4.4 As ilustrações dos símbolos auxiliam na compreensão da mensagem.	100% (25)
4.5 As ilustrações são apropriadas para as lavadeiras e passadeiras.	96% (24)
4.6 O tamanho das ilustrações está apropriado.	100% (25)
4.7 O tamanho dos símbolos está apropriado para a compreensão.	80% (20)
4.8 Quando aparecem, as figuras das etiquetas têxteis auxiliam a compreensão do seu significado.	96% (24)
4.9 As cores das ilustrações estão adequadas.	92% (23)

Tabela J5. Resultados da avaliação do estímulo para aprendizagem

Critério de avaliação	% concordância
5.1 A composição visual do material estimula a leitura e aprendizagem.	92% (23)
5.2 O material promove a mudança de comportamento e atitude.	88% (22)
5.3 O material apresenta opções de interação com o leitor (diálogos, teste de conhecimentos, perguntas e respostas).	96% (24)
5.4 Os comportamentos desejados são padronizados e aparecem claramente em todo o material.	100% (25)
5.5 O texto, as ilustrações e os símbolos mais complexos são subdivididos, explicados em partes para que as leitoras possam experimentar pequenos sucessos na compreensão e resolução de problemas simples.	96% (24)

Tabela J6. Resultados da avaliação da apropriação cultural

Critério de avaliação	% concordância
6.1 O material é adequado para a idade e cultura das leitoras.	100% (25)
6.2 O material está organizado logicamente e combina o conteúdo e a linguagem com a experiência das lavadeiras e passadeiras.	96% (24)
6.3 As imagens são respeitosas e sérias, sem agredir as lavadeiras e passadeiras.	96% (24)

Avaliação da adequação do material

Considerando o contexto socioeconômico e cultural existentes na realidade das lavadeiras e passadeiras autônomas de Fortaleza, Ceará, considerando também a análise que acabou de fazer do Material Educativo Impresso intitulado Você Conhece os Símbolos da Etiqueta das Roupas: Guia Para Lavadeiras e Passadeiras, você o recomendaria para uso como ferramenta de auto aprendizagem?

84% (21).

As tabelas a seguir (J7 a J12) apresentam um detalhamento das respostas dadas por cada um dos 25 peritos, a cada item avaliado acerca da adequação da Revista B.

Tabela J7: Pontuação de 25 peritos para a avaliação individual de Organização do Material e seus subitens com nota 4 (Concordo Totalmente) ou 3 (Concordo) numa escala de relevância de 4 pontos

ITEM	PERITOS																									AC	I-CVI	
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	P14	P15	P16	P17	P18	P19	P20	P21	P22	P23	P24	P25			
1 ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL																												
1.1 A capa está atraente para as lavadeiras e passadeiras e transmite claramente o objetivo pretendido.	4	4	4	4	4	2	4	4	4	4	2	2	4	4	4	4	4	3	4	3	3	4	4	4	4	4	22	0,88
1.2 O formato do material (A5 – 148 mm x 210 mm) está apropriado para a boa disposição do conteúdo.	4	4	4	3	4	4	4	4	3	3	4	4	4	3	3	3	4	3	4	4	4	2	4	4	4	4	24	0,96
1.3 O número de páginas é suficiente para transmitir a informação adequadamente e não assusta os leitores menos experientes.	4	4	4	4	4	3	4	4	3	3	3	4	4	3	3	3	4	3	4	4	4	3	4	4	3	25	1	
1.4 O objetivo do material está claramente delimitado para as lavadeiras e passadeiras.	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	25	1
1.5 A tabela com o resumo do conteúdo apresentado ao final da cartilha está adequada e é útil para as lavadeiras.	4	4	4	4	4	4	4	4	3	3	4	4	4	3	4	3	4	4	4	3	4	3	4	4	4	4	25	1
1.6 A quantidade de textos da publicação é adequada para as lavadeiras e passadeiras.	4	4	3	4	4	3	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	2	4	3	3	3	4	4	3	24	0,96	
1.7 As perguntas e respostas são importantes para as lavadeiras e passadeiras.	4	4	2	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	3	4	2	4	4	4	4	4	4	23	0,92
1.8 O material possui boa organização do conteúdo, separando claramente o que é título, texto, ilustração e símbolo.	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	2	3	4	3	4	3	3	3	4	3	4	2	4	4	4	4	23	0,92
Proporção de relevância CVI-T/Ave	1	1	0,88	1	1	0,88	1	1	1	1	0,75	0,88	1	1	1	1	1	0,88	1	0,88	1	0,75	1	1	1	----	----	

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

ITEM	PERITOS																											
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	P14	P15	P16	P17	P18	P19	P20	P21	P22	P23	P24	P25	AC	I-CVI	
3 LAYOUT E TIPOGRAFIA																												
3.1 As ilustrações existentes estão sempre relacionadas a um texto.	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	3	3	4	4	4	4	4	4	25	1
3.2 Há uma consistência na aparência do material, do começo ao fim, facilitando prever o fluxo das informações.	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	3	4	4	4	2	4	4	4	4	24	0,96
3.3 Recursos gráficos são utilizados para direcionar para pedaços de informação, quebrando a monotonia do texto corrido.	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	1	4	4	4	4	4	4	2	4	3	4	2	4	4	4	22	0,88	
3.4 Há suficiente espaço em branco para evitar a desordem do material.	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	1	4	4	4	4	3	4	2	4	4	4	2	4	3	4	22	0,88	
3.5 A cor é utilizada de modo que não sobrecarrega o leitor com novos códigos visuais que ele precisa aprender para entender a mensagem. branco para evitar a desordem do material.	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	2	3	4	4	4	3	4	3	4	4	4	2	4	4	4	23	0,92	
3.6 Os comprimentos das linhas de texto estão confortáveis para leitura.	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	2	3	2	4	3	4	23	0,92	
3.7 Os comprimentos das linhas de texto estão confortáveis para leitura. Há um bom contraste entre as letras e o fundo da página (papel).	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	2	4	3	4	24	0,96	
3.8 Os blocos destacados em cor estão distribuídos e chamam atenção para conteúdo específico ou para pontos importantes.	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	2	4	4	4	4	4	4	3	4	3	4	2	4	4	4	23	0,92	
3.9 O texto possui maiúsculas e minúsculas e a boa ortografia.	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	3	4	4	4	4	3	4	3	4	3	4	1	4	3	4	24	0,96	
3.10 O tamanho das letras está adequado para boa leitura das lavadeiras e passadeiras.	4	4	4	2	3	3	4	4	3	4	1	3	4	4	3	3	4	3	4	4	4	2	4	2	4	21	0,84	
3.11 O material oferece várias pistas visuais para facilitar o escaneamento visual das informações (negrito, cor, tamanho do texto).	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	2	3	4	4	4	4	4	2	4	3	4	2	4	3	3	22	0,88	
3.12 Quando aparece, a lista utilizada tem a quantidade ideal de itens para facilitar a memorização.	4	4	4	3	3	3	4	4	4	4	2	4	4	3	4	3	4	3	4	4	4	2	4	3	3	23	0,92	
3.13 As margens do material estão adequadas para facilitar o manuseio pelas lavadeiras e passadeiras.	4	4	3	4	3	3	4	4	4	4	4	3	4	4	4	3	4	3	4	4	4	3	4	4	4	25	1	
3.14 O texto dos balões dos quadrinhos está claro e legível para as lavadeiras e passadeiras.	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	1	3	4	4	4	3	4	2	3	4	4	3	4	1	4	22	0,88	
Proporção de relevância CVI-T/Ave	1	1	1	0,93	1	1	1	1	1	1	0,43	1	1	1	1	1	1	0,71	1	0,93	1	0,21	1	0,86	1	----	----	

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Tabela J10: Pontuação dos peritos para a avaliação individual de Ilustrações e seus subitens com nota 4 (Concordo Totalmente) ou 3 (Concordo) numa escala de relevância de 4 pontos

ITEM	PERITOS																									AC	I-CVI
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	P14	P15	P16	P17	P18	P19	P20	P21	P22	P23	P24	P25		
4.1 A figura da capa é amigável, atraente e transmite seu propósito com eficiência.	4	4	3	4	4	3	4	4	4	4	4	3	4	3	4	4	4	3	4	4	4	3	3	3	3	25	1
4.2 O estilo das ilustrações (quadrinhos) apresenta traços apropriados para adultos e é possível quem se identifiquem com elas.	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	3	3	4	3	4	4	4	4	4	2	3	24	0,96
4.3 As ilustrações apresentam mensagens visuais essenciais para que o leitor possa entender o contexto da situação, sozinho e sem distração.	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	3	4	3	4	3	4	3	4	25	1
4.4 As ilustrações dos símbolos auxiliam na compreensão da mensagem.	4	4	2	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	3	4	4	4	4	4	3	4	24	0,96
4.5 As ilustrações são apropriadas para as lavadeiras e passadeiras.	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	25	1
4.6 O tamanho das ilustrações está apropriado.	4	4	4	2	3	3	4	4	4	3	2	4	3	4	3	3	4	3	4	2	4	2	4	2	4	20	0,8
4.7 O tamanho dos símbolos está apropriado para a compreensão.	4	4	4	4	4	3	4	4	4	3	2	4	4	3	4	4	4	3	4	4	4	3	4	4	4	24	0,96
4.8 Quando aparecem, as figuras das etiquetas têxteis auxiliam a compreensão do seu significado.	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	2	4	4	4	4	4	3	4	4	4	2	4	3	4	23	0,92
4.9 As cores das ilustrações estão adequadas.	3	4	2	4	4	3	4	4	4	4	3	3	4	4	4	3	4	3	4	4	4	4	3	3	4	24	0,96
Proporção de relevância CVI-T/Ave	1	1	0,78	0,89	1	1	1	1	1	1	0,78	0,89	1	0,89	1	0,78	1	0,78	1	----	----						

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Tabela J11: Pontuação de 25 peritos para a avaliação individual de Estímulo para Aprendizagem e seus subitens com nota 4 (Concordo Totalmente) ou 3 (Concordo) numa escala de relevância de 4 pontos

ITEM	PERITOS																									AC	I-CVI
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	P14	P15	P16	P17	P18	P19	P20	P21	P22	P23	P24	P25		
5 ESTÍMULO PARA APRENDIZAGEM																											
5.1 A composição visual do material estimula a leitura e aprendizagem.	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	3	3	4	4	4	4	4	2	4	3	4	2	4	3	4	23	0,92
5.2 O material promove a mudança de comportamento e atitude.	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	3	3	4	3	4	4	4	3	3	3	4	3	4	4	4	25	1
5.3 O material apresenta opções de interação com o leitor (diálogos, teste de conhecimentos, perguntas e respostas).	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	2	4	4	4	24	0,96
5.4 Os comportamentos desejados são padronizados e aparecem claramente em todo o material.	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	3	4	3	4	3	4	4	4	25	1
5.5 O texto, as ilustrações e os símbolos mais complexos são subdivididos, explicados em partes para que as leitoras possam experimentar pequenos sucessos na compreensão e resolução de problemas simples.	4	4	4	4	3	3	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	2	4	3	4	3	4	4	4	24	0,96
Proporção de relevância CVI-T/Ave	1	0,60	1	1	1	0,60	1	1	1	----	----																

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Tabela J12: Pontuação de 25 peritos para a avaliação individual de Apropriação Cultural e seus subitens com nota 4 (Concordo Totalmente) ou 3 (Concordo) numa escala de relevância de 4 pontos

ITEM	PERITOS																									AC	I-CVI
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	P14	P15	P16	P17	P18	P19	P20	P21	P22	P23	P24	P25		
6 APROPRIAÇÃO CULTURAL																											
6.1 O material é adequado para a idade e cultura das leitoras.	3	4	4	4	4	3	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	3	3	3	4	3	3	25	1
6.2 O material está organizado logicamente e combina o conteúdo e a linguagem com a experiência das lavadeiras e passadeiras.	3	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	3	4	3	3	2	4	4	4	24	0,96
6.3 As imagens são respeitosas e sérias, sem agredir as lavadeiras e passadeiras.	3	4	3	4	4	2	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	3	4	3	4	4	4	24	0,96
Proporção de relevância CVI-T/Ave	1	1	1	1	1	0,7	1	0,67	1	1	1	----	----														

Fonte: Dados da pesquisa (2020).